AS HISTÓRIAS DE AVÓS

JULIO CESAR VAZ NITSCHE

Curitiba - Paraná - 2020

3ª edição

Julio Cesar Vaz Nitsche

As histórias de avós

3ª edição
Curitiba
Edição do autor
2020

Nitsche, J. C. V.

As histórias de avós: ed. independente / J. C. V. Nitsche ; 3ª ed. – Curitiba, 2020.
245p.+Capa; 21cm

ISBN 978-65-00-04195-8

1. Ficção espacial. 2. História evolutiva da Terra. 3. História aeroespacial. 4. Geografia - diferença entre Geografia e geografia. 4.1. Militar - Uso de geografia como suporte estratégico de guerra. 5. Questões filosóficas-Sucinto comentário à La Blache e Ratzel. 5.1. Sociologia-Sociografia. 6. Aristóteles. 7. Konstantin Tsiolkovsky 8. Robert Goddard.9. Robert Godwin.

A REPRODUÇÃO É RESTRITA

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por qualquer meio de mídia: fotográfico, fotocópia, fotomecânico, nem mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a devida referência bibliográfica (esta fonte).

Capa: Nitsche, Julio Cesar Vaz
Imagem in: http://downloads.open6group.com/wallpapers/1024x768/colisao-de-planeta

“O Big-Bang é o momento
em que Deus bateu palmas”
(Julio C. V. Nitsche)

Diálogo dialético é uma coisa…
Hipocrisia é outra coisa!
(J.C.V. Nitsche)

APRESENTAÇÃO

Este livro que ora vos apresento é uma fábula sobre um novo mundo surgido das adversidades e conflitos humanos. As consequências de nossa atitude com o próximo e o desrespeito com a natureza nos séculos XX e XXI, promoveram eventos catalisadores que nos levaram ao mundo atual, sendo estes contados pelos avós das personagens que dão vida a este manuscrito.

Deve-se mencionar, que nesta terceira edição, há modificações no texto original, incluindo algumas respostas aos leitores(as) sobre do porque há algumas coisas que não corresponde aos fatos históricos. Tendo um diálogo entre Luna e sua mãe, que explica estes fatos.

Dedico este livro aos meus avós maternos e paternos, bem como, aos meus pais. E a minha filha.

A HISTÓRIA SE INICIA…

_Olá Darwin...meu amor!

– Tudo bem Gaia? Minha amada!

– Tudo!

– Já experimentou o café da nova máquina materializadora?

– Gostei, ficou com gosto de café!

– Poucas coisas se assemelham com as do Planeta Terra!

– Tem razão!

Alguns minutos se passaram e uma menina entrou e fez o seguinte comentário:

– Hey…hoje eu vi a Terra novamente no meu telescópio!

– Filha…já falei para parar de olhar aquele lugarzinho nojento!

– Mãe o lugar não é nojento, as pessoas de lá é que o tornam assim.

– Tem razão filha…

– Porque não aproveita e vai brincar de saltar crateras com o seu irmão? Desse modo, você pode ver a Terra sem o telescópio e brincar ao mesmo tempo.

– Tá bom…mãe!

– Gaia, não acha que você exagerou em não deixar Luna olhar a Terra?

– Ela não está vendo a Terra, ele observa as pessoas e os seus movimentos. Agora que ela verá a Terra!

– É…tá certo!

– Mãe, encontrei Pomona e seu irmão Vertumnos, além de Eicrene, Selene, Hélios e Têmis… podemos brincar aqui dentro, essas roupas espaciais são muito chatas!

– Tudo bem crianças!

Passaram-se algumas horas e as crianças pararam de brincar e foram almoçar.

Durante o almoço, a mãe ordenou que Luna fosse estudar um pouco, pedindo para se despedir de seus amigos e amigas.

– Mãe…nosso chip de memória está defasado e estou carregando-o. Mas eu li um livro velho em formato de PDF, ainda, chamado “Histórias de avós de Julio Cesar Vaz Nitsche. Mas tem uma história errada lá. Ele diz que Santos Dumont foi o pai da aviação.

– Não filha…ele não mentiu, isso é porque o livro conta recortes históricos das memórias dos pais, dos pais de seus pais, até chegar no filho, que conta para seus filhos uma história. Vou lhe dar o livro em seu segundo volume e você poderá ver melhor as coisas. Mas ele afirma que Santos Dumont não é o inventor do avião, mas da aviação, porque liberou suas patentes para a fabricação de pequenos aeroplanos, denominados de: Demoiselle, que qualquer pessoa poderia fazer e usar. Além de ter construído vários balões (**O Que Eu Vi, o Que Nós Veremos** www.nead.unama.br p.19):

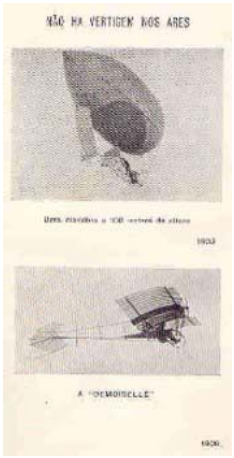


Imagem: www.nead.unama.br , p.9

– Este autor também fala de Popper e a questão da falseabilidade de teorias.

– Sim filha! Mas ele apenas demonstra como o Popper distingue uma teoria de algo que não é. Mas no fundo, o que este filósofo (Popper) faz é pautar-se em Einstein para afirmar que uma teoria é uma teoria e não uma filosofia ou algo metafísico. Porque uma teoria deve ser falseável…passivo de testes. Caso contrário, não é uma teoria. Como a "teoria das cordas", que ainda não é passível de testes.

Logo; o único modo de saber se uma teoria funciona ou não, é com o processo de verificação. E isso vem de Aristóteles, em sua obra "Tópicos" Conforme Antônio Pedro Mesquita, "Introdução Geral" in: https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/introduc3a7c3a3o-geral-as-obras-de p.313 em seu livro VII.

> **6.** Quando o problema colocado for de natureza particular e não universal, então os primeiros [48] «lugares» mencionados são todos eles úteis, tanto para comprovar como para refutar *uma argumentação*. De facto, quer quando refutamos quer quando comprovamos *uma proposição* universal, fazemos o mesmo à correspondente particular: na realidade, se um certo atributo se aplica a todos *os elementos de um conjunto*, aplica-se também a alguns deles, e se não se aplica a nenhum, também não se aplica a alguns [49]. Os «lugares» mais oportunos e mais gerais de todos são os que provêm dos termos contrários, coordenados ou flexionados. Assim, é tão correntemente aceitável [50] considerar que *a proposição* «todo o prazer é um bem» implica que «todo o sofrimento é um mal», | como que «algum prazer é um bem» implica que «algum sofrimento é um mal».

– Haahh…entendi mãe! Isso representa uma visão dialética científica e não um diálogo calcado na hipocrisia. É a diferença entre a nossa essência, que é a de buscar a verdade, sendo esta a representação da virtude intelectual de Aristóteles e o discurso dialéticos (hipocrisia) dos pesquisadores geógrafos humanos do Século XX e meados do Século XXI.

– Ah…mãe esse Nitsche, também falou que nós ficamos envoltos pelo espaço e que o espaço é uma estrutura morfodinâmica que sustenta as paisagens e os ambientes e tudo mais que ele suporte ou englobe. Isso é certo mãe?

– Sim Luna! É exatamente isso que ele disse. Para o Nitsche, só havia dois espaços concretos e definidos: Espaço Cósmico (antigamente conhecido por universo) e Espaço planetário (corpos celestes). Mas a distância entre você eu é uma estrutura que não podemos observar. Essa estrutura se comporta como a tensão superficial da água. E ele faz uma pergunta sobre se é importante isso para a Geografia. A resposta…é claro que não. Isso é importante para a Física!

Naquela época, as viagens no espaço eram muito restritas e não havia o dobramento espacial. E até mesmo os buracos de minhocas. Estavam fazendo viagens com naves que decolavam da superfície terrestre.

A Dragon Crew, da SpaceX, é lançada do Centro Espacial Kennedy, do Cabo Canaveral, na Flórida

www1.folha.uol.com.br/ciencia/2020/05/nave-da-spacex-chega-a-estacao-espacial.shtml

g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/05/31/nave-dragon-crew-com-dois-astronautas-chega-a-estacao-espacial-internacional.ghtml

– Entendi mãe!

– É que você é nova ainda, tem só oito anos, mas logo seu chip irá lhe pôr a par destas histórias. Tem muito que aprender ainda!

Por mais que eu tente contar as aventuras de nossos antepassados, jamais vou conseguir explicar de forma convincente como era aquela época. Tudo o que sei, foi contado por meus avós, além de alguns registros, porém, são tão fragmentados…

Nossos pesquisadores encontraram um monte de lixo nesta caixa, coisas sem sentido, feitos de polímeros e materiais que sofreram desmagnetização devido ao colapso nuclear. Até agora estão em estudos para saber ao certo do que se trata.

- Colapso Nuclear…Vovô?

- Sabe, Olimpia Jade Caribdes, houve um tempo em que nossos ancestrais, como posso dizer para você entender…não há nada em nossa sociedade que possa definir como eles se comportavam. Ah, me lembrei que existe um manuscrito muito antigo que se encontra na sala das memórias. Quer ir lá ver?

- Claro vovô!

Vamos agendar a nossa ida com a Kahly e saber quando poderemos utilizar o fluxo materializador, pois não quero perder muito tempo.

Alguns minutos se passaram e a resposta foi recebida por Homero Cronos, que entusiasmado chamou sua neta. - Vamos agora!

Olímpia não via a hora de chegar, sua primeira visita, ao que para nós do Século XXI, seria como um museu conjuntamente a uma biblioteca pública, porém; tudo virtual.

Ao saírem do fluxo materializador, foram direto à ala das antiguidades, e observaram o manuscrito que se intitulava: “Bíblia Sagrada”.

- Minha querida Olímpia…esta é a única obra intacta que restou daquela época. Como você pode analisar, aqui há relatos de algo que eles chamavam de guerra e lutas.

- Nossa vô…era isso que eles faziam?

- Isso e muito mais! Havia discórdia por áreas, água, lixo, uma coisa chamada riqueza, que aqui neste livro é chamado de ouro. Eles também se vendiam!

- Como assim se vendiam?

- Por incrível que pareça, havia pessoas forçadas a desempenhar tarefas diárias, prazeres corporais e várias outras coisas que nem sei definir. E por falar em lixo, foi por causa deste problema e de outros, que sabemos hoje, como surgiu a grande catástrofe que nos levou a desenvolver naves como esta em que estamos viajando!

- Pode contar algo a respeito disso vô?

- Bom, temos muito tempo até chegar ao Planeta Marte, nossa nova morada daqui por diante. Quer mesmo ouvir histórias que meus avós me contavam?

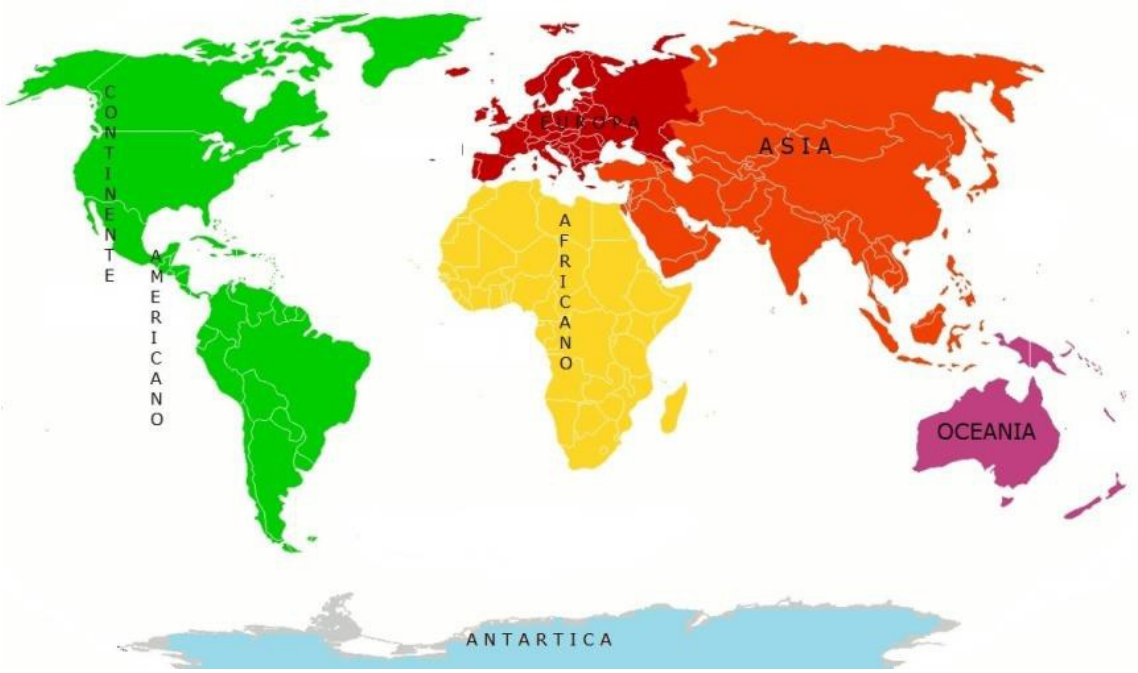
- Por favor, vô Homero!

Meu avô, Marco Antonio, narrou uma história contada por seu bisavô, que me disse: “ há muitos anos, existiu um mundo muito diferente do que seus olhos de 15 anos já viram. Aquele planeta morto ali embaixo recebeu um dia o nome de Planeta Terra, está assim por causa de tudo o que você pode ver na sala da memória, além do livro que te mostrei. Era um corpo celeste maravilhoso, repleto de água, vegetação e oxigênio, tudo natural e produzido pela própria Terra. Nada artificial!

- Vovô...pode me falar um pouco deste planeta?

- Já vi que nossa conversa vai longe! Tudo bem Homero!

A Terra era dividia em continentes: América, África, Oceania, Europa e Ásia. Tendo ainda o continente Antártico, este recoberto por gelo. Era conhecido como o continente gelado e/ou a última fronteira espacial terrestre.



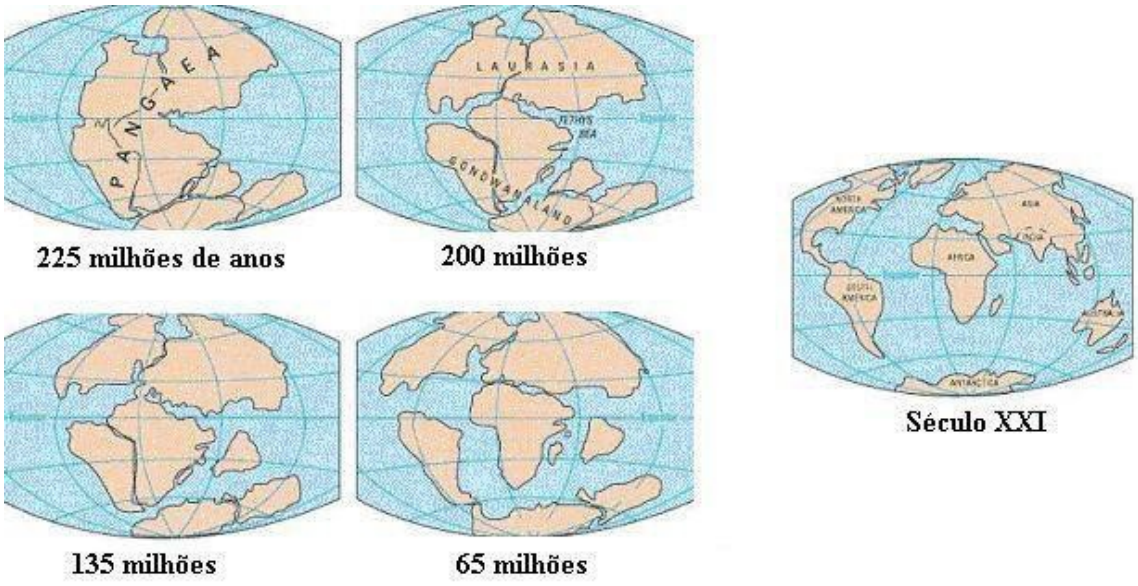
(Internet,2016)

Todos estes originários de placas tectônicas, geradas por ação natural. E a divisão ou denominação dos continentes foi dada pelos humanos. Vou tentar explicar melhor, Homero.

Um cientista e filósofo conhecido como Francis Bacon, deixou um registro em 1620, mostrando sua admiração ao observar que a costa oriental das Américas se encaixava, ou que poderia ser justaposta à costa ocidental da Europa e África. Tal análise acarretou na idéia da deriva continental. Ou seja: Os continentes se deslocavam. Essa cogitação nunca foi seriamente vista pelos cientistas, até 1912, quando o meteorologista alemão Alfred Wegener publicou um artigo sobre este assunto. Porém, somente em 1915, seu livro " The Origin of Continents and Oceans", que nada mais é que uma versão ampliada de seu antigo artigo, é que de fato despontou o interesse científico por este tema. Wegener defendia que os continentes se moviam sobre a superfície terrestre, algumas vezes se fragmentando ou colidindo com outros.

Este pesquisador descobriu que houve glaciações muito antigas, que cobriam áreas da Antártica, América do Sul, África, Austrália e a Índia peninsular, datando de, pelo menos, um período de 325 a 280 milhões de anos. A única maneira de explicar tal fenômeno era unindo os continentes, e inserindo um pólo na África do Sul, evidenciando-se ao seu redor as áreas que sofreram as glaciações.

Logo começou a surgir trabalhos embasados nesta observação de Wegener, alguns geólogos descobriram que as áreas descritas por ele tinham mesma sucessão litológica e estruturas geológicas. Wegener propôs a denominação de Pangeia para este supercontinente. Sendo que há pelo menos 200 milhões de anos iniciou-se sua desfragmentação, originando novos continentes: Um denominado Laurásia, que se configurava ao norte, sendo que ao sul, desponta o Gonwana, conforme você pode ver aqui no teledimensionador:



(Internet, 2009)

Mas esta teoria ainda continha elementos sem explicação, pois para que ocorresse da maneira enunciada o funcionamento geológico teria que ser diferente aos aspectos que se apresentava. Logo, não era aceita por muitos cientistas e ficou no abandono por volta de 1940 a 1950, quando E.C. Bullard realizava uma pesquisa de medição do fluxo termal nos fundos oceânicos, resultando na elaboração de um relatório que confirmava valores altos nas cristas. Sendo que muitos geofísicos acreditavam que estes valores indicavam ascensão de material sólido, responsáveis pela formação destas montanhas submarinas. Que por volta de 1962, um professor e chamado Hess, publicou seu trabalho "History of the Ocean Basins". Esta obra retrata que as cadeias montanhosas submarinas era consequentes de um processo denominado convecção no interior da Terra, fazendo com que o material ascendente mova lateralmente e o fundo oceânico se expanda. Sendo esta pesquisa mais um elemento comprobatório da deriva continental.

Outra grande contribuição surgiu entre 1958 a 1963, quando F.J. Vine e D.H. Matthews, descobriram anomalias no campo magnético terrestre, causadas devido a expansão dos fundos oceânicos, registrando periodicamente o campo magnético no momento de uma nova fase de expansão, que correspondiam há cada 1 milhão de anos. Este fato, fez ª Cox, R. Doell e B. Dalrymple, realizassem uma escala geomagnética embasada na inversão de polaridade, resultante a idade de 4,5 milhões de anos. Realizando-se experimentos em vários lugares diferentes do globo, constatou-se que havia inversões magnéticas distintas, que delimitavam áreas diferentes, sendo estas chamadas de placas tectônicas. Surgindo então, a Teoria da Tectônica de Placas. Esta teoria mostra a existência de placas que se locomovem e até mesmo se colidem com outras.

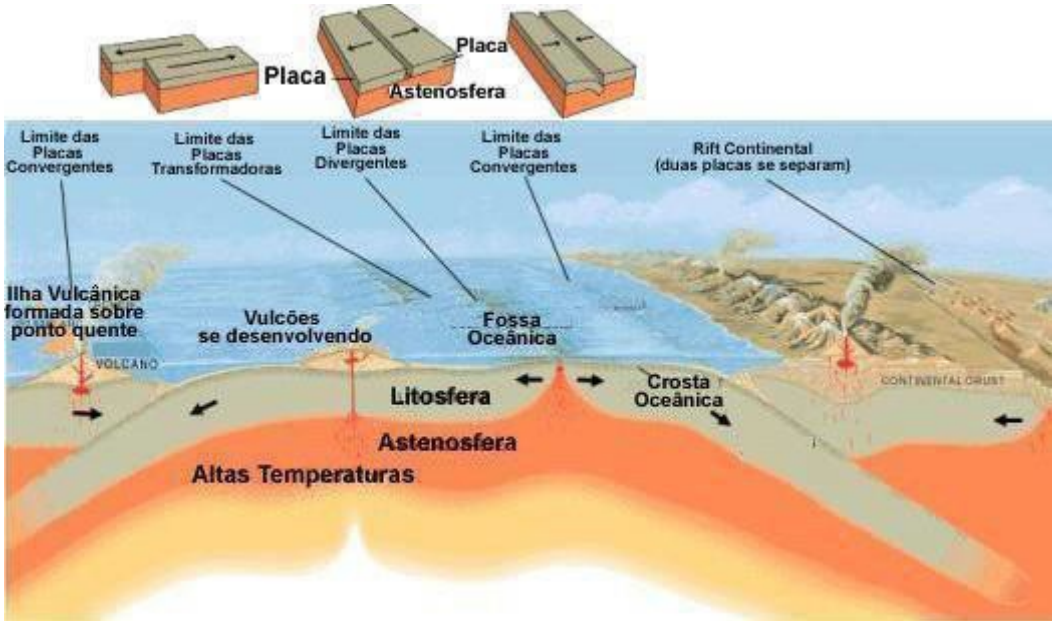
- Até aqui você entende que uma massa continental pode se mover. Não é Homero?

- Sim vovô...compreendo!

- Ótimo! Vamos então prosseguir com outros conceitos revolucionários para a época, despontando o que realmente acontecia com os continentes.

Em 1965, J.T. Wilson constatou que o fundo oceânico contém uma larga zona de fraturas, muitas tendo relação direta com as cadeias montanhosas submarinas. Este pesquisador designou estas falhas como sendo transformantes. Ao saber dos resultados de Wilson, outro renomado pesquisador conhecido como Sykes, estudou tremores de terra e encontrou provas convincentes do conceito proposto por Wilson. Respaldando-se em mais evidencias encontrada por J. Oliver e B. Isacks, publicaram os trabalhos referentes ao tema em 1968, sendo a base que sustenta esta nova concepção teórica.

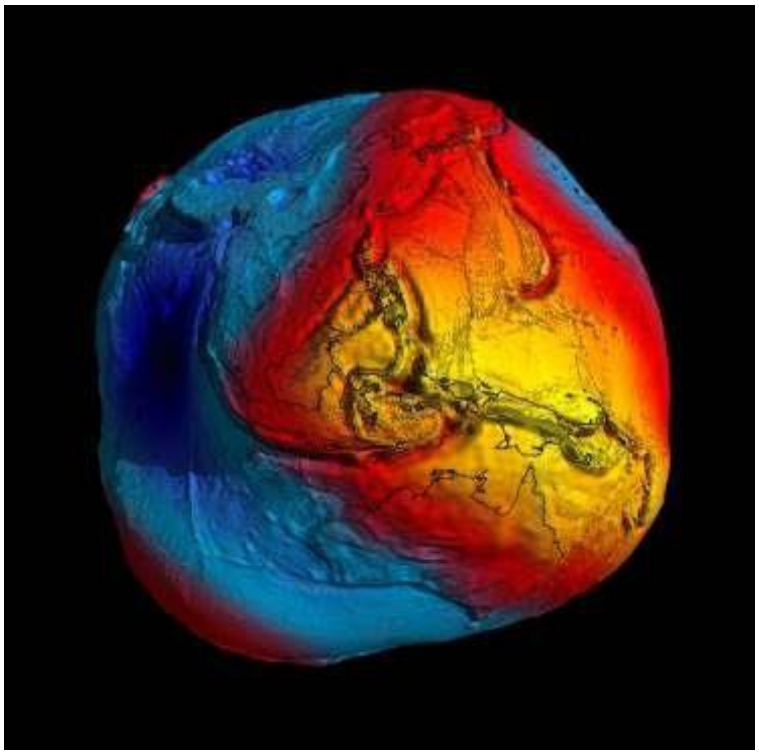
Foi desta forma, que os cientistas daquela época conheceram o funcionamento e a origem dos continentes e oceanos, que você pode ver agora Homero...



(Internet - 2010).

- Você deve estar se perguntando: “Mas como era este planeta”?

- Eis uma imagem que restou dos poucos arquivos encontrados do Século XXI. Observe Homero e veja o que a ganância, arrogância, ignorância e todas as demais ânsias destruíram:



(Internet,2016)

(Internet, 2016)

- Nossa vô...Este planeta era um paraíso! Todo azul!

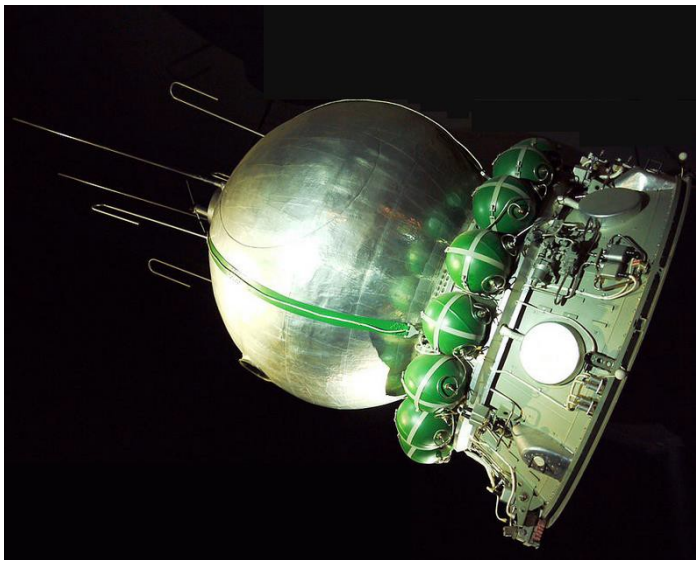
- Sim Olímpia, esta foi a mesma exclamação e ao mesmo tempo pergunta que fiz ao meu bisavô. - Era azul por causa dos gases e a quantidade de água. Aliás, foi um Cosmonauta soviético, Iuri Alekséevitch Gagárin (*9/3/1934- 27/3/1968+), que disse isso sobre a Terra. Ele foi o primeiro aventureiro a orbitá-la por 1 hora e 29 minutos em 12 de abril de 1961, pilotando a nave Vostok 1.

- Quer vê-lo?

- Tem a imagem vovô Homero?

- Ah...Olímpia! Aqui tem de tudo. Vamos ver Iuri com o Major Titov, que também fez a mesma viagem, algum tempo depois.

- Então mostra!



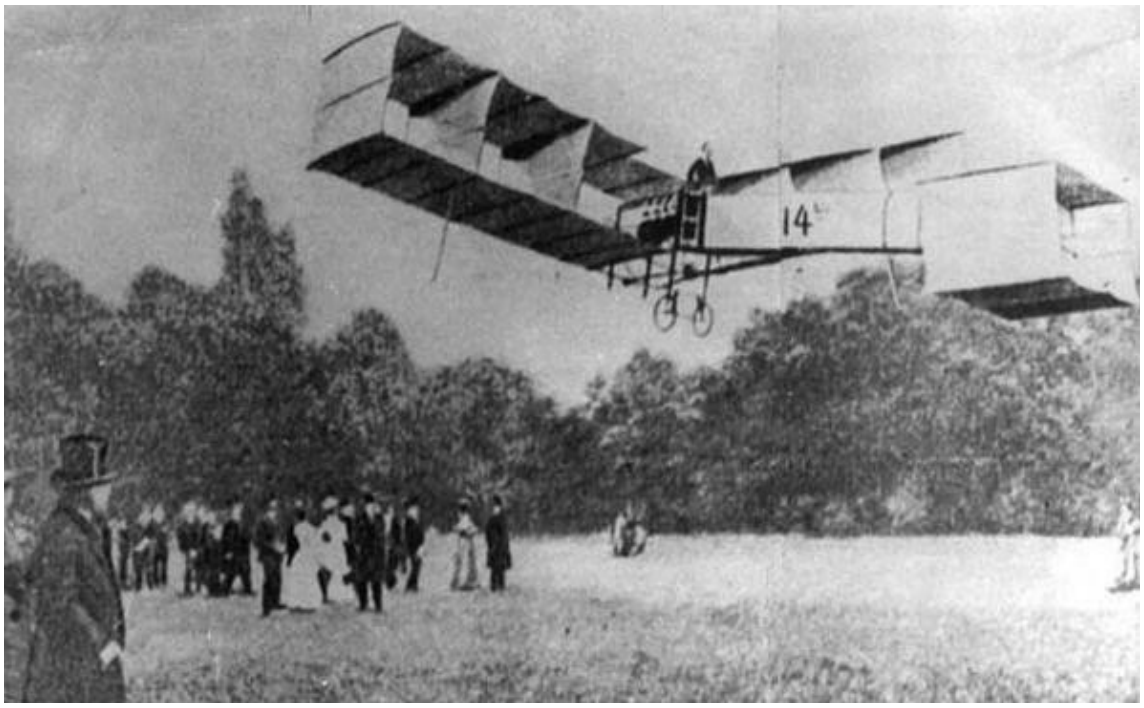
(Internet, 2016- Vostok 1)

(Internet, 2009)

- Que roupa mais estranha vovô!

- Era assim que nossos ancestrais se vestiam naquela época…Olimpia! Mas o mais importante é não esquecer de quem possibilitou os voos. Ou melhor, que inventou o aparelho que alçasse vôo sem auxílio de catapultas, permitindo uma pessoa sair do chão e voar por horas. Este grande inventor foi Alberto Santos Dumont (*20/7/1873-23/7/1932), que construiu o 14 – BIS, este avião ultrapassou 25 m, em vôo oficial, na data de 23/10/1906. Posteriormente, em 1907, Dumont, constrói o Demoiselle, que qualquer pessoa podia manusear.

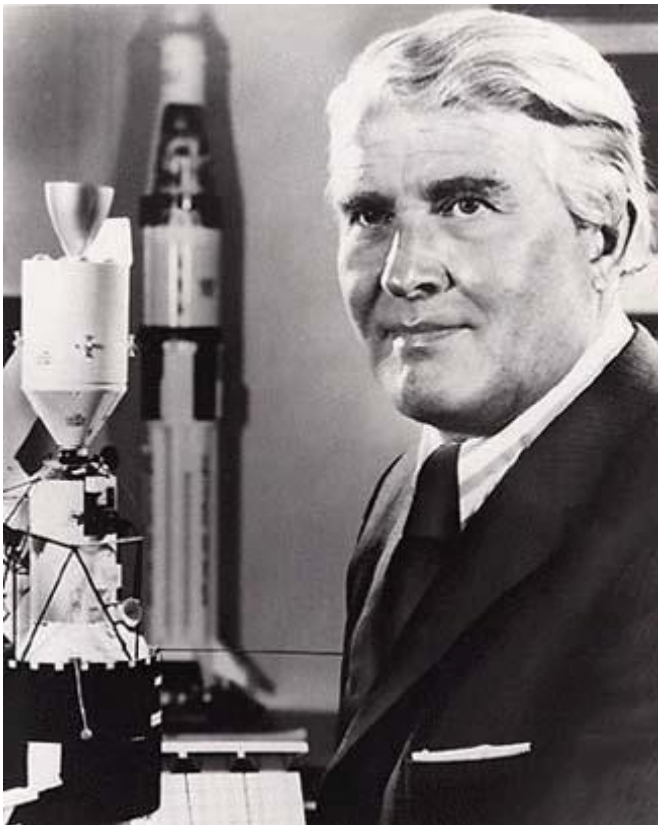
Se você achou as roupas do Iuri engraçadas, espere para ver as do tempo de Alberto:



(Internet, 2010)

- Nunca imaginei que nossa nave foi construída com base na imaginação deste bravo e corajoso inventor. Jamais entraria em algo parecido. Olha que coisa mais estranha esse avião! Tem certeza que isso existiu mesmo vô? - Claro! Esta aeronave é a precursora de tudo que voa hoje no espaço. O 14-Bis foi o primeiro a superar a gravidade e se manter no ar com motor a combustão. Mas o princípio que possibilitou a existência de naves como a está em que estamos, movida por impulso "plasma antiparticulado", surgiu na época de uma guerra mundial, que os terráqueos chamaram de II Guerra Mundial, iniciando-se em 1° de setembro de 1939 e finalizando em 2 de setembro de 1945, depois de lançadas duas bombas atômicas em um país denominado Japão. - Quem lançou essas bombas vovô?- Foi um povo que vivia no continente americano, que recebia este mesmo nome, mais conhecido como Norte-americanos. O limite territorial era denominado de Estados Unidos da América, mas não tinha nada a ver com a união dos outros países que se estabeleciam neste continente. A primeira bomba objetivava a cidade de Hiroshima em 6 de agosto de 1945 e elimina mais de cem mil (100.000) pessoas. E na data de 09 de agosto, do mesmo ano, uma segunda bomba atinge a cidade de Nagasaki, exterminando mais de setenta mil (70.000) pessoas. - E foram elas as responsáveis por nosso avanço tecnológico vovô? - As guerras é que impulsionavam o progresso cultural, tecnológico e social, pois os povos que habitavam aquele planeta eram muito atrasados e ignorantes, além de serem extremamente egoístas. Sendo assim, quem detinha o maior arsenal bélico e tecnológico, dominava aquele pedaço de rocha que estamos vendo neste momento. Então, para responder a pergunta inicial: "Qual foi o princípio que possibilitou as nossas viagens interplanetárias?" Posso afirmar que surgiu no momento em que as tropas alemãs invadem o país Polônia em 1° de setembro de 1939. Esta tal de Polônia tem como aliada e defensor o Reino Unido e a França, que declaram guerra à Alemanha. Sendo que no ano de 1940, a França é derrotada pelos alemães. Os franceses recorrem ao Império Britânico, para reconquistar a França e tentar unir as forças de combate. Isso faz com que os alemães iniciem um confronto direto com o Império Britânico. Ou seja: Tem que

atacar a Inglaterra. É nesse momento que surge a ideia das bombas voadoras, conhecidas como V1 e V2, criadas pelo cientista Werner Von Braun:



(Internet,2010)

Estas bombas são precursores dos mísseis teleguiados, eram foguetes em estágio prematuro, pois não eram jogadas de um avião, mas lançadas por impulsão/propulsão própria. Sendo que a Alemanha lança mais de cinco mil (5.000) destas bombas em Londres, capital da Inglaterra.

– Ah…então o responsável pelos foguetes é Von Braun?

– Sim minha neta! Von Braun saiu da Alemanha e foi para os Estados Unidos da América (EUA), onde desenvolve o foguete Saturno V, com base em seus experimentos e experiência com as bombas voadoras. O Saturno V (Saturno cinco) foi construído para

o Projeto Apollo, com o intuito de levar o ser humano a Lua. Sendo este objetivo atingido em 20 de julho de 1969, com o lançamento da Apollo 11, através do foguete anteriormente citado.

Mas haviam outros pesquisadores que já trabalhavam com o conceito de jatopropulsão e foguetes, como:

https://br.historyplay.tv/noticias/historia-secreta-do-homem-que-inventou-o-foguete-espacial

Até pouco tempo, acreditava-se que o conceito científico de "viagens espaciais propulsionadas por foguetes" tinha sido criado pelo russo Konstantin Tsiolkovsky e pelo americano Robert Goddard entre o final do século XIX e início do século XX, que, por sua vez, teriam se inspirado na obra de ficção científica "Da Terra à Lua", do escritor Júlio Verne.

Entretanto, um artigo recente, publicado pelo historiador espacial Robert Godwin, afirma que em 1861, três décadas antes dos estudos de Tsiolkovsky e Goddard, canadense-escocês William Leitch já teria aplicado corretamente os princípios científicos para voos espaciais em um ensaio intitulado "Uma Viagem Através do Espaço".

- Nossa…e tudo por causa de adversidades sociais e caráter humanístico. Não é vovô?

– Isso mesmo! A ignorância trouxe algo próspero para nossos primitivos ancestrais. Mas lembre-se que foi a atmosfera terrestre que incentivou o ser social a romper a barreira da gravidade e alçar voo como os pássaros. Depois é que veio a necessidade de se alcançar um lugar, no intuito de destruí-lo.

– Vovô…pode me falar um pouco da atmosfera do planeta?

– Minha avó, Ariadne, dizia que a atmosfera da Terra era composta por gases, sendo 78% nitrogênio, 21% oxigênio e 0,9% de argônio, tendo ainda compostos de gases menores entre eles o vapor de água e o dióxido de enxofre, que correspondem a 0,1% do volume do ar atmosférico. Também há microrganismos e partículas sólidas, como cinzas vulcânicas e poeira. Conforme a variação da temperatura, da composição química do ar ou da estrutura eletromagnética, pode-se dividi-la em classes distintas, caracterizadas como:

1- **A troposfera** é a primeira camada, contada do solo para o céu, esta possui ou atinge 12 km e tem temperatura média que varia de 20°C na parte inferior a 6°C negativos na parte superior. Era nesta camada que ocorria a precipitação (chuva e neve), onde as primeiras máquinas voadoras estabeleciam suas rotas de voos. 2- **A estratosfera** é a segunda camada, possui uma coluna estimada entre 12,01 Km até 50 Km, tendo temperaturas que variam de 5°C negativos a 60°C negativos. Nesta camada que se concentrava a camada de ozônio e as nuvens geradas pelas bombas nucleares e químicas que dizimaram o Planeta, durante a guerra do lixo. Foto (Internet, 2016):

3- **A mesosfera**, que possui uma coluna que vai de 50 km a 80 km, com temperaturas variando de 60°C negativos a 95°C negativos.
4- **Termosfera** localiza entre 80,01 Km a 500 Km de altitude, sua temperatura registra-se entre 95°C negativos e 1.000°C.

Deve-se ressaltar que 97% dos gases permaneçam na faixa dos 30 km iniciais da atmosfera. Esta característica química gera outra divisão, sendo assim expressa:
1- **A homosfera**, sua coluna é de 100 km e tem composição constante e regular, onde predominam o nitrogênio e o oxigênio.
2- **Heterosfera**, localiza-se entre 100 km e 500 km, a distribuição de gases é irregular predominantemente formada por hélio e hidrogênio.
3- **Exosfera**, Ultrapassa a atmosfera. Nesta camada as moléculas começam a escapar da atração terrestre, integrando-se ao espaço.

Outra importante divisão faz referência aos fenômenos naturais de eletromagnetismo, sendo classificados como:
1- **Ionosfera**, entre 60 km e 600 km, sua principal característica é a presença de partículas eletricamente carregadas. Devido a esta propriedade, é que é possível a propagação das ondas de rádio e de televisão.
2- **Magnetosfera**, apresenta dimensão irregular em consequência dos ventos solares. Quando é dia ela alcança cerca de 60.1 km, tendo durante a noite, 600.000 km. Possui este nome, devido ao fato do campo magnético da Terra atuar incessantemente.

– Ah, se eles soubessem o que é viver embaixo de um Empíreo Vítreo. Cuidariam melhor deste, que um dia eu poderia ter chamado de lar. Não é vovô? – Claro…Olímpia. Disse Homero com os olhos cheios de lágrimas.

– Mas vô, esta atmosfera era natural mesmo? Não havia atmosferadores?

- Não minha amada neta, tudo dependia de um equilíbrio, de relações tênues entre a sociedade e a natureza, conforme vivenciava o geógrafo Nitsche, que sempre dizia: Nós construímos e criamos ambientes, modificando a paisagem, perfazendo novas paisagens ao mesmo tempo em que propiciamos um novo ambiente, perfazendo um novo ecossistema a cada modificação ou alteração paisagística. - E graças a atuação incorreta do ser humano, a balança pendeu para a revolta da natureza. E ambos perderam, conforme você pode observar agora com seus próprios olhos!

- Mas vovô…Nitsche já cogitava esta relação social e a construção de ambientes, em outros planetas. E hoje podemos comprovar isso na prática. Pois esta ideia tem suas origens embasada no artigo: "Espaço…Realmente é o Objeto de Estudo da Geografia?". Rev. Publicatio - UEPG – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 7 (1), 33-41, 2001. Graças ao desenvolvimento de um projeto que ele iniciou no Município de Três Barras do Paraná, quando ainda cursava o segundo ano de geografia na UFPR, concluindo-o em 1999.

- Bom…Pelo menos temos a certeza de não destruir nossa nova morada. Apesar de ser como é. O mais importante é que evoluímos o suficiente para sabermos que armas não resolvem nada. E o respeito mútuo entre nós, a cada dia que se passa, garante a nossa paz e felicidade. Podemos não ter uma Terra, mas pelo menos, temos um lar!

A conserva é interrompida quando um Plasmaholograma diz: Homero...Oi Olímpia! Como vai você? – Estou bem vovó Beatriz! - Que ótimo, espero vos em meus aposentos, acompanhado de Homero, para que juntos, possamos jantar. Claro vovó!

– Ah! Homero, por favor, passe na hidropônica e colha uma Alface, cinco tomates e um ramo de Cacciaguida.

- Tudo bem Trix! – Tchau vovó! – Beijos Olímpia, até o jantar!

- Hei, vô...por falar em hidropônica, como é que surgiu tanta água naquele planeta ali, que hoje é só pó radioativo?

Antes vou lhe dizer como surgiu a hidropônica:

Antigamente havia uma coisa chamada internet e na página: http://gqportugal.pt/nasa-prepara-vida-marte-estufa-hidroponica/ nela havia um artigo que dizia:

NASA PREPARA-SE PARA A VIDA EM MARTE COM ESTUFA DE SISTEMA HIDROPÓNICO
(Por SARA ANDRADE)

Como garantir a agricultura fora do Planeta Terra tem sido uma das maiores preocupações da organização e esta estufa parece ser a primeira resposta à questão: os cientistas e engenheiros agrícolas da NASA criaram um protótipo de ***uma estufa insuflável que consegue fazer crescer plantações*** *no espaço. A* ***estrutura de 2 por 5,5 metros*** *foi desenhada não só para plantar alimento, mas também reciclar água e lixo e até revitalizar o ar: o dióxido de carbono expirado pelos astronautas pode ser usado pelas plantas para fazer a fotossíntese e gerar oxigénio.*
O Dr. Gene Giacomelli, Diretor do Centro para a Agricultura em Ambiente Controlado na Universidade do Arizona, explica que estão a "recriar o que as plantas teriam se estivesse, na Terra, e usar esses processos para garantir vida. O sistema completo desta estufa lunar representa, em pequena escala, os sistemas biológicos que temos na Terra". Marte vai continuar no foco dos investigadores da NASA**.** *Há um trabalho previsto para 2020 numa região do planeta onde o ambiente é favorável à vida e onde se procurarão amostras de vida passada para posterior análise na Terra.*

No site: http://gizmodo.uol.com.br/botanicos-vegetais-solo-marte/ - Pesquisadores conseguiram plantar tomate, ervilhas e rabanetes no solo de Marte — e com a colheita veio a resposta para uma das grandes questões que temos sobre como cultivar plantas e frutas no espaço. Desde 2014, pesquisadores da Universidade Wageningen, na Holanda, liderados pelo ecologista Wieger Wamelink, têm testado o cultivo de vegetais em uma simulação de solo que a NASA mantém do ambiente de Marte e da Lua. Eles tiveram sucesso ao germinar mudas nos dois tipos de solo. No entanto, eles conseguiram algo maior. Tomates, ervilhas, centeio, rúcula, rabanetes e agrião cresceram nos dois ambientes.

Os vegetais cultivados no solo de Marte tinha exatamente o mesmo tamanho dos cultivados na Terra, e quase não havia diferenças em biomassa por data de colheita, segundo Wamelink. É claro, mesmo com uma colheita bem-sucedida no solo de Marte, há ainda uma série de obstáculos para plantar na superfície do planeta vermelho. E eles não são relacionados apenas aos aspectos técnicos, orçamentários e de tempo que uma missão ficará por lá, mas também questões simples relacionadas a meios para manter a colheita. O jardineiro de Marte necessitará, por exemplo, água limpa, fontes de luz confiáveis (talvez, algo parecido com uma estufa) e um grande espaço fechado — nenhum desses itens será fácil.

- Agora que sabe como foi possível desenvolver um sistema de agricultura confinado, posso dizer que sua pergunta é bem interessante. Nunca me ocorreu tal pensamento. Vamos ver se Atenas, ou alguém aqui, conhece alguma história sobre este fato. Logo, Homero dirige-se ao painel central, e diz: Acionar Atenas! E uma luz pisca no painel, surgindo posteriormente um holograma disforme e cintilante, que diz: Em que posso ajudar? – Por favor, Atenas, há algum registro de como a água no Planeta Terra surgiu? Alguns segundos depois, a resposta: Só o que sabemos hoje. Ou seja: Composto de uma molécula de Hidrogênio e duas de Oxigênio. – Obrigado Atenas.

Agora fiquei curioso para saber como acontecia tal fenômeno. O que sugere Olímpia?

– Vamos falar com a avó de Hipocrene, se não me engano o nome dela é Denise. Uma pessoa muito sábia!

Diante do painel central, Olímpia menciona a seguinte frase: Kahly encontre Denise!

– Ela está no Jardim Botânico, entre as alas K e L.

– Agradeço muito! Vamos lá vovô?

– Ainda falta algum tempo para o jantar…Vamos!

O encontro com Denise foi muito prazeroso para ambos, colocaram os assuntos em dia e falaram sobre coisas do cotidiano. Até o momento em que Homero fez a inquietante pergunta sobre a água do planeta.

A feição alegre daquela simpática senhora mudou para um estado triste e amargurado, como se um triste acontecimento acontecesse. E ela suspirando falou:

- A mãe de minha mãe contou uma história que dizia mais ou menos assim:

Durante a formação da Terra, que era uma massa inconsistente e muito quente, ocorria ao mesmo tempo um resfriamento, que conformatava o globo ou caracterizava-se em uma forma esfenoide. Após este processo, houve um gradativo resfriamento, originado os tipos de rochas ígneas, tendo como consequência a liberação de gases, principalmente o vapor de água ($H2O$) acompanhado de gás Carbônico ($CO2$) e outras frações oriundas como subprodutos voláteis da cristalização do magma. Graças ao mecanismo citado, este vapor ao atingir temperaturas elevadas resfriava e precipitava na forma de água, formando possas, até transformarem-se em lagos e mares. Porém, é necessário lembrar que a atmosfera primordial era diferente do que se conhece no Século XXI. A atmosfera primitiva era composta de hidrogênio, hélio, metano, amônia, gás carbônico, monóxido de carbono e água. Esta mistura gasosa, após algum tempo, liberta o nitrogênio e o oxigênio. Como vocês observam, está formada a atmosfera e nela há água, graças ao processo descrito.

(Interne,2016)

No Século XXI, O volume global de água é estimado em torno de 1.420.000.000 km³, abrangendo oceanos, mares, geleiras, água do subsolo, lagos, água da atmosfera e rios. Sendo que a maior parte se concentra em oceanos e mares, que corresponde a uma área de 1.380.000.000 km³, representando 97,3% da reserva hídrica do mundo. Esta reserva representa 71% da área total do globo. Os oceanos envolvem os continentes e cobre a maior parte da Terra. Existem três oceanos: O maior deles, com 179.700.000 km², é o Pacífico, depois o Atlântico com área de 106.100.000 km² e por fim, o Índico que possui uma área de 74.900.000 km². O oceano Atlântico banha o leste da América e o oeste da Europa e da África. O Oceano Pacífico margeia o oeste da América e o leste da Ásia e da Austrália. O oceano Índico leva suas águas até o leste da África, o sul da Ásia e o oeste da Austrália. Estes três oceanos se encontram no polo sul da Terra, no local denominado Antártica. Sendo que o chamado mar Glacial Ártico, considerado, pela maioria dos cientistas, um mar formado pelo oceano Atlântico é estabelecido no Pólo Norte.

Os oceanos contêm reservas de minerais, diamante, areia, conchas de ostra, cascalho e fosforita, além de petróleo, gás natural, enxofre e potássio no interior das rochas. O petróleo e o gás natural respondem por 90% das riquezas minerais obtidas nos oceanos e 61,9% da energia produzida no Planeta.

– Denise…e os mares o que são?

– Mares são considerados parte dos oceanos, que ocupam áreas mais reduzidas, localizando-se entre limites continentais. São mais rasos que os oceanos e possuem uma alta taxa de variação de salinidade, densidade, temperatura e transparência das águas.

As águas continentais representam 2,7%, correspondente a uma área de 38.000.000 km³. O restante, pertence a água doce congelada (geleiras e calotas polares) e água doce armazenada no subsolo (lençóis freáticos e poços), bem como, pântanos, a água da atmosfera, a água dos rios e a água de lagos. E por falar em lagos, alguns possuem comunicação com o mar, como o lago Ontário, na América do Norte. Existindo lagos que não tem ligação e se encontram em elevadas altitudes, como o lago Titicaca a 3.810 m de altitude, localizado no País conhecido como Peru. Os lagos de água salgada e de grande extensão são classificados como mares, tendo como

referências conhecidas o mar Cáspio, no oeste da Ásia, e o mar de Aral, entre o Cazaquistão e o Uzbequistão. E para finalizar este assunto, temos os rios, que são cursos naturais de água que se deslocam de um nível mais alto (nascente) até atingir, em níveis mais baixos, a foz ou desembocadura (mar, lago ou outro rio), onde lançam suas águas. Durante o percurso aumentam progressivamente o volume de suas águas como consequência do encontro com outros rios (afluentes). Os rios podem ser perenes, quando mantêm o escoamento durante o ano todo; temporários, quando secam no período de estiagem; ou efêmeros, quando só ficam cheios durante a época de chuva ou em uma determinada época do ano ou mês.

– Eu acabei de comentar com a Olímpia as características da atmosfera no Século XXI. Minha bisavó nunca mencionou como se deu a formação desta e como surgiu a água. Obrigado Urânia por dividir esta importante informação conosco.

– Não há nada para agradecer, é um prazer conversar!

– Urânia...vou levar a minha neta para jantar. Não quer nôs acompanhar?

– Em uma outra oportunidade Homero. Tenho um compromisso com minha filha Circe.

– Até mais tarde Urânia! – Tchau!

– Que emocionante vovô conhecer um pouco deste planeta, responsável por nossa origem!

– Origem...acho que durante a refeição, sua avó pode falar um pouco de nossa origem e como se deu a nossa evolução. O que acha?

– Será que ela vai querer conversar sobre isso?

– Tenho certeza Olímpia!

Estamos aqui vovó como combinado! Foi muito especial o momento vivido até agora. Conheci muita coisa!

– Pois é…nossa querida Olímpia está muito curiosa sobre tudo da Terra! Sua ânsia do saber aumenta cada vez mais! E vem com cada pergunta! Nesse momento quer respostas sobre a origem e evolução do ser humano.

– Ah…Isso, somente a Jandira, avó de Aline, Flávia e Patrícia pode responder! Vamos terminar aqui e procurá-la!

Passaram-se quinze minutos e foram ao encontro da melhor amiga e sua filha. Elas estavam aguardando no salão da vida, local onde as pessoas regeneravam suas funções vitais, bem como, realizavam exercícios e meditação.

- Olá Povo! – Eaí! Tudo bem?

- Tudo fica melhor quando encontramos, vemos ou tocamos, mesmo que por alguns minutos, uma pessoa que amamos.

- Tem razão...alguns segundos fitando os olhos de alguém que é muito importante em nossa vida, é como se fosse ou vale por um ano de alegria!

- Viemos aqui perguntar como se deu a evolução humana. Pois sabemos que havia música, pinturas e religião. Pode nos ajudar?

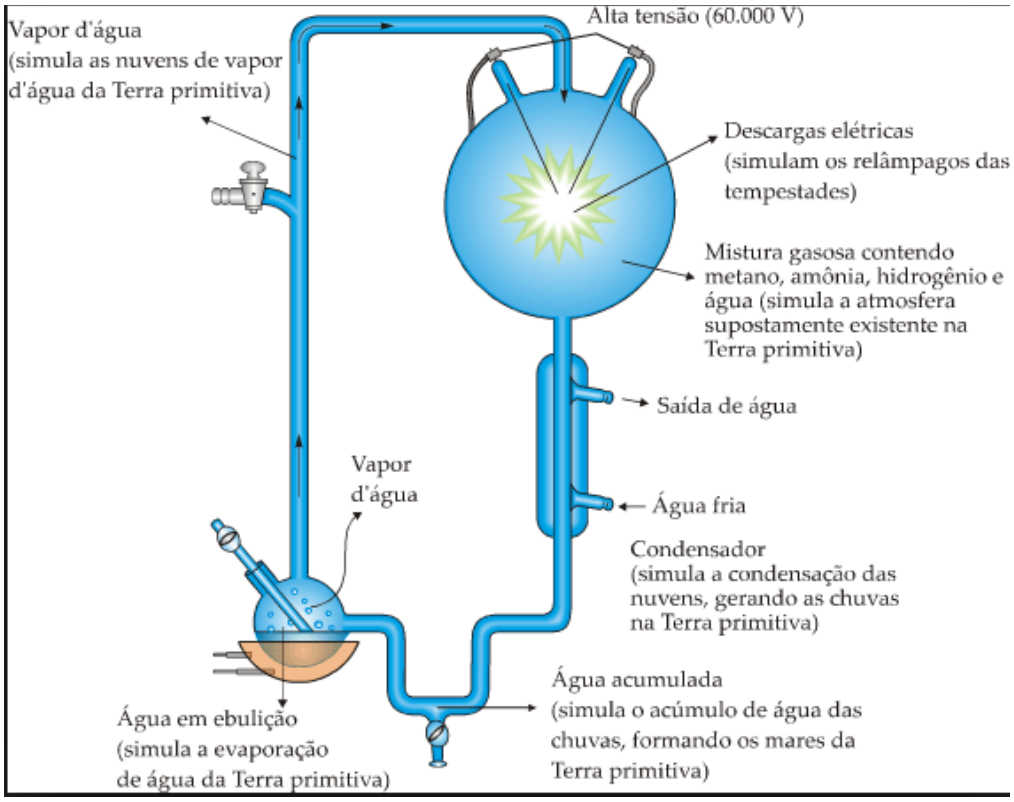
- Acho que até entendo o que você quis me dizer, mas existem outras coisas...Michelly vá até o Henrique e sua esposa Ana, comunique-os que o rejuvenescedor 5 está liberado.

– Estou indo mãe, não é mais fácil usar o Plasmaholograma! - Desculpas por interromper assim o início de nossa conversa. Mas sabe como é, ela às vezes é muito sereníssima!

Antes de adentrar nos assuntos culturais, que também permeia o ciclo evolutivo humano, temos que saber como é que surgiu o Homem. Por falar nisso. Já foram na Sala da Memória?

- Foi lá que tudo isso começou!
- Então, esta adorável moça conheceu a Bíblia?
- Conheci!
- Como pode ver ou ler naquele livro, o homem surgiu da costela de Adão e a mulher originou-se do modelado de argila. Depois foram expulsos do paraíso e condenados a trabalhar e fazer suas próprias vestimentas. Ou seja: O trabalho foi a punição para ambos. Mas você tem que lembrar das palavras de Julio Cesar Vaz Nitsche (2016): "A ciência é uma ferramenta e o dom que Deus nôs deu para que possamos saber e compreender como ele criou e desenvolveu as coisas". Agora, vamos deixar esta fábula (que a alta cúpula da igreja modificou da real história da bíblia) e falar de fatos científicos que mostram como elementos químicos arranjados podem formar o mais simplório organismo. Esta aventura foi contada por minha avó, durante seu aniversário. E foi mais ou menos assim:

De todos os elementos químicos existentes no universo, os mais importantes para a formação de um organismo vivo são: Hidrogênio (H), Oxigênio (O), Carbono (C), Nitrogênio (N), Enxofre (S) e Fósforo (F).
Em 1954, um cientista construiu um aparelho que simulava a atmosfera primordial, sendo esta submetida a uma descarga elétrica, ao se passar uma semana a água contida em um dos componentes deste equipamento, um balão, começou a ficar turva, contendo esta, aminoácidos. Desta maneira, a experiência de S.L.Miller, demonstrou que a atmosfera inicial produzia relâmpago, formando, desta maneira, moléculas complexas. Posteriormente, foi possível sintetizar um grande número de compostos pertinentes aos seres vivos.



(Internet, 2016)

Vindo a corroborar com as teorias de J.B.S. Haldane e A. I. Oparin (1920 e 1930), que formularam a idéia de uma sopa orgânica diluída. Logo, vieram mais pesquisas que ajudaram a entender e a formular hipóteses especulativas sobre a formação de um ser capaz de reproduzir-se e duplicar-se, no ambiente aquático que se encontrava. Logicamente que tudo tem um tempo de duração. Sendo assim, esta sopa não duraria para sempre, ocorrendo uma degeneração ou dissolução gradual desta sopa primordial, pois os organismos que lá habitavam, alimentavam-se do próprio ambiente. Logo, os primitivos seres, teriam que fabricar ou metabolizar moléculas complexas.

Os gases gerados, devido aos processos metabólicos destes organismos, começou a influenciar as condições naturais daquela atmosfera, além do que já estava ocorrendo, que era a transformação dos gases metano e amônia, tendo ainda a dissipação gradual do hidrogênio, pois este não se mantém na atmosfera devido ao campo gravitacional da Terra. Este conjunto de fenômenos possibilitou a liberação de nitrogênio e gás carbônico, que no decorrer de milhares de anos, esta atmosfera ia se modificando até as características encontradas no Século XXI.

Mas Jandira...desculpas, não pude compreender muito bem!

- Calma Olímpia eu também fiquei louca com esta história. Consegui meu equilíbrio cortejando a insanidade. Tudo está perdido, mas existem possibilidades!

- Não acredito em nada além do que duvido. Você espera resposta que eu não tenho, mas não vou brigar por causa disto (Renato Russo – banda Legião Urbana). Foi isso que a Michelly me falou uma vez, quando eu perguntei para ela sobre o início da vida. E concordo com ela agora!

- O mais importante é saber que:

No período pré-biótico, ocorreu o acúmulo de moléculas de aminoácidos, ácido nucleico e carboidratos, sendo estes compostos da sopa orgânica, que ao receber energia solar e descargas elétricas (raios ou relâmpago) faz surgir os primeiros organismos, que

se alimentavam da própria sopa. Estes seres, possivelmente eram anaeróbicos, devido à ausência de Oxigênio. Devido as mudanças atmosféricas, estes organismos foram obrigados a desenvolver a capacidade de sintetizar moléculas mais complexas, até que surgiram as primeiras plantas verdes, que se utilizavam do CO2, água e energia solar para a síntese dos alimentos. Este processo resultou na liberação de Oxigênio na atmosfera, que possibilitou o surgimento das plantas verdes e muito tempo depois os primeiros animais. Estes se alimentavam das plantas e dependiam do oxigênio.

E o processo evolutivo dos animais se deu graças ao contínuo desenvolvimento e aperfeiçoamento da atmosfera e dos ambientes gerados por todos os componentes químicos e físicos existentes no Planeta. Até que surgiram os primeiros registros da história evolutiva do homem. Que vou contar, conforme minha bisavó, Elisa Márcia Salete de Arezzo, descreveu:

1º Estágio: Australopitecínio-Homo, remontando cinco milhões de anos atrás, com diversas variedades de fósseis hominídeos e com ferramentas rudimentares feitas de pedra.

2º Estágio: Homo erectus, com idades aproximadas de um milhão de anos atrás, com uma duração de cem mil anos.

3º Estágio: Surgem os humanoides transicionais e em seguida os neandertalenses e seus contemporâneos menos diferenciados.

4º Estágio: Datando de aproximadamente 40 mil anos, surgem os primeiros vestígios de esqueletos totalmente modernos, sendo denominado de Homo sapiens.

Todos os três primeiros estágios apresentam humanoides fabricando ferramentas e no último estágio, observa-se o homem moderno formado, adaptado às transformações ambientais, que no processo demonstrado, o ambiente estava em constante mutação e desequilíbrio, com variâncias climáticas, sendo estas evidências e comprovadas através dos estudos geográficos, geológicos e paleontológicos, além de serem evidenciados na arqueologia, através dos estudos dos ossos fósseis.

Tais fatos demonstram que o ser humano adquiriu experiências e conhecimento que possibilitaram o desenvolvimento e criação de ferramentas e habilidades para superar as fases de transformação ambiental, prosperando em sua jornada evolutiva do raciocínio e desenvolvimento corporal, o que possibilitou a construção de sua própria cultura.

Nas palavras de Braidwood (1907), *"A cultura permanece, embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. Por outro lado, a cultura muda conforme mudam as convenções e entendimentos. Quase se pode dizer que a cultura vive nas mentes das pessoas que a possui. Mas as pessoas não nascem com ela, adquirem-na à medida que crescem."*

Para Braidwood, a cultura significa o modo como um grupo de pessoas pensa, crê e vive, além de suas capacidades de manufaturar vestimentas, instrumentos e a forma de como se fazem as coisas.

Adotando este enfoque sobre a cultura, conota-se a ideia de que para se criar e desenvolver cultura é necessário pensar e estabelecer um raciocínio lógico e ao mesmo tempo metafísico, estabelecendo o padrão de inteligência do ser humano dentro de sua corrida evolutiva começada há 3,5 milhões de anos, quando surgem os macacos hominídeos, antecessores do homem moderno. Pode-se estabelecer estas fases de desenvolvimento da seguinte maneira: Período Paleolítico (de 3,5 milhões a.C. a 10.000 a.C.), Mesolítico (de 10.000 a.C. a 8.000 a.C.) e Neolítico (de 8.000 a.C. a 4.000 a.C), sendo que a domesticação de animais, o surgimento da agricultura, a utilização dos metais e a descoberta da escrita marcam o fim dessa fase.

Os exemplares de hominídeos mais antigos são: *Ardipithecus kadabba datado com aproximadamente 5.700.000 (cinco milhões e setecentos mil anos),* ainda sendo estudado pela mesma equipe internacional de pesquisa10 que descobriu em 17 de dezembro de 1992 o primeiro dente de hominídeo datado em aproximadamente 4. 400.000 (quatro milhões e quatrocentos mil anos), sendo que no ano de 1994, foram encontrados mais de 90 (noventa) ossos do *Ardipithecus ramidus* (Ardi) à oeste do rio waoache localizado na região de Afar, em Aramis, no que atualmente denominamos de Etiópia. Logo após, na cadeia evolucionária, aparece o *Australopithecus afarensis (a Lucy)*, com aproximadamente 3 milhões de anos, encontrados em Afar na década de 20, mais especificamente em 1925. A evolução do *afarensis* resulta em pelo menos duas outras linhagens: o *Australopithecus africanus* e os *Paranthropus boisel* e *robustus*. Os *Paranthropus* não deixam vestígios de evolução, tornando-se praticamente um beco evolutivo. O *Australopithecus africanus* evolui para o *Homo erectus* ou *Pitecanthropus*, há aproximadamente 2 milhões de anos. O *Homo erectus* – É o primeiro a usar objetos de ossos e pedras como ferramentas e como arma, a empregar o fogo e provavelmente, a falar. Evolui, há 700 mil anos, para o *Homo neanderthalensis* (o homem de Neanderthal) e, há 500 mil anos, para o *Homo sapiens*, do qual descende o homem atual. Porém, o mais recente achado, o *sahelanthropus tchadense* de 7 milh de anos, está sendo caracterizado por BRUNET, como sendo o mais antigo ancestral do homem moderno (In: Folha de São Paulo – 15/07/2002. pp11).

A evolução histórica dos hominídeos até o *Homo sapiens* não ocorre de forma linear. Agrupamentos inteiros do gênero *Homo* desaparecem em conseqüência de variações climáticas, condições geográficas, miscigenação e outros fenômenos naturais.

Existem duas teorias amplamente aceitáveis, existindo ainda, uma que não é muito bem recebida, sobre o local onde surgem os antepassados do homem. A primeira sustenta (com base na descoberta do *afarensis)*, que a origem é a África (nas savanas), de onde teria começado a se espalhar pelo mundo há 200 mil anos. A segunda apóia- se nos achados de restos do *Homo erectus* em Java, Indonésia (1,8 milhão de anos), e do *Homo sapiens* em Jinniushan, China (200 mil anos), e diz que a evolução de uma espécie ocorre em diferentes regiões da Terra, em momentos nem sempre coincidentes. A terceira, que não é aceita por muitos antropólogos e arqueólogos, enuncia que a África é o local de surgimento de nossos antepassados, porém, este primórdio ser, é semi-aquático e não se originou nas savanas. Esta teoria se fundamenta em questões funcionais do corpo humanóide e fatos que tentam elucidar simples perguntas: "Por quê estes primitivos seres andavam com apenas os membros inferiores? E como fizeram isso? Epor quê?" Mas tudo o que se sabe da evolução humana está apenas engatinhando, Graças a descoberta do *Ardipithecus kadabba* e o *ramidus,* confirmando muitas idéias de Darwin e ao mesmo tempo refutando alguns pensamentos deste brilhante pesquisador. Além de refutar as teorias que enunciam sobre a origem da bipedalidade, pois, o *Ardipithecus* vivia em ambiente florestal e não em ambiente savânico, desconstruindo imediatamente os pilares teóricos que corroboravam e respaldavam teorias sobre o ambiente de origem do homem.

Saindo destas análises, voltamos aos períodos evolutivos de nossa condição de ser humano, sendo assim representado:

A Idade da Pedra Lascada (Paleolítico), é o período mais longo e antigo da história humana. Estende-se de 3,5 milhões de anos a.C. a 10.1 a.C. Os diferentes grupos hominídeos vivem em pequenos bandos ou grupos se preferir, alimentam-se de caça, pesca e coleta de frutos. Abriga-se em cavernas. Desenvolvem muito lentamente a linguagem oral e a fabricação de instrumentos de osso e pedra, com os quais caçam,

guerreiam e realizam entalhes nas paredes e em diferentes momentos, aprendem a utilizar e produzir fogo.

Entre os anos 10.000 e 8.000 a.C. (Mesolítico), o domínio sobre o fogo, aliado à domesticação de animais ao cultivo das plantas e à fabricação de instrumentos mais avançados, incluindo a cerâmica, promove a sedentarização dos grupos de hominídeos, surgindo consecutivamente a divisão do trabalho baseada principalmente no sexo. Isso não significa que a mulher ou a fêmea agia passivamente no grupo, apenas representa que cada indivíduo desenvolvia suas funções gerais e algumas específicas, como caçar e cuidar da prole.

O desenvolvimento da agricultura e o início da metalurgia, entre os anos 8.000 e 4.000 a.C., constituem os aspectos principais da chamada revolução neolítica. Nesse período, também conhecido como Idade da Pedra Polida, os homens agrupam-se em povoados e aumenta a divisão do trabalho, que permite a produção de excedentes e a realização de intercâmbio com outras comunidades.

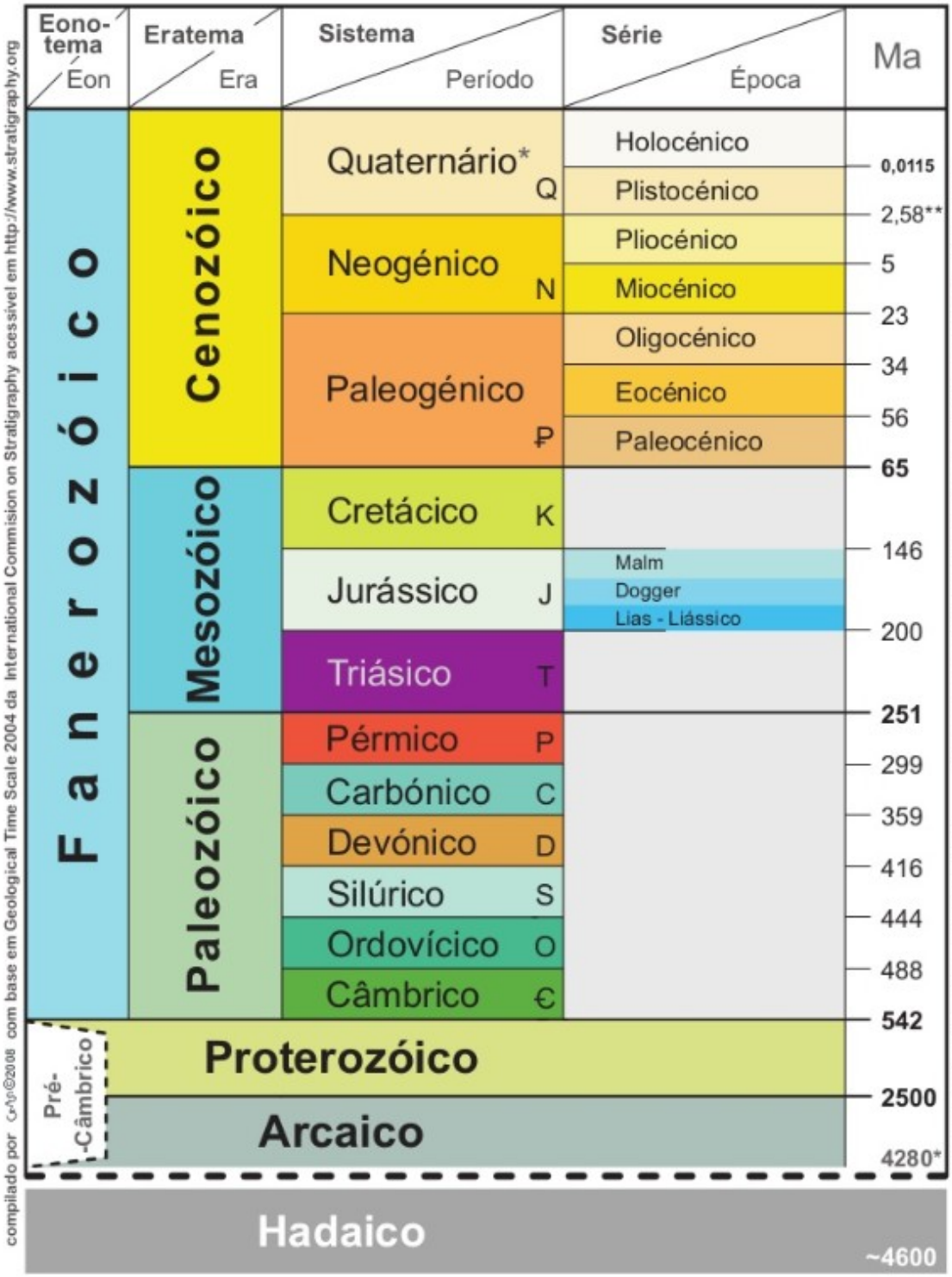
Ao adquirir estes conceitos e entendimento de suas capacidades administrativas e de suas ações e observações, o homem pôde desenvolver a arte, sendo esta dividida em dois grandes grupos: o primeiro grupo seria a arte portátil, que é expressa pela maneira de se trabalhar com pedras, ossos, madeira e barro, criando pontas de flechas, arremessadores de lança, arpão de osso, machado, panelas e jarros. E o segundo grupo, representado pelas pinturas em cavernas e rochas e a escultura, que são as representações de animais e grupos sociais de indivíduos desenhados nas paredes das cavernas, ou objetos feitos de seixos moldados, representando seres vivos como tartaruga e peixes (zoólitos).

O homem se autodescobre, com sua força de pensamento conhece os minerais, produz abrigo, doméstica animais, inicia processos extrativistas, conhece as propriedades de curas das plantas, delimita plantações e cultiva milho, arroz e trigo, inovando e aperfeiçoando suas técnicas e desenvolvendo novos implementos, até conquistarem a civilização e construção de cidades em planetas como Marte e Hipodâmias IIIa.

Claro que pulei a historinha da evolução de todos os seres deste planeta, mas é porque minha avó não me deu os detalhes. O que posso fazer é acionar o teledimensionador e mostrar a cronologia dos eventos:

(in: http://portifoliobio.blogspot.com.br/2012/09/periodos-geologicos.html)

TABELA CRONOSTRATIGRÁFICA



Departamento de GEOLOGIA

Faculdade de Ciências
UNIVERSIDADE DE LISBOA

(Internet, 2017)

- Olha, Valquiria está vindo!

- Nossa, que coisa é aquilo que está segurando?

- Não sei Olímpia!

- Eaí Povo! Que reunião agradável!

- Olá Valquiria, filha de Maria...o que é isto em sua mão?

- Acabei de inventar. É um aparelho que consegue replicar e mostrar seus pensamentos através das moléculas que compõem a atmosfera. Ou seja, não precisa de tela ou projeção holográfica para visualizar algo. O mais incrível é ver o que a pessoa está pensando. Mas ainda não dei um nome!

- Adorei seu invento Valquiria!

- Obrigado Olímpia!

- E você o que fez de bom até agora?

- Além de conversar com estas pessoas queridas, hoje cedo realizei um transplante de lóbulo frontal de uma criança. Está se recuperando bem! O novo lóbulo está atuando perfeitamente.

- Sobre o quê conversam agora?

- Estamos reunidos para falar do Planeta Terra e como surgiu tudo.

- Ah...deixa-me participar! Gosto muito das histórias de nosso planeta progenitor.

- E precisa pedir Valquiria?

- Com licença. Só um instante para eu conversar com o Lukas.

- Tudo bem Valquiria! Nesse tempo vamos analisar a cronologia terrestre!

- Lukas?

- Desculpe estou um pouco atrasado, mas espero que ainda dê tempo de dizer que andei errado e eu entendo. As suas queixas estão justificáveis, da falta que eu fiz esta semana. Coisas que pareceriam obvias até para uma criança. Por onde andei enquanto você me procurava? Será que eu sei que você é mesmo tudo aquilo que me faltava? Amor eu sinto sua falta (…). EM 19 DE JUNHO DE 2004, NANDO REIS CRIA ESTA MÚSICA: POR ONDE ANDEI.

.

- Tem sido tão solitário sem você aqui. Como um pássaro sem canção. Nada pode impedir a queda destas lágrimas solitárias. Me diga baby, onde foi que eu errei? Eu poderia passar os braços em volta de todo garoto que eu encontrasse, mas eles só me fariam lembrar de você (…). SINEAD 'O'CONNOR ESCREVE: NOTHING COMPARES 2 U em 1990.

- Não quero esconder nada de você. Entendo o silêncio como parte de meu ser. Tente descobrir o que me faz sorrir. Além de você comigo, além de ser seu amigo. Sem você fica vazio o azul do céu. Com você a minha vida é bem melhor. Se o mundo não presta, nada mais me resta, mas gostar mais de você, cada vez mais só você (...). BANDA BLINDAGEM (Alberto Rodrigues, Sio K., Arranjo, Ricardo Petracca): ALÉM DO SILÊNCIO – 1987.

- Ah…Lukas, então como ficamos?

- Como sempre…Te amo e você sabe disso!

- Quer ficar aqui e saber um pouco da Terra?

- Não Valquíria, tenho que aperfeiçoar o difusor de plasma da nave. Logo estarei com você!

- Eu aguardo! Vou estar com a Rafinha. Ok?

- Tudo bem!

- Olá pessoal! Desculpa pela demora.

- Perdi muita coisa?

- Nada, estávamos apenas visualizando a escala cronológica e ficamos mudos pensando em tudo que se passou na Terra.

- Valquíria…já pensou na possibilidade de voltar no tempo e salvar aquele planeta?

- Ah Sr. Homero, não há como lutar contra fanatismo ideológicos e religiosos. Ainda bem que não temos mais dinheiro ou qualquer outro sistema comercial. Aqui tudo se faz e constrói com auxílio dos humanotrons e cada um trabalha por um bem comum, sem a imposição de líderes ou governantes. E tudo está bem assim! Jamais iria querer voltar ao mundinho deles, onde tudo estava à venda. Compravam monografias científicas, órgãos de criança, sexo e tudo mais que queira imaginar.

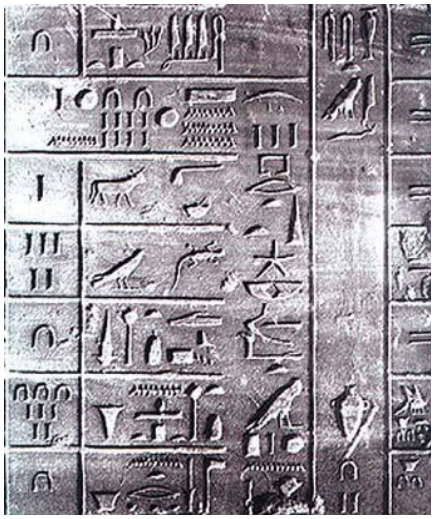
- Tem razão Valquiria! Melhor deixar como está, pois se não acontecesse o que aconteceu com este mundo, jamais teríamos evoluído ao ponto em que chegamos!

- Jandira...como era a cultura do povinho que habitava este planeta? Não sabemos muito sobre isso, mas dos arquivos que restaram, pode-se dizer que havia civilizações moldadas pelo comércio e a religião, ou o apego às questões espirituais e de caráter sobrenatural, sendo a expressão máxima cultural de todos os povos. Como relatava minha bisavó Gizele, irmã de Kelly, Andréia e Kleber. Que dizia: As civilizações mais antigas registram-se entre 4.000 a.C. e 2.000 a.C., às margens dos rios Tigre e Eufrates (Mesopotâmia), Jordão (Palestina), Nilo (Egito), Amarelo (China), Indo (Paquistão) e Ganges (Índia). A maioria desenvolve-se no chamado Crescente Fértil, região propícia ao cultivo que vai do rio Nilo até o Golfo Pérsico. Algumas sociedades vivem de atividades pastoris (hebreus, hititas), do comércio (fenícios,

cretenses) e de conquistas militares (assírios, hititas e persas). Possuem características comuns, como a escrita, a arquitetura monumental, a agricultura extensiva, a domesticação de animais, a metalurgia, a escultura, a pintura em cerâmica, a divisão social em classes e a religião organizada. Porém, somente os hebreus são considerados como único povo monoteísta da Antiguidade. Tendo ainda um povo, ao meu ver, pode ser considerado ateu, não acreditavam em deuses, mas acreditam na existência de duas forças divinas: o bem e o mal. São conhecidos como Persas.

Essas civilizações deixam importantes contribuições, como o alfabeto, a Bíblia, as pirâmides, as técnicas de irrigação, os conhecimentos de astronomia, de astrologia, os sistemas de pesos e medidas e os calendários lunares e solares. Posso mostrar um calendário egípcio se quiserem ver. Desejam vê-lo?

- Claro...por favor mostre para nós! - Com prazer! Observem o teledimensionador. (Internet-2010)



Iniciando com os aportes de Maya geográfica, temos: Todos esses povos lutavam para manter seus territórios e havia rivalidades internas para a tomada de poder ou governabilidade. Nossos ancestrais nasceram e viveram para matar, roubar e se aproveitar dos infortúnios do próximo. Temos em nossos arquivos dois relatos muito antigo que comprovam as lutas e conflitos. O primeiro fala das Olimpíadas e o segundo da fundação de uma cidade, sendo assim explanado: Nos idos de 776 a.C. Os gregos organizam a primeira Olimpíada na cidade de Olímpia, onde constroem um estádio para 40 mil pessoas e um hipódromo. Durante a competição instituem a "trégua sagrada" um artifício para a interrupção das guerras entre as cidades. Mas o auge da mesquinhez humana está neste relato: Os netos gêmeos de Numitor, rei de Alba Longa fôra destronado por seu irmão, Amúlio, que mandara atirar os gêmeos no rio Tibre, quando ainda bebes. A pessoa escolhida para tal tarefa não conseguiu realiza-la, abandona-os na floresta. Uma loba os encontrou e os amamentou. Mais tarde, uma família de pastores depararam com tal cena e os recolheram. Ao crescer, os gêmeos depõem Amúlio e reconduzem Numitor a seu cargo. O avô concede aos netos o direito de fundar uma cidade, esta fundada em 21 de abril de 753 a.C. Posteriormente, Rômulo mata Remo e torna-se rei de Roma.

In: “Maya geográfica” (NITSCHE, 2017) e “A bomba G.H.” (NITSCHE, 2017) mostra alguns desses conflitos e ainda revela que há discórdia e divergências científicas,

que podem tornar as convecções de embasamentos científicos, em um verdadeiro campo de batalha, sendo assim transcrito:

Não precisamos dizer que a Geografia foi fundada e denominada por Estrabão, conforme relatado nas bibliografias históricas e epistemológicas que abordam tal assunto, sendo que algumas destas, foram bases para os apontamentos deste que ora vos escreves, em sua obra "Conjecturas Geográficas" 2ª ed. 2016.

Strabo é o primeiro geógrafo consagrado e não há como refutar tal título!

O problema está em discernir a Geografia de Estrabão com a geografia de Ratzel e la Blache, porque estes dois personagens aprimoraram a Geografia, porém; seus sucessores a descaracterizaram de sua fundamentação e atuação.

Sabemos, então, que a Geografia veio primeiro. Mas o quê surge primeiramente após esta? Uma nova espécie de geografia ou uma ramificação da Sociologia, sendo reconhecida como Sociografia?

Esqueça de suas convicções agora. Deixa de lado toda a moldura psíquica e toda a lavagem cerebral que sua pessoa sofreu ao longo de tua trajetória acadêmica e profissional. E pense livremente sem se preocupar com dizeres dos Séculos XV até XX.

Então responda: O quê de fato surge?

Claro que você não vai conseguir responder livremente! Seu ser está convicto naquilo em que acreditava e acredita. Sua mente diz: Eu sou geógrafo humano!

Mas nem todos os humanos são geógrafos, principalmente humanos!

A única maneira de se responder tal questão, está em realizar um retrospecto histórico (resumido), para saber se realmente surgiu a Sociologia, mais especificamente a Sociografia, ou uma geografia verdadeiramente geográfica que enfoca relações humanas.

Nesse exato momento os expoentes da geografia humana vão dizer: Esse cara não estuda geografia! Todo o bom geógrafo humano sabe como surge a geografia humana e do que ela trata.

Então, mais uma vez pergunto: Do quê ela trata? E como ela surgiu?

La Blache pode ter relevado questões do homem estendendo estas à Geografia. Mas foi enfático em estabelecer: Estuda-se o ambiente e não o homem (humanidade). Porque este historiador sabia que a Geografia era e é uma ciência da natureza – geociência. Por mais que se tenha adquirido influências de Ratzel, que era naturalista, mas com uma visão mais proximal sociológica e do momento histórico da formulação territorial prussiana.

"Devemos nos congratular porque a tarefa da colonização que constitui a glória de nossa época seria apenas uma vergonha se a natureza pudesse ter estabelecido limites rígidos, em vez de deixar margem para o trabalho de transformação ou de re-construção cuja realização está dentro do poder do homem."

(La Blache. In: SANTOS, M. "Por uma geografia nova a nova". São Paulo: Hucitec, (1978, p.15)).

Após La Blache, os adeptos desta corrente possibilista, iniciou uma jornada voltada para as questões sociais. E mais uma indagação surge: Quem de fato idealizou uma ramificação sociológica dentro da geocientífica Geografia? Quem foi de fato o responsável por criar a Sociografia? Qual o verdadeiro "pseudo-geosociólogo" que não se preocupou em enxertar categorias no objeto Geografia, desprezando sua própria essência sociológica (a Sociologia)?

Alguns pesquisadores entendem que La Blache definiu a Geografia como auxiliar da História, como relatado por Fabrício e Vitte em sua página 76, in: "Princípios de geografia humana", de Paul Vidal de La Blache. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos, v. 9, n. 1, p. 76-79, 2015 (Deyse Cristina Brito Fabrício(1), Antônio Carlos Vitte(2) Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: deyse_nytzah@hotmail.com 2 Orientador da pesquisa. Professor da Unicamp e pesquisador do CNPq. Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. E-mail: vitte@uol.com.br), que em sua página 76 revela:

"Paul Vidal de La Blache (1845-1918) é uma figura de grande importância para aconstituição da geografia humana na passagem do século XIX para o século XX. Sua obra de destaque para a geografia regional francesa é *Princípios de geografia humana*, publicada postumamente em 1922, por Emannuel de Martonne. Na época de Paul Vidal de La Blache a geografia era encarada como auxiliar da história. Por isso, a geografia lablachiana acaba criando tipologias próprias à geografia, em vias de sistematização, e centra-se no estudo da relação entre o homem e o meio, temática que até a atualidade permanece recorrente, além de retomar discussões em relação ao conceito de *região*, que na geografia também permanece atual.

Entre os conceitos utilizados na obra, vários deles apresentam um viés que se inspira na biologia e no evolucionismo, enquadrados em quatro ideias principais: "organismo, meio, ação humana e gênero de vida" (GOMES, 1996, p. 198)."

La Blache parte do "princípio da unidade terrestre", obedecendo a leis gerais que se encadeiam e se combinam de formas específicas em cada região do globo (p. 30). O meio, por sua vez, seria "dotado de uma potência tal que pode agrupar, e manter juntamente, seres heterogêneos em correlação recíproca" (p. 34). Dessa maneira, "Cada região representa um domínio, onde se reuniram artificialmente seres díspares, que aí se adaptaram a uma vida em comum" (p. 34). Diante dessas noções, emprestadas das ciências naturais, age sobre o meio uma força adicional e influente, a ação humana, sendo que o homem é encarado como um fator geográfico "ao mesmo tempo, activo e passivo" (p. 41). (…)

Por isso, insere-se a noção de contingência: "Os gêneros de vida atuais são, portanto, resultados contingentes dos gêneros de vida anteriores, ao longo de uma cadeia contínua, regida não por uma ideia de necessidade, mas somente de possibilidade" (GOMES, 1996, p. 205). Cada grupo desenvolveu uma forma específica de relação com o meio, mediante várias influências físicas, históricas e sociais. Isso insere ao conceito de gênero de vida um caráter de singularidade." (…).

Como La Blache desprezou as análises estratégicas e de atuação da real Geografia de Estrabão, o que ele desenvolveu na realidade acadêmica, foi a utilização da ferramenta geografia para respaldar evidências históricas e a história como bases para os fenômenos geográficos. Logo; não utiliza a Geografia como auxiliar da História. Estas áreas se complementam e respondem aos fenômenos observados. Pois; La Blache

percebeu que as ocorrências históricas estão diretamente correlacionadas aos fenômenos geográficos. Fundando e difundindo, desta maneira, o curso de Geografia e História, conforme nos mostra "A bomba G.H." (NITSCHE, 2017 p. 29 e 30):

(...) La Blache, antes de se tornar geógrafo, que até este momento, não tem nada de tal área, era historiador. E os pesquisadores e estudiosos deste renomado nos mostra que em sua trajetória profissional dedicou-se aos estudos dos antigos documentos gregos e romanos, quando em viajem à Grécia e Roma. Obtendo, assim, momento propício ao vislumbre das antigas cartas e mapas. Sendo que esta viagem ocorreu no momento em que a França estava envolta no movimento social de valiosa repercussão global.

Este panorama histórico e as oportunidades aproveitadas, por este, possibilitou La Blache a criar e desenvolver uma ciência, que nada mais é que: o aperfeiçoamento e amplificação de estudos sociais, que deveria se denominar de Sociologia. Mas sua visão e autorreconhecimento, fez com que surgisse uma ramificação em uma ciência já estabelecida por Estrabão. Esta denominada de geografia humana, tendo a seguinte formulação:

História + Sociologia + Cartografia = Geografia Humana ou La Blache.

LIRA, Larissa Alves de. Em sua pesquisa "A lição de abertura do curso de história e geografia da Faculdade de Nancy, de Paul Vidal de la Blache: reflexões de um historiador recém-tornado geógrafo." *História, Ciências, Saúde − Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, supl., nov. 2013, p.1377-1391. Nos diz em sua página 1378:

Apresenta-se aqui um texto do francês Paul Vidal de la Blache (1845-1918), de grande importância, tanto por seu valor documental quanto pela precoce e profunda reflexão teórica em que mergulha. Fruto da aula inaugural do autor na Faculdade de Nancy, proferida em 1873 – quase trinta anos antes do célebre Tableau de la géographie de la France – o artigo diz muito sobre a trajetória pessoal do historiador recém-tornado geógrafo. Por extensão, elucida fatores relevantes que participaram da transição por que passava a geografia em finais do século XIX, que a levava não só a uma consolidação institucional como a compor seu espectro teórico dominante. A aliança com uma ciência vizinha, a história – esta já bem posicionada nos quadros universitários – ajudou a tecer as redes político-institucionais em jogo, como também a tradição teórica que fora necessário incorporar e em seguida transformar. A íntima relação entre os jogos institucionais e a epistemologia verifica-se no caso em questão como nos ensina a história social da ciência.

Depois de se tornar doutor e após rápida passagem pela École superieur des lettres et sciences d'Angers, Vidal apresenta ao ministro da instrução pública Jules Simon sua candidatura à cadeira de geografia e história de Nancy, recentemente criada. Sua opção de lecionar em Nancy estava relacionada a questões estratégicas e mobilizou esforços de personalidades como Armand Dumesnil e Adolphe [?] Mourier (os nomes mais importantes da direção do ensino superior na França de então) a fim de convencer o ministro de suas qualidades para ocupar o cargo. O interesse de Vidal não é fortuito. Condições excepcionais rodeavam Nancy. Desde 4 de julho de 1870, a cidade se situava quase na fronteira com a Alemanha1, recebendo exilados das antigas Alsácia e Lorena, sob dominação prussiana. O próprio reitor estava empenhado em transformar a universidade em trincheira dos interesses nacionais franceses (Sanguin, 1993, p.106).

(…) A autora descreve, ainda, que a geografia foi utilizada pelos prussianos para se fazer a guerra. E os franceses não poderiam ficar atrás. Mas na verdade, não é a Geografia, mas sim, do processo de territorialização, servindo este, de respaldo constituinte da construção territorial (território) do povo prussiano. Utilizaram várias estratégias que envolviam o uso da geografia (descrição da Terra). E os franceses,

entenderam que a “Geografia francesa” não poderia se esquivar de tal feito, realizando uma campanha social, embasada em aspectos geográficos, conhecido como unidade das paisagens regionais. Que, na visão dos “geógrafos sociais” franceses, seria a maneira mais eficiente de dominar o povo. E implantar o nacionalismo patriótico nas novas gerações. Mas vamos ver o que de fato esta pesquisadora nos mostra:
LIRA (cont.), *Nessa empreitada, a geografia ocupa papel de destaque: ‘usada para fazer a guerra’ pelos prussianos, cujos soldados apresentavam elevada consciência nacional; cabia, então, à ciência geográfica francesa desenvolver característica semelhante, construindo a unidade das paisagens regionais, num verdadeiro instrumento de educação cívica, além de preparar combatentes com espírito nacional e conhecimento do terreno. O esforço do jovem professor e dos aliados foi o de convencer o ministro de que o historiador poderia ser também um geógrafo à altura das exigências de uma ciência moderna. A transformação de uma geografia histórica clássica em uma disciplina ligada aos interesses nacionais foi demonstrada por Andrews (1986, p.178) como parte da consciência de políticos e reformadores da época, atravessando as discussões da Commission de l’enseignement de la géographie (Comissão de ensino da geografia), ligada ao governo francês.*

Estudos em história da ciência demonstram como se constituíam círculos de afinidades, grupos e intelectuais candidatos a postos acadêmicos na institucionalização da geografia (Berdoulay, 2008, 141-181). Antes da emergência dos vidalianos, o mais prestigioso, e o único que ocupava as poucas cadeiras universitárias, era certamente o círculo dos historiadores, que produzia geografia histórica num estilo erudito, preocupado em reconstituir os lugares e paisagens dos textos antigos. Vidal de la Blache, ainda que tocado pelas ideias de Alexander von Humboldt e Carl Ritter2, pelas viagens de campo que lhe despertaram o gosto pelo terreno (Roma, Oriente Médio, Egito, Argélia e Tunísia), era um historiador de formação – e a necessidade de demonstrar competência nesse antigo estilo fazia parte da tarefa prática que lhe era colocada pelo respeitado círculo dos historiadores-geógrafos. No texto ora divulgado, entretanto, evidenciou-se que a herança dos historiadores, sem ser rejeitada, já se demonstra profundamente transformada. Se as mediações políticas podem servir como filtros às possibilidades epistemológicas, as novas injunções teóricas podem ser profundamente ricas. Para Vidal, já não se tratava de esboçar a geografia da Europa clássica e suas toponímias. Nessa aula inaugural, fica evidente a íntima relação que a geografia mantém e deve manter com a história. Seu objetivo é demonstrar como as causas geográficas contribuem para definir e dar sentido à história. Vidal busca arrolar os fatores geográficos que concorreram para a construção da superioridade europeia. Essa afirmação de superioridade não estaria relacionada com o fenômeno da colonização? Um problema profundamente atual para sua época, portanto.

E toda sua formulação ideológica se embasa nas observações darwinianas, que se insere sobre as sociedades humanas e suas conglomerações, devido aos recursos naturais regionais. Pois; se prestasse atenção aos tratados de Strabo, perceberia tais conceitos e influências.

Em sua página 78, os autores nos informam (FABRÍCIO e VITTE):

“Prosseguindo a análise, é importante lembrar que o conceito de gênero de vida não perpassa a neutralidade, como foi destacado por Lacoste (1997, p. 57). As disputas históricas entre potências europeias, principalmente entre Alemanha e França, inserem as monografias regionais vidalianas como uma tentativa de justificar o imperialismo

francês. Cada país seria considerado uma unidade, com suas várias regiões. As fronteiras seriam algo "dado", demarcadas principalmente por meios naturais, sendo pertencentes à nação desde tempos imemoriais."

Pertencentes à nação, até o momento de esta cair perante seus conquistadores. E na natureza não existe estas delimitações. O território é criado e estabelecido pelo instinto de todos os animais, inclusive o ser humano, que é um animal notocordado e mamífero. Sendo assim, La Blache faz este comparativo com os animais e o homem, porque de fato, este ser desempenha as mesmas funções e está condicionado as condições naturais regionais. E suas análises estão dentro do pensamento dos estudos naturais daquela época.

A ruptura deste contexto se evidencia no momento em que La Blache observa o desenvolvimento das civilizações e das cidades. Conforme nos informa RODRIGUES (2008, p. 86):

(...) divide o estudo geográfico em quadros físicos, humanos e econômicos. Assim, tem-se, por exemplo, nos trabalhos monográficos e regionais: a localização da área, por meio de projeções cartográficas; o quadro físico; como relevo, solo, hidrografia, clima vegetação etc.; a formação histórica de ocupação humana do território; a estrutura agrária; a estrutura urbana; a estrutura industrial etc. Finalmente, apresenta-se uma conclusão, com um conjunto de cartas, objetivando demonstrar uma relação entre os elementos humanos e naturais da região.

Quando se analisa estas categorias, percebemos que não se trata de Ciência Geografia, mas do uso universal da ferramenta geografia para demonstrar e explicar os fundamentos, funcionamentos, estruturações e a descrição da sociedade e/ou sociedades. Porém; os fundadores das ideologias: deterministas e possibilistas, ainda não caracterizavam o ser humano (homem) como um ser social. E nem poderiam, porque suas análises remetem ao movimento naturalista daquela época/de sua historicidade momentânea. E a Geografia sempre foi uma ciência da natureza e não social.

Milton Santos (1986), neste momento nos diz:

"Os possibilistas, assim como os deterministas, não consideravam o homem como um ser social. Os avanços do possibilismo estão em compreender a influência e a capacidade de transformação do homem sobre o meio natural. O que interessava no debate era a ação transformadora do homem, porém, foram deixadas de lado as relações sociais constituídas historicamente e seus efeitos políticos e econômicos sobre o meio. Torna-se famosa na primeira metade do século XX, a polêmica entre deterministas e possibilistas, os segundos arrogando-se o privilégio de incluir a ação do homem e admitindo que os deterministas deram prioridade aos fatores naturais".

Suertegaray (2001, p.4), revela: "(…) em La Blache a geografia é a ciência dos lugares e não dos homens, visto que a preocupação estava em estudar a ação humana materializada sobre o espaço e não as relações sociais e seus efeitos."

Retomando o texto de NITSCHE (2017 p.30 a 50), temos as seguintes observações:

(…) Todas as ciências devem se ater a História e se utilizar dos levantamentos históricos. Não apenas para se conhecer sua origem e/ou fenômenos, mas para estabelecer estratégias evolutivas positivas ao que se refere à própria Ciência, à sociedade em geral e
à defesa nacional. Para não recorrer nas abordagens infrutíferas e/ou erros. Além de relevar importantes aspectos culturais ao se implementar uma delimitação territorial e/ou requisitar à força uma percentagem de uma área do planeta habitado.
Ao se objetivar as questões de mediações políticas e econômicas nacionalistas, associadas ao processo de construção territorial, não estamos desenvolvendo a Ciência Geografia, mas construindo uma nova Ciência que não pertence a ramificação geocientífica, se estabelecendo na área sociológica, recebendo desta forma, um adequado epistemônimo – Sociografia.

Embrenhando-se neste novo mundo, que ele mesmo construiu e se atribuindo o título de geógrafo historiador, cometeu o primordial erro de estudar o lugar/ambiente sem a presença humana. Tal característica nos leva a máxima: "A geografia é o estudo dos lugares". Que vai contra a sua própria formulação desta ramificação, que foi estabelecida/inspiradas graças ao processo inicial constituinte da construção territorial.
Este que vos escreve, entende que a formulação de territórios é uma questão social e não geográfica. Porque, primeiramente que: território não existe na natureza. São linhas imaginárias estabelecidas por acordos, imposições e ações sociais humanas.
Sendo assim, estas linhas podem ser representadas no mapa com linhas retas ou acompanhando feições naturais do relevo. Porque muitos alunos são repreendidos ao realizarem delimitações retas em mapas e cartas. Desde que estas sigam as coordenadas de limites, tanto faz se são sinuosas ou retilíneas. Porque não existe isso na natureza! E as delimitações dos Estados que compõem os Estados Unidos da América (E.U.A.) são os melhores exemplos. Como nos mostra o site: http://arquivosreporter.blogspot.com.br/2016/03/ar-diariolimites-logicos.html

Neste exato momento temos que nos indagar: Mas erro para quem La Blache cometeu? Qual foi de fato este equívoco?
Sua formação de historiador não permite possuir uma visão estabelecida nas análises de campo e nas experiências adquiridas por Strabo. La Blache se espelha em Ratzel. Conforme LIRA (2012, p.42 e 43), in:

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Programa de Pós Graduação em Geografia Humana

O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918)

Larissa Alves de Lira
Orientador: Manoel Fernandes de Sousa Neto

São Paulo, 2012

O próprio Vidal desvela o caráter das contribuições que toma da história. Após ressaltar a riqueza das ideias de Ratzel para o estudo da geografia política e da formação dos Estados, ele censura as fórmulas demasiado sistemáticas cujo "espírito pode mostrar alguma hesitação diante de proposições que parecem afetar uma forma dogmática pouco ligada à relatividade dos fenômenos." (VIDAL DE LA BLACHE, 1898, p. 99)[26].

Esta "relatividade dos fenômenos" faz parte do espírito de contingência[27]. Segundo Berdoulay, essa filosofia preconizava que cada fenômeno humano e natural era resultado de uma combinação de causas muito diversas, não podendo, pois, se reproduzir no tempo e no espaço. *Esse conjunto de princípios foi notavelmente incorporado pelos historiadores* (BERDOULAY, 2008, pp. 208-209). À medida que o homem emancipa-se do meio, as causas de várias determinações se tornam mais complexas, inclusive as geográficas. Sem abandonar a lição de seus mestres (e, lembremos, sem cair nas fórmulas demasiado rígidas de naturalistas como Ratzel), La Blache modera ambas as posições:

> os historiadores [que] se preocuparam em enfatizar as influências geográficas obedeceram sobretudo à ideia de que essas influências, fortes ou mesmo predominantes no início, em seguida se enfraquecem, ao ponto de se tornarem, para muitos deles, insignificantes. Esse não é o ponto de vista do geógrafo. Seguramente, a emancipação por meio da qual o homem se libera, pouco a pouco, do jugo das condições locais, é uma das lições mais instrutivas que nos oferece a história. Mas, civilizado ou selvagem, ativo ou passivo, ou melhor, sempre ao mesmo tempo um e outro, o homem não deixa de ser, em seus diversos estados, parte integrante da fisionomia geográfica do globo.] (LA BLACHE, 1898, p. 99)[28].

> Seria então necessário combinar, com as lições que pedimos à geografia, certos dados extraídos da história. [...]. Em nosso entender, a história não deve se intrometer na geografia, não mais do que esta na história, como um corpo estranho; mas há um proveito recíproco em que essas duas ciências se interpenetrem. Procuramos fundir o elemento histórico na análise geográfica de algumas dessas velhas regiões da Europa (VIDAL DE LA BLACHE, 1889, p. VI)[29]

É forçoso Vidal se destacar entre todos os grupos, como historiador que era e como geógrafo que poderia ser. Estava em seu alcance uma ruptura "ideal" entre a nova geografia e antiga geografia histórica? Tanto do ponto de vista da coerência interna como das tarefas políticas, as vicissitudes de ruptura e permanência parecem mais tênues no despertar da institucionalização da geografia.

Ao se espelhar em Ratzel, suas observações o direcionam a concluir que o homem é produto de seu ambiente. Desenvolvendo o ideológico possibilismo. Sendo que: após o sujeito - Vidal La Blache, inserir categorias de análises históricas, sociais e políticas no objeto Geografia, desenvolve-se um socialismo dentro de uma ciência estabelecida e forjada na essência geocientífica.

Em sua página 66, de LIRA transcreve uma observação de Milton Santos:

Um eminente geógrafo brasileiro, conhecedor da geografia francesa, vai exclamar em 1977: “pode-se dizer que a geografia se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação” (SANTOS, 1977, p. 81). E, apesar de algumas bravatas, o gênio de Lacoste aparecará mais uma vez ao perceber que Vidal de la Blache introduziu a ideia de descrições regionais aprofundadas mostrando as interações ao longo da história do homem e natureza na formação das paisagens (LACOSTE, s/d).

Quanto à circulação, os mesmos olvidamentos. Camille Vallaux trata o princípio da unidade da terra estritamente do ponto de vista da comparação causal de fenômenos distantes (VALLAUX, 1929, p.30) e De Martonne não o erege na condição de princípio da Geografia (DE MARTONNE, 1953). Lucien Febvre é sempre enfático:

> Nessas rotas [econômicas, políticas e religiosas] não é, portanto, a geografia, mas sim a política e a história que se 'exprimem dierectamente'; está-se perante verdadeiras armaduras forjadas na matéria mais resistente possível, por homens preocupados em manter e conservar agrupados os elementos constitutivos de uma formação nacional. (FEBVRE, 1954, p.697).

Tendo as palavras de FEBVRE, como base, pode-se afirmar que: La Blache foi o precursor da ramificação científica - Sociografia, que não deveria pertencer à Geografia e não pertence a esta Geociência. Sua localização na estruturação científica se estabelece nas coordenadas territoriais da Sociologia.

> Que fique muito mal explicado. Não faço força para ser entendido. Quem faz sentido é soldado.
> (Mário Quintana)

Neste momento, amplia-se as críticas à denominada geografia humana com a transcrição parcial do livro “Nietzsche para Nitsche” (NITSCHE, 2017):

Este manuscrito tem o objetivo explícito de demonstrar que as geografias não estão se caracterizando como Geografia, impossibilitando, desta forma, um avanço científico aos estudos concretos do real objeto de estudo (a própria Geografia). Isso vai contra as análises de Milton Santos, que observa este problema como sendo uma questão metodológica, que recai no espaço e não sobre a Geografia. Sendo que esta questão é confrontada em: “Sociografia não é Geografia” (NITSCHE, 2017) e na obra “A Geografia de Schrödinger” (NITSCHE, 2017), onde se demonstra que tal questão não é de cunho metodológico/teórico. Sendo que as questões de formulação de territórios é evidenciada na obra: “Os Sociólogos não descrevem a Terra” (NITSCHE, 2016).

Logo; a finalidade desta obra é embasada nas observações do filósofo e poeta, com a intenção de: desconstruir as bases de sustentação de uma realidade que Nietzsche demonstra com a seguinte frase: “Os homens inventaram o ideal para negar o real”.

(...) Este manuscrito é um análogo às ideias deste filósofo, tendo como base central a obra: "O Crepúsculo dos Ídolos" e as suas demais obras. Desta forma compreendida, iniciar-se-á o processo de desconstrução dos ídolos geográficos, começando pelo primeiro, mas que na verdade, este primeiro, é apenas um reflexo de um ideal que se calca nas bases econômicas – economia política. Que os geógrafos atuais entendem que é a principal fonte de força vital para às suas análises. Porque estas se dão no espaço e como o objeto de estudo das geografias é o espaço...São questões geográficas.

Em sua página 35 (in: A natureza do espaço); Milton Santos discursa:

(...) *"Será possível falar da idade de um lugar segundo outro critério? Por exemplo, será possível um critério propriamente "geográfico"? Os geomorfólogos o fazem. A observação da incidência local dos processos naturais lhes permite datar áreas inteiras, segundo a disposição das camadas que revelam as fases da história natural. Essa observação é frequentemente ajudada pela abertura de cortes, que deixam perceber a natureza das diversas camadas, sua espessura e a ordem de sua superposição. Diante das paisagens elaboradas pelo homem, será possível encontrar um método de observação que produza idêntico resultado? Pode a técnica exercer, em relação à geografia, um papel semelhante ao dos cortes geológicos e geomorfológicos? A materialidade artificial pode ser datada, exatamente, por intermédio das técnicas: técnicas da produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política e, também, técnicas da sociabilidade e da subjetividade. As técnicas são um fenómeno histórico. Por isso, é possível identificar o momento de sua origem. Essa datação é tanto possível à escala de um lugar, quanto a escala do mundo. Ela é também possível à escala de um país, ao considerarmos o território nacional como um conjunto de lugares."* (...)

Isso sempre foi feito pela Arqueologia e também é utilizado pela Antropologia. Posso citar, aqui, o seguinte exemplo: (in: http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2011/03/cientistas-dizem-ter-encontrado-cidade-perdida-de-tlantida.html):

Uma equipe de pesquisadores norte-americanos acredita ter encontrado a cidade perdida de Atlântida. Eles acreditam que a lendária metrópole se localize no sul da Espanha e tenha sido varrida por um tsunami há milhares de anos.

Os arqueólogos e geólogos chegaram à conclusão de que ela fica nos pântanos do Parque Nacional Doñana, a norte de Cádiz. Durante 2009 e 2010, eles utilizaram radares subterrâneos, mapeamento digital e tecnologia subaquática para rastrear o local.

"É muito difícil imaginar que um tsunami consiga entrar 100 km terra adentro, mas é exatamente disso que estamos falando", afirmou Richard Freund, pesquisador da Universidade de Hartford, à Reuters. A hipótese é de que os sobreviventes teriam fugido para o interior e construído novas cidades. No centro da Espanha, Freund descobriu uma série de "cidades memoriais", feitas pelos refugiados à imagem de Atlântida, o que deu mais evidências e confiança aos pesquisadores. Eles pretendem prosseguir as escavações e os estudos na região.

"Encontramos algo que ninguém nunca tinha visto antes, o que dá um reforço de credibilidade, especialmente para a arqueologia, pois faz muito mais sentido", acrescentou Freund. Ele lembrou ainda que há relatos de tsunamis na região por séculos, sendo o maior registrado o que atingiu Lisboa em 1755.

A mesma notícia é dada no site da revista Galileu: http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI311633-17770,00-ANTIDA+E+ENCONTRADA+SOB+O+MAR.html:

Restos de uma antiga civilização foram encontrados sob o mar da Escócia por pesquisadores da ***Universidade de St. Andrews****. Chamada de "****Atlântida britânica****" ou "****Doggerland****", as terras, engolidas pelo mar há, aproximadamente, 8500 anos, se estendiam da própria Escócia até a Dinamarca. Os primeiros sinais da civilização foram encontrados por mergulhadores de companhias de petróleo, que levaram artefatos para a análise de especialistas. Depois de muito estudo, foi concluído que, por lá, deveriam viver dezenas de milhares de pessoas (e mamutes, a título de curiosidade). Acredita-se que a área era um local de uma grande concentração de humanos, talvez a maior da Europa na época. Após um grande tsunami que teria causado a devastação em uma boa parte desse local, ela não desapareceu da noite para o dia, mas foi sendo, lentamente, inundada, em um processo que teria durado séculos.*

E no site descobertas arqueológicas:

Mas parece que o Triângulo jamais para de nos surpreender.

Quem são os responsáveis pela construção de tais monumentos? Como foram eles parar quase intactos no fundo do mar?

É aqui que mais uma vez a ciência oficial entra em conflito com os pesquisadores alternativos.

Apesar de ainda ser cedo, os cientistas afirmam que as ruínas pertencem a uma antiga civilização da América Central do período pré-clássico; já os pesquisadores independentes afirmam que as ruínas provavelmente são de Atlântida, o lendário continente desaparecido mencionado pela primeira vez pelo filósofo Platão.

Observem que o artigo faz uma indagação: Quem são os responsáveis de construção de tais monumentos?

De imediato, entendemos que para se construir um monumento é necessário empreender técnicas e conhecimentos, tanto, dos usos de materiais, bem como, de conhecimentos matemáticos e os demais necessários para se realizar tal obra.

Em breve, os arqueólogos, através das técnicas empregadas por estes povos antigos, revelarão o nome desta civilização e de sua respectiva cidade.

Este pensamento geográfico humano vai gerar, ao longo de sua trajetória existencial, vários ídolos (as diversas geografias). Tendo em mente que o deus maior é a própria geografia humana. Que se utilizando de paralelo analógico com a hierarquia da igreja católica, teremos: Deus – geografia humana e espaço. Jesus é o Espaço Geográfico. Os anjos são os marxistas. As nossas senhoras e as santas são todas as

ciências que as geografias se apropriaram. E os santos são os defensores da humana geografia.
Já perceberam que tudo hoje é de alçada do geógrafo?
Todas as áreas estão agora subordinadas às análises geográficas, mas não apenas como uma base de sustentação hipotética e/ou teórica. Os articuladores conseguem erigir geografias do turismo, da matemática, da música, da economia, dos frutos da psicologia, geologia, enfim; todas as áreas do abrangente conhecimento, entendimento e dos saberes.
(...) Todas as atividades humanas sejam elas, instintivas, conscientes, calcadas em relações de sua própria natureza e fabricadas no âmago social, como as relações econômicas, artísticas e as várias outras que se estabelecem nesse tipo de interpretação, exercem, criam, formam, de maneira direta ou indireta, impactos na/à natureza.

Posso citar como exemplo, a fabricação de um piano. Quantos componentes são necessários para se fazer um piano? De onde vem os materiais?

Do Planeta temos que retirar: árvores, petróleo, minérios e animais. Porque existem vários tipos de pianos, como os elaborados totalmente de plásticos (polímeros), materiais compostos, tais como: madeira, polímero, ferro ou outro metal e ossos.
Logo; no campo da Arte – música, temos relações sociedade natureza, porque além destes impactos, temos a economia que é a responsável direta por isso tudo. E os sociólogos geográficos ainda criam a geografia da música. Devido ao fato da multidiversidade cultural que se estabelece em uma determinada região, lugar ou continente. Sendo que esta pessoa, que comprou o piano, se apresenta em todos os continentes, mas em alguns territórios conhecidos.
Isso explica porque alguém vai construir um piano. E outro alguém a comprá-lo. Ou seja: o fabricante recebe um valor por ter feito o instrumento e o outro, que pagou por ele, receberá uma outra quantia para se apresentar em público e tocar o piano. Logo; são relações sociais puras. É a descrição do funcionamento das estruturas sociais, bem como, da descrição da sociedade em si. E tudo recai no meio de sobreviver e viver além da caverna. Uma frase popular: “Nem relógio trabalha de graça! ”

In: “Conjecturas Geográficas” 2ª. Ed. (NITSCHE, 2016, p.40 e 41) diz:

(...) *“Para alguns autores, como ODUM (1988), consideram a cidade um ecossistema incompleto (heterotrófico), que dependem de grandes áreas, pois seus ambientes de entrada e saída são dependentes de fatores externos e influências sociopolíticas.*
Odum não considera ser possível um sistema autotrófico porque as relações políticas não permitem tal desenvolvimento. Atualmente as cidades não devem ser analisadas em seu núcleo, mas sim em sua área de abrangência, suas influencias e relações - comerciais/econômicas, culturais, religiosas e políticas. Diante de tais anotações, observa-se que as cidades na atual circunstância histórica refletem um sistema autotrófico, pois além das regiões metropolitanas vinculadas ao campo e/ou ao processo de conurbação, evidenciamos uma unificação de áreas, que estão diretamente ligadas e
Administradas pelo núcleo, além de influências de políticas internas e externas. Sendo que, na natureza os ambientes autotróficos naturais, conforme prevê Odum, também são influenciados por politicas ambientais, militares e de infra-estruturas. Logo, não existe mais um Planeta independente, ou ambientes que não sofram com ações/atuações humanas e de suas políticas.
Todos os sistemas complexos dependem de inter-relações dinâmicas externas e internas de sub-sistemas, tais como, fatores variáveis condicionantes que desempenham o

equilíbrio e/ou desequilíbrio do funcionamento do sistema global e/ou maior. Citar-se-á um exemplo de uma das várias estratificações recorrentes nas cidades como: a malha viária, que é formada por vias e ruas, que se integram e geram uma característica modal daquilo que se entende como um fenômeno e/ou atributo urbano, que complementa outros contextos de características físicas e sociais, tais como: pessoas, veículos, sinalização, normas e jurisprudência. Todos estes, desenvolvem e criam o denominado ambiente de tráfego. Este sistema permite o fluxo de pessoal, mercadorias, documentos e dinheiro, dando origem ao ambiente de trânsito, permitindo que outros sistemas possam funcionar, como a coleta, reciclagem e manutenção do lixo, setor financeiro, previdenciário, judiciário, legislativo e executivo, de segurança, educação e saúde pública. Cada sub- sistema/sistemas descritos se interagem e se complementam com outros, originando todos os componentes responsáveis para que existam os ambientes que integrados aos demais, formam e desenvolvem as cidades. Sendo que o sistema viário ficaria comprometido caso houvesse um "apagão" energético ou acontecesse uma calamidade pública e/ou climática, desestabilizando completamente este ambiente. Logo, temos um ecossistema (artificial autotrófico) urbano.

Deve-se salientar que o campo e a cidade estão intimamente ligados, pois; as decisões do uso do solo, aspectos econômicos de produção e manutenção do meio ambiente, são tomadas no âmbito urbano. Inclusive as questões indígenas. Sendo que atualmente, toda a produção "camponesa" é voltada ao lucro, principalmente quando se visualiza o mercado internacional. Pois a tendência é a agricultura e/ou as atividades agropecuárias serem de precisão. Lógico, que ainda existe a produção de subsistência, porém este tipo de cultura deve ser suplantado devido aos avanços tecnológicos e determinações administrativas governamentais futuras. E toda a produção agrária visa o abastecimento das cidades, que no momento presente, só é possível graças aos investimentos econômicos fornecidos pelas cidades, além do fluxo de mercadorias campo/cidade-cidade/campo. E a principal fonte de energia que sustenta ou é responsável pela manutenção existencial das cidades e do campo, é a economia (global ou local), pelo menos até o momento atual. E esta economia é criada pela força de trabalho da sociedade e do fomento e/ou das determinações políticas, gerando o desenvolvimento ou a sua ruína, tanto da sociedade em geral, bem como, da cidade em si. Pois a cidade é um ambiente controlado e criado por nós. Porém, caso haja um fator variável, o desenvolvimento da cidade fica comprometido, podendo gerar as chamadas cidades fantasmas e/ou dependência tutelar política regional distrital, municipal ou federal.

(...) Tudo o que existe atualmente é devido às relações econômicas. Tudo que as pessoas fazem visam interesses pessoais de poder e riquezas. Sendo que Nietzsche já visualizava tal fato em suas obras.

Os seres humanos e seus sistemas, desde antes a época de Nietzsche, se tornaram cada vez mais um rebanho de corruptos e mesquinhos. E tudo que este espécime faz, é realizado por interesse e nada mais. Que na visão do filósofo se expressa:

"A humanidade tornou-se mentirosa e falsa até o mais profundo de seus sentimentos."

Mas o que isso a de haver com a Geografia?

Nada! Isso é Política e Economia (ou política econômica) e sua relação com a sociedade!

Tudo isso é Sociologia! São questões sociais humanas!

O que cabe a Geografia é a descrição do planeta onde o ser humano está, aprofundando seus estudos nas relações sociedade e/com a natureza do planeta habitado. E tal análise, pode ser evidenciada na obra: Sociografia não é Geografia (NITSCHE, 2017, p.23):

"*Deve-se entender, que o território é produzido/criado pelas relações sociedade/natureza, mas a territorialidade é de cunho observacional sociológico, conforme demonstrado na obra: "Conjecturas Geográficas" 2a ed. (2017), transcrevendo-se aqui, suas considerações finais (p.92 a 95): Os geógrafos da atualidade, do inicio do Século XXI, estão embrenhados em desenvolver análises baseadas em (re)leituras, despontando críticas e observações de cunho puramente discursivos, sem a preocupação em desenvolver novas premissas e métodos que possam romper as propostas que vem sendo realizadas até os dias atuais (2016). E garanto, que nada mudará até os idos de 2021, tempo esse, acredito, que haja pequenas inferências e interferências, mas nada tão concreto e que possa gerar uma ruptura extraordinária nos paradigmas que regem as geografias. E o pior...ficam discutindo se geografia é física ou humana, sem se preocupar, em primeiramente, estabelecer seu objeto de estudo. A Geografia tem que se preocupar com o desenvolvimento de teorias e métodos eficazes ao planejamento ambiental."*

Neste momento histórico, estamos vivenciando o florescer de uma guerra mundial, onde a Coreia do Norte e Irã estão realizando testes de mísseis nucleares. Indo contra as reinvindicações dos Estados Unidos da América e contra a Organizações das Nações Unidas (ONU), que no noticiário no site: http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ataque-contra-os-eua-e-inevitavel-diz-chanceler-norte-coreano-na-onu/

"Ataque contra os EUA é 'inevitável', diz chanceler norte-coreano na ONU Ri Yong-ho declarou que Trump está em "uma missão suicida" e que Pongyang vai fazer ele enfrentar as consequências de suas palavras.

O ministro das Relações Exteriores da Coreia do Norte, Ri Yong-ho, declarou neste sábado (23) que as ofensas do presidente dos Estados Unidos Donald Trump contra o presidente norte-coreano Kim Jong Um, tornaram um ataque com mísseis contra os EUA "inevitável".

"Devido a sua falta de conhecimento comum básico e sentimento adequado, ele tentou insultar a dignidade suprema do meu país ao se referir (a Kim Jong-un) como um "homem-foguete", afirmou Ri Yong-ho. Trump chamou o ditador norte-coreano de "homem-foguete" repetidas vezes, inclusive durante seu discurso na Assembleia Geral da ONU.

Além de ameaçar um ataque missilíssimo, Ri Yong-ho declarou que Trump está em "uma missão suicida" e que Pongyang vai fazer de tudo para que ele enfrente as consequências de suas palavras."

Sendo que no site: https://g1.globo.com/mundo/noticia/ira-desafia-eua-e-testa-novo-missil.ghtml noticia que o Irã ameaça os E.U.A., conforme se observa:

"*Irã anunciou neste sábado (23) ter testado com sucesso um míssil balístico com alcance de 2 mil quilômetros, capaz de carregar várias ogivas. O exercício tem potencial para acirrar os atritos com o governo Donald Trump. O anúncio ocorre em meio à tensão com os Estados Unidos, depois de Trump ter ameaçado ser retirar do acordo nuclear de 2015, firmado com o objetivo de tentar frear o programa nuclear iraniano. O presidente americano foi ao Twitter criticar o acordo nuclear. "O Irã fez um teste com um míssil balístico capaz de atingir Israel. Eles também estão trabalhando junto com a Coreia do Norte. Não há muito acordo!", escreveu Trump."*

Este impasse são questões de geopolítica, cunhadas e calcadas em relações exclusivas sociais. Não são relações sociedade/natureza.

Então, o geógrafo diz: Mas você não está vendo que isso são países em luta? Que são representados no mapa e encontrando-se em lugares e continentes diferentes (em diferentes coordenadas)?

E assim respondo: Onde mais você quer que ocorram as relações sociais humanas? Se, no momento atual, o único ambiente que temos para morar é o Planeta Terra? Com exceção do Cisne preto de Popper, que se representa aqui, como sendo a Estação Orbital Internacional. Mas esta, para se manter e salvaguardar a vida dos astronautas, depende de todos os recursos que só a Terra pode oferecer e prover.

E...tem algum geógrafo analisando a relação sociedade/natureza, ao que se refere às interferências desta ISS com o Planeta e a sociedade em geral?

No site: http://ocaosambiental.blogspot.com.br/2007/07/estao-espacial-internacional-jogar-lixo.html

Não é a forma mais adequada de se livrar do lixo, mas a Estação Espacial Internacional (ISS) pretende jogar um refrigerador do tamanho de um container contendo amônia e outra câmara de 90 kg no espaço. Segundo a agência espacial americana (Nasa), não há opção melhor para dar um destino ao material.

Neste exato momento, confirma-se a definição de Geografia de Julio Cesar Vaz Nitsche, in: "Conjecturas Geográficas" 2ª ed. (2017. p.91):

Geociência - que trata das relações ambientais sociais humanas e suas associações interligadas aos ambientes naturais físicos e suas integrações com os fenômenos naturais do espaço morfodinâmico onde o ser humano está e de suas leis.

Sendo que o espaço é conceituado e definido por NITSCHE (2001) como:

Espaço: é a estrutura morfodinâmica que sustenta as paisagens e os ambientes. E só existem dois espaços concretos (não virtuais/idealizados) que são: O Espaço Cósmico e o Espaço Planetário/morfodinâmico.

Neste contexto, o espaço é responsável por criar espaço e absorver mais elementes gerados ou criados pelos seres que nele habita. Ou por elementos naturais responsáveis pela geração de novos ambientes e estruturas.

Diante de tais explanações, conclui-se que: A implementação e/ou inserção da História em uma ramificação que atende as ciências naturais, não interfere negativamente nos estudos. Porém; ao se injetar categorias sociais, que se estabelecem no campo das atividades exclusivamente humanas, desestabiliza a estrutura do arranjo científico da busca pelo saber.

Logo; não interessa o que surge primeiro, mas como se trabalha com as questões geográficas e sociais atualmente. A Sociologia pode ter surgido tardiamente, mas é a ciência das relevâncias sociais e suas aplicações: estruturais, formadora, conceituais, funcionais e descritivas da sociedade.

E tais funções, estão sendo realizadas pela geografia humana. Caracterizando-se, assim, como Sociologia, mais especificamente Sociografia.

Agora que podemos visualizar o sentido do que veio primeiro e de como as geografias se comportam, pode-se adentrar nas questões que desencadeiam tais movimentações de ações sociológicas e não geográficas. Conforme se prossegue:

TERRITORIALIZAÇÃO, TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADE

Logo no início deste manuscrito, foi dito que o processo de territorialização é o responsável pela construção territorial (formação do território). Ao se relatar tal fato, pesquisadores e profissionais que se dedicam à este tema, como os militares e alguns poucos governantes, podem discordar de tal observação. Pois; geralmente o entendimento de tal procedimento, recai primeiramente na constituição do território e depois se estabelece a territorialização.

Diante de tal dilema, embasando-me nas análises de campo (NITSCHE, 1996, 1999 e 2000), foi possível perceber que ocorre justamente dessa forma: territorialização, construção e/ou formulação territorial e territorialidade. Para melhor entender estas afirmações, vamos realizar um retrospecto histórico e conceitual destes significados, além de explanar os contextos que me levaram a tal conclusão. Relevando-se, ainda, a percepção de cada expressão e a sua significância para este que vos escreves.

O ideal seria iniciar e/ou abordar tais conjecturas com as análises de Ratzel, mas neste momento o interessante é observar como os sociólogos geógrafos interpretam o conceito de território e territorialização, mais especificamente, na leitura de: Nathan Zanzoni Itaborahy, em seu texto solto na internet, in: http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/A-Geografia-o-conceito-do-territ%C3%B3rio-e-os-processos-de-territorializa%C3%A7%C3%A3o-das-comunidades-quilombolas.pdf que se intitula: "**A GEOGRAFIA, O CONCEITO DO TERRITÓRIO E OS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: Primeiras Aproximações".**

"O território é um conceito há muito discutido na Geografia. Ele emerge, sobretudo, nos avanços da proposta de Ratzel (1990), que além de trazer o debate territorial para a Geografia (outrora presente somente nos discursos das ciências ditas naturais), o coloca como necessário à reprodução da sociedade e do Estado."

Primeiramente que não há textos de Ratzel em 1990, esta é uma interpretação das leituras deste naturalista por pesquisadores de caráter humanístico, tentando estabelecer vínculos de cunho sociais, mais especificamente, aos estudos sociológicos. E que não desenvolveram uma nova ciência devido a falta de percepção mais apurada dos enunciados de Ratzel e La Blache, no momento em que divergiram as questões de cunho geográfico histórico/social com geográfico natural. Porém; mesmo com este enfoque aos questionamentos e/ou conciliação do homem como elemento natural, estes dois expoentes do pensamento científico, jamais estabeleceram e/ou fundaram uma geografia sociológica. A Geografia é uma ciência da natureza (nas ditas ciências naturais).

Continuando com o referido texto, temos a seguinte passagem:

"A aplicação do conceito na atualidade é, contudo, bastante diferenciada, pois não
só os contextos históricos se alteraram drasticamente, como a própria ciência buscou novos paradigmas, novos métodos e consequentemente novos problemas. Esse conjunto de transformações históricas e epistemológicas propiciou uma (re)criação do modo como se vê e se faz ciência."

In: “A Bomba G.H.”(NITSCHE, 2017 p.5) temos a seguinte abordagem:

“A Geografia, desde os primórdios, sempre foi utilizada para auxiliar na sobrevivência humana, isso está expresso na obra “Conjecturas Geográficas” (NITSCHE, 2017) e “Os Sociólogos não Descrevem a Terra” (NITSCHE, 2016). Tal característica, permite o planejamento, estruturação, desenvolvimento e também a defesa dos territórios. Ou seja: a Geografia não é feita para fomentar ou promover a guerra. Mas o uso da geografia, termo este, muito usado na área dos geógrafos, sendo o mais correto: de geografia, auxilia no planejamento de defesa e ataque (incursões militares), bem como, dos planejamentos de cidades e Estados. Assim como, se preza auxiliadora nos trabalhos de pesquisas da biologia, arquitetura, engenharia, sociologia e tantas outras. Tendo em mente que todas as ciências estabelecem vínculos e se ajudam em um momento outro. Pois; a Geografia se serve da Biologia, Física, História e das demais áreas.

O problema surge quando pesquisadores iniciam o processo de estudos sociais, dentro da fundação de Strabo. Iniciando-se globalmente com as análises de Ratzel, conforme relatado na obra: “Conjecturas Geográficas” (NITSCHE, 2016, P. 22 e 23):

FRIEDRICH RATZEL (30/08/1844 Kalsruhe-Alemanha – 09/08/1904 L. Starnberger): Geógrafo e etnólogo alemão fundador da geografia política moderna ou geopolítica, o estudo da influência do ambiente na política de uma nação ou sociedade. Dele originou-se o conceito de 'espaço vivo' (Lebensraum), que se preocupa com a relação de grupos humanos com os espaços do seu ambiente. Ele lecionou na Universidade de Munique entre 1875 e 1886, e desta data até sua morte foi professor de geografia da Universidade de Leipzig. Seu conceito de 'espaço vivo' foi depois usado pelo Partido Nacional Socialista (Nazista) para justificar a expansão germânica e a anexação de territórios que precedeu a segunda guerra mundial. Hitler, o ditador alemão, inspirou-se nesta visão para elaborar sua teoria “Espaço”.

Ao se buscar novos paradigmas e novos problemas, de imediato, já se desviou do caminho científico. Porque este tipo de conduta nos remete ao artifício de implementar hipóteses para o caso, remetendo-se ao processo de enxerto do objeto pelo sujeito. Quem procura problemas é a Filosofia e a Matemática.

Como, com raríssimas exceções, todo geógrafo sociólogo é adepto de Marx, isso seria um sacrilégio ao próprio. Sendo assim, ou o autor não se preocupou em analisar profundamente o que escreveu, ou simplesmente retratou de fato os fatos.

O pesquisador não deverá se ater à busca de problemas, mas sim, em desenvolver processos de resposta às questões e/ou indagações que possam surgir ao longo de suas pesquisas. O objeto aflorará os fenômenos indagáveis.

No tocante ao enunciado: “Esse conjunto de transformações históricas e epistemológicas propiciou uma (re)criação do modo como se vê e se faz ciência.”

Não recriou absolutamente nada, idealizou-se uma nova abordagem embasada na injeção de categorias, não estabelecidas por Ratzel e abordada por La Blache de maneira cientificamente estabelecida em ambiente natural e não social.

Neste exato momento, deve-se entender que as críticas aos nossos antepassados pensadores, não somente Ratzel e La Blache, mas desde Aristóteles, são injustas. Porque os críticos não relevam o historicismo vivido desses. Logo; não se deve atacar ou defender um filósofo por suas ideias unicamente, porque estas são estabelecidas e moldadas pelo momento do movimento histórico vivido. O julgamento deve ser estabelecido pontuado no período, propiciando assim, o desenvolvimento futuro do presente.

Deve-se salientar que Ratzel era naturalista, tal título abre um leque de atuações científicas, porque naquela época, ainda não havia uma rígida estruturação dos arcabouços doutrinários da aquisição do conhecimento e do saber. Seus objetivos, como pesquisador, se estabelecem nas áreas da zoologia, etnologia, história, jornalismo e geopolítica. Seus enfoques se estabelecem acentuadamente em um campo que poderíamos denominar de "proto sociologia".

Então, algum geógrafo deve indagar e ou afirmar:

Mas e os territórios que compõem o globo? A geopolítica é de cunho geográfico!

A minha resposta: Éra! Porque a Sociologia já se consolidou como ciência.

Todo o processo evolutivo da geopolítica se calcou em análises cunhadas nas ênfases de Ratzel e La Blache, perpetuando um equívoco histórico epistemológico, ao caracterizar que estes dois grandes naturalistas se dedicavam à prospecções humanísticas. Pois; seus enfoques sempre foram no homem terrícola. Eles simplesmente abriram caminhos instintivos ao delineamento, do que deveria ter sido, uma nova ciência e não uma ramificação "humana" em um território geocientífico.

Todo o processo de conquistas, formulação, aquisição, construção, fixação e de perpetuação territorial é de cunho sociológico. E tal fato pode ser comprovado ao se analisar os tratados e acordos, tanto geopolíticos, bem como, locais. Conforme se demonstra:

Foi citado, anteriormente, que a territorialização é a base para se estabelecer o território e este se consolida com a territorialidade. Logicamente que esta conotação nos exige a definição de tais termos e a devida explicação.

Relevando-se os estudos de: Santos, Raffestin, Saquet, Haesbaert, Corrêa, Deleuze e Guattari, Souza, Ratzel e La Blache, esta questão (territorialização) possui postulados divergentes ao se tratar de aspectos do real entendimento de Geografia e da ilusória e genérica geografia humana. Pois; todos os enunciados, explicações e termos utilizados por estes autores ora citados, com exceção de Ratzel e La Blache, são expressões sociológicas orientadas à Sociologia. São abordagens que se estabelecem nos âmbitos da economia, saúde, gestão empresarial e industrial, enfim, áreas que envolvem todas as estruturas, funcionamentos e a descrição da sociedade. Logo; não são termos característicos da ciência Geografia.

Para a pessoa de J.C.V Nitsche, territorialização é um termo de cunho das ciências da natureza, mais especificamente desenvolvido nas dependências da biogeografia. Muito utilizado pelos naturalistas e posteriormente diversificada nas áreas da biologia, paleontologia e geografia física. Depois, foi implementado e/ou enxertado nas células humanísticas, com enfoques distorcidos de sua real atribuição biogeográfica, gerando articulações de pensamentos que remetem ao entendimento de desterritorialização e ainda, de (re)territorialização.

Mais uma vez, chamo a atenção para a urgência em (des)ramificar e/ou desterritorializar a geografia humana e ainda, "(des)nomear" tal epistemônimo, (re)ramificando e/ou (re)territorizando nas ciências humanas/humanísticas sociais com o (re)nome: Sociografia.

A territorialização, para este que vos escreve, é o processo de estudo e/ou acordo que delimitará a porção e/ou proporção de uma área do planeta ou da estrutura morfodinâmica onde o ser humano ou sua sociedade está. E tal procedimento, não

envolve questão de territoriedade, ou de direitos individuais ou de grupos sociais. Pode ser imposto/arbitrário, ou concedido por autoridades superiores ou de alto escalão à um país e até mesmo, ao representante supremo de autoridade global, regional ou local. Com ou sem permissão dos habitantes que lá estão.

Pode-se citar como exemplo os acordos relacionais à exploração espacial e instalações ambientais na lua, que se remete ao estabelecimento e criação de territórios. Conforme nos mostra o artigo do site:
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/27/internacional/1506517918_393120.html

Acordo lunar – Jornal el país:

A Rússia e os Estados Unidos assinaram uma declaração de cooperação para criar uma estação espacial na Lua, que começará a ser construída em meados da próxima década, segundo anunciou hoje a agência espacial russa em nota.

O projeto *Deep Space Gateway* (Portão para o Espaço Profundo) é apoiado pela NASA e consiste de uma estação espacial na órbita do satélite da Terra. O projeto seria o sucessor da Estação Espacial Internacional (ISS), que chegou ao espaço em 1998 com a colaboração dos EUA, Rússia, Europa, Canadá e Japão e que deixará de funcionar em 2024, de acordo com os planos atuais. O acordo mostra uma importante sintonia no espaço entre dois países que protagonizam disputas em campos como a espionagem, a guerra da Síria e a proliferação nuclear da Coreia do Norte. As agências espaciais da Europa (ESA), Japão e Canadá também participam do projeto, que ainda está em fase inicial de desenvolvimento, segundo a ESA. Antes do anúncio de hoje, a Rússia havia expressado sua intenção de construir uma base própria na superfície lunar para treinar seus astronautas para futuras viagens a Marte. A China também anunciou planos de levar à Lua sua própria estação espacial. Parte da declaração, assinada em Adelaide (Austrália) durante o Congresso Internacional de Astronáutica, refere-se às normas internacionais que devem ser aplicadas no futuro. "Pelo menos cinco países trabalham na criação de suas próprias naves tripuladas", afirmou Igor Komarov, diretor geral da Roscosmos, a agência espacial russa. "Para evitar problemas futuros na cooperação técnica, devemos unificar parte das normas, devido à possibilidade de que os diferentes países trabalhem em seus produtos e se juntem à estação internacional na órbita da Lua", acrescentou. O acordo entre Rússia e EUA também inclui o uso dos atuais foguetes russos Próton e Angara na construção da nova base, assim como o foguete de grandes proporções que a Roscosmos está construindo. "Declarações como a assinada em conjunto com a Roscosmos mostram que o conceito de *Deep Space Gateway* é um bom exemplo de exploração espacial factível e sustentável", disse Robert Lightfoot, diretor interino da NASA, em comunicado. O objetivo da nova estação é ser o ponto de partida para as missões tripuladas a Marte e outros destinos do Sistema Solar. Essas viagens seriam realizadas em veículos reutilizáveis com propulsão química e elétrica, para ir e voltar ao planeta vermelho, explicou a NASA. A primeira fase de construção consistiria em levar à órbita lunar os três módulos da estação – um para gerar energia, outro para abrigar os astronautas e o terceiro para conter laboratórios similares aos da ISS. A instalação será uma colônia onde os astronautas poderão se entreter no caminho a Marte e onde testarão todas as tecnologias necessárias para essa meta. Também será a nave de apoio para missões de exploração lunar, tripuladas ou não. O foguete SLS (em construção pela Nasa), o mais potente do mundo, será o elo entre a Terra e a Lua, com as cápsulas Órion, cujos propulsores e sistema de suporte vital foram projetados pela ESA.

A nova estação terá três módulos – um para gerar energia, outro para abrigar os astronautas e o terceiro para conter laboratórios similares aos da ISS. Uma vez concluída a base, no final da próxima década, será realizada uma missão tripulada de um ano ao Deep Space Gateway para mostrar que todas as tecnologias necessárias para viajar a Marte estão prontas (imagem internet).

Ou pode-se recorrer ao que está mais próximo de nós, que é a territorialização da Antártica. Ancorando-se nestes argumentos, observamos que primeiramente reúne-se partes interessadas (países) para traçar, no mapa, linhas delimitadoras territoriais. Conforme nos informa FERREIRA (2009), O Sistema do Tratado da Antártica: evolução do regime e seu impacto na política externa brasileira. In:, Felipe Rodrigues Gomes. O sistema do tratado da Antártica: evolução do regime e seu impacto na política externa brasileira / FERREIRA, F.R.G. Dissertação (Mestrado) - Instituto Rio Branco. 2005. Onde nos informa, na sua página 46: Como resultado, o documento assinado em 01 de dezembro de 1959 (entrou em vigor em 1961) em Washington é um primor da chamada "ambiguidade criativa", especialmente o Artigo IV, pedra fundamental do Tratado, que suspende o litigioso territorial antártico indefinidamente:

ARTIGO IV

1. Nada que se contenha no presente Tratado poderá ser interpretado como:

a) renúncia, por quaisquer das Partes Contratantes, a direitos previamente invocados ou a pretensões de soberania territorial na Antártida; b) renúncia ou diminuição, por quaisquer das Partes Contratantes, a qualquer base de reivindicação de soberania territorial na Antártida que possa ter, quer como resultado de suas atividades, ou de seus nacionais, na Antártida, quer por qualquer outra forma; c) prejulgamento da posição de qualquer das Partes Contratantes quanto ao reconhecimento dos direitos ou reivindicações ou bases de reivindicação de algum outro Estado quanto à soberania territorial na Antártida.

2. Nenhum ato ou atividade que tenha lugar, enquanto vigorar o presente Tratado, constituirá base para programar, apoiar ou contestar reivindicação sobre soberania territorial na Antártida, ou para criar direitos de soberania na Antártida. Nenhuma nova reivindicação, ou ampliação de reivindicação existente, relativa à soberania territorial na Antártida será apresentada enquanto o presente Tratado estiver em vigor.

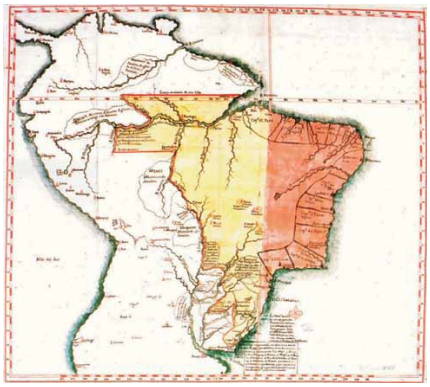
Milton santos repudia ou, pelo menos, nos adverte para o uso de analogias, ao se tratar das ciências naturais com as sociais, principalmente ao se inferir relações animais com as humanas. Mas nós somos animais! E como todo o animal, a territorialização é o primeiro passo para o sucesso da sobrevivência e da perpetuidade da espécie.

A única diferença, é que os seres vivos (não humanos) iniciam este processo através de secreções e exalações. Alguns indivíduos são providos de glândulas

odoríferas utilizando-as para demarcar seu terreno de sobrevivência e/ou procriação. Após este procedimento, se estabelecerá definitivamente seu território.

Outro importante aporte contribuinte das questões que ora exponho, são os tratados geopolíticos, como o tratado de Madri, assim representado:

Mapa- tratado de Madri:



Fonte: FERREIRA, M. C. "**O Mapa das Cortes e o Tratado de Madrid a cartografia a serviço da diplomacia The Mapa das Cortes and the Treaty of Madrid cartography and diplomacy in Portugal."** VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p.51-69, Jan/Jun (2007 p.67).

Para a Geografia, a territorialização se estabelece nas questões sociedade/natureza integralmente, sem aprofundar-se nas questões sociais puras. Entendendo-se, assim, que a territoriedade (defesa, manutenção, formulação de mais territórios dentro do mesmo e estabelecimento deste território) é de cunho sociológico, pertencente à atuação humanística social-Sociografia.

Diante de toda a história epistemológica desta denominada geografia humana, percebemos que na época de La Blache, ainda havia uma geografia voltada à natureza e suas relações com o ser humano. Depois foi se aprimorando dentro de um contexto sociológico muito restrito, desprezando as considerações de Strabo e atuando de maneira vicinal aos aspectos sociais. Caracterizando, assim, uma Sociologia - sociográfica e não mais uma Geografia. Porque a relação sociedade com a natureza, foi calcada nas questões econômicas e suas implicações no cotidiano dos seres humanos, além de relevar categorias que se expressam e se formam nas estruturas, funcionamentos, caracterização e descrição das sociedades. E tal abordagem não é característica e função da Geografia. Isso é de atribuição da Sociologia.

Este que vos escreve tem a percepção que o estudo da relação sociedade natureza deve ser desenvolvido em âmbito geocientífico e não social. Ou seja: quem estuda a sociedade é a Sociologia.

Os estudos atuais descaracterizam a Geografia e desestabiliza a estruturação científica. Pois; nada mais são que: o uso da ferramenta geografia para demonstrar, conceituar e desenvolver estudos sociais.

De todo o abordado, o mais importante não é realizar (re)leituras e voltar sempre aos idos dos Séculos XVI a XX, mas estabelecer novas abordagens de cunho exclusivamente geográfico. Tendo em mente, que, já existe a Sociologia.

E para finalizar estas observações, transcrevo neste momento, o mais simples exemplo de relação sociedade com a natureza, que é um de meus preferidos, in: “Sociografia não é Geografia” (NITSCHE, 2017 p.23):

Um exemplo bem simples de relação sociedade/natureza encontra-se na página 61 do boletim SBMET, de novembro de 2005, que recebe o título de: "ONDAS DE MONTANHA E A SEGURANÇA NAS OPERAÇÕES AÉREAS NA ANTÁRTICA". (Marcelo Romao, Alberto Setzer e Francisco Eliseu Aquino).

(...) "por exemplo, a existência de uma nuvem lenticular alta do genero Cirrocumulus da a ideia e que a turbulência esta se estendendo por muitos milhares de pes acima das montanhas. Outro fenômeno importante e a corrente de jato (*jet stream*),pois mesmo ocorrendo em grandes altitudes estes fluxos de ar podem gerar OMs e rajadas Na região da Estacão Antártica Comandante Ferraz (EACF), tem-se elevacoes de mais de 600 m de altitude (Figura 2), com alinhamento de NE para SW, e ventos máximos que podem atingir facilmente 70 nos (Figuras 3a e 3b). Os pilotos devem dar a devida atenção quando voarem em situação onde ha presença de ventos superiores a 20 nos ou nuvens lenticulares na área.

Deve-se mencionar, que estas relações possuem propriedades invisíveis, mas que existe e faz parte da natureza pura, bem como, relações virtuais (não invisíveis e/ou existentes na natureza) – produzidas na forja (local/oficina de fundição) social.

A Geografia é e sempre foi a Ciência das relações humanas com a natureza (relação do homem/sociedade onde ele(a) está).

Como se pôde observar, estas relações estão condicionadas aos fatores climáticos. O emprego desta pesquisa, possibilita soluções para esta questão, como a implementação de radares DOPPLER e sistema de sinalização visual e radiotransmissor, para auxiliar os pilotos.

Sendo assim conceituado, afirma-se que a geografia humana (descrição da Terra humana) não existe. É maya...uma ilusão em todos os sentidos, emoldurada na parede da ausência perceptiva de fundamentos concretos nietzschianos, recaindo na máxima: “os homens inventaram o ideal para negar o real”. Sendo que este real, é a falta de coerência imaginativa para se criar e desenvolver duas novas ciências que seriam: Sociografia dentro da Sociologia.

Tal análise, direciona a geopolítica aos campos sociais e não geográficos. Porque é a Sociologia se utilizando da ferramenta geografia. Desta forma dita, o enunciado “geografia” não se caracteriza como a descrição do Planeta e/ou planetas, mas se atribui a descrição da terra (do terreno horizontal) e seus limites demarcados por acordos sociais (território).

Ao se estabelecer uma visão horizontal, estamos analisando aspectos sociais e não pertencentes aos geográficos científicos da Geografia. Logo; a Geografia possui visão global dos fenômenos e a Sociologia se nutre planisfericamente destes.

Este tipo de abordagem, direciona a geografia para o ensino fundamental e médio, com características vertiginosas ao seu real atributo. Chegando nas escolas e aos alunos como Sociografia, criando trabalhos e tratados de estudos sociais e não geográficos.

Deve-se ressaltar que: a visão holística, deve ser empregada “como um funil”, conotando um olhar afunilado, partindo do geral para o local. E tal interpretação vem sendo desenvolvida nas ciências geoambientais desde os idos de 1990. Somente desta forma, será possível estabelecer parâmetros de análises úteis e eficazes ao planejamento e/ou preservação ambiental. Pois; como mencionado na obra “Três Barras do Paraná” (NITSCHE, 2000): “Especializar-se em uma determinada área é importante, mas não se deve perder a visão global dos fenômenos.” Simplesmente porque problemáticas

pontuais estão diretamente relacionadas com questões globais. Sendo que esta interpretação foi formulada e defendida pelos seguidores da corrente geossistêmica. Após descartar as influências globais que não afetam o local, o que restar, serão as categorias de análises e/ou questões a serem resolvidas. Sendo estas, estabelecidas na relação sociedade/natureza etereamente.

E para finalizar este assunto sobre guerras e rivalidades, vou te mostrar o que diz o livro: A bomba G.H. (NITSCHE (2017):

Mas os motivos que levam o militar brasileiro à guerra, que além da emoção, são estabelecidos no compromisso e em seu juramento à bandeira. Ou seja: as obrigações e o seu amor à Pátria. E tal atitude e pensamento, evidencia-se na canção do Exército, mas que recai em toda a Força Armada Brasileira, conforme a letra nos mostra:

Canção do Exército

Nós somos da Pátria a guarda, Fiéis soldados, Por ela amados. Nas cores de nossa farda Rebrilha a glória, Fulge a vitória. Em nosso valor se encerra Toda a esperança Que um povo alcança. Quando altiva for a Terra Rebrilha a glória, Fulge a vitória. A paz queremos com fervor, A guerra só nos causa dor. Porém, se a Pátria amada For um dia ultrajada Lutaremos sem temor.
Como é sublime Saber amar, Com a alma adorar A terra onde se nasce! Amor febril Pelo Brasil No coração Nosso que passe.
E quando a nação querida, Frente ao inimigo, Correr perigo, Se dermos por ela a vida Rebrilha a glória, Fulge a vitória. Assim ao Brasil faremos Oferta igual De amor filial. E a ti, Pátria, salvaremos! Rebrilha a glória, Fulge a vitória.
A paz queremos com fervor, A guerra só nos causa dor. Porém, se a Pátria amada For um dia ultrajada Lutaremos sem temor. (Fonte: *Livro Hinos e Canções Militares, Edição de 1976).*

Não há como descrever este ideal dos militares seja de qual país for. Mas há forças mercenárias e paramilitares, que não são alimentadas pelas mesmas razões e/ou idealismo.

(...)

Senhores; não vos esqueceis dos homens da guerra. Pois; o Brasil um dia devotou-lhes grande missão.
(Gen. Mandin)

Trecho – CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO
(Música: Spartaco Rossi – letra: Guilherme de Almeida)

Você sabe de onde eu venho ?
Venho do morro, do Engenho,
Das selvas, dos cafezais, Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco, Dois é bom, três é demais, Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas, Do pampa, do seringal, Das margens crespas dos rios,
Dos verdes mares bravios
Da minha terra natal.

In: Conjecturas Geográficas 2ª ed. (2017, p. 28), encontramos a seguinte mensagem:

A arqueóloga Marta Mirazón Lahr (Universidade de Cambridge), descobriu um sítio em Nataruk, no Quênia – África:
In: https://www.youtube.com/watch?v=05jK_-YThxY - "print screen" (2017). Este é o local da mais antiga batalha travada de que se tem evidências científicas. Tal afirmação, pode ser confirmada pela própria pesquisadora, que no mesmo site https://www.youtube.com/watch?v=05jK_-YThxY, comenta suas análises. Conforme seus informes, a datação radio-carbono, dos ossos encontrados, estabeleceu a idade entre 9.000 a 10.000(+/- 5000) anos.

Este texto ora transcrito, também deve ser corrigido, a data é: *entre 9.000 a 10.000(+/- 500) anos.* Logo; este é o momento do primeiro ato de guerra (cientificamente comprovado) travada devido à comodidade e preguiça de um povo, contra àqueles que trabalharam arduamente para conseguir suas provisões.

Estes povos, se não fossem seres humanos (*homo sapiens*) poderiam ter se unido e trabalhado conjuntamente para desenvolverem um ambiente mais propício a auto sustentabilidade de suas comunidades.

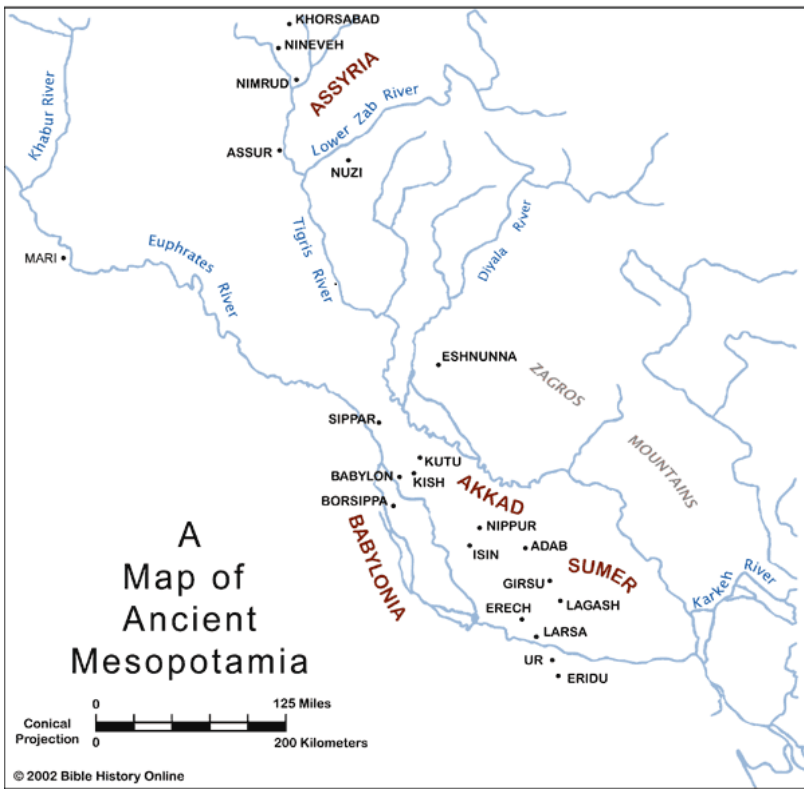
Nesta guerra não houve a presença da Geografia e muito menos da geografia, foram questões sociais puras. Que alguns geógrafos podem contestar dizendo:
"Mas o clima, a topografia, a qualidade do solo, enfim, todas as características geográficas contribuíram para que a tribo vizinha não conseguisse os mantimentos e invadissem o território alheio, porque o próximo não quis dividir suas provisões (alimentos, vestimentas, ferramentas e outras).

Essa ideia já se descarta no momento que visualizamos que são tribos vizinhas. Logo; possuem as mesmas condições de sobrevivência. E não existe registro arqueológico e/ou evidencia científica que dê respaldo à inferência de que tentaram uma união ou pedido de ajuda ao grupo vizinho. Levando-se em consideração que tais ações antecede o uso de grupos organizados e preparados para a guerra.

A bibliografia consultada relata que os primeiros povos a se utilizar de tropas ou grupos preparados, para o combate fora, os povos que viviam na região conhecida como "entre rios", termo utilizado pelos romanos, na época de Alexandre Magno (Séc. III a.C.), que passou a ser conhecida como Mesopotâmia no Século XIX d.C .

Embasando-me nos relatos históricos infiro que já existia um grupo de pessoas, preparadas para o combate organizado, datando de aproximadamente 6.000 a 7.000 a.C. Mas garanto, que a Arqueologia ainda tem muito para nos mostrar, com relação aos povos que hoje conhecemos.

E tenho a convicção que muitas surpresas nos aguardam, mais especificamente, no que se refere a povos mais antigos dos que os registrados atualmente.
Sendo que os povos da Mesopotâmia foram os primeiros a desenvolver um exército.



(Fonte: Internet – 2017)

Conforme BURNS, E. M. "História da Civilização Ocidental", (trad. Lourival Gomes Machado e Leonel Vallandro) 2ª ed. 5ª impress. Vol.1 Editora Globo – Rj. Poa. SP. (1966, p. 99 a 102):

(...) Mais ou menos em 2.550 a.C. os sumerianos foram dominados por Sargão I, chefe de uma nação semítica que se havia estabelecido numa região do vale conhecida por Acad. Foi esse o prelúdio da fundação do primeiro grande império semítico na Ásia Ocidental, pois logo depois Sargão submeteu os elamitas e todos os outros povos do norte da Síria até o Mediterrâneo.

Mas como tantos outros estados que tiveram suas raízes na conquista, esse império foi de curta duração. A morte de Sargão foi o sinal para a primeira de uma série de revoltas sumérias. Não obstante serem essas revoltas sufocadas, enfraqueceram o estado e abriram o caminho para a sua destruição pelos guti, um feroz povo bárbaro do norte.

Finalmente, cerca de 2.300 a.C., os sumerianos, tendo à frente a cidade de Ur, rebelaram-se com sucesso contra o governo dos guti e estabeleceram seu poder sobre todo o território de Sumer e Acad. O mais famoso rei do novo estado foi Dungi, que se atribuiu o grandiloqüente título de "rei das quatro regiões da terra" e tentou repetir as façanhas militares de Sargão I.

O novo império sumério não sobreviveu à morte de Dungi. Foi anexado pelos elamitas no século XXI e, mais ou menos no ano 2.000 a.C., conquistado por um povo semita conhecido pelo nome de amoritas, que vieram das orlas do deserto da Arábia. Desde a época em que fizeram da povoação de Babilônia a capital de seu império, são comumente chamados babilônios ou antigos babilônios, para distingui-los dos neobabilônios ou caldeus, que ocuparam o vale muito mais tarde.

A ascensão dos antigos babilônios inaugurou a segunda fase importante da civilização do Tigre-Eufrates. A dominação dos sumerianos encerrara-se nessa época, embora sobrevivesse grande parte da sua cultura. (…).

(Fonte: Internet, 2017)

Tendo como base este relato pode-se inferir que Sargão I detinha o conhecimento estratégico e tático de batalha e possivelmente empregava uma formação tática especializada em combate. E para consolidar suas vitórias seria necessário possuir um exército.

BURNS (Seg. p.102) *(...) Através da maior parte de sua história os sumerianos viveram numa frouxa confederação de cidades-estados, unida unicamente para fins militares. À frente de cada uma estava um patesi, que acumulava as funções de primeiro sacerdote, comandante do exército e superintendente do sistema de irrigação. Ocasionalmente, um desses governadores, mais ambicioso, teria estendido seu poder sobre um certo número de cidades e assumido o título de rei. No entanto, foi só na época de Dungi, mais ou menos em 2.300 a.C., que todos os sumerianos se uniram sob a autoridade única de um chefe da sua nacionalidade. O sistema econômico sumério era relativamente simples e ensejava um campo mais largo aos empreendimentos individuais do que geralmente se concebia no Egito. A terra nunca fora propriedade exclusiva do rei, quer na prática, quer teoricamente. Nem o comércio nem a indústria constituíam monopólio do governo. Por outro lado, as massas populares pouco tinham que pudessem considerar de sua propriedade. (...)*

Ao se analisar este enfoque de Burns (p. 99 a 102), de imediato percebemos as relações entre: História, Economia, Sociologia, Geografia e geografia. Além da Cartografia.

A história - é estabelecida com base nos estudos arqueológicos e antropológicos da região.

Economia – Através dos levantamentos históricos, retratando o sistema de comércio, indústria e agricultura.

Sociologia – A forma de estruturação, função e organização da sociedade, além da descrição da mesma.

Geografia – São as relações entre a sociedade e os impactos causados por está na natureza e vice-versa, que ocorriam naquela época.

E a geografia – que se expressa na descrição das áreas e na configuração da região em estudo, que é utilizada por todas as ciências envolvidas.

Cartografia – É a ferramenta utilizada para propiciar o mapeamento/configuração da área e suas representações, que todas as ciências envolvidas também a utilizam.

Ao passar dos tempos, multiplicidades de guerras foram travadas, mas para não se adentrar e prolongar com resumos de longa duração histórica de lutas e guerras, vamos realizar um salto histórico, para 700 A.C., conforme relata o site: http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/geneticistas_estimam_data_de_publicacao_da_iliada.html que nos informa:

O texto é a "Ilíada", de Homero, e seu autor – se existiu – provavelmente escreveu a obra em762 a.C., com uma margem de erro de 50 anos, descobriram os pesquisadores. A "Ilíada" conta a história da Guerra de Troia – se é que a guerra ocorreu – entre gregos e troianos.

É mais fácil acreditar em políticos do que em uma história! Muitos pesquisadores acreditavam que Jericó não existia... (J.C.V. Nitsche)

Mas voltando ao assunto:

Em seu manuscrito (Texto integral da Ilíada, na tradução de Odorico Mendes, revisado e digitalizado por Sálvio Nienkötter, e disponibilizado na web pelo grupo Quatro Contra Tróia iliadadeodorico.wordpress.com - Versão para eBook eBooksBrasil/ Exilado (Epub e Kindle), 2009 Homero), em seu prefacio (p.52) o Pe Auguso Magne nos diz: "*A pessoa de Homero está para sempre imersa nas trevas impenetráveis da lenda. Ignoramos quando viveu; não sabemos que terra privilegiada lhe ouviu os primeiros vagidos. Apenas nos conta que várias cidades da Iônia — e outras ainda — disputavam entre si honra tão subida. Uma tradição mais persistente e quiçá menos remota da verdade o dava como natural de Esmirna, onde teria nascido por volta do século IX ou VIII antes de Cristo; dizia mais que, embora natural de Esmirna, exercera a maior parte de sua atividade na ilha próxima de Quios, onde, efetivamente, em tempos históricos, lhe era prestado culto, e que mantinha uma escola de rapsodos chamados Homérida, ou seja "descendentes de Homero". Venerandas tradições representavam-no como um velho cantor, pobre e cego que, peregrinando de terra em terra, recompensava a quem o agasalhava com a declamação dos seus poemas. Mas este quadro é pura fantasia a que não corresponde personalidade individual. É apenas a figura idealizada dos rapsodos perambulantes, de que Homero era tido como protótipo.*

Se da pessoa do poeta nada sabemos, não é menos impenetrável o véu que encobre a composição dos poemas e sua autoria. Com efeito, já entre os antigos havia profundo desacordo no tocante às obras de que Homero teria sido autor; duvidavam se eram dele tanto a Ilíada como a Odisséia, ou apenas um destes dois poemas; e bem assim se lhe pertenciam ou eram de outros poetas as epopéias que integram o chamado ciclo épico — a Tebaida, os Epígonos, os Cantos Cíprios. Tudo isto deu origem a um grave problema, a que se costuma dar o nome de "questão homérica", problema que deita as suas raízes já na própria antiguidade e que tem por objeto delimitar a produção genuína de Homero. A princípio, além dos Hinos e de poemas menores como o Margites e a Batracomiomaquia, eram, sem discriminação alguma, atribuídos a Homero quase todos os poemas do ciclo épico. Assim, por exemplo, o poeta elegíaco Calino, que viveu no século VII antes de Cristo, dava Homero como autor da Tebaida.

Em sua página 54 e 55 nos é revelado: (...) *Tanto a Ilíada como a Odisséia constam de vinte e quatro livros ou cantos. Esta divisão, conquanto não primitiva, talvez seja anterior aos gramáticos alexandrinos, a que se costuma atribuir.*

* * *

A Ilíada é a epopéia da conquista de Ílio, nome com que, na mais remota antiguidade, era designada a cidade de Tróia. Em poucas linhas, é o seguinte seu entrecho. Causa da guerra foi, segundo a lenda, o fato de Páris, filho de Príamo, rei de Tróia, haver raptado a jovem Helena, esposa do príncipe grego Menelau. Já corria o décimo ano da guerra, quando se produz violento dissídio, nos arraiais helênicos, entre o jovem chefe tessálico Aquiles e o poderoso rei de Argos, Agamemnon, comandante supremo de todos os Helenos ou Aqueus confederados para conquistar Ílio. Agamemnon rapta a Aquiles a jovem cativa Briseida, que lhe fora dada em prêmio de seu valor e à qual dedicava profundo afeto. Aquiles, dominado da mais violenta indignação, declara que, dora em diante, tanto ele como seus valentes guerreiros Mirmidões hão-de desistir da luta, enquanto a mãe dele, a deusa marinha Tétis, consegue de Zeus, supremo regedor dos homens e dos numes, a promessa de que fará pagar caro a afronta feita ao herói. Com efeito, Agamemnon, enganado por sonho falaz de Zeus, se apronta para desfechar sem Aquiles o ataque decisivo. Antes de tudo, tenta, pouco oportunamente, as disposições do exército, onde, por pouco, alastra a revolta, sofreada graças a Ulisses, que fustiga o insolente e rebelde Tersites e lembra o oráculo dado por Calcas em Áulis, segundo o qual Tróia devia cair após dez anos de sítio. Abalando os dois exércitos adversos para o campo da luta, Heitor, herói principal dos Troianos, propõe que a sorte da guerra seja decidida mediante um duelo entre seu irmão, o formoso Páris, raptor de Helena, e o rei de Esparta e irmão de Agamemnon, Menelau, que, para reaver a esposa, coligara contra a Ásia todas as forças da Grécia. Neste imponente cenário, aparece o venerando rei de Tróia, Príamo que, ladeado dos filhos Heitor e Páris e da própria Helena, contempla do alto de uma torre o exército grego e cada um de seus chefes, apontados por Helena. O duelo, no entanto, não leva ao desempate operado porque Páris, no momento de sucumbir, é arrebatado, envolto em nuvem, por sua protetora Afrodite e um frecheiro aliado dos Troianos, Pândaro, fere traiçoeiro a Menelau com uma frecha. Então se desencadeia furiosa batalha (cantos V-VII). Sente-se que os Troianos, culpados de traição, devem levar a pior. Estão para vencer os Aqueus, dentre os quais especialmente Diomedes, amparado por Atena, faz prodígios, chegando mesmo a ferir Afrodite e Ares, protetora de Tróia.

Trecho do Livro I (p.59):

Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles
A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos,
Verdes no Orco lançou mil fortes almas,
Corpos de heróis a cães e abutres pasto:
Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem
O de homens chefe e o Mirmidon divino.
Nume há que os malquistasse? O que o Supremo
Teve em Latona. Infenso um letal morbo
No campo ateia; o povo perecia,
Só porque o rei desacatara a Crises.
Com ricos dons remir viera a filha
Aos alados baixéis, nas mãos o cetro
E a do certeiro Apolo ínfula sacra.
Ora e aos irmãos potentes mais se humilha:
"Atridas, vós Aqueus de fina greva,
Raso o muro Priâmeo, assim regresso
Vos dêem feliz do Olimpo os moradores!

Peço a minha Criseida, eis seu resgate;
Reverentes à prole do Tonante,
Ao Longe-vibrador, soltai-me a filha."

Ao se avaliar este quadro, observamos que toda a guerra é de cunho social e pessoal individual e não são questões geográficas ou que recaia sobre a Geografia. Exceto se nos atribuirmos da denominada "geografia da música", "geografia da história", "geografia das Artes" e "geografia da religião". Sendo todas estas e suas demais que surgirem, nada mais são que: funcionamento, estruturação e descrição da sociedade, relevando-se de fatores e atribuições históricas.

Todo o enredo se justifica devido ao ego do espírito humano. Não são relações comerciais, não possuem conquistas territoriais e não tem respaldo em aspectos geográficos. Logo; não se pode inferir que se trata de pretexto para tomada de cidade por questões estratégicas, econômicas ou de territorialidade. Porque o texto não se refere a isso. Mas a História se utiliza da geografia para mostrar onde as coisas acontecem, qual a origem e a localização final desta disputa. Porque é o único ambiente para se viver, este Planeta o é.

O problema da ciência hoje, não estou me referindo única e exclusivamente das geografias, mas da Ciência em si, é: Inferir ou se utilizar de achismos, além de se utilizar de hipóteses para o caso. Enxertando o objeto de estudo sem que o objeto forneça as categorias. Tentando resolver questões imediatamente, no menor tempo possível, desprezando provas ou evidências que possam contradizer a moda científica do momento. Que no caso das geografias é o espaço como objeto de estudo. Saindo destas análises, vamos avançar para 400 A.C., idade onde encontramos um grande estrategista conhecido como Sun Tzu e 100 anos após Sun Pin, que ora se referência: "A ARTE DA GUERRA". Edição Completa SUN TZU - SUN PIN. *Tradução para o inglês, introdução e comentário de* Ralph D. Sawyer *Colaboração de* Mei-chun Lee Sawyer. *Tradução a partir do inglês de* Ana Aguiar Cotrim – sem restrições (PDF, 2012, São Paulo), nos informa em sua página 23:

Como já foi mencionado, na época de Sun Tzu, a prática e o escopo da guerra haviam se desenvolvido suficientemente para pôr em risco a existência de praticamente todos os estados, tanto grandes quanto pequenos. Muitos já haviam perecido; inúmeras famílias governantes haviam sido dizimadas e seus povos subjugados; outros sobreviveram, embora enfraquecidos e somente através de habilidosas manobras políticas e submissão servil. Por conseguinte, em meio ao tumulto do final do período de Primavera e Outono, Sun Tzu percebeu que mobilizar a nação para a guerra, conduzir o exército para a batalha e arriscar a destruição do estado só poderiam ser empreendidos com o máximo de sobriedade. As palavras com que inicia A arte da guerra enfatizam sua importância decisiva: "A guerra é a empresa essencial do estado, a base da vida e da morte, o Caminho para a sobrevivência ou a extinção. Deve ser profundamente ponderada e analisada."

Diferentemente de incidentes históricos em que os reis conduziam as tropas à batalha apenas por divertimento, ou das políticas propostas pelos Legalistas, nas quais as medidas militares são vistas simplesmente como mais um modo de ampliar a riqueza e a prosperidade do estado, Sun Tzu enfatizava que não se deve empreender a guerra senão quando o estado é ameaçado. Além disso, nunca se deve permitir que a precipitação, o medo de ser rotulado como covarde e emoções pessoais, tais como exasperação e ódio, influenciem adversamente o estado e determinem a tomada de decisão. O exército não pode ser simplesmente lançado a um confronto, impulsionado para a guerra ou mobilizado sem necessidade. Ao contrário, caso se veja ameaçado,

mas incapaz de organizar uma reação vitoriosa, deve-se exercitar a moderação enquanto se tomam medidas para assegurar que o exército não possa ser derrotado.
Sendo que na mesma página encontramos a visão de Sun Pin: *concluiu que o conflito surgira nas névoas da antiguidade, era inerente à condição humana e permanecia inevitável. Apesar dos enormes esforços, os choques armados continuaram a se intensificar, porque a Virtude, ainda que essencial e fundamental (como sugeriram os confucianos), mostrouse incapaz de controlar o mal até mesmo no período dos lendários Imperadores Sábios, os incomparáveis paradigmas de perfeição da China.*

Observem, caros leitores, em nenhum momento Sun Tzu menciona a geografia, ou que a guerra deve ser uma questão primariamente geográfica. Seus apontamentos sempre se embasaram nas questões humanas, utilizando-se no campo de batalha da geografia. Mas nunca da Geografia, até este momento presente. E tal característica é evidenciada na obra "Os Sociólogos não descrevem a Terra" (NITSCHE, 2016, p. 31) e na página 25 da obra de Sun Tzu e Sun Pin:

Como ele postulou em "Combate militar": "Quem não conhece os planos dos senhores feudais não pode fazer alianças previamente. Alguém que não está familiarizado com montanhas e florestas, gargantas e desfiladeiros, com a forma dos charcos e pantanais, não pode fazer avançar o exército. Quem não lança mão de guias locais não pode obter vantagens do terreno." Textos militares posteriores, como Métodos militares, evidenciam a necessidade de reunir inteligência militar e política, e mesmo de empregar espiões, como essencial para os preparativos anteriores à campanha, mas principalmente como afirmação de um fato ou como simples lembrança, não com a intensidade que se encontra em A arte da guerra.

Outro ponto de importância, recai no uso da cartografia, Tzu sempre se utilizou deste artifício, mas não como geografia, mas para implementar ações militares, que se embasava nos mapas para auferir passo/marcha de suas tropas, questão que recai no tempo estimado de chegada ou de saída. Além de saber a localização dos pontos de interesse.
Palavras de Tzu:

"O exército vitorioso primeiro realiza as condições para a vitória e só depois procura travar batalha. O exército derrotado luta primeiro e só depois procura a vitória."

Sun Tzu se preocupa com a topografia, com o clima, com as condições ambientais em geral. Pode-se analisar tal questão na página 31: *O reconhecimento de que a topografia é fundamental para as táticas militares, a classificação dos tipos de terreno e a correlação dos princípios táticos básicos com terrenos específicos são geralmente atribuídos a Sun Tzu. Mesmo que um rápido exame de batalhas anteriores indique que comandantes eficientes viessem implementando táticas baseadas no tipo do terreno muito*
antes de Sun Tzu entrar para a história e que algumas configurações de terra, como cavidades de escoamento, fossem comumente reconhecidas como fatais para qualquer disposição de forças, Sun Tzu foi talvez o primeiro a estudar sistematicamente essas questões e desenvolver um corpo coerente de princípios operacionais. A arte da guerra influenciou, assim, muitos escritos militares posteriores, particularmente Seis ensinamentos secretos, que contém vários capítulos propondo táticas adequadas para uma grande variedade de situações. O primeiro capítulo de A arte da guerra identifica o terreno (Terra) como um dos cinco maiores fatores da guerra. Na definição de Sun Tzu, "A Terra encerra terrenos distantes ou próximos, difíceis ou fáceis, extensos ou restritos, fatais ou acessíveis." (...).

Pagina 32: "Nove terrenos" é frequentemente associado a Sun Tzu porque é o título de seu famoso capítulo onde esses nove aparecem: dispersivo, leve, contencioso, atravessável, focal, pesado, capcioso, cercado e fatal. Entretanto, um estudo cuidadoso de A arte da guerra revela mais de vinte configurações de terreno distintas, assim como inúmeras formações específicas de terra mortais, como o "Poço do Céu". São discutidas nos Capítulos 8, 10 e 11, e mais longamente categorizadas no Índice de Táticas. Embora os termos coincidam em alguma medida, as definições e táticas associadas não são em momento algum contraditórias. Além disso, os textos permanecem extremamente claros e explícitos mesmo em finais do século XX, exaurindo qualquer necessidade de análises adicionais. Para além das configurações citadas, Sun Tzu mencionou também obstáculos problemáticos como rios, pantanais, montanhas, charcos e planície salinas. Por exemplo, em "Manobrando o exército", ele relacionou quatro disposições com as características da terra que se encontram sob sua definição de "terreno capcioso": "Onde existem montanhas e florestas, ravinas e desfiladeiros, pantanais e charcos, onde quer que a estrada seja de difícil travessia, configurasse um terreno capcioso." Os comandantes tinham que moderar suas táticas, manobras e a velocidade de seus movimentos para compensar essas dificuldades e, ao mesmo tempo, procurar explorá-las para sua própria vantagem sempre que possível.
Entendendo o ponto de vista:

Nosso caro leitor deve estar se perguntando e analisando: Onde o autor quer chegar? Até agora tudo que se mostrou foi a geografia como suporte às táticas de combate. E esse narrador diz que Tzu não usa a Geografia. Será que ele é cego? Ou não sabe do que está falando?

Até o presente momento, a geografia (ferramenta utilizada para a descrição da Terra), topografia (descrição do relevo), além de outras áreas que esse trecho de texto transcrito não abordou, como as condições climáticas (climatologia), o tempo e o espaçamento (distancia), Física, Psicologia, Matemática, Logística e outras, é/são suporte(s) e embasamento(s) das ações.

Tzu vai se utilizar da Geografia (ciência), no momento em que ele relevar aspectos e características relacionais entre a sociedade e a natureza (estudo entre). Isso só ocorre quando se utiliza do conceito **"Poder estratégico"**. Que pode ser evidenciado na página 47:

" *Em geral, a estratégia para empregar a força militar é essa: Se há mil carros de ataque puxados por quatro cavalos, mil carros de suporte recobertos com couro, cem mil soldados providos de cotas de malha, se as provisões são transportadas por mil quilômetros, então, as despesas domésticas e externas de campanha, os gastos com conselheiros e convidados, materiais como cola e laca e o suprimento de carros e armaduras totalizarão mil peças de ouro por dia. Só então se pode mobilizar um exército de cem mil."* (...) *Quem se dedica da arte militar não recruta o povo duas vezes ou transporta por três vezes as provisões. Se obténs teus equipamentos do estado e confias que te apropriarás das provisões do inimigo, então os mantimentos do exército serão suficientes. O exército depaupera o estado quando transporta as provisões por longas distâncias. Quando as provisões são transportadas por longas distâncias, os cem sobrenomes são depauperados. Aqueles que estiverem próximos ao exército venderão seus artigos a preços altos. Quando os artigos forem dispendiosos, a riqueza dos cem sobrenomes será exaurida."*

Nesse momento aparece o marxista e diz que: os tentáculos capitalistas são os responsáveis pelos preços altos. Deve-se lembrar que estamos em 400 a.C. na China!

Mas voltando a atenção aos enunciados de Tzu, ao contrário do que foi dito anteriormente: "Tzu vai se utilizar da Geografia (ciência)". É a Ciência Geografia que

vai analisar a relação sociedade natureza que se estabelece nas guerras. Este excepcional estrategista já visualizava estas relações. E por este motivo afirmo que Tzu foi o primeiro geógrafo que desenvolveu positivamente a visão de Strabo. Estabelecendo uma Geografia e não uma somatória de ciências. Tendo em mente, que todas as ramificações, são em si, conjunto de ciências, mas se estabelece em uma particularidade específica.

Tudo o que Tzu mencionou em sua época, ocorre atualmente e são estas relações que os geógrafos deveriam se ater. Não questões econômicas e ambientadas na relação sociedade/sociedade ou social/individual. Mas nas relações que cria, gera, impacta (direta ou indiretamente), tanto no Planeta (planeta habitado), quanto na sociedade humana. E quais as ações e dispositivos que se pode realizar ou fazer para amenizar, resolver ou dar diretrizes ao melhor meio de equilibrar essa equação. Realizando um planejamento ambiental, que possibilite a paz em toda a abrangência global e local. Mas quando não possível, que se tenha um planejado secundário às questões de sobrevivência, que releve a vitória, a derrota (estudo de probabilidade e previsão) e até mesmo um plano de fuga para a Lua (extermínio total da vida na Terra – artefatos nucleares).

Sendo que Sun Tzu e todos os outros militares estrategistas são em sua essência geógrafos (instintivos). Mas entendam, não é a Geografia que sustenta ou fornece respaldo para a guerra. São as atitudes de um povo, um governante e/ou ações individuais.

Na época de Tzu, bem como, nos dias atuais, são conjuntos de ciências utilizadas para desenvolver estratégias. Logo; para se fazer a guerra, basta um ignorante eleito ou imposto ditatorialmente. Porque a Geografia e a geografia, sempre foram utilizadas, como função primordial para se preservar a sobrevivência da vida humana. Isso implica em preservar o Planeta que se habita!

O céu não tem dois sóis, assim como a Ásia não terá dois reis.
(Alexandre Magno)

Ao passar desse tempo; adentraremos em mais uma época de importante feitos estratégicos e de conquistas, tendo como nosso anfitrião Alexandre Magno, conforme o historiador André Luiz nos revelará in: “A ESTRATÉGIA POLÍTICA NO PRINCIPADO ROMANO DO SÉCULO II D.C.: A COMPARAÇÃO ENTRE ALEXANDRE, O GRANDE, E ADRIANO SEGUNDO A ANÁBASE DE ARRIANO DE NICOMÉDIA”, LEME, A.L., dissertação de mestrado, UFPR - Curitiba, 2011.
Esta pesquisa é importante porque, além de relatar a história, o historiador concretiza a verdadeira face da História como essência da aquisição do conhecimento e do saber, mas que estes, não são estabelecidos em métodos rígidos, mas na busca do saber, conforme se evidencia em sua página 12:

(...)

lógico e racional. Em outras palavras, acreditamos na produção de um conhecimento que se quer cientificamente elaborado – perspectiva que vem de acordo com o que apontou Júlio Aróstegui em sua obra *A Pesquisa Histórica*, conforme demonstramos:

> A historiografia não seria uma ciência mas sim estudo *cientificamente elaborado*. Como isso é possível? Primeiramente, porque o trabalho profissional do historiador não é um conjunto de atividades arbitrárias, meramente empíricas, subjetivas e ficcionais, mas diz respeito, principalmente, a atividades que tendem a estabelecer conjeturas sujeitas a regras ou princípios reguladores, a um *método*. Quer dizer, é visível que o trabalho do historiador adquire o rigor metodológico dos procedimentos da ciência. E, em segundo lugar, porque o historiador trata de buscar, para os processos históricos de qualquer nível, *explicações* demonstráveis, intersubjetivas, contextualizáveis, como as da ciência, e que, consequentemente, pretende chegar a elas mediante procedimentos lógicos conhecidos, explícitos e comprovados[1].

Portanto, enquanto historiadores, devemos trabalhar no sentido de que nossas contribuições não se tornem inteligíveis apenas dentro de uma subjetividade específica, mas que ganhem dimensão ao apresentarem coerência frente à compreensão de todos.

(...).

Tal esclarecimento é importante, porque o geógrafo recorre à história, mas não como suporte aos seus enunciados, transformando assim, a Geografia em História. Regressando aos anos de Alexandre (+356 -323) a.C, seu mais importante feito foi a conquista da Pérsia. Porém; Alexandre se viu diante de muitas batalhas, sendo que em sua página 80 a 83, discursa: "*Acerca de nosso objeto específico de investigação, buscamos na fonte as características que demonstravam Alexandre como um homem merecedor de sua posição, ou seja, aquilo que o tornava um legítimo governante. De nosso estudo da fonte, agrupamos os trechos que foram analisados em torno de três tópicos gerais: Obstáculos naturais – compreender para vencer; Os diálogos de Alexandre e Parmênio; e Entre discursos e debates: para ser rei, é preciso ser o melhor.*

(...) Ao longo de sua expedição, Alexandre enfrentou inúmeras adversidades, entre as quais observamos também obstáculos que a própria natureza proporcionava ao avanço da marcha macedônia. A seguir, demonstraremos uma série de momentos diferentes que exigiram, por parte de Alexandre, um pensamento rápido e inteligente, visando sempre a superação de uma determinada dificuldade condicionada pela natureza – seja ela durante uma batalha nas montanhas, na travessia de um rio, em um cerco ou mesmo como parte de uma reflexão geográfica. Acreditamos que, mesmo durante tais eventos, Arriano já indique perspectivas reveladoras acerca das características necessárias a um bom governante.

(...) *" Toda essa versatilidade do comandante macedônio teve como conseqüência o sucesso de sua empreitada, pois, como Arriano assinalou, tudo ocorreu como ele, Alexandre, havia suposto que ocorreria – não havendo surpresas imprevisíveis para ele. Mas ainda notamos outro aspecto interessante ao final dessa passagem, uma espécie de lição moral: aqueles que obedeceram ao rei macedônio, seguindo, como nas palavras de Arriano acima, totalmente os seus conselhos, conseguiram avançar de modo seguro; quanto aos demais, que provavelmente não seguiram à risca o plano principal e tiveram de se utilizar do "plano B", estes já sofreram alguns pequenos*

danos. Através dessa interessante contraposição que acabamos de salientar fica também implícita a lição da obediência, a qual não poderia faltar e que só poderia prejudicar aqueles que não a praticassem e seguissem rigorosamente – especialmente em relação a um líder que aparentemente se demonstrava tão apto para enfrentar tais situações.

(...) Durante sua perseguição aos povos rebeldes da região da Trácia, Alexandre teve de enfrentar uma inusitada situação: perseguir bárbaros, trácios e ilírios, que haviam se refugiado em uma ilha dentro do rio Istro buscando proteção. Ainda que alguns poucos barcos tenham vindo, partindo de Bizâncio, para ajudar Alexandre na chegada até a ilha, a situação demonstrou-se muito mais complexa, como Arriano ressaltou:

La mayor parte de la isla era muy escarpada para intentar un desembarco, y la corriente del río en exceso impetuosa (y ello era natural, ya que en ese punto el cauce del río se estrangula y se hace mucho más estrecho). A la vista de ello, Alejandro decidió retirar las naves, cruzar al otro lado del Istro, y marchar contra los getas que por allí habitaban (podía verlos en gran número sobre la otra orilla, y calculó que serían unos cuatro mil jinetes y más de diez mil infantes).

Os aspectos naturais da região tornavam o desembarque uma tarefa inviável na perspectiva do autor, o qual reitera, a partir de uma observação própria, o estreitamento natural que o rio apresentava naquele lugar. Alexandre, consciente dessas adversidades e do perigo real que elas representavam, decidiu então cruzar o rio Istro e enfrentar outro povo bárbaro que habitava a região, os chamados getas. No entanto, antes calcula a dificuldade da tarefa pela quantidade de inimigos que ele mesmo observara na margem oposta do rio.

No seguimento, Alexandre estabeleceu um procedimento para enfrentar a situação, apresentado por Arriano da seguinte forma: El plan de Alejandro era dispersarlos para poder atravesar el río, empresa por la que sentía vivo interés, y para la cual él mismo se había embarcado en una de sus naves. Para llevar a cabo su plan, realizó la siguiente operación: llenó de paja las tiendas de cuero con las que solía construir el campamento, y reunió todas las canoas hechas de un solo tronco de árbol que solían utilizar los ribereños (y de las que había conseguido un buen número, ya que los indígenas las emplean para la pesca, para hacer expediciones río arriba, y porque muchos se dedican con ellas a la piratería); reuniendo, pues de éstas el mayor número que pudo, comenzó así con ellas la travesía de su ejército. Consiguió de esta forma que pasaran a la otra orilla mil quinientos jinetes y unos cuatro mil infantes.

Quando se analisa tais atitudes e deliberações, concluímos que são os mesmos elementos empregados e ensinados por Sun Tzu. Não é à toa que Alexandre o Grande nunca foi derrotado em campo de batalha. Porém, há duas hipóteses para a sua morte, embasando-me, não apenas nessa bibliografia mencionada, mas na leitura de outras obras e teses, que nos revelam:

Um grupo de historiadores e pesquisadores (arqueólogos e antropólogos) defendem que Magno foi envenenado. Do outro lado, evidenciam que Alexandre contraiu "Tifo". Mas todos concordam que morreu aos 33 anos.

Quando se atinge o Caminho da Estratégia não haverá mais nada que não se possa compreender e se verá o Caminho em tudo.
(Musashi)

Em nosso equipamento do tempo, vamos viajar ao Japão e conhecer Miyamoto Mu-sashi, que conforme os historiadores japoneses, nasceu em 1584, na província de Mimazaka, sendo que no livro "GORIN NO SHO 1a. edição: outubro de 1992, CULTURA EDITORES ASSOCIADOS, (Notas 1985, Watanabe Ichiro Publicadas mediante contrato com Iwanami Shoten, Publishers, Tokyo, Japan) é mencionado que seu nascimento foi na província de Harima. Deve-se mencionar que Harima era o clã ao qual pertencia sua descendência e deixa este mundo em 1645. Musashi era comumente chamado de Niten, cujo significado é Dois Céus. Isso o inspira a construir seu Do Jo que emprega sua própria técnica Niten-Ichi-ryü, que se utiliza duas espadas simultaneamente no combate. Tal recurso empregado caracteriza o Do Jo como Nitô.

Embasando-se na bibliografia consultada: 1. "Gorin no Sho" 1a. edição (Notas 1985, Watanabe Ichiro Publicadas mediante contrato com Iwanami Shoten, Publishers, Tokyo, Japan): Cultura Editores Associados (1992). 2. "O Livro dos Cinco Anéis" 9ª ed. Editora Madras, 2014 São Paulo. 3. "O Livro dos Cinco Anéis" 1ª ed. Editora Novo Século, 2017 São Paulo. Além de outros estudos, percebemos que há muita contradição aos fatos e relatos históricos deste rônin.

Como a abordagem deste manuscrito não é de cunho histórico pessoal, mas um relato das campanhas militares e as estratégias empregadas pelos renomados estrategistas, analisaremos as táticas de combate deste japonês, inserindo suas características mais importantes, tais como, alguns de seus princípios (que os historiadores, de uma forma ou outra, concordam):

1- "Se você deseja controlar os outros, primeiro você deve controlar a si mesmo"
2- "Se você não controla o oponente, ele controla você"
3- "Você só pode lutar da maneira que você pratica" (o caminho está no treino)
4- "Você deve entender que há mais de um caminho para o topo da montanha"
5- "Não persiga o sabor da boa comida"
6- "Entenda todas as artes, para compreender todas as técnicas e assim, defender-se e saber atacar"
7- "Perceba todas as coisas ocultas e preste atenção ao engodo"
8- "Não faça nada que não tenha qualquer utilidade, ou que desperdice energia"
9- "Atenha-se as ninharias"
10- "Tenha consciência das suas próprias fraquezas"

Como se pode observar, os tratados estratégicos deste renomado rônin, assemelham-se às análises de Tzu, até mesmo em sua forma estrutural contextual. Porém, suas estratégias são firmadas em ações pessoais/individuais. Estabelecidas em combate corpo a corpo, mas que podem ser utilizadas nas batalhas de massivos grupos.

Todos os grandes estrategistas se preocupam em obter uma visão global de tudo que os cercam, utilizando-se de todos os meios para solucionar um problema estratégico. E assim como para: Sun Tzu e Sun Pin, Alexandre o Grande, Miyamoto Mu-sashi, a geografia também é empregada com visão global.

A ciência da guerra é multidisciplinar, tendo esta visão holística e/ou visão global dos fenômenos e necessita de planejamento ambiental natural, bem como socioambiental. Por este motivo, todo o estrategista é um geógrafo, mesmo que não tenha tal formação. Sem a observação global, suas ações estarão fadas ao fracasso. Logo; Geografia não possui visão horizontal, como muitos profissionais afirmam.

Mas a guerra não é Geografia atuando…são praticamente todas as ciências! Logo; não deve existir a geografia da guerra, bem como a geografia da matemática, da indústria e todas as demais.

Para o estudo da guerra e demais fenômenos não correlacionado às guerras, sejam eles globais ou locais, na Geografia, deve-se objetivar as relações sociedade e a natureza e vice-versa. Os impactos causados e como evitá-los ou pelo menos mitigá-los.

O trabalho da Geografia, é se utilizar da ferramenta geografia para encontrar as categorias de estudo referentes a estes conjuntos de fenômenos que caracterizarão esta relação (impactos sociais e naturais) para que se possa mitigar ou sanar o problema. Ou criar e desenvolver algo em um local específico, sem causar maiores danos ao Planeta e a Sociedade, tendo que prever eventos naturais e sociais (conjuntamente) que possam desequilibrar as condições ambientais propicias e/ou estabelecidas.

O estudo da guerra e estratégias militares devem ser exclusivamente de cunho das entidades e instituições que formam as Forças Armadas (Exército, Marinha, Aeronáutica e forças auxiliares). Excluindo, desta forma, a denominada “geografia da guerra”, conforme se atribui em pesquisas, tendo como exemplo a tese:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

A GEOGRAFIA MILITAR NO BRASIL: A QUESTÃO DA DEFESA NACIONAL

FILIPE GIUSEPPE DAL BO RIBEIRO

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutorado em Geografia Humana.

Orientador: Professor Doutor André Roberto Martin

São Paulo
2015

Os geógrafos, embasado nas formulações de Ratzel e La Blache, conseguem desenvolver conceitos que não se adéquam ao contexto e formulação de Strabo, como, por exemplo: “Descrição da Terra Militar no Brasil: Questão da Defesa Nacional”.

Que em sua página 7 nos diz:

I- Apresentação

A Geografia Militar era uma das especialidades práticas da Geografia, juntamente com a Geografia Médica e a Geografia Comercial, até o surgimento do revolucionário “determinismo” de Friedrich Ratzel. Com sua Geografia Política (1898), ele ampliou de tal modo o escopo da Geografia Militar que esta se viu reduzida a mera técnica, no entanto, de emprego universal. Os temas estratégicos, embora pouco frequentes na pesquisa geográfica brasileira, ultimamente, são cada vez mais comuns em outras áreas do conhecimento, notadamente entre economistas, administradores e cientistas políticos.

Em uma primeira pesquisa (dissertação de mestrado) intitulada “A Nova Geografia Militar: Logística, Estratégia e Inteligência”, orientada pelo Professor Livre Docente Dr. André R. Martin, e defendida no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas no primeiro semestre de 2010, foi organizado um levantamento bibliográfico sobre o tema até então inédito na geografia acadêmica brasileira. O trabalho foi apoiado no resgate da experiência esquecida da geografia militar estadunidense, que, segundo COLLINS (1998), somente começou a ser discutida no 92° encontro anual da Associação de Geógrafos Americanos, em 1996, após grande discussão para então se criar um grupo de estudo especialmente tratando do assunto.

O presente trabalho visa resgatar a experiência esquecida da geografia militar no Brasil, no que ela contribuiu para a formação territorial do país e para o patrimônio cultural da nação. Por outro lado, pretende-se interrogar, também, até que ponto as necessidades “modernas” de defesa, que incluem inescapavelmente a constituição de um parque industrial bélico, acomodaram-se ou opuseram-se àquela herança logística que vinha se constituindo desde a Colônia e o Império. Nesse sentido, esta tese de doutoramento configura-se como uma pesquisa de Geopolítica com ênfase na sua aplicação prática em termos de políticas territoriais.

As geografias mencionadas, nada mais são que: Sociologia se utilizando de mapas e cartas, enfim, material cartográfico, para expor fenômenos sociais e históricos militares.

Toda a guerra se utiliza da geografia (descrição da Terra), mas para os tratados militares antigos, esta descrição recai somente na descrição dos aspectos físicos do Planeta habitado. Relevando aspectos sociais fora do contexto geográfico, mas untando estes aspectos, propiciando assim, uma visão da guerra e do campo de batalha. Como mencionado anteriormente, todo o militar estrategista é em sua essência um geógrafo. A Ciência que se encarrega de todos os atributos que recaem e são de responsabilidade de planejamento, estruturação e execução de ações militares e consequentemente da defesa nacional em todos os seus aspectos, parâmetros e abrangência, é denominada de: Militar (Ciência Militar). Porém; esta denominação ainda é muito restritiva, ao que se refere a totalidade ou globalidade dos enfoques e funções a que se destina. Sendo mais apropriado uma designação mais ampla e mais concisa, como: Ciência da Defesa Nacional.

Mas não existirá "Geografia da Defesa Nacional" (descrição da Terra da defesa nacional)!

A Geografia (ciência) sempre será o estudo das relações sociedade/natureza, inclusive dentro dos estudos dirigidos à defesa de uma nação. Entendendo que defesa, não significa não atacar. Tudo depende da política de defesa nacional de um determinado país.

É impossível realizar um planejamento de Defesa Nacional sem o uso da ferramenta geografia, que atualmente se utiliza de satélites espiões, drones e de outras avançadas tecnologias para captar imagens e formular mapas, cartas e esboços estratégicos (cartografia/geoprocessamento). Tanto para o uso de disponibilizar as tropas militares, bem como, formular uma rota e procedimentos de evacuação (de civis, militares ou ambos) de uma localidade específica e/ou regional. Além dos processos que envolvem a integração nacional e o amplo desenvolvimento de um determinado país em todos os sentidos a que se refere.

Com esta visão em mente, pode-se sugestivamente projetar a estrutura da grande área científica denominada de Ciência da Defesa Nacional:

Tal esquema, propicia diretrizes mais aperfeiçoadas e um amplo campo de atuação de todos os setores responsáveis pelo desenvolvimento e a manutenção da soberania nacional. Atualmente, o responsável pela disposição e implementação de tais estudos no Brasil, é o Exército Brasileiro (E.B.), que dispõe em seu boletim http://www.decex.eb.mil.br/port_/leg_ensino/2_educacao_ebdecex/29_port_734_CmtEB_19Ago2010_ConcCienciasMil.pdf :

BOLETIM DO EXÉRCITO
Nº 34/2010
Brasília, DF, 27 de agosto de 2010.

ÍNDICE

1ª PARTE
LEIS E DECRETOS

Sem alteração.

COMANDANTE DO EXÉRCITO

PORTARIA Nº 733, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.
Cria o espaço cultural "Sala de Exposições Brigadeiro Vasco Alves", no 7º Regimento de Cavalaria Mecanizado....9

PORTARIA Nº 734, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.
Conceitua Ciências Militares, estabelece a sua finalidade e delimita o escopo de seu estudo....9

PORTARIA Nº 735, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.
Aprova o Regulamento da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (R-64) e dá outras providências....11

PORTARIA Nº 739, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.
Altera a denominação do Centro de Instrução de Operações de Paz para Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil e dá outras providências....30

PORTARIA Nº 740, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.
Reorganiza a 1ª Divisão de Exército e dá outras providências....30

PORTARIA Nº 752, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.
Cria a Escola de Instrução Militar 06-001, a funcionar no Colégio Estadual Casa Jovem, localizado no município de Igrapiúna - BA e dá outras providências....31

PORTARIA Nº 753, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.
Cria o Tiro-de-Guerra nº 07-023, no município de Alagoa Grande - PB e dá outras providências....31

PORTARIA Nº 776, DE 24 DE AGOSTO DE 2010.
Aprova as diretrizes para a concessão de bolsa especial de educação, em favor dos dependentes dos militares do Exército Brasileiro, falecidos no terremoto de janeiro de 2010, na República do Haiti....32

PORTARIA Nº 777, DE 24 DE AGOSTO DE 2010.
Aprova o Regulamento da Base Administrativa do Centro de Comunicações e Guerra Eletrônica do Exército (R-61)....34

PORTARIA Nº 778, DE 24 DE AGOSTO DE 2010.
Institui e autoriza o uso do Distintivo de Militares Inativos do Exército Brasileiro para os militares da reserva remunerada e reformados....38

DESPACHO DECISÓRIO Nº 173, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.
Dispensa de licitação....40

PORTARIA Nº 734, DE 19 DE AGOSTO DE 2010.

Conceitua Ciências Militares, estabelece a sua finalidade e delimita o escopo de seu estudo.

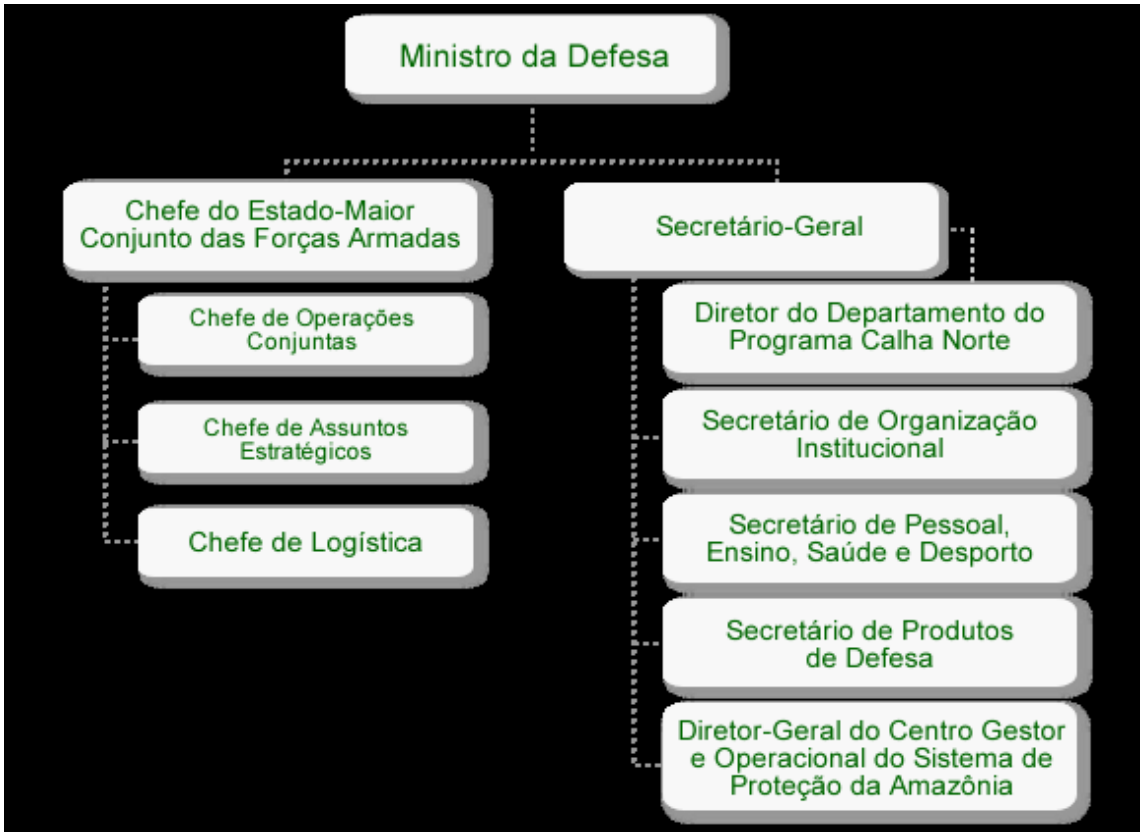
O **COMANDANTE DO EXÉRCITO**, no uso da competência que lhe é conferida pelo
art. 30, inciso VI, da Estrutura Regimental do Ministério da Defesa, aprovada pelo Decreto nº 3.466, de 17 de maio de 2000, considerando o disposto no art. 13, da Lei nº 9.786, de 8 de fevereiro de 1999 – Lei do Ensino no Exército e de acordo com o que propõe o Estado-Maior do Exército (EME), ouvidos o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx) e o Departamento de Ciência e Tecnologia (DCT), resolve:

Art. 1º Conceituar o termo Ciências Militares como sendo o sistema de conhecimentos relativos à arte bélica, obtido mediante pesquisa científica, práticas na esfera militar, experiência e observação dos fenômenos das guerras e dos conflitos, valendo-se da metodologia própria do ensino superior militar.

Art. 2º Considerar o sistema Ciências Militares integrado à Grande Área do Conhecimento da Defesa e incluído no rol das ciências estudadas no Brasil, resguardados os aspectos bélicos exclusivos das Forças Armadas, conforme

homologação do Ministro da Educação, publicada no Diário Oficial da União nº 058, de 26 de março de 2002.
Art. 3º Estabelecer que a pesquisa e o estudo das Ciências Militares no Exército Brasileiro
tenha por finalidades a formulação da Doutrina Militar Terrestre, o avanço do conhecimento em Defesa e a preparação de líderes militares, de pesquisadores, de planejadores e de gestores dos recursos colocados à disposição da Instituição para o cumprimento de sua missão constitucional, em tempo de paz e de guerra.
Art. 4º Determinar que as seguintes áreas de concentração de estudos sejam abrangidas pelas Ciências Militares:
I - Administração;
II - Auditoria;
III – Balística;
IV - Cibernética;
V - Ciências Contábeis;
VI - Ciência e Tecnologia;
VII - Comunicação Social;
VIII - Cultura;
IX - Defesa Nacional;
X - Direito;
XI - Doutrina;
XII - Economia e Finanças;
XIII - Educação;
XIV - Educação Física;
XV - Engenharia e Construção;
XVI - Estatística;
XVII - Estratégia;
XVIII - Geopolítica;
XIX - História Militar;
XX - Informática;
XXI - Instrução Militar;
XXII - Inteligência;
XXIII - Gestão;
XXIV - Liderança;
XXV - Logística;
XXVI - Meio Ambiente;
XXVII – Mobilização;
XXVIII - Operações Militares;
XXIX - Política;
XXX - Projetos;
XXXI - Prospectiva;
XXXII - Recursos Humanos;
XXXIII - Relações Internacionais;
XXXIV - Saúde;
XXXV - Simulação; e
XXXVI - Sociologia.
Art. 5º Determinar que o EME, DECEx, o DCT e as diretorias subordinadas adotem, em suas áreas de competência, as providências decorrentes.
Art. 6º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.
Art. 7º Revogar a Portaria do Comandante do Exército nº 517, de 26 de setembro de 2000.
Boletim do Exército nº 34, de 27 de agosto de 2010.

Estas propostas, anteriormente mostradas, referem-se exclusivamente a compartimentação de estudos dirigidos. Pois; a estruturação de Defesa Nacional (Br) se estabelece conforme nos informa o site:
http://www.defesa.gov.br/institucional/ii-estrutura-organizacional que nos mostra:



O arranjo institucional que possibilitou a criação, em junho de 1999, do Ministério da Defesa (MD) marcou uma etapa importante no processo de integração das Forças Armadas: **Marinha**, **Exército** e **Aeronáutica**.

O atual modelo organizacional do MD reflete essa orientação, ao colocar as três Forças a serviço de uma única política, em um ambiente de coordenação e integração de meios e esforços.

Hoje, Marinha, Exército e Aeronáutica são comandos militares subordinados ao poder político civil. Além deles, cinco grandes segmentos estão contemplados na estrutura do Ministério da Defesa:

Integram ainda a estrutura do MD:

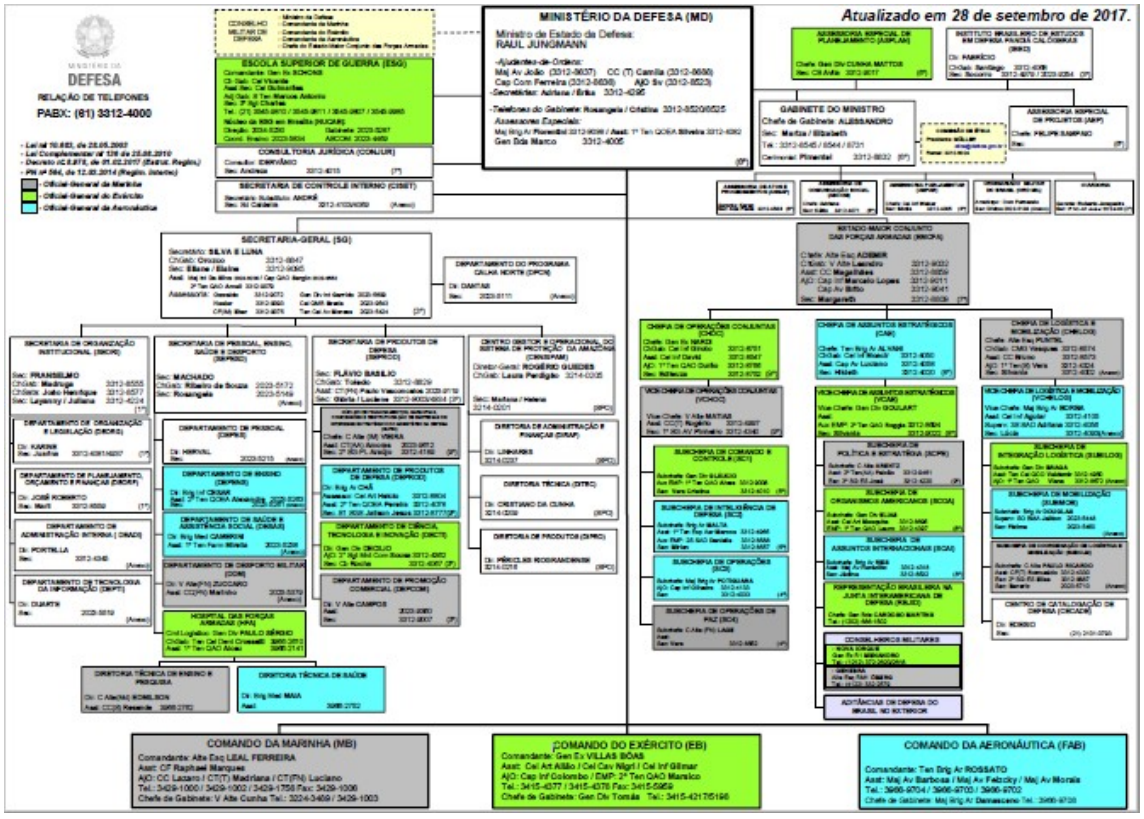
Escola Superior de Guerra (ESG) – Na qualidade de órgão subordinado, a ESG atua como centro de excelência em estudos de alto nível sobre defesa nacional. Localiza-se na cidade do Rio de Janeiro (RJ);

Hospital das Forças Armadas (HFA) – Criado pelo Decreto nº 1.310, de 8 de agosto de 1962, com regimento interno aprovado pela **Portaria Normativa nº 1.037**, de 17 de abril de 2012, o HFA tem sede em Brasília e integra a estrutura da Secretaria de Pessoal, Ensino, Saúde e Desporto (Sepesd) do MD;

O detalhamento da estrutura organizacional do Ministério da Defesa, bem como a competência dos órgãos que o integram, encontra-se no **Decreto nº 7.974**, de 1º de abril de 2013, complementado pelo **Decreto nº 7.424**, de 5 de janeiro de 2011, e pelo **Decreto nº 7.476**, de 10 de maio de 2011.

Já as estruturas regimentais dos comandos militares foram publicadas pelos seguintes diplomas legais:

Decreto nº 5.417, de 13 de abril de 2005, que aprova a estrutura regimental do Comando da Marinha;
Decreto nº 5.751, de 12 de abril de 2006, que aprova a estrutura regimental do Comando do Exército;
Decreto nº 6.834, de 30 de abril de 2009, que aprova a estrutura regimental do Comando da Aeronáutica.
E se complementa com o organograma:
http://www.defesa.gov.br/arquivos/estrutura/organograma.pdf



A grande questão é: E como fica a Geografia no ensino? Pois; o autor diz que é a Sociologia se utilizando da geografia, cartografia e história?
Por quê a Geografia é Zumbi ou Godzilla, conforme "Geografia de Schrödinger" (NITSCHE, 2017) e "Sociografia não é Geografia" (NITSCHE, 2017)? Justamente por causa da construção da Bomba G.H. Sendo esta, de ação biológica, quase extermina a Geografia. Mas seu impacto foi tão grande, que a, desfragmentou em várias geografias.

Nesse momento, deve-se abrir um parêntese para explicar a definição de desfragmentar, para que não haja mal entendimento:

O termo é utilizado na área de informática que se refere ao processo de otimização das unidades do computador. Tal procedimento realiza a reunião de vários arquivos dispersos em um local específico.

No caso desta "bomba", as denominadas geografias, reúne e absorve todas as áreas do conhecimento em uma única localidade, esta denominada de geografia humana, transformando assim, cada particulado em uma geografia específica. Tendo como exemplos: "geografia do turismo, geografia da matemática, geografia militar, geografia da geografia e por este caminho se vai."

E a sua fórmula básica se representa assim:

H+S+C = La Blache

La Blache, antes de se tornar geógrafo, que até este momento, não tem nada de tal área, era historiador. E os pesquisadores e estudiosos deste renomado nos mostra que em sua trajetória profissional dedicou-se aos estudos dos antigos documentos gregos e romanos, quando em viajem à Grécia e Roma. Obtendo, assim, momento propício ao vislumbre das antigas cartas e mapas. Sendo que esta viagem ocorreu no momento em que a França estava envolta no movimento social de valiosa repercussão global.
Este panorama histórico e as oportunidades aproveitadas, por este, possibilitou La Blache a criar e desenvolver uma ciência, que nada mais é que: o aperfeiçoamento e amplificação de estudos sociais, que deveria se denominar de Sociologia. Mas sua visão e autorreconhecimento, fez com que surgisse uma ramificação em uma ciência já estabelecida por Estrabão. Esta denominada de geografia humana, tendo a seguinte formulação: História + Sociologia + Cartografia = Geografia Humana ou La Blache.
– Mas este livro que vou lhe dar agora, denominado de "Os sociólogos não descrevem a Terra", de J.C.V. Nitsche, vai mostrar como ele visualizava a geografia humana e como este autor observava o mundo geográfico. Vou ligar o aparelho expositor, para que você possa assistir o livro:

A SOCIOLOGIA E A GEOGRAFIA

> "(...) G.-M. – Mas, diga-me, amigo: os magistrados, as repartições, os cargos, a educação, todo o modo de viver é mesmo o de uma verdadeira república, ou o de uma monarquia ou de uma aristocracia?
> ALM. – Aquele povo ali se encontra vindo da Índia, por ele abandonada para livrar-se da desumanidade dos magos, dos ladrões e dos tiranos, que atormentavam aquele país. Todos determinaram, então, começar uma vida filosófica, pondo todas as coisas em comum. E, se bem que em seu país natal não esteja em voga a comunidade das mulheres, eles a adotaram unicamente pelo princípio estabelecido de que tudo devia ser comum e que só a decisão do magistrado devia regular a igual distribuição. As ciências e, em seguida, as dignidades e os prazeres são comuns, de forma que ninguém pode apropriar-se da parte que cabe aos outros." In: CAMPANELLA, Tommaso "Cidade do Sol" (e-book: site/LivrosGrátis/a_cidade_do_sol.htm (1 of 48) [03/05/2001 12:37:57]), tradução de (?) www.ciberfil.hpg.ig.com.br. P.14

Fábio Luiz Búrigo & José Carlos da Silva, iniciam um artigo na Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 1 nº 1 (1), agosto-zembro/2003, p. 128-148 com a seguinte apresentação: "Émile Durkheim está entre os principais precursores da sociologia. Suas idéias são de grande valia para a compreensão da realidade do mundo social. Durkheim foi que mais se destacou por ter oferecido à sociologia um método de investigação

apropriado e inequívoco. A sociologia durkheimiana tornou-se, assim, uma disciplina autônoma, caracterizada por seu forte rigor científico e metodológico.

A mesma preocupação, de criar uma ciência autônoma com base empírica do real, foi perseguida por Max Weber ao longo de sua vida intelectual. A obra de Weber é marcada pela análise teórica e empírica dos fatos econômicos, históricos e culturais, bem como pelo seu compromisso em "fazer ciência", sem cair em pressupostos valorativos ou em "concepções de mundo". Em alguns casos, a opção pelo ecletismo e a sua visão particular sobre o papel da ciência significou entrar em choque frontal contra teses acadêmicas prevalecentes em sua época. Além de ter elaborado trabalhos em diversas áreas do conhecimento suas idéias a respeito da epistemologia e do papel da metodologia foram fundamentais para o desenvolvimento das ciências sociais. Seus escritos geraram uma vertente metodológica (interpretativíssimo) e inspiraram várias correntes do pensamento sociológico do século XX." In: (p. 128).

Seguindo ainda a visão destes autores, prossegue-se com as seguintes observações: (...) "Dentro da tradição positivista durkheimiana, a sociedade poderia ser compreendida da mesma forma que os fenômenos da natureza. Ele acreditava que os fatos sociais poderiam ser estudados através dos mesmos métodos científicos empregados nas ciências naturais. Em outras palavras, assim como os fenômenos físicos podiam ser explicados pelas "leis" naturais, seria plenamente possível se estabelecer "leis" que explicassem os fenômenos sociais e, consequentemente, encontrar remédios às patologias da sociedade." In: (p. 129).

Ao analisarmos este texto, compreendemos que a visão formulada pelos autores conotam as dificuldades enfrentadas pela sociologia para inseri-la no campo científico. Pois, era necessário respaldar suas análises em métodos confiável de observação/estudo dos fenômenos. Ou seja: de cunho testáveis!

A resposta foi dada por Émile Durkheim que absorve fenômenos da natureza no âmbito da sociologia, para tentar formular teorias universais. E por Max Weber que realiza análise dos fatos econômicos, históricos e culturais, mas na intenção de formular teorias ou estudos particulares. Ou seja: A compreensão interpretativa das ações sociais.

Na página 19 deste artigo anteriormente citado, os autores discursam:

(...) A questão metodológica foi o diferencial marcante no trabalho destes dois autores. Vimos que enquanto um estava preocupado em cria "leis" sociais, o outro buscava interpretar as especificidades da vida social. Contudo, o que é comum neles é sua concepção de ciência, ou seja, a ciência enquanto conhecimento válido, preciso, que se apoia na observação, no empirismo, na experimentação e no método rigoroso que caracterizará uma pesquisa social como verdadeiramente "científica". (...).

Os articulistas não incluíram Augusto Comte (1798-1857), que criou o termo e as bases da "Sociologia", sendo considerado o pai da Sociologia. Comte defendia a ideia, de que, para uma sociedade funcionar corretamente, esta deveria estar organizada e só assim alcançaria o desenvolvimento positivo (progresso). Seu esquema sociológico era tipicamente positivista, corrente com grande expressão no século XIX.

E nem, tão pouco, de **Karl Marx** (1818-1883), fundador da doutrina comunista moderna, que visualizava a sociedade em duas classes: a) Capitalistas: que são detentores dos meios de

produção e b) os proletariado que contribuem com sua força de trabalho a qual é locada ao capital. Sendo este fato a essência de seu pensamento. A sociedade, é moldada através dos meios de produção, sendo estes, a base das relações de produção, e a forma como as pessoas se organizam para executar uma atividade produtiva. Logo; tal sistema acarreta desigualdades sociais, originando as lutas de classes. Tal ideologia, remete à Marx, o título de defensor do comunismo, que se representaria como a fase mais prospera da sociedade humana. A prosperidade, porém, somente seria alcançada à partir de uma revolução proletária, que desencadearia uma sociedade igualitária ou socialista.

Não foram incluídos, (Comte e Marx), porque o objetivo destes autores era, de, como explicado na página 129: (...) "O esforço maior deste trabalho é discutir algumas das contribuições metodológicas e epistemológicas dos referidos autores, a partir das seguintes indagações: a) Quais as principais contribuições metodológicas e epistemológicas, que Durkheim e Weber trouxeram à construção da sociologia?; b) Existem pontos de convergência entre a sociologia positivista de Durkheim e a sociologia interpretativa de Weber? E; c) É possível alcançar a neutralidade científica nas ciências sociais?" (...).

Voltando a atenção ao pensador Comte;

(...) "O núcleo da filosofia de Comte radica na ideia de que a sociedade só pode ser convenientemente reorganizada através de uma completa reforma intelectual do homem. Com isso, distingue-se de outros filósofos de sua época, como Saint-Simon e Fourier, preocupados também com a reforma das instituições, mas que prescreviam modos mais diretos para efetivá-la. Enquanto esses pensadores pregavam a ação prática imediata. Comte achava que antes disso seria necessário fornecer aos homens novos hábitos de pensar de acordo com o estado das ciências de seu tempo.

Por essa razão, o sistema comteano estruturou-se em torno de três temas básicos. Em primeiro lugar, uma filosofia da história com o objetivo de mostrar as razões pelas quais uma certa maneira de pensar (chamada por ele filosofia positiva ou pensamento positivo) deve imperar entre os homens. Em segundo lugar, uma fundamentação e classificação das ciências baseadas na filosofia positiva, finalmente, uma sociologia que, determinando a estrutura e os processos de modificação da sociedade, permitisse a reforma prática das instituições. A esse sistema deve-se acrescentar a forma religiosa assumida pelo plano de renovação social, proposto por Comte nos seus últimos anos de vida. (...)" In: Comte, Auguste, 1798-1857, (seleção de textos de José Arthur Giannotti); traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. Abril Cultural, 1978, p.15 e 16.

Saindo dos temas abordados e embasando-se nas bibliografias consultadas, pode-se dizer que: **Max Weber** (1864-1920) é o pensador mais recente dentre os três. Era um dedicado estudioso dos pensamentos de Comte e Durkheim, bem como, o de Marx. Tendo a convicção de que a sociedade não funcionava de forma harmoniosa como pensavam Comte e Durkheim. Sua principal contribuição foi perceber que o papel da Sociologia é observar e analisar os fenômenos que ocorrem na sociedade, extraindo desses fenômenos, os ensinamentos e a compreensão. Tal fato e atitude, desencadeia a nomeação de Sociologia Compreensiva. Outra grande contribuição, recai na valorização das particularidades, devendo estas serem trabalhadas sob óptica histórica, e não sob visão positivistas. O que vai gerar novas premissas de atuação e interpretação dos fenômenos, como no caso de seu conceito chave: A**ção Social**. Este conceito

se baseia na observação do comportamento social humano, onde se relacionam de maneira subjetiva, sendo este espelhado no comportamento alheio.

Seu principal experimento metodológico recai na análise do tipo ideal, que vigora nos parâmetros científicos, tentando estabelecer a sociologia, ou pelo menos, suas análises, dentro do âmbito não metafísico.

O fundador da escola francesa de Sociologia **Émile Durkheim** (1858-1917), contribuiu ao realizar pesquisa empírica com teoria sociológica. Estabelecendo assim, um marco científico à Sociologia. Para Durkheim, a sociedade funcionava como um corpo, onde cada órgão tem sua função e depende dos outros para sobreviver. Assim sendo, o indivíduo deve se sentir parte do todo, para que não haja anomalias sociais.

Para este sociólogo, a Sociologia deve se preocupar com os **fatos sociais**, que se apresentam como: a) coerção social; b) exterioridade; c) poder de generalização. E tais atributos, são inerente aos indivíduos sendo manipulados e redirecionados aos mesmos, até o ponto de se tornarem hábitos.

Durkheim deixa um legado para todos os cientistas, mas poucos conseguem seguir e ser profissional ao ponto de. O cientista social deve analisar a sociedade sendo neutro, não se deixando influenciar por seus próprios sentimentos, sejam eles bons ou ruins (conforme sua percepção). OBS: Isso não é só para os cientistas/pesquisadores sociais!

Ao entendermos os fundamentos que embasam o processo construtivo do pensamento científico social, ou seja: Como surge e se estabelece a Sociologia, pode-se adentrar em outra esfera do conhecimento, este denominado de Geografia, que tem suas origens na Grécia antiga, graças à seus mentores, que de início, foram apresentados.

A Geografia sempre descreveu a Terra, porém, seus interlocutores e integrantes, mais especificamente: seus agentes e ao mesmo tempo atores e gerentes, mais conhecidos como geógrafos humanistas ou protagonizadores da denominada geografia humana, esqueceram-se deste fato e não mais descreveram a Terra. Porém, por outro lado, os geógrafos físicos, muitas vezes se esqueceram de realizar a relação sociedade com a natureza. Logo; as duas áreas não realizam esta relação em suas análises científicas.

Os geógrafos e não a Geografia, foram, ao contrário da sociologia, buscar respostas no âmago social. Pois enquanto a Sociologia conformatava-se com as novas ideologias destes quatros pensadores, que são os fundadores da Sociologia (Auguste Comte, **Émile Durkheim, Karl Marx e** Max Weber), a geografia os incorporavam em suas análises críticas e científicas, resultando na dicotomia existente até os dias atuais, sendo que muitos pesquisadores mascaram este fato.

No momento presente, os trabalhos de cunho geográfico humano (geografia humana), se transformou em sociologia pura. Pois, são pouquíssimos trabalhos que descrevem a Terra, com pelo menos um mapa de localização da área à ser estudada. E quando o faz, é somente para conformatar o trabalho como sendo geográfico, demonstrando apenas, suas coordenadas geográficas com no máximo três mapas (1-Brasil, 2-município 3-área estudada). Não mais que isso. Atualmente, nem a geografia física e muito menos a geografia humana se encarrega de realizar uma análise **que trata das relações ambientais sociais humanas e suas associações interligadas aos ambientes naturais físicos e suas integrações com os fenômenos naturais do espaço morfodinâmico onde o ser humano está e de suas leis.**

Neste momento, analisar-se-á, alguns trabalhos, tanto da área sociológica, bem como das áreas destas duas geografias, para corroborar com as interpretações descritas. Iniciando o processo com as análises de trabalhos desenvolvidos na área de Sociologia, conforme se sucede:

ANÁLISE COMPARATIVA DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

A intenção de se realizar comparações entre pesquisas sociais e geográficas, é para demonstrar que a geografia social, neste atual momento histórico, não deixa de ser sociologia e/ ou que invadiu deliberadamente a área social (transgrediu o território social). Denotando ainda, as diferenças entre geografia física e a geografia social. Além de evidenciar as semelhanças entre a Sociologia e a geografia humana. Não entrando no discurso crítico destes trabalhos, muito menos estabelecendo atribuições aos fenômenos registrados. O intento aqui, se estabelece nas formas de embasamento teórico metodológico, (sendo que estes, também não são avaliados/criticados), para fins de comparação e do desfecho final destes trabalhos científicos. Como vos é apresentado:

A primeira tese apresentada, pertence ao sociólogo Alexandre Abdal, que se debruça no processo de desenvolvimento regional brasileiro, exposto desta maneira:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Sobre regiões e desenvolvimento

Os processos de desenvolvimento regional brasileiro no período 1999-2010

Alexandre Abdal

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Lima

v.1.

São Paulo
2015

Nesta tese, desenvolvida por Alexandre Abdal, para obtenção do título de Doutor em Sociologia, possui 53 (cinquenta e três) mapas, que visam identificar a identificação de padrões de distribuição espacial específico para as diferentes atividades econômicas. Esta pesquisa embasa-se no estudo do processo regional brasileiro, com visão perceptiva, tendo os municípios como unidade empírica.

Sua abordagem se estabelece no retrospecto histórico comparativo, fundamentando suas observações na análise crítica, ao passo que descreve a conformatação do fenômeno em uma pequena porção do espaço morfodinâmico, conhecida como Brasil. Deve-se ressaltar, que

o doutorando (hoje Doutor), continua descrevendo os limites territoriais das ocorrências de interesse de seu estudo, a cada mapa formulado. Conforme observado:

Seu primeiro mapa se apresenta na página 45, (Figura. 01). Apenas mostra a área (território) que está em evidência dos fenômenos percebidos/perceptíveis pelo autor. Não há a preocupação na descrição do espaço morfodinâmico (espaço da superfície terrestre).

Figura 1.1: Representação esquemática do Polígono
Fonte: Clélio Campolina Diniz (1993).

Fig.01 – Mapa: área foco

O próximo mapa localiza-se na página 67, que demonstra ocorrências em todo o Território Brasileiro: conforme observa-se (Figura – 02):

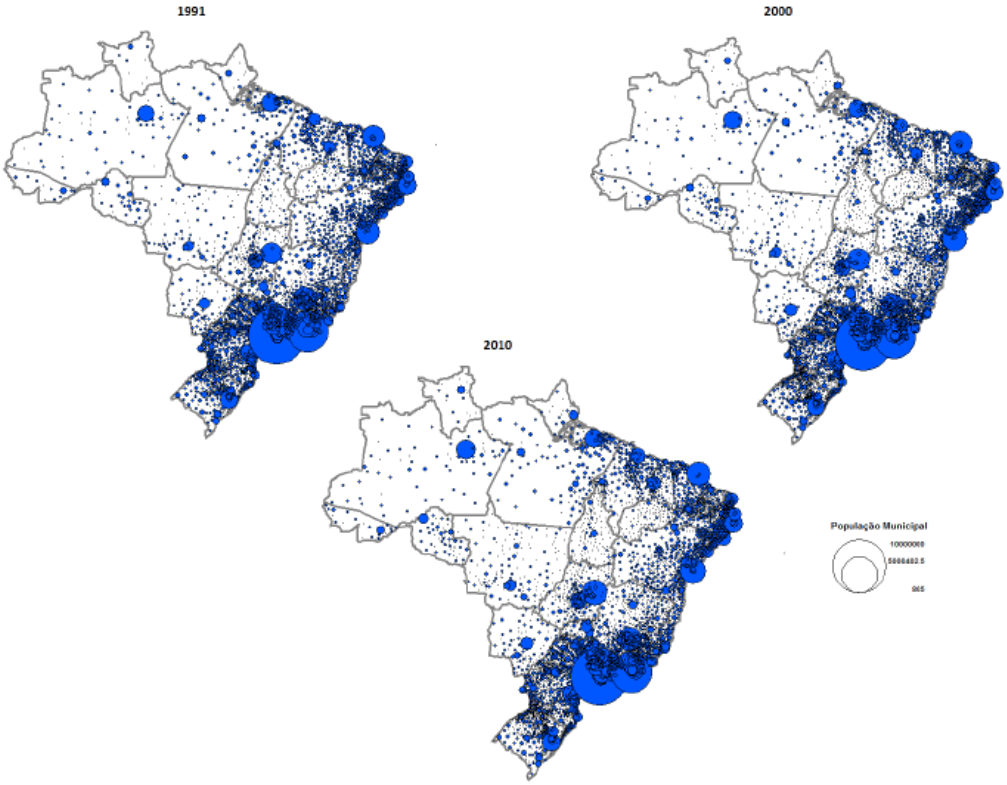


Figura 2.1: Distribuição da **população residente** por município.
Brasil, 1991, 2000 e 2010.
Fonte: Censo/IBGE. Elab. própria.

Fig. 02 – Mapa de ocorrências

Os próximos mapas são formulados dentro das mesmas padronizações, representando as áreas de interesse e ocorrências de fenômenos/objeto de estudo.

Este trabalho encerra-se com análises descritiva, perceptiva e crítica, sem solução e/ou mitigação plausíveis de serem implementadas de forma concreta. E deixa a possibilidade – possível em um evento probabilístico ao fluxo do mercado, que não se define, se é interno, externo e/ou misto.

Caro leitor, entenda: não estou criticando negativamente o trabalho desse Imo. Sr. Dr. Alexandre Abdal, pois a metodologia postulada pelos autores da Sociologia, que também irrigam a geografia, associado a insuficiência teórica (crítica e perceptiva), que não resulta em ações e determinações concretas para solucionar os problemas encontrados, é que faz gerar estas conclusões.

Dessa forma dita, os próximos trabalhos, também devem estar conformatado dentro desta visão (dos fundadores da sociologia). Logo; as conclusões serão as mesmas, ou seja: sem uma solução e/ou mitigação aos problemas encontrados. Mas que funcionam como mapeamento dos fenômenos estudados (espaciais sociais de percepção, apriore, virtual e depois de algum tempo se tornam concretas).

Seguindo com as análises dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Sociologia, averiguar-se-á que o próximo corrobora com os enunciados apresentados até este momento. Conforme se revela:

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

O controle da atividade policial

um olhar sobre a Ouvidoria do Sistema de Segurança Pública do Estado do Pará

Osvaldina dos Santos Araujo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientação: Prof. Dr. Marcos César Alvarez.

Esta dissertação (da Mestranda: Osvaldina dos Santos Araújo), incumbe-se de refletir sobre o controle da polícia no Brasil. O universo empírico escolhido, recai na Ouvidoria do Sistema de Segurança Pública do Pará. Em suas páginas 12 e 13, relata os procedimentos metodológicos aplicados:

Conforme informes da autora (p. 12), a pesquisa empírica reuniu elementos para estudo de caso, utilizando-se da observação direta, sendo utilizados combinações de técnicas qualitativas e quantitativas para análises dos dados coletados. As fontes principais foram: histórico documental das ocorrências e denuncias, associado à entrevistas pessoais com os funcionários públicos que desempenharam suas funções no local, tendo em sua base do mais alto escalão ao menos graduados (policiais militares).

Estas técnicas adotadas, permitiram a identificação de situações e processos impostos ao controle das atividades policial e a mensuração do ponto de vista da ocorrência, de sua particularidade e de sua mensuração (p. 13).

O trabalho ora analisado, não possui mapas, porém, há fotografias que mostram o local da Ouvidoria, ou seja: do foco observacional.

Suas considerações finais remetem à uma abordagem descritiva do funcionamento da corregedoria e realiza uma reflexão que demostra que a sociedade não possui acesso direto aos seus direitos, mais básicos de cidadão.

Como pode-se observar, esta dissertação de mestrado, recai na mesma problemática alcançada na tese de doutorado. O que irá desencadear um hábito em desenvolver tais análises, sem uma tentativa de sanar e/ou mitigar aos fenômenos identificados.

Mas isto não ocorre somente na área da Sociologia, acontece na área geográfica – social, que além de, muitas vezes não mapear os fenômenos, e quando mapeiam, chegam as mesmas considerações finas apresentadas pela Sociologia.

Estas questões recaem nas geografias, porque se esqueceram (os geógrafos) de suas reais atribuições, sendo que a área humana geográfica, invadiu de vez os limites que concerne a Sociologia. Deve-se ressaltar, que a interdisciplinaridade é importantíssimo aos processo de busca do saber (ciência), porém, deve-se estabelecer suas bases fundamentais e como defende Karl Popper: deve-se estabelecer seus marcos demarcatórios científicos. Pois; o nome Geografia advém desde 63 a.C., e significa descrição da Terra. Não se pode perder esta identidade...Geografia é Geografia e Sociologia é Sociologia. Uma descreve a Terra e não estuda a sociedade. O estudo da sociedade é de alçada da Sociologia. Porém, apenas descrever a Terra, não sustenta a alegação de ser uma ciência, pois, necessita de uma abordagem metodológica que possa ser observada e testada, não sendo um fato único.

Ir ao campo não significa realizar uma abordagem empírica, pois, dependendo de sua atuação, suas análises serão apenas históricas. Ou seja, se revelar-se-ão fatos únicos, sem a possibilidade de teste.

Como se pode acreditar fielmente na história e nas entrevistas com as pessoas? Se elas muitas vezes são formuladas na psique do elemento de lembrança do cérebro, tendo ainda, a influência dos sentimentos, que farão florar imagens positivas e ao mesmo tempo negativas, sofrendo ainda a influência das questões pessoais que cerne no âmago do égo, principalmente ao que diz respeito ao orgulho e vaidades. E mesmo que se faça a integração e a análise comutativas dos fatos narrados, adquiridos pelos dois lados protagonizadores da história, tudo o que teremos serão fragmentos que deverão ser encaixados sem a nossa opinião formal...sendo neutro. Para que se possa nos aproximar da mais embaçada realidade verdadeira.

Estas questões anteriormente comentadas, trazem a luz mais um problema de caráter metodológico – "Qual o critério mais eficaz para sanar a problemática da abordagem de retrospecto histórico e de relatos pessoais?"

Por mais próximos da realidade ocorrida, sempre vai existir o ponto de refutação dos argumentos pessoais. E até mesmo, documentais, porque há a possibilidade de um documento ser falsificado e/ou rasurado, perdendo assim, toda a sua originalidade e valor confirmatório. Sendo que em nossa atual realidade, os documentos são passíveis de serem fraudados diretamente na fonte, motivo que se pode levar muito tempo até a descoberta deste fato.

CHAGAS (2005, p. 55), insere conotações de MOTTA (org. 2001, p.89), corroborando com as afirmações ora citadas:

(...)

> Motta apresenta as motivações que também embasam os conflitos de terras, pois tais interpretações são defendidas de maneira efetiva quando se coloca em voga um processo de expulsão de populações por meio da grilagem de terra. Nesse sentido, o processo de grilagem é bem mais amplo do que a falsificação de documentos, guardados em uma gaveta com grilos. Essa prática se estende as formas de legalização das terras, transformando-as em propriedade privada. Isso "se dá nos bastidores dos Cartórios locais, com a conivência de tabeliães e testemunhas que alteram a extensão da terra e forjam cadeias sucessórias"[123].

(...).

Porém, este ponto de refutação pode ser a verdade escondida. A verdade real!

Ao analisarmos os manuscritos que se sucedem, se revelará as diferenças entre a geografia física e a humana, mostrando ainda, as semelhanças entre a geografia humana e a sociologia. Conforme se inicia:

Uma avaliação do ordenamento territorial no processo de planejamento governamental: estudo do Rio de Janeiro

versão revisada

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Marques Camargo Marangoni

São Paulo

2011

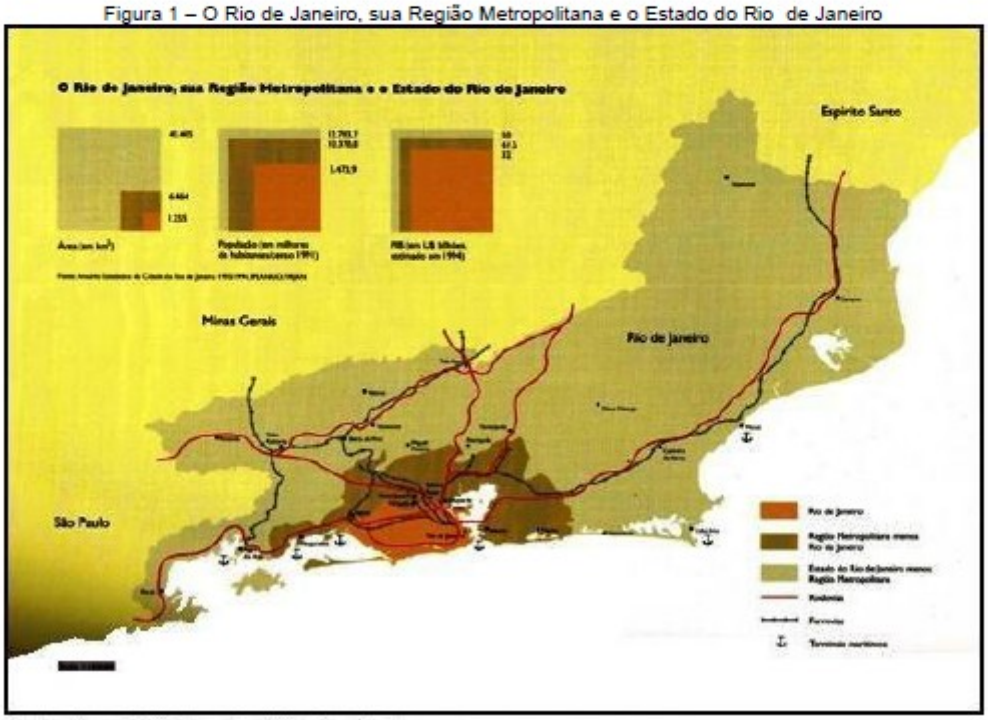
Esta tese se estabelece nos levantamentos de dados bibliográficos, aplicação do método de conectividade (fio condutor), e retrospectos históricos. Embasando-se em autores sociais (Sociólogos), como: Lebret, Labasse, Boldeville, tendo ainda as concepções de Lefebvre e Subra.

Seu primeiro mapa aparece na página 26 (Figura – 3):

2 NOTAS INTRODUTÓRIAS

O objetivo geral deste trabalho é o de avaliar a consolidação do espaço urbano do Rio de Janeiro à luz do ideário do ordenamento territorial urbano, considerando o contexto político e geopolítico, a estrutura de planejamento, normas e leis urbanísticas, o desempenho das instituições nas intervenções promovidas em seu território.

Figura 1 – O Rio de Janeiro, sua Região Metropolitana e o Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro - Rio Sempre Rio, 1996

Fig. 03 – Mapa utilizado (p.26).

O segundo mapa aparece na página 127 (Figura – 4):

Figura 2 – Fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – primeiro núcleo

Fonte: Revista Arquitetura (1967)

Fig. 04 – 2º Mapa utilizado.

E a tese continua embasada nas pesquisas bibliográficas e mapas históricos, contendo ao total de todo o trabalho 13 (treze) mapas. E nenhum deles foi construído ou compilado pelo autor. Suas fontes advém, em sua maioria da internet.

Em suas considerações finais, o contexto mais importante recai em seu texto final, que ora vos apresento:

(...) “

É necessário que as reflexões científicas se tornem um contínuo aprendizado e subsidie posicionamentos políticos como ações que se complementam e se integram visando sempre à condição humana. Não temos a intenção de esgotar a temática, nem tampouco idealizar práticas de planejamento para o desenvolvimento territorial, mas de certa forma contribuir nas reflexões quanto à realidade que se apresenta identificando pontos e contrapontos no embasamento teórico, no discurso e na prática.

Ao observarmos esta tese, concluímos que não deixa de ser um trabalho exclusivo da Sociologia. E ao compararmos com o primeiro manuscrito descrito pode-se perceber a preocupação (da primeira tese) em realizar os mapas e apontar os focos de fenômenos ocorrentes.

A tese apresentada pela Ima. Sra. Dra. Monica Amendola, é de cunho não geográfico, mas que se estabelece nele, assim como muitos outros trabalhos acadêmicos que se embasam nas teorias sociais. Que por sinal, não expressam uma súbita redução ao não expor soluções.

Tendo ainda, muitos trabalhos que se aproximam da real objetividade geográfica, que teria de ser (no momento atual) a relação da sociedade com a natureza. Porque é esta a propaganda que fazem desta disciplina (ciência) à sociedade e aos estudantes. (E é exatamente por este motivo que a geografia e os geógrafos se preocupam com o espaço de Lacoste e Moreira. Não saindo do discurso e permanecendo em suas valorosas cavernas). Como é o caso dos trabalhos da geografia física que ora vos apresento:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA FÍSICA

Análise morfodinâmica e das águas nas bacias costeiras dos rios Nhundiaquara e Marumbi, no litoral do Paraná

Luiz Fernando de Carli Lautert

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutor em Ciências (Geografia Física).

Área de concentração: Geografia Física
Orientador: Prof. Dr. Jurandyr Luciano Sanches Ross

São Paulo
2010

Esta tese se embasa nos procedimentos de cunho empirista, tendo como base o estudo integrado com ênfase na fragilidade das bacias hidrográficas costeiras dos rios Nhundiaquara e o rio Marumbi. Fundamentando-se em revisões bibliográficas epistemológicas, tanto da geografia, quanto da filosofia e realizando prospecções ao campo e análises no escritório, bem como a utilização do laboratório cartográfico. Tais procedimentos, levaram-no a construção das cartas de fragilidade.

Tendo em seu manuscrito o primeiro mapa na página 22 (Figura – 05):

O Litoral do Paraná tem uma área aproximada de 6.600 km^2, tendo como limites as latitudes sul 25° e 26° e 48° e 49° de longitudes oeste.

A baía de Antonina localiza-se no complexo estuarino da baía de Paranaguá, um dos maiores e mais importantes estuários do Brasil e é rodeada pelas formações da Serra do Mar, que são florestadas por uma dos maiores remanescente de Mata Atlântica Brasileira. Todo este mosaico tem como bases geomorfológicas e hidrográficas, bacias costeiras adjacentes, que fazem constantes interações naturais e sociais com a baía.

Nesta pesquisa são estudadas as bacias do Rio Nhundiaquara e do Marumbi perfazendo um total de 436 km^2, localizadas principalmente dentro dos limites do município de Morretes, tendo sua desembocadura na baía de Antonina (figura 1).

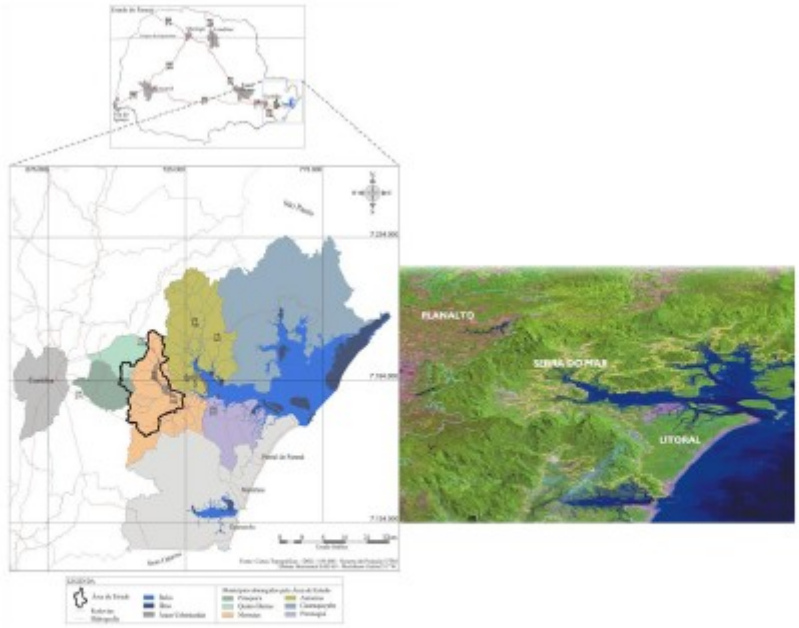


Figura 1. Localização da área de estudo. Organizado por Lautert (2010).

Fig. 05 – 1º Mapa da tese (Lautert) .

O número total de cartas são de 33, associados à fotografias, figuras e esboços, que mostram as localidades e as características das áreas de foco. Conforme se observa na página 89 (Figura – 06).

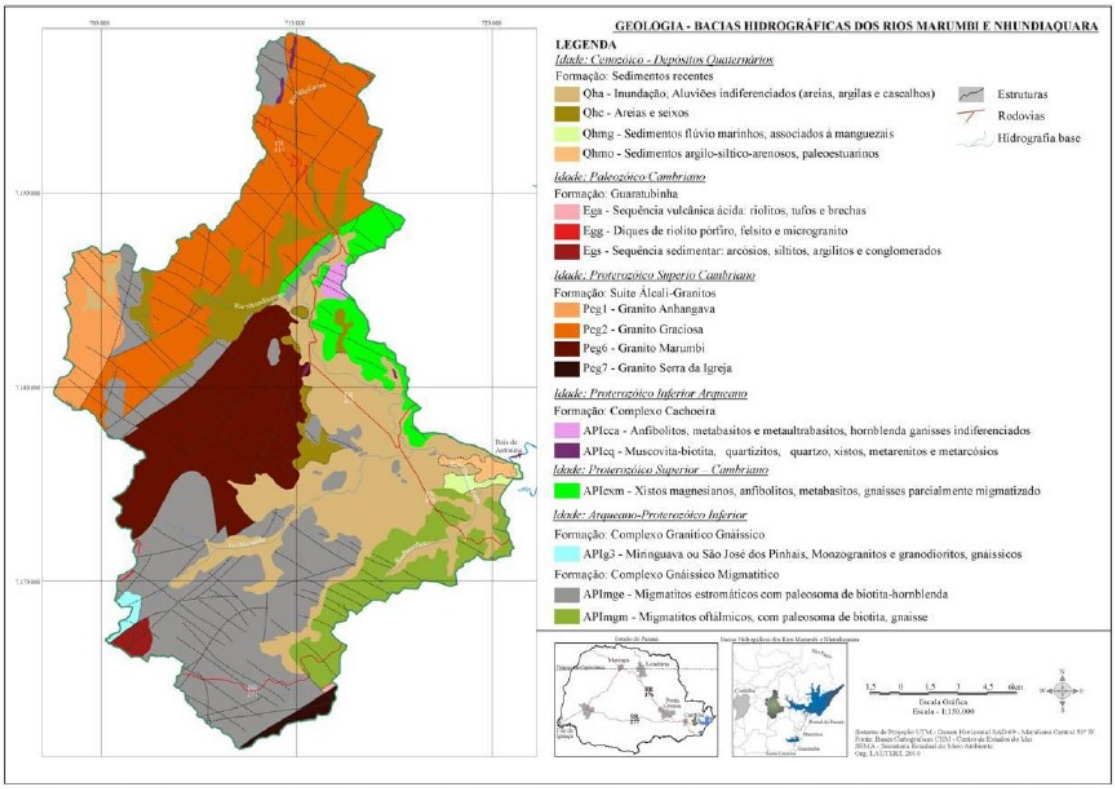


Figura 20. Geologia da Área de Estudo.

Fig. 06 – Carta Geol/hídro. Fonte: in: LAUTERT (2010, p.89)

Suas considerações finais apontam para a interdisciplinaridade e a associação das ciências, conjuntas à inserção da sociedade. Que no caso, é representada pelas escolas públicas em suas comunidades.

Neste ponto, deve-se ressaltar que este tipo de atuação e de inter-relação, está evidenciada no Trabalho de pesquisa desenvolvido pelos professores- alunos do Curso Magister da Universidade do Contestado – Mafra-Sc.

Este projeto visa auxiliar as prefeituras municipais, com a participação das escolas, no planejamento de cidades, mais especificamente ao que se refere a criação de áreas verdes, sendo assim transcrito: "(…)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto em si iniciou-se sem grandes pretensões, o que era pra ser observado e analisado, tornou-se de grande vulto envolvendo alunos compondo de equipes trabalhando de maneira dinâmica e prática, exigindo uma resposta em que o meio-social pudesse ser modificado a favor da escola e da comunidade.

A partir deste momento, sob o olhar crítico e com empolgação das equipes, obteve-se a ideia de ocupar a área em frente à escola, pertencente ao Governo Municipal.

Entre várias apresentações uma das equipes elaborou com ajuda das Oficinas de Marcenaria sob a orientação do Professor Alberto M. Rodrigues e da Professora Rita de Cássia Plácido, responsável pela Oficina de Artesanato, a maquete com a principal idéia de transformação e recuperação da área, constando de
um parque infantil, pista de bicicross, e áreas para preservação e recuperação da mata ciliar do arroio de Matadouro.

Diante de tal perspectiva, iniciou-se o levantamento no dia 15 de novembro de 2004, por esta equipe que vos escreve, realizando incursão à área foco, com a finalidade de realizar a demarcação delineadora dos limites do futuro e pretendido parque. Além de estabelecer quais as ações a serem tomadas quanto à realização do projeto de pesquisas. Munidos de dois GPS Garmim de 24 canais e outro de 12 canais, foram plotados os pontos ao longo da área em estudo.

As coordenadas em UTM, sendo os pontos: A: 0618939/7112979; B: 0618903/7113090; C: 0618847/7113240; D: 0618 823/7113132.

Havendo na área uma edificação, onde se localiza a sede da Associação de Moradores Vila das Flores, surgindo a hipótese de implementar junto ao local uma Biblioteca Pública, para atender a população, em pesquisa, leitura e entretenimento.

Foi realizada uma reunião com as atuais Presidentes da Associação de Moradores da Vila das Flores e Vila Solidariedade, Mafra-SC, no dia 05 de fevereiro de 2005, para expor o projeto e pedir a colaboração, através de suas representantes, para o engajamento da comunidade. Obtendo-se êxito nesta reunião, onde ficou esclarecida às dúvidas, sobre a ocupação da área por pessoas moradoras desses bairros.

Além deste fato, os autores deste projeto, solicitaram apoio na realização de um abaixo-assinado, requerendo ao poder público o uso da área localizada em frente à unidade escolar, e auxílio no levantamento de dados ambiental e social das comunidades que norteiam a escola. Abordando o assunto sobre a implementação da biblioteca na sede da associação a qual foi aceita imediatamente pelas dirigentes, sendo de grande valia para a comunidade em geral. Neste mesmo dia cogitou-se o lançamento de uma campanha de arrecadação de livros novos e usados, onde posteriormente a campanha ganhou ênfase com a divulgação na mídia falada e escrita, através do jornalista Edwardes J. Sartori, que detém na Rádio São José um Programa diário intitulado de J. Sartori, onde os acadêmicos, solicitaram aos ouvintes a doação de livros, deixando endereço e telefones para contato e também no Jornal Tribuna da Fronteira onde o público respondeu prontamente. A escola através da oficina de marcenaria projetou e executou a montagem de estantes e materiais, colaborando para a concretização da biblioteca, sendo o 1º bairro a ter uma; servindo de exemplo a outros bairros que quiserem aderir a idéia.

Além do estabelecimento da área e da elaboração da biblioteca, surge a necessidade de preservação da mata ciliar, objetivando o controle de cheias, bem como, a preservação ambiental realizada pelos alunos de todas as idades. Sendo assim, realizou-se a coleta de folhas para análise, seguindo a metodologia desenvolvida por SANCHES e

BENEDETO apub, Josué Camargo Mendes (1988). Pois seja qual for a faixa etária do indivíduo, poderá colaborar nas investigações fitoflorísticas, sem saber do processo de classificação e sistematização das espécies, sejam elas animais e/ou vegetais. Com este método, pode-se trabalhar em vários níveis de aprendizado, iniciando-se no pré até o último ano do Ensino Médio. Sendo que os professores de ciências, geografia e biologia podem realizar tarefas escolares que se caracterizam dentro de cada faixa etária, optando em apenas coletar amostras e/ou até mesmo classificar as espécies que compõem a mata ciliar do futuro e pretendido parque.

Enfocando a metodologia anteriormente descrita, estabeleceu-se quatro áreas ou táxons de 6m x 6m, distantes 6 metros uma das outras, usando uma trena, quatro (4) balizas de 2 metros de altura, e os 2 GPS anteriormente citados, estabelecendo desta maneira os pontos de amarração do terreno. Estes se localizam em uma altitude de 774 metros aproximadamente, portanto abaixo da cota de enchentes que é de 779 metros no município de Mafra-SC, fixado por lei nº 1431 de 11 de junho de 1986.

Para o levantamento de cunho social, elaborou-se um questionário e os dados pesquisados serão apresentados em forma de tabelas. Indicando amostras de pesquisas do espaço geográfico denominação de Santos (1996) e/ou como denomina Nitsche (2001), ambiente social, professores, alunos e famílias das comunidades que rodeiam a Unidade Escolar, divididos em partes de acordo com a pretensão da pesquisa, contendo perguntas relevantes ao que se destina.

Chegou-se a conclusão que em 350 questionários distribuídos para famílias de alunos C.E.M. “Beija-Flor”, bem como para a comunidade local, somente 160 questionários foram preenchidos e devolvidos, tornando assim nosso universo de pesquisa, equivalendo ao percentual de 45,7%.

Com o intuito de não repetir questionários a uma mesma família, foi pesquisado com antecipação; classificando números de irmãos, a série e a professora regente, tornando-se a pesquisa mais próxima da realidade.

Através de cobranças e pedidos repetitivos não voltaram 190 questionários, num total de 54,2%, o que chamou a atenção por ser um número significativo e sem justificativa para tal acontecimento. (...)” (In: HELEODORO, RODRIGUES e PLÁCIDO. A Participação da Escola no Planejamento Ambiental Urbano. Mafra, 2005. Monografia (Graduação) – Setor de Geografia da Universidade do ContestadoMafra/SC.

Seu trabalho (*Lautert)*, além de estabelecer o vínculo científico/social, ainda trouxe para as geografias (pedagógica e física), mais uma maneira de integração aos quesitos básicos dos processos metodológicos para a formação e construção do desenvolvimento interdisciplinar das ciências, associados à sociedade em geral.

Sendo que a primeira tentativa ocorreu quando foi desenvolvido o processo metodológico para o denominado “Diagnósticos Interativos” formulados para resolver o modo de: como seria possível efetuar análises no Município de Três Barras do Paraná, no período de 1996 a 1999 (NITSCHE; ALMEIDA, 2000 p. 49-54), sem que houvesse implicação de elevados custos. E que qualquer pessoa pudesse realizar.

Com este último parâmetro de comparação (a tese), pôde-se observar de maneira bem simplificada as grandes diferenças entre as bases sociológicas e as bases geográficas físicas e suas influências nos modelados do pensamento dos autores ora referenciados.

Assim, dito, pode-se dar continuidade à novas observações, que irão se convergir aos tratados de construção territorial e não de espaço geográfico ou o espaço não definido por MOREIRA (2008).

CONSTRUÇÃO TERRITORIAL E NÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

> Por isso, acho que não vai aportar no dia de hoje, mas no de amanhã.
> Baseio-me num sonho que acabo de ter esta noite. Talvez mesmo tenha sido oportuno não me haveres despertado.
> (Sócrates)

Ruy Moreira trata destas questões, onde o espaço é objeto de estudo das geografias e que sem o ordenamento espacial não há geografia, embasando-se em Yves Lacoste. Que nos informa:

Logo no início de seu artigo, denominado de:

"A Geografia serve para desvendar Máscaras Sociais" In: (arq-pdf., http://geografialinks.com/site/wp-content/uploads/2008/06/moreira-ruy_a-geografia-serve-para-desvendar-mascaras-sociais.pdf, domínio público, 2016.), referência Sodré e argumenta:

"Nelson Werneck Sodré chamou atenção, em livro recente, para o uso ideológico da geografia pelo capitalismo no decorrer do colonialismo e do imperialismo. Mas o que nele expõe, acerca do determinismo geográfico e da geopolítica, nem de longe se compara com a manipulação, de que *é* hoje objeto o espaço geográfico, denunciada por Yves Lacoste.

Usando a paisagem com fins turísticos; projetando "obras de impacto" em áreas estratégicas; confinando ideias cívicas à unidade espacial Estado-Nação; planejando a exploração e consumo de recursos naturais; redistribuindo populações faveladas (viveiros de mão-de-obra) para áreas destinadas à implantação de distritos industriais; fabricando imagens de lazer e conforto com áreas verdes, sol, sal e mar para forjar venda de imóveis de fachadas e nomes pomposos, ou marcas de cigarros; manobrando as articulações do complicado tabuleiro de xadrez da geopolítica mundial; espraiando os tentáculos desses polvos gulosos e insaciáveis eufemisticamente chamados multinacionais; tais são alguns exemplos dessa interminável lista de maneiras que o capital encontrou de usar o espaço geográfico como instrumento de acumulação e poder."

Nesta época do colonialismo, a geografia não se preocupava com idealismos, sua função era de desenvolver esboços, plantas, cartas e mapas, que se estabeleciam na área da cartografia e a geografia em si, era lida e representada por estes materiais cartográficos. E neste contexto, não apenas o sistema capitalista, mas as ciências e os cientistas, os reinos, os governos e as populações, se utilizavam da geografia, desde seu surgimento nos trabalhos de Strabo (63ª.C. – 24 d.C.) e Claudius Ptolomaeus (100-70 d.C.), com a intenção de descobrir e

ao mesmo tempo, deslumbrar, do que o desconhecido poderia oferecer, não somente levados pela curiosidade, mas principalmente de seus recursos naturais. Pois; desde o surgimento do das primeiras civilizações há aproximadamente 4.000 anos (CHILDE, 1978), o ser humano vem buscando recursos naturais, tanto para sua sobrevivência, bem como, para sua formação cultural (música-instrumentos musicais, dança-adornos, pinturas, pinturas corporais e outras).

Aproveitando o momento colonial brasileiro (que se embasa todo esse discurso), para convidá-los à uma viagem...vamos à China! Para conhecer dois grandes estrategistas e saber como a geografia (na visão de Moreira, Lacoste e Sodré) era utilizada no tempo deles. Logo à seguir:

(...)

"Sun Tzu – disse-lhe o rei -, li a obra que escreveste sobre a arte militar, e fiquei muito contente; mas os preceitos que sugeres me parecem de difícil execução. Alguns deles me parecem absolutamente impraticáveis. Será que tu mesmo poderias executá-los?
Há um abismo entre a teoria e a prática.
Imaginamos os mais belos estratagemas quando estamos em nosso gabinete e só fazemos a guerra na imaginação. Tudo muda quando estamos no terreno. Geralmente, o que presumíamos fácil revela-se tarefa impossível.
- Príncipe – respondeu Sun Tzu -, nada disse em meus escritos que já não tivesse praticado nos exércitos, mas o que ainda não disse é que estou em condições de fazer qualquer um colocar em prática minhas idéias, bem como posso treinar qualquer indivíduo para os exercícios militares, se for autorizado para tanto." (...)
In: (TZU Sun; "A arte da Guerra". Tradução Sueli B. Cassal. Porto Alegre: L&PM, 1ª ed, p. 07, 2006).

O contexto de maior importância nesta transcrição, é a aplicação da prática para testar a teoria. Salientando que se ao travar uma guerra virtual, fica-se tranquilo, pois, o imaginário proporciona um ambiente favorável, diferente ao que se depara no terreno, na pequena porção do espaço planetário e/ou morfodinâmico.

Este pensamento de Sun Tzu, trás uma clara problemática enfrentada atualmente pela geografia social, porque em seu gabinete, tudo é tranquilo. Não necessita explicar nada, basta criticar e mostrar as coisas, realizar um mapeamento mental e tudo é puramente geográfico e empírico. Uma verdadeira ciência social a geografia!

Outra passagem marcante nos enunciados de Tzu, se estabelece nas páginas 12 e 13 que aborda:

"(...) Sun Tzu diz: A guerra tem importância crucial para o Estado. É o reino da vida e da morte. Dela depende a conservação ou a ruína do império. Urge bem regula-a. Quem não reflete seriamente sobre o assunto evidencia uma indiferença condenável pela conservação ou pela perda do que mais se preza. Isso não deve ocorrer entre nós. A arte da guerra implica cinco fatores principais, que devem ser o objeto de nossa contínua meditação e de todo o nosso cuidado, como fazem os grandes artistas ao iniciarem uma obra-prima. Eles têm sempre em mente o objetivo a que visam, e aproveitam tudo o que vêem e ouvem, esforçando-se para adquirir novos conhecimentos e todos os subsídios que possam conduzi-los ao êxito.

Se quisermos que a glória e o sucesso acompanhem nossas armas, jamais devemos perder de vista os seguintes fatores: A *doutrina* engendra a unidade de pensamento; inspira-nos uma mesma maneira de viver e de morrer, tornando-nos intrépidos e inquebrantáveis diante dos infortúnios e da morte. Se conhecermos bem o *tempo*, não ignoraremos os dois grandes princípios yin e yang, mediante os quais todas as coisas naturais se formam e dos quais todos os elementos recebem seus mais diversos influxos. Apreciaremos o tempo da interação desses princípios, para a produção do frio, do calor, da bonança ou da intempérie. O *espaço*, como o tempo, não é menos digno de nossa atenção. Se o estudarmos bem, teremos a noção do alto e do baixo; do longe e do perto; do largo e do estreito; do que permanece e do que não cessa de fluir. Entendo por *comando* a equidade, o amor pelos subordinados e pela humanidade em geral. O conhecimento de todos os recursos, a coragem, a determinação e o rigor são as qualidades que devem caracterizar aquele que investe a dignidade de general. São virtudes necessárias que devemos adquirir a qualquer preço. Somente elas podem tornar-nos aptos a marchar dignamente à frente dos outros.

Aos conhecimentos acima mencionados convém acrescentar o de *disciplina*. Possuir a arte de ordenar as tropas; não ignorar nenhuma das leis da hierarquia e fazer com que sejam cumpridas com rigor; estar ciente dos deveres particulares de cada subalterno; conhecer os diferentes caminhos que levam a um mesmo lugar; não desdenhar o conhecimento exato e detalhado de todos os fatores que podem intervir; e informar-se de cada um deles em particular. Tudo isso somado constitui uma doutrina, cujo conhecimento prático não deve escapar à sagacidade nem à atenção de um general. (...).

Ao conhecer esta marcante ideologia de Tzu, não é possível realizar uma interpretação imediata, pois, suas palavras são simples e de aparente significado simplório. Porém; deve-se ater aos cincos critérios que são as bases de suas práxis. Logo; devem ser analisadas:

4) A *doutrina* engendra a unidade de pensamento; inspira-nos uma mesma maneira de viver e de morrer, tornando-nos intrépidos e inquebrantáveis diante dos infortúnios e da morte. Deve-se ressaltar, que estas características, são também conhecidas por "caminho" (dentro dos princípios taoistas).

Pode-se entender, dentro das análises militares, que a doutrina peita ao preceito de organização estrutural da cadeia de comando e estrutura de apoio logístico. E atualmente segue o mesmo conceito:

"27/04/2016

No dia 26 de abril de 2016, na Assessoria de Doutrina do DECEx, realizou-se uma reunião doutrinária para tratar de **ações decorrentes** da 1ª Reunião de Orientação e Coordenação Doutrinária. Participaram da atividade representantes da Asse Dout/DECEx, da ECEME, da EsAO e da EsSLog. Na oportunidade, foram discutidos aspectos doutrinários que necessitam de atualizações e/ou retificações, particularmente os referentes ao **Comando e Controle das estruturas logísticas** previstas na Doutrina Militar Terrestre (DMT) e aos Dados Médios de Planejamento (**DAMEPLAN**), atualmente utilizados pelos Estb Ens. Como conclusão da atividade, foi definido o estabelecimento de um Grupo de Trabalho para a atualização dos DAMEPLAN e a confecção de um relatório contendo as observações do DECEx quanto às estruturas logísticas, a ser encaminhado ao C Dout/Ex. In: https://doutrina.ensino.eb.br/noticia.xhtml?id=2038 , Ministério do Exército (M.Ex)."

Porém, dentro do princípio de “Caminho”, a forma mais simples de compreender, está nas palavras de Mao Tsé-Tung:

(...) “Devemos prestar uma profunda atenção aos problemas relativos à vida das massas, desde os problemas da terra e do trabalho aos problemas dos combustíveis, do arroz, (...). Devemos fazer com que as grandes massas compreendam que nós representamos os seus interesses, que respiramos o mesmo ar delas. (...).” In: (TUNG, Mao Tsé. “O livro Vermelho” (texto intg.) Tradução de (?). São Paulo: Martin Claret 1ª ed, ,1998, p.100).

Deve-se entender, que tanto caminho, como doutrina, na visão de Tzu, representam a mesma coisa. Esta concepção, recai na intenção de construir um arcabouço mental social, moldando a sociedade e o indivíduo a ter as mesmas ideias de seus governantes, defendendo-as até o fim de suas vidas (tanto os governantes como a ideologia nacional).

2) O *tempo* não ignoraremos os dois grandes princípios yin e yang, mediante os quais todas as coisas naturais se formam e dos quais todos os elementos recebem seus mais diversos influxos. Apreciaremos o tempo da interação desses princípios, para a produção do frio, do calor, da bonança ou da intempérie.

O tempo, bem como nos dias atuais, tinha duas interpretações, uma são as condições climáticas e a outra é a amplitude momentânea de um evento. No contexto de Tzu, o tempo é caracterizado pelas condições climáticas adversas. Sendo que qualquer bom estrategista irá se utilizar destas adversidades para estabelecer o domínio de seu território conquistado e/ou de defende-lo.

3) O *espaço* como o tempo, não é menos digno de nossa atenção. Se o estudarmos bem, teremos a noção do alto e do baixo; do longe e do perto; do largo e do estreito; do que permanece e do que não cessa de fluir.

Para Sun Tzu, o espaço é concreto, é a caracterização do terreno, pois, militarmente o espaço é o campo de batalha (o terreno). A observação instintiva e ocular deste, induz o pensamento (cérebro) a elaborar uma estratégia de combate.

4) O *comando* a equidade, o amor pelos subordinados e pela humanidade em geral. O conhecimento de todos os recursos, a coragem, a determinação e o rigor são as qualidades que devem caracterizar aquele que investe a dignidade de general. São virtudes necessárias que devemos adquirir a qualquer preço. Somente elas podem tornar-nos aptos a marchar dignamente à frente dos outros.

O comando não tem a propensão de gerar amor aos comandados, se designa a capacidade de estabelecer respeito mútuo entre as cadeias de comando e entre as tropas, mantendo-se controlador dos indivíduos e das tropas ao mesmo tempo, impondo sua autoridade, nos momento de conflitos e cooperando para que as necessidades das tropas e de seus, sejam supridas. Assim, pode-se manter coeso a formação militar e/ou o exército.

5) disciplina Possuir a arte de ordenar as tropas; não ignorar nenhuma das leis da hierarquia e fazer com que sejam cumpridas com rigor; estar ciente dos deveres particulares de cada subalterno; conhecer os diferentes caminhos que levam a um mesmo lugar; não desdenhar o conhecimento exato e detalhado de todos os fatores que podem intervir; e informar-se de cada um deles em particular. Tudo isso somado constitui uma doutrina, cujo conhecimento prático não deve escapar à sagacidade nem à atenção de um general. (...).

A disciplina, na verdade recai na forma de manutenção da ordem, tanto militar, quando civil/social. É o processo que desencadeia o controle de distúrbio de massa ou ações punitivas aos militares que revelam-se indisciplinados (que não respeitou as leis militares e/ou as do regime – sistema de governo).

Deve-se ressalta, que Tzu se utiliza de todos os aspectos que dão vida ao espaço.

Poder-se-ia inserir outras várias literaturas que tratam da arte da guerra, expor outros pensamentos de comandantes, chefes de tribos, governadores, imperadores, presidentes e outros. Além dos exploradores que comandaram expedições (Marechal Cândido Rondon, Cabeza de Vaca e Colombo), enfim, há centenas de comandantes e pessoas interessadas em conquistas territoriais, sociais e econômicas. Simplesmente porque o ser humano quando surgiu neste Planeta, desenvolveu a habilidade de, assim como alguns dos animais (não humanos – porque pertencemos ao reino animal), criar e expandir seus territórios, em busca de, primeiramente água, alimentos e abrigo, depois buscar materiais propícios as satisfação de suas curiosidades, vaidades e egos.

E se nos restringirmos à visão espacial geográfica (Moreira e Lacoste), todos eles eram geógrafos, porque seu objeto de estudo era o espaço.

Sun Tzu, Darwin, Newton, Hitler, Mao Tsé Tung, Maquiavel, Halley, Galileu, Copérnico, todos geógrafos!

Inclusive os primeiros habitantes do Estado do Paraná. Que, a arqueóloga: Claudia Inês Parellada, neste momento, nos conta uma história, que diz exatamente assim:

(...)

“há 4. 000 anos atrás, com o clima tornando-se mais quente e úmido, as florestas de araucária já em expansão, e as áreas de campos e estepes diminuindo, aparecem os primeiros vestígios de horticultores em território atualmente compreendido como Paraná, os da tradições Itararé –Taquara; e a dois mil anos atrás, já se tem assentamentos tupiguarani.

É nesse momento que ocorreram importantes mudanças culturais, afinal havia a necessidade de aumento de alimento para a subsistência, conforme discussões em Munro (2004) e Rowley-Conwy (2004), ou seja: a sobrevivência das aldeias dependeria de novas estratégias para obter mais comida, e um sistema de gerenciamento dos recursos naturais associados à estocagem permitiria este fato. (...) In: PARELLADA (2005, 38 e 39 p.).

Logo; entende-se a origem que desencadeia a virtual estória: que "a geografia serve, antes de mais nada para promover a guerra".

A geografia serve, antes de mais nada, para auxiliar na sobrevivência da raça humana!

Pois, a nossa sobrevivência depende da percepção e da perspectiva geográfica/ Geografia. E não devemos confundir estas, com, apenas a orientação, posicionamento, enfim, esboços cartográficos e representativos. Ou seja: não confundir Geografia com a cartografia. Principalmente porque Strabo e Ptolomeu não faziam isso!

O mais antigo mapa, no momento até então descoberto, é uma plaqueta de barro cozido, data +/- 4.500 anos. Utilizada para referência perceptiva do lugar , de onde se está, localização de fontes aquíferas, alimentos e a posição dos vilarejos – referência. Conforme descrito nas obras de: FERREIRA (1993); CROUZET, Maurice (1993, org.); LÉVÊQUE, Pierre (1987); RAISZ (1969). Sendo que este mapa, está sob tutela do Museu Semítico da Universidade de Harvad (RAISZ, 1969, p. 9). Nas linhas sucedentes, o mapa:

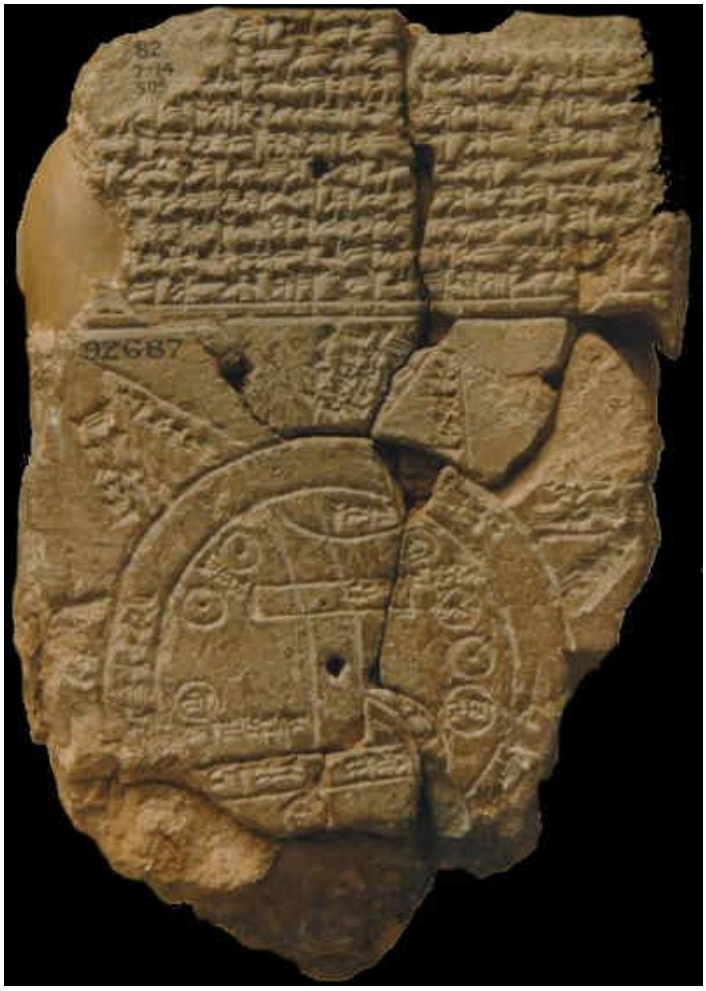


Imagem – Tablete de barro cozido com finalidade de expressar representação cartográfica. Fonte: http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=439&evento=5

Este pequeno artefato histórico, representa um rio encaixado em vale de montanhas. Desembocando no delta de três braços em uma laguna, lago ou mar/oceano. Além de possuir os pontos cardeais. Esta peça arqueológica, foi encontrada durante escavações na cidade de Ga-Sur, aproximadamente 300 Km da Babilônia. (embasando-se nas escritas de: RAISZ, 1969).

O mapa citado, era usado para a sobrevivência em primeiro lugar. Entendam que a carta em si, não ajuda à sobreviver. Faz-se necessário a compreensão do que aqueles riscos, círculos e linhas querem dizer. E para que se utilizar deste recurso. Se não há a percepção geográfica? Ou se não coloca em prática as relações ambientais sociais humanas e suas associações interligadas aos ambientes naturais físicos e suas integrações com os fenômenos naturais do espaço morfodinâmico onde o ser humano está e de suas leis.

E é exatamente isto que estes povos realizavam. A interligação com os ambientes, a integração com os fenômenos naturais e tudo isso para manter as relações ambientais sociais e pessoais, além de suas vidas e a de sí mesmo.

As mesmas características são observadas nos povos que habitavam a Ilha Marshall, que se utilizavam de representação gráfica e da percepção geográfica para a navegação. Principalmente para não se perder, ou evitar impacto nos rochedos, Pois; às chances de sobrevivência seriam poucas, ainda mais naquela época. Além de identificar pontos de pesca.

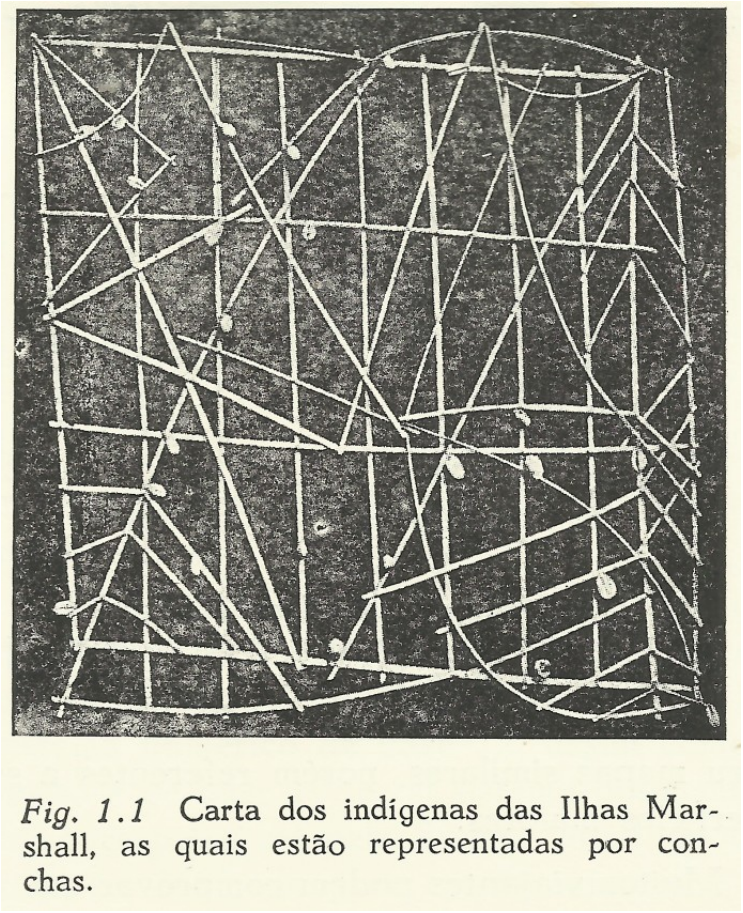


Fig. 1.1 Carta dos indígenas das Ilhas Marshall, as quais estão representadas por conchas.

Carta náutica de conchas. Fonte: In:
RAISZ (1969, p.7)

Conforme RAISZ (1969, p. 7), (...) “A quadricula ortogonal representa o mar livre (veja fig. 1 .1); as linhas curvas indicam a frente das ondas próximas das ilhas e as ilhas mesmas, estão representadas por conchas. (...)”:

A Geografia não promove a guerra, são as pessoas, com suas ambições que as fazem! Sendo que a geografia era inerte naquele tempo e até hoje se conversa assim. Porque é um elemento neutro, pode ser usado para questões positivas, bem como para atributos negativos. E nesse sentido, o que é bom para uma sociedade é ruim para a outra.

Mas não é a Geografia que irá decidir isto! Quem decidirá o que vai acontecer e de como usar a geografia, serão os governos, que muitas vezes nem estudo tem, e quando tem, não sabem o que fazer com este. Porque a ganância obscurece sua visão de bem maior.

Mas há exceções, como muitos Presidentes, que não eram geógrafos, mas sabiam se utilizar da geografia, visando o bem estar da sociedade e do País.

Não cabe dizer os nomes, porque muitos realizam grandes feitos e construíram as estruturas de nossa nação, defendendo e expandindo nosso Território. Mas para concretizar a ideia que ora tento expor, devo citar: Juscelino Kubistchek, que construiu uma cidade planejada, sem os processos naturais dos fluxos e dinâmicas que formavam as cidades, até então.

Não foi a Geografia que construiu Brasília. Foi a geografia nas mãos de militares, engenheiros e arquitetos. Estes sim construíram algo com o uso da geografia. Os geógrafos apareceram depois para criticar e demonstrar que os impactos sociais se estabeleciam de uma forma ou de outra. E que o espaço geográfico ali foi construído. Enaltecendo a Geografia, que nem se quer desempenhou elemento construtivo, voltando a ser geografia. Mas a Sociologia, de imediato se fez presente.

A percepção e a perspectiva geográfica é que nos mantém vivos até os dias atuais. Sendo a Geografia, uma das, se não a mais importante ferramenta científica, assim como as demais (Biologia, Medicina, Geologia, e outras), utilizadas para este fim.

Para elucidar o que foi dito, exemplifica-se com indagações:

Por quê o médico precisa saber se você viajou para o exterior, quando apresenta quadro de doenças não existente na área em que você esta (no momento de ser atendido)?

Por quê na Segunda Guerra Mundial, os americanos descobriram de onde e como vinham os balões-bomba do Japão?

Por quê existe uma determinada fauna num local e em outros lugares não?

Porque é na Geografia que encontramos as respostas!

Com esta compreensão em mente, podemos dar sequência às análises do artigo MOREIRA (seg. p. 1):

(...) “Ora, como afirma Lacoste: ”Toda a gente julga que a geografia mais não é que uma disciplina escolar e universitária cuja função seria fornecer elementos de uma descrição do

mundo, dentro de uma certa concepção 'desinteressada' da cultura dita geral. . . Pois qual poderia ser a utilidade daquelas frases soltas das lições que era necessário aprender na escola? (. . .) A função ideológica essencial do palavreado da geografia escolar e universitária foi sobretudo de *mascarar,* através de processos que não são evidentes, a utilidade prática da análise do espaço, sobretudo para a condução da guerra, assim como para a organização do Estado e a prática do poder. É, sobretudo, a partir do momento em que surge como 'inútil', que o palavreado da geografia exerce sua função mistificadora mais eficaz, pois a crítica de seus fins 'neutros' e 'inocentes' parece supérflua. (...) É por isso que é particularmente importante (…) desmascarar uma das funções estratégicas essenciais e demonstrar os subterfúgios que a fazem passar por simples e inútil". Mas se é uma necessidade cada vez mais premente tomar a tarefa do estudo do espaço geográfico, para uma maior compreensão dos processos sociais gerais das formações econômicos sociais contemporâneas, porquanto o espaço geográfico torna-se mais e mais um elemento importante nesse processo, esta necessidade lança por outro lado um desafio aos cientistas e estudiosos de geografia.

Definida como a ciência da organização do espaço, a geografia até agora negligenciou seu próprio fundamento de cientificidade. Desprestigiados por todos quantos preocupam-se com as questões da teoria e da prática da transformação social, os geógrafos não alcançaram o quanto o desprestígio reflete uma incômoda realidade.

Os geógrafos não perceberam que o que lhes falta é pôr os pés no seu próprio chão, e, então, propor uma teoria do espaço, que seja uma teoria social. Este texto propõe-se a sugerir alguns pontos de reflexão para uma teoria do espaço, considerando o autor ser este um projeto prioritário no campo da teoria da transformação social para todos aqueles que pretendam conduzir a geografia ao encontro das necessidades mais prementes de nossa época. (...)".

Aqui recai a percepção de Lacoste, de que a geografia é apenas uma mera disciplina escolar. A que a sociedade a julga assim também. E que encobriram-na para não ser utilizada ao fim estratégico.

Ao se analisar o quadro que se sustenta essas bases de pensamento, tudo o que nos é revelado, não é a máscara de se utilizar a Geografia como base para promover a guerra e/ou a condução desta. Porque a geografia (no contexto desses pensadores), era uma arma que permitiria um civil utilizar para promover a guerra. Como se fosse o Sistema de Posicionamento Global (GPS) – em nossa atualidade.

A única máscara que se observa no contexto histórico escolar e acadêmico é a falta de iniciativa para elaborar um processo teórico, que pudesse desempenhar a função de transmissão do conhecimento geográfico, tendo ainda, que se moldar uma maneira de transformar a geografia em Geografia, além de estabelecer a base de foco/objeto, que até hoje não se consolidou.

Ainda, nos dias atuais permanecem essas três geografias bem distintas, geografia física, geografia sociológica e pedagógica.

A inércia geográfica é tanta, que até o presente momento não há um Conselho de Geografia. Logo; essa alegação de Moreira, não se sustenta, sendo uma máscara para acobertar a incapacidade de desenvolver-se e de se impor, tanto no mercado de trabalho, quando ao desenvolvimento de pesquisas (e nesse ponto, a Geologia sai na frente). Bem como para encobrir o preconceito que os bacharéis/mestres/doutores e livre-docentes) expressam ao se depararem com os licenciados e inclusive com os próprios bacharéis. Além de se estabelecerem no discurso e não na ação...do fazer! E esta questão, é explanada em NITSCHE (2016, p.47).

E é por este motivo, que nos manuscritos deste, há sempre a chamada para a união dos profissionais geógrafos (das três categorias), ou seja: entrelaçamento das geografias, formando uma, que irá possuir, apenas duas ramificações do corpo principal: 1) Geografia 2) Geografia pedagógica. Sendo que a segunda, estará muito próxima do científico. Se iniciar o processo de construção interativa das revelações acadêmicas com as escolas, transferindo estas aos alunos. Como é, no caso, descrito nos trabalhos de: HELEODORO; RODRIGUES e PLÁCIDO, (2005 apud NITSCHE, 2016, p. 43). Não haverá geografia física e humana, pois o processo evolutivo da ciência, não permitirão uma semiciência, dentro de uma área científica, que analisa as questões das relações sociedade/sociedade e a natureza. Porque para que este objetivo seja alcançado, e se estabelecer na íntegra os estudos destas relações e não do espaço, faz-se necessário estar na área geo – científica/ciências da natureza e não sociológica.

Deixando as questões de ordenamento espacial aos sociólogos.

Todos pensam que a atribuição do geógrafo é ordenar o espaço. Impossível de se ordenar um planeta. O que o geógrafo faz (deveria fazer): é se utilizar de ferramentas materiais e metodológica para desenvolver análises e resolver questões das relações já mencionadas, fornecendo bases para o planejamento ambiental, que irá ser utilizado (pelo governo competente) à ordenação territorial. Protegendo assim, os ecossistemas e biomas, não apenas para salvar o Planeta, mas para nos salvar. Pelo menos era isso que a Geografia deveria fazer. Mas com estas geografias...fica difícil.

Ao dar ênfase nesta questão, descobrir-se-á mais uma característica do pensamento social de Lacoste e MOREIRA (seg. p.2) que ora analisamos:

(...) “Yves Lacoste intitulou seu livro recente: *A geografia Serve Antes de Mais Nada para Fazer a guerra.* Diríamos, alargando o significado desse enunciado, que a geografia, através da análise dialética do arranjo do espaço, serve para desvendar máscaras sociais, vale dizer, para desvendar as relações de classes que produzem esse arranjo.

É nossa opinião que por detrás de todo arranjo espacial estão relações sociais, que nas condições históricas do presente são relações de classes.

Com isso, afirmamos que espaço é história, estatuto epistemológico sobre o qual a geografia deve erigir-se como ciência, se pretende prestar-se a alguma utilidade na prática da transformação social. E tal noção reside não na mera constatação de que a história desenrola-se no espaço geográfico, mas, antes que tudo, de que .p espaço geográfico é parte fundamental do processo de produção social e do mecanismo de controle da sociedade. Conseqüentemente, afirmamos também que o espaço geográfico tem uma natureza social, do que deriva que a geografia é uma ciência social”. (...).

Embasar a Geografia em área restrita ao social, não responderá aos preceitos científicos para desempenhar as funções que deveriam estar sendo desenvolvidas no âmago dos procedimentos metodológicos para a identificação dos processos, mitigação e ações de reestabelecimento do equilíbrio das relações natureza e a sociedade.

O melhor deste texto, é ler que a geografia não serve, ou não é útil para a transformação social. Porque, para a Geografia, a transformação social é de alçada dos sociólogos (o estudo). E a transformação da sociedade, requer resultados práticos e não apenas discursos e análises históricas, que remetem apenas ao descobrimento do que: para a sociedade, já é sabido. Apenas, não explicado!

A geografia não irá transformar a sociedade, mas a Geografia...sim! Com métodos e abordagens científicas que resultam no planejamento ambiental, que será a carta magma para a solução e/ou pelo menos a mitigação dos problemas. Mas para que haja esta inclusão na transformação social (almejada por Moreira), faz-se necessário que os governos coloquem em prática as sugestões e implementação resultantes do produto do planejamento elaborado.

Além do mais, a historicidade não é possível de ser confirmada em toda a sua abrangente confluência ao proximal refutamento do falseável, tendo como cunho a psique humana. Os desdobramentos históricos e os fragmentados representativos, muitas vezes se compactua com ações vis, e que não nos respalda ao concreto irrefutável.

Porém, não se deve confundir memória com história, conforme nos informa ARAÚJO SÁ (2006):

(...)

"Ora, é necessário estabelecer uma articulação entre os estudos sobre a memória e alguns perigos que, via de regra, podem acontecer no seu relacionamento com a cultura. De um lado, existe o perigo de reduzir a cultura, política e a ideologia, ao invés de alargar o campo político para o social e o experimental, a uma história cotidiana da memória. De outro, também há o perigo de reduzir a cultura a uma noção vaga de memória, na qual ela é separada de outras memórias na sociedade e da cultura produzida em torno delas. Portanto, a memória como representação simbólica e prenhe de significado político é óbvia e explica pouco se não for inserida na rede global de transmissão social e representações simbólicas. (...)." In: ARAÚJO SÁ, 2006, p.39

(...).

E se dentro de uma ciência que necessita de métodos que estabeleça na íntegra a relação sociedade e a natureza, e que possui, uma área que não nos possibilita prever eventos futuros... Como, é que, a geografia social quer se estabelecer como Ciência Geográfica? Que se enquadra no arcabouço geocientífico.

Para que se possa visualizar melhor as questões que trago à tona, a questão da historicidade e história, recorre-se ao dicionário de filosofia (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001 p.93,94):

(...) "história (lat. E gr. Historia). A palavra "história" designa ao mesmo tempo: a) uma certa disciplina, constituída de relatos, análises, pesquisas de documentos etc., cujos artífices são os historiadores: b) a matéria dessa disciplina, sobre a qual trabalham os historiadores, ou seja, a síntese de acontecimentos (sucessões de reis. Alianças, assassinatos, eleições, guerras etc.) ou de estados (prosperidade, miséria, dependência, independência etc.) realizados ou sofridos pelos homens no passado. Assim como a matemática tem por objeto as grandezas e as relações, (...). A história tem por objeto a história.
2. Etimologicamente, designa o relato, e não os acontecimentos contados; em grego. Historia significava "pesquisa, informação"; em segui-da, "conhecimento" daquilo sobre o que fornos informados e "relato" daquilo que aprendemos. Até o séc.XIX. havia uma distinção entre a

história natural (que corresponde ao que hoje denominamos “ciências naturais”: geologia, zoologia, botânica etc.) e a história civil (que hoje chamamos pura e simplesmente de história). Por uma extensão de sentido, o termo “história” (relato de fatos) passou a designar também esses fatos. Objeto do relato. Mas, nesse sentido, o termo só se aplica aos homens, ao conteúdo da história civil.

A história-relato é tomada e inserida na história-acontecimentos: os conhecimentos evoluem, os métodos se depuram etc. F. o historiador estuda a situação, os problemas, as disputas, as contradições dos homens do passado, mas considerando-se a si mesmo um indivíduo em situação, num outro momento, vivendo outros problemas e outras contradições: o historiador é uma parte da história.

Ver historicidade: historicismo. História, filosofia da Toda concepção filosófica admitindo que a história obedece. Senão a uma intenção, pelo menos a um sentido. Consubstancial ao pensamento de *Hegel e de *Marx, a filosofia da história implica a concepção de unia temporalidade linear e orientada (um sentido) no interior da qual realiza-se, progressivamente, a racionalidade universal. Opõe-se a uma temporalidade cíclica, como cm *Platão e em *Nietzsche. Seu alvo lógico consiste em saber se a história do mundo se desenrola no sentido de um aperfeiçoamento moral, de um progresso da cultura ou se exprime uma decadência dos costumes. Mais concretamente, consiste em procurar saber se ela se orienta no sentido de certa forma de capitalismo ou de certa forma de socialismo.

Ver materialismo histórico. História, fim da Do ponto de vista filosófico. A expressão “fim da história” (bastante utilizada nos últimos tempos pelos defensores das teorias econômicas neoliberais, por exemplo. Fukuyama) designa a derrocada da filosofia da *história (à maneira de *Hegel e de *Marx) e o surgimento da multiplicidade dos horizontes de sentido. Com o desmoronamento das grandes visões filosóficas, políticas e religiosas do mundo (mega relatos), hem como com o declínio ou enfraquecimento do mito do *progresso e da emancipação, e das visões integradas e coerentes de mundo que explicam todos os aspectos da realidade, dando coesão aos grupos humanos e fazendo-os aceitar as normas que regulam seus comportamentos e legitimam seus sistemas de valores (características da *modernidade) —, a expressão “fim da história” passou também a significar um novo estilo de pensamento. Que estaria sendo elaborado num mundo onde prevalece uma nova *episteme. A episteme da indiferenctação, às voltas com uma pluralidade de horizontes de sentido, unia vez que não existiria mais um horizonte estável onde o homem contemporâneo pudesse situar os acontecimentos. Responsável por tal situação, a mídia (segundo *Baudrillard) induz os homens a viverem sem quadro de referência, fragmenta os fitos e os acontecimentos, permite que eles sejam observados de todos os ângulos, mas impedindo-os de se referirem a uma totalidade que lhes dê sentido.

Historicidade 1. Caráter de tudo aquilo que se é conhecido como tendo realmente acontecido no passado ou realmente existido: a historicidade de Jesus.

2. Condição da existência humana que, em-bora comprometida com o tempo e solidária com seu passado histórico, define-se por sua projeção livre no futuro: “A análise da historicidade da realidade humana tenta mostrar que este existen-te não é ‘temporal’ pelo fato de encontrar-se na história, mas, ao contrário, se ele não existe e não pode existir senão historicamente, é porque ele é temporal no fundo de seu ser” (Sartre).

3. A filosofia da história é uma concepção segundo a qual a ‘seqüência dos acontecimentos não é incoerente e casual, mas segue um movimento determinado e se faz segundo certas grandes linhas de força. O justo conhecimento do passado, embora não nos permita prever o futuro com clareza de detalhes, pode nos indicar, pelo menos, um sentido ou uma direção. Nessa perspectiva, duas doutrinas são clássicas: a) o idealismo histórico, representado por Hegel, doutrina segundo a qual a razão se realiza através do devir dos acontecimentos: “a história universal é a representação do espírito em seu esforço para adquirir o saber daquilo que é”

(Hegel): h) o materialismo histórico, criado por Marx e Engels, doutrina segundo a qual as forças materiais (especialmente econômicas) dominam e dão forma às forças espirituais (pensamentos, idéias políticas, religião, arte etc.). Marx e En-gels criticam e ironizam Hegel por terem colocado a história "sobre a cabeça", e se orgulham de tê-la reposto "sobre seus pés": o espírito é o produto da história, não seu motor.
4. O sentido da história e o fim da história são concepções marxistas segundo as quais o processo histórico é determinado ao mesmo tempo por causas antecedentes (em última instância. Econômicas) e pelos homens, desenrolando-se necessariamente de modo dialético e culminando necessariamente na sociedade sein classes (fim da história). O "sentido" quer dizer ao mesmo tempo "significação" e "direção". In: (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001 p.93,94 – internet – domínio público).

Um esclarecimento importantíssimo deve ser explanado neste momento, em que: muitos pesquisadores se embasam, ao se tratar das ciências sociais, como nicho da Geografia. A causa deste tipo de pensamento, é a remanescente percepção vertiginosa de que: os filósofos observavam a superfície da terra e extrapolavam sua visão ao celeste.Tal fato é demonstrado neste mesmo artigo, anteriormente analisado MOREIRA, (seg. p. 5), conforme se revela:

(…) Os gregos definiam a geografia em seu sentido etimológico, como "descrição da terra", em termos de um enciclopedismo que era fruto de sua visão sistémica dos fenómenos. O objeto da geografia seriam os fenômenos passados na superfície terrestre, mas como estes tinham sua génese numa escala fenomenológica que transcendia a epiderme do Planeta, suas dimensões eram cósmicas. Esta foi a herança que arrastou-se até o século XVIII e desenvolvida por Estrabão, Ibn Khaldun, Cuverius, Avenarius, cada qual alargando apenas o campo de conhecimento e esboçando uma primeira sistematização da ciência.

Deve-se entender, que os filósofos, eram pensadores, pessoas comuns, que se preocupavam com a essência do: Quem sou? Para onde vou, Onde estou?

Ptolomaeus, (que desenvolveu tratados como "Peri diastáseos" que retrata a dimensão, tentando provar que só podia existir espaço tridimensional, e "Peri ropon" que peita ao equilíbrio – física mecânica); em um conto "Suassunaciano": saía de manhã para analisar o sol, depois, à tarde ia cartografar a costa e quando se cansava, voltava à noite e ia observar as estrelas e as constelações. Registrando suas posições e nomeando-as. Realizando assim, o que se poderia considerar como cartografia celeste.

E para se realizar estas tarefas, necessitaria de procedimentos, era necessário se estabelecer um método e/ou utilizar-se de materiais e abordagens experimentais, que antes de Ptolomeu já era empregado.

Mas isso não descarta a Geografia de ser, atualmente, uma geociência, muito pelo contrário, porque os tratados de Ptolomaeus, voltados à geografia, sendo manuscritos de oito volumes, dão vida à Geografia. E se pensar em espaço, este se manifesta no trabalho "Sobre a Dimensão". E não se pode descartar seu antropônimo, que nasceu das reflexões de Strabo, após descrever as coisas que via em suas viagens. E se concretizando nas experimentações de Ptolomaeus. Tendo em mente que estes filósofos não cartografavam e descreviam apenas a Terra, conforme já mencionado.

(…)

"7. PTOLOMEU, Apparit. Epileq., in JOÃO LIDO, Sobre os Presságios, 275, *1.*
Copiei destes as variações de tempo e classifiquei-as segundo os egípcios, Dositeu... (e) Demócrito. Os egípcios fizeram suas observações em nosso meio..., Demócrito na Macedônia e na Trácia. Por isso poder-se-ia aplicar as variações de tempo mencionadas pelos egípcios às regiões próximas a esta zona... e as de Demócrito... Segundo ele, o dia mais longo é o 159 dia depois do equinócio". (...).
In: SOUZA, KUHNEN. "Os Pré-Socráticos". Tradução de: José Cavalcante de Souza, Arma Lia Amaral de Almeida Prado, Ísis Lana Borges, Maria Conceição Martins Cavalcante, Remberto Francisco Kuhnen, Rubens Rodrigues Torres Filho, Carlos Ribeiro de Moura, Ernildo Stein, Arnildo Devegili, Paulo Frederico Flor, Wilson Regis. Const. José Américo Motta Pessanha. São ngus: Editora Nova Cultural Ltda , 1ª ed, p.301.

(...)

"É que isso não se deduz diretamente do direito natural, como conclusão imediata, mas somente como dedução remota e, além do mais, fundada sobre o direito positivo, que pode variar. As razões de Aristóteles não nascem, pois, da natureza das coisas, mas exclusivamente da inveja que ele tinha de Platão, tanto mais quanto ele próprio recorda muitas nações que viveram desse modo. Vem, igualmente, em nosso apoio, Santo Tomás, que, na questão 154, artigo 9, confessa que nenhuma conjunção é contra a natureza, salvo a do filho com a mãe e a do pai com a filha, pois que, segundo Aristóteles, os próprios cavalos a repelem. Eu próprio vi, em Montedoro, um cavalo que não queria unir-se com a mãe. E assim é, não porque não resulte a geração, mas por uma reverência natural. No entanto, segundo o testemunho de Ptolomeu, a união com as mães era um costume comum entre os persas. Entre os animais, os galináceos e muitos outros praticam o mesmo. Apesar disso, na república, evitei que as mães se unissem aos filhos e os pais às filhas, embora este último caso seja menos contra a natureza". (...).
In: Sobre o infinito, o universo e os mundos / Giordano Bruno. O ensaiador / Galileu Galilei. A cidade do sol / Tommaso Campanella ; traduções de Helda Barraco, Nestor Deola e Aristides Lôbo; editor Victor Civita. São Paulo : Abril Cultural, 1983. (Os pensadores). 3ª. ed. P. 317.

Ao se entender das questões tratadas até o presente momento, nosso caro leitor irá analisar a construção territorial e as abordagens utilizadas no Município de Três Barras do Paraná, que se utilizou do procedimento metodológico conhecido como: "Diagnósticos Interativos Municipais". Tendo como resultado o livro lançado em 2000 e completado neste ano: NITSCHE (2016).

Tendo, neste momento (durante a realização deste manuscrito) a inclusão de textos de teses elaboradas por pesquisadores de outras áreas (História, Arqueologia, Sociologia, Biologia e as geografias), com o intuito de enriquecer o trabalho ora citado. Que irá direcionar a visão de vós, para o refutamento do espaço geográfico (defendido por Lacoste e Moreira), como objeto de estudo. E que o referido, nada mais é que a representação da construção do território e da territoriedade. Que se utilizando de analogia com o pensamento de Lacoste, Moreira e Santos, seria: território – espaço; Territoriedade – espaço geográfico. Que no artigo apresentado, logo no início deste capítulo, Moreira diz que são dois espaços, um sem respaldo, outro mencionando Milton Santos. E que este é interdisciplinar.

Antes, deve-se ressaltar aqui, que: o autor não está impondo ideais, não construo um debate. É um diálogo e não um confrontamento com a pessoa/autor Ruy Moreira, Milton Santos, Lacoste e com os demais colegas geógrafos. O intuito principal, é chegar ao marco demarcatório do estabelecimento científico da Geografia. Mas com o refutamento do referido "Espaço Geográfico", que na opinião deste que vos delineia, nada mais é que: o território, associado ao processo de construção e características que embasam e dão forma ao espaço geográfico. E que análises puramente sociológicas não se estabelecem no arcabouço geográfico/geociências.

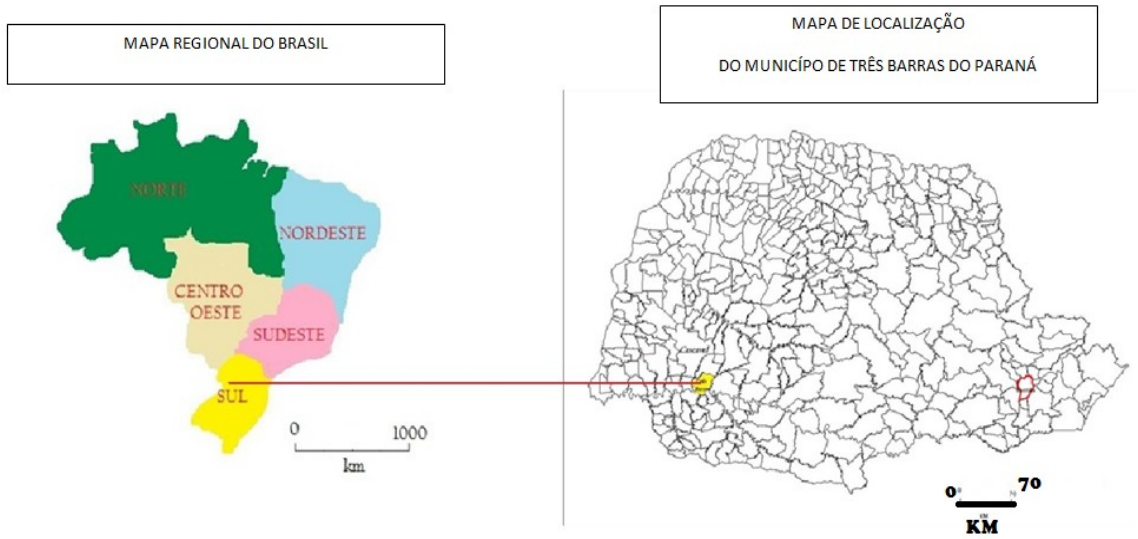
A ciência não é feita para os cientistas, mas para a sociedade. De quê adianta trabalhar tanto para descobrir ou resolver algo, se, este algo não poderá ser compartilhado ou utilizado? Lembrando que a ciência é feita por cientistas!

E quem e qual o motivo que te pagam para realizar estas coisas? Por quê se dar ao trabalho de publicar algo, refutar ou confirmar?

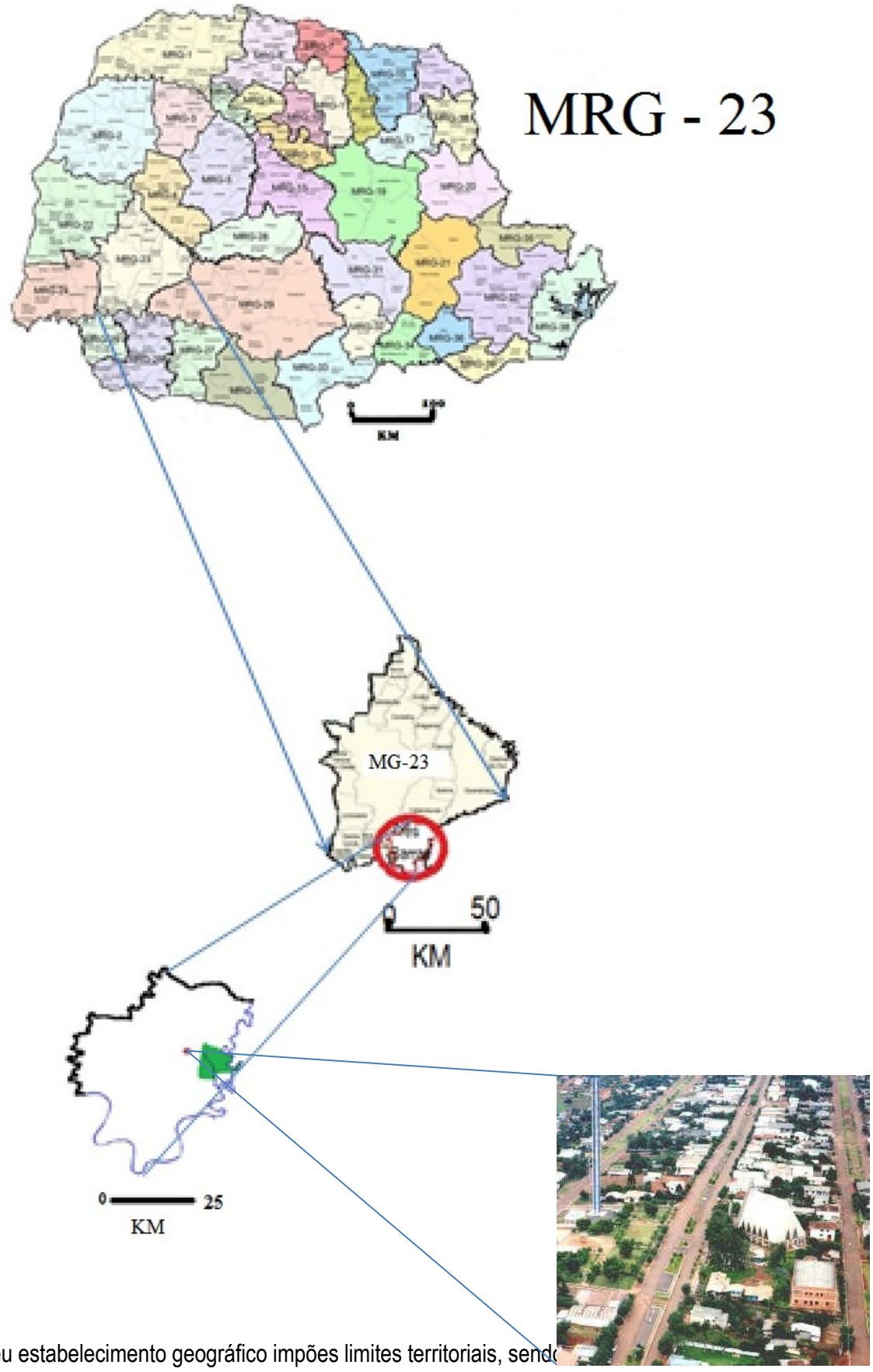
Claro que o cientista irá se beneficiar de suas descobertas (Tesla, Franklin, Bell e outros), como é o caso de todos os expoentes que inventaram alguma coisa e que até hoje a sociedade paga por estes. Havendo raras exceções, como Santos Dumont (abriu mão de todas as suas patentes à humanidade, com exceção de uma).

Dessa forma compreendido, projetar-se-á o trabalho já mencionado NITSCHE (2016):

MUNICÍPIO TRÊS BARRAS DO PARANÁ



O Município de Três Barras do Paraná tem seus limites estabelecidos nas seguintes coordenadas geográficas: 25º 30´ e 25º 15´ de latitude sul. E 53º 00´ e 53º 15´ de longitude oeste, pertencendo a microrregião de Cascavel (MRG-23), com área de 507.431 Km^2.



Seu estabelecimento geográfico impões limites territoriais, sendo

Norte: Cascavel e Catanduvas

Sul: Nova Prata do Iguaçu, Boa Esperança do Iguaçu e Cruzeiro do Iguaçu.

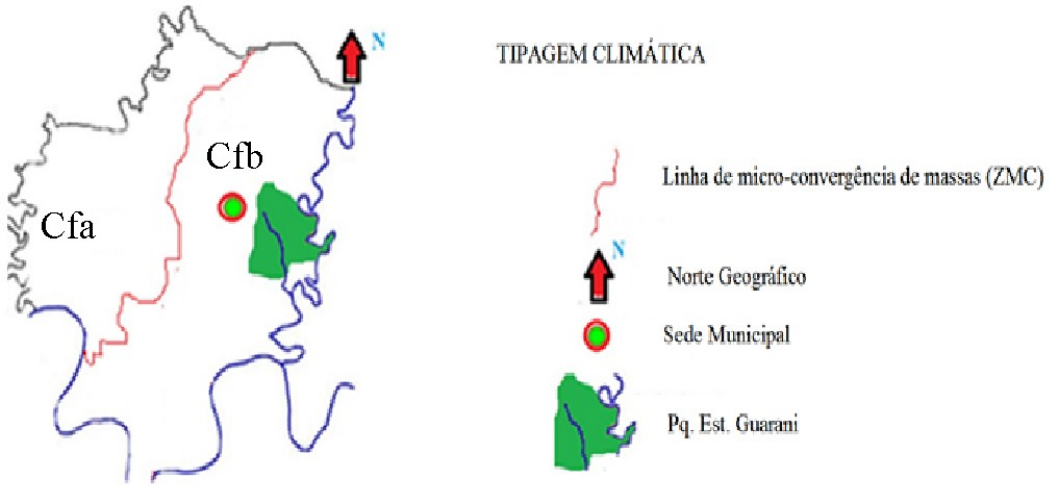
Leste: Quedas do Iguaçu, Rio Iguaçu e Rio Guarani

Oeste: Boa Vista da Aparecida e Rio Tormenta.

Ao aplicar os métodos de identificação climática local (método descrito na monografia deste autor (1999), foi possível registrar que graças a sua localização geográfica, o Município é caracterizado climatologicamente (embasado na classificação de Köeppen (1918, 1923 e 1936, adaptado para o Brasil)), como: Cfb – Clima sempre úmido, sendo que os meses mais quentes registram média de temperaturas menores que 22º C. e nos meses mais frios, a média é a cima de 10º C. Com até cinco geadas por ano.

Tendo ainda, a classificação Cfa – Clima subtropical úmido mesotérmico, com verões quentes e geadas pouco frequentes. Tendência de concentração de chuvas nos meses de verão, sendo que a média de temperatura nesta época são superiores a 22º C. e as médias durante os meses mais frios é inferior a 18º Centigrados. Logo, evidenciamos dois tipos climáticos distintos, sendo estes, observados em pesquisa de campo (1996), antes da existência do Pq. Est. Guarani e a represa Salto Caxias.

Deve-se ressaltar, que no livro Três Barras do Paraná (2000), o clima está caracterizado como Cfb, somente. Pois, houve um equivoco no momento de preparar o texto para a editoração e publicação, ficando assim, sem esta informação que ora apresento:



Esboço - tipagem climática. Fonte: Elaborado pelo autor

Esta peculiar característica, de dois climas distintos, na área em questão, deve-se a geomorfologia local e as feições topográficas, que criam um divisor de massas de ar que atuam na região. Sendo que a leste temos depressões e baixios. E a oeste, o relevo se eleva e em sua porção extrema SW (sudoeste), o relevo novamente declina. Além das influencias dos rios Paraná, Iguaçu, Três Barras, Tormenta, Adelaide e Guarani, que promovem o deslocamento de

ar na região, devido ao aquecimento e resfriamento de suas águas. Sendo que as massas de ar originárias do Iguaçu, encontram as massa dos rios Tormenta e Guarani, que ao se resfriarem na máxima cota altimétrica, convergem aos seus vales de origem. Tais conclusões são de autoria do próprio autor, conforme pesquisa de campo (1996 a 1999). Aproveito o momento para lançar uma hipótese: Acredito que a taxa de evapotranspiração regional contribui diretamente no sistema climático local.

É necessário observar (nos dias atuais), se não houve mudanças neste padrão (sistema de massas de ar), devido a construção da barragem de Salto Caxias e a implementação do Parque Estadual Guarani.

Para se conhecer um pouco mais sobre o Parque Estadual do Guarani, vamos incluir neste, algumas observações feitas pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP), com sua equipe Técnica:

EQUIPE TÉCNICA DA STCP ENGENHARIA DE PROJETOS LTDA.
Coordenador Geral
Joésio Deoclécio Pierin Siqueira – Engenheiro Florestal, Msc
Coordenador Técnico
Aguimar Mendes Ferreira – Engenheiro Florestal, Msc
Consolidação dos Textos
Celia Sayama Pastore
Sérgio Augusto Abrahão Morato

Equipe Técnica
MEIO ABIÓTICO
Celia Sayama Pastore – Geóloga
Emerson Antônio de Oliveira – Engenheiro Agrônomo, Msc
MEIO BIÓTICO
Angélica Uejima – Bióloga Msc, avifauna
Carlos Roberto Sanquetta – Engenheiro Florestal, Dr, flora
Liliani Marília Tiepolo – Bióloga Msc, mastofauna
Magno Vicente Segalla – Biólogo, anurofauna
Reginaldo Machado – Biólogo Msc, anurofauna
Sérgio Augusto Abrahão Morato – Biólogo Dr, herpetofauna

MEIO SOCIOECONÔMICO
Airton Laufer Jr. – Sociólogo

USO PÚBLICO
Bruno Ferronato – Médico Veterinário, pós-graduando em Ecoturismo
Françoise Queiroz – Turismóloga, pós-graduanda em Ecoturismo
Gustavo Gaertner – Biólogo, pós-graduando em Ecoturismo
Priscila Busatto – Turismóloga, pós-graduanda em Ecoturismo
Sigrid de Mendonça Andersen – Socióloga, especialista em Ecoturismo

ARQUEOLOGIA
Miguel Antônio Leoni Gaissler – Arqueólogo
Vera Regina Biscaia Vianna Baptista – Historiadora

MAPEAMENTO
Anderson Flavio Viana – Especialista em Autocad
Juliana Boschiroli Lamanna Puga – Engenheira Cartógrafa, SIG
Simone Tonetti – Geógrafa, Arcview

APOIO

Ana Cláudia Zampier – Engenheira Florestal, Msc
Flávio Bettio – Engenheiro Florestal
Giselle Pepplow – Auxiliar Administrativo
Leticia Karmann Monteiro de Almeida Ulandowski – Bióloga
Majoe de Meirelles Siqueira – estagiária em Biologia
Mirian Padilha de Freitas – estagiária em Tecnologia Química Ambiental
Walfred Klitzke – Técnico em Informática

(...) "O Parque Estadual do Rio Guarani foi criado como medida compensatória pela instalação da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias. A área foi declarada pela COPEL como utilidade pública para fins de desapropriação em dezembro de 1994, através do Decreto Estadual de nº 4.356. Em 13 de agosto de 1996, a área foi adquirida e escriturada pela COPEL com 2.235 ha de mata nativa no município de Três Barras do Paraná, região Oeste do Estado do Paraná. O Parque Estadual do Rio Guarani foi oficialmente criado em 19 de julho de 2000, através do Decreto Estadual nº 2.322". (...) In: PARANÁ – IAP; "Plano de Manejo do Parque Estadual do Rio Guarani", Curitiba, IAP, 1ª ed. 2002, p.49

O referido parque, recebe o seu nome graças a derivação do rio homônimo, que divide Três Barras do Paraná e Quedas do Iguaçu. Ainda embasado nas informações PARANÁ-IAP (seg. p. 64), (...) "O Parque Estadual do Rio Guarani está inserido na bacia hidrográfica do rio Iguaçu, o qual ocupa, no Estado, uma área de 57.329 km2 (EMBRAPA, 1984)".

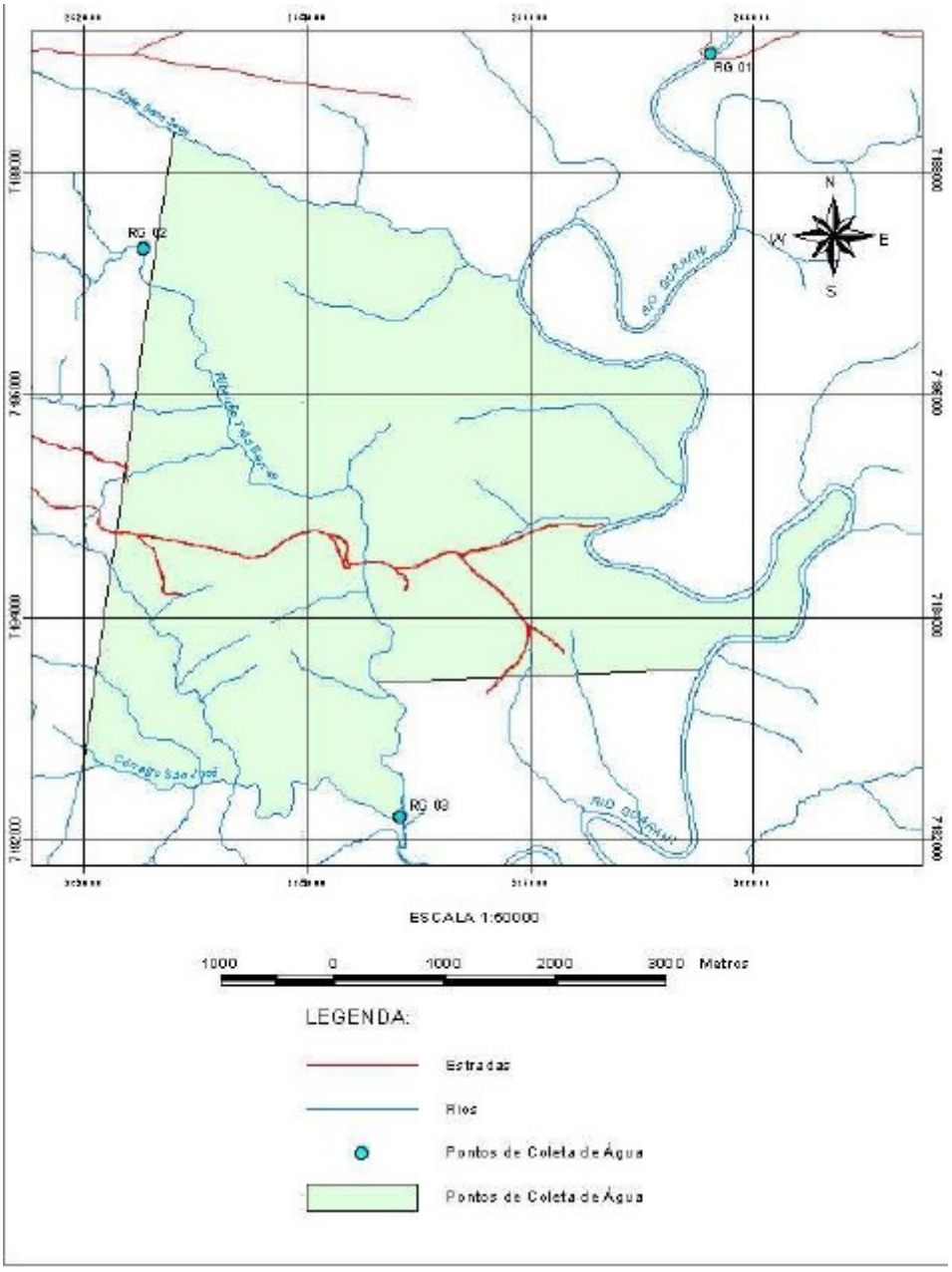
Tendo seus limites estabelecidos nesta mesma fonte PARANÁ-IAP (seg. p. 53):

(...) "2 – LOCALIZAÇÃO E ACESSOS

O Parque Estadual do Rio Guarani está localizado no município de Três Barras do Paraná, Estado do Paraná e tem como centro as coordenadas geográficas 53º 8' de Longitude W e 25º 26' de Latitude S (figura III.01). O acesso ao Parque se dá a partir da cidade de Três Barras do Paraná, como indicado na figura III.02. A distância entre os principais centros urbanos e o Parque é apresentado a seguir no quadro III.02. Por via aérea o acesso se dá até Cascavel e complementado por via terrestre. Cascavel possui vôos regulares para Curitiba, de onde é possível fazer conexão com todas as cidades atendidas pelo transporte aéreo no Brasil e também fazer conexão para vôos internacionais (figura III.02)". (...).

Para visualizar as proporções territoriais deste parque, recorre-se a carta de localização do parque, representada no Plano de Manejo PARANÁ-IAP (seg. p.89):

CARTA DE LOCALIZAÇÃO



Carta de Localização. Fonte: PARANÁ-IAP (seg. p.89)

Um texto muito importante deve ser inserido aqui, para corroborar com as análises até agora dissertadas:

A área de influência, que é retratada como o território pertencente, conforme vos é mostrado PARANÁ-IAP (seg. p.65):

(...) "8 – CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA
Por abrigar a unidade de conservação, Três Barras do Paraná apresenta-se como unidade territorial de influência direta do parque, analisado no contexto municipal e na área do entorno, sendo Quedas do Iguaçu o município de análise da dinâmica de influência indireta da avaliação."

Sendo que o uso e a ocupação do solo é apresentada na mesma fonte PARANÁ-IAP (seg. p. 80):

(...) "1.3 – USO E OCUPAÇÃO DO SOLO
Com base na classificação da imagem de satélite Landsat de 2001, e no levantamento in loco, a zona de amortecimento do Parque Estadual do Rio Guarani caracteriza-se pelo predomínio de áreas de agricultura e pecuária em sua maior extensão, tanto ao norte, como ao sul e a oeste. No seu limite leste, na margem esquerda do rio Guarani, ainda existe remanescentes florestais expressivos, bem como reflorestamentos de Pinus spp. E Araucaria Angustifólia pertencentes em sua maioria à empresa Araupel S. A., antiga Giacomet-Marodin, pioneira na colonização da região. Fora dos domínios da Araupel, a cobertura florestal é muito baixa, via de regra não atendendo ao mínimo legal em termos de Reserva Legal e Preservação Permanente.
Conforme pode ser observado no mapa de uso e ocupação, o Parque do Rio Guarani compreende um bloco praticamente íntegro e contíguo de Floresta Estacional Semidecidual com influência de Floresta Ombrófila Mista. Existe apenas uma área de 33,48 hectares que corresponde à vegetação secundária que se forma ao longo da faixa de acesso à área e ao longo da linha de transmissão de energia elétrica que existe no interior do Parque. Ao longo desta faixa estreita a vegetação continuamente se regenera após sucessivos e Angustifól cortes realizados pela empresa responsável pela manutenção da linha de transmissão."

Com relação a vegetação, a fonte nos revela PARANÁ-IAP (seg. p. 39):

(...) "MEIO BIÓTICO
O estudo contemplou a descrição e o mapeamento da vegetação existente na área da UC, associados à interpretação de imagem de satélite, onde foram definidas as seguintes formações:
– Floresta Estacional Semidecidual com influência de Floresta Ombrófila Mista (dossel aberto, semi-aberto e fechado); e,
– Vegetação Secundária." (...).

Contendo, ainda, a descrição das espécies vegetativas, que devem ser conservadas PARANÁ-IAP (seg. p.100):

(...)

As principais espécies encontradas na área de estudo, para fins de conservação são:

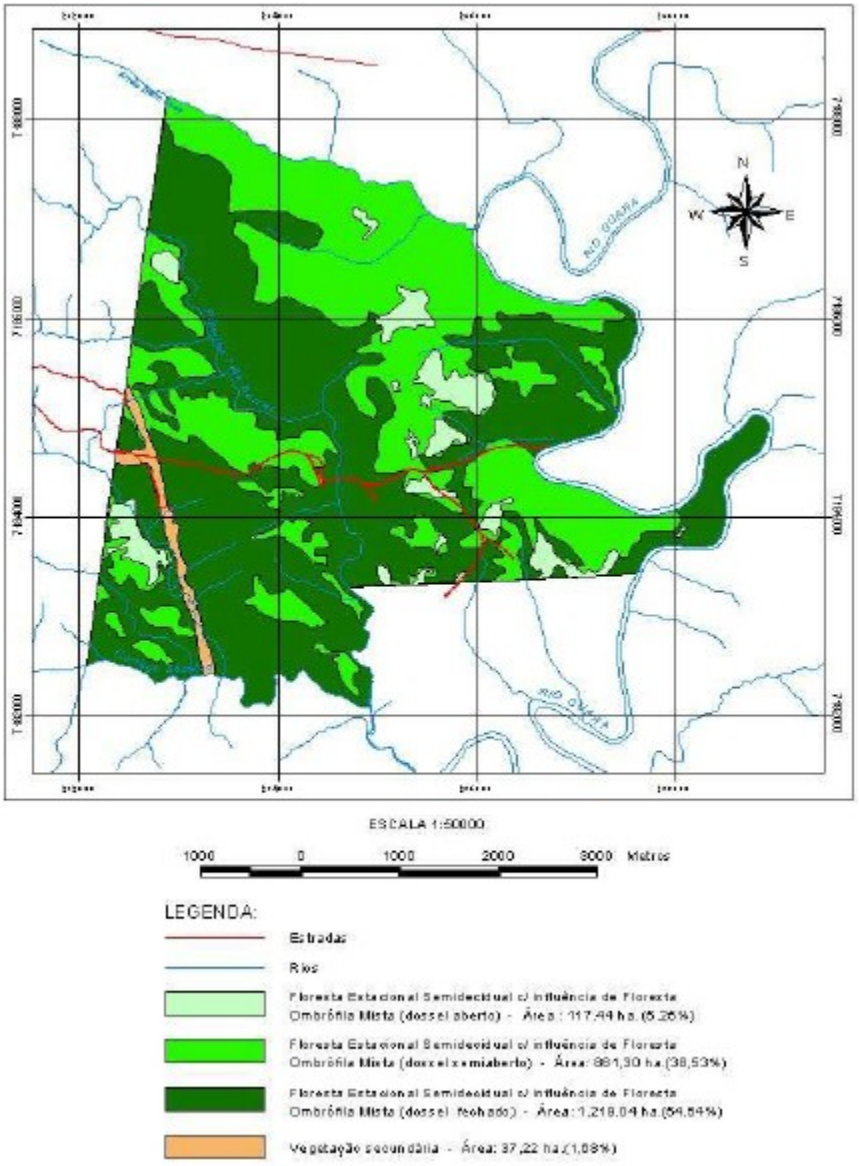
– Palmito (Euterpe edulis);
– Cabreúva (Myrocarpus frondosus);
– Grápia (Apuleia leiocarpa);
– Guajuvira (Patagonula americana);
– Canafístula (Peltophorum dubium);
– Peroba (Aspidosperma polyneuron);
– Pau-marfim (Balfourodendron riedelianum);
– Cedro (Cedrela fissilis);
– Angico-vemelho (Parapiptadenia Angust);
– Xaxim-bugio (Dicksonia sellowiana); e,
– Pinheiro (Araucaria Angustifólia).

• ESPÉCIES RARAS, ENDÊMICAS E AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

O Parque Estadual do Rio Guarani é um dos remanescentes mais bem conservados da Floresta Estacional Semidecidual do Oeste do Paraná. Possivelmente, após o Parque Nacional do Iguaçu, seja a porção mais importante dessa que é a formação florestal mais ameaçada pela ação desordenada do homem no espaço territorial paranaense. Por conseguinte, a área abriga espécies hoje raramente observadas e ameaçadas de extinção. Dentre essas espécies pode-se citar com destaque a ngustif (Myrocarpus frondosus), agrápia (Apuleia leiocarpa), a guajuvira (Patagonula americana), a canafístula (Peltophorum dubium), a peroba (Aspidosperma polyneuron) e o pau-marfim (Balfourodendron riedelianum). Destaca-se ainda a ocorrência de grandes exemplares de cedro (Cedrela fissilis) e angico-vemelho (Parapiptadenia Angust), muitos difíceis de serem observados nos dias de hoje. Espécies consideradas como ameaçadas de extinção, tais como Dicksonia sellowiana (xaxim-bugio) e Araucaria Angustifólia (pinheiro) também merecem menção e especial atenção em termos de conservação.”

Inserindo-se posteriormente uma carta de vegetação do parque, que é denominada de: “Mapa de Vegetação do Parque Estadual do Rio Guarani”, apresentada assim:

MAPA DE VEGETAÇÃO



Mapa de vegetação. Fonte: PARANÁ-IAP (2002)

Estas foram algumas das importantes informações que dizem respeito ao Parque Estadual Rio Guarani. Enfocando a importância deste trabalho, bem como da implementação deste Parque para a região e para o Estado do Paraná.

Gostaria que a comunidade geográfica, prestasse atenção à constituição da equipe técnica, as áreas atuantes e de como o trabalho foi desenvolvido. Nesse sentido, seria interessante ler o referido "Plano de Manejo" na íntegra. E se possível for, observar que a Geografia, por sí só, desempenharia este trabalho. Por este motivo, minha pessoa, deixa claro que o PLANEJAMENTO AMBIENTAL é de cunho da Geografia. Porque tem todos os atributos, basais, metodológicos e formação técnica e teórica, para desempenhar tal função.

Pois; todos os levantamento realizados, se atribuem à Biogeografia, Geomorfologia, Climatologia, Geo-hidrografia e as demais áreas que constituem a grade corporativa central da Geografia. Não extrapolando e/ou invadindo as demais áreas do conhecimento. Por quê?

Porque, cada ciência se estabelecerá dentro de seus focos, como por exemplo: A Biogeografia (geográfica) descreve as formações vegetais, mas quem irá estudar suas propriedades, características celulares, enfim, o foco biológico, será a Biologia – em sua área Botânica.

Mas como o geógrafo não se impõe no mercado de trabalho, restou-lhe o Arcview!

Ou seja: O Instituto Ambiental do Paraná-IAP, deveria, através de licitação, encarregar uma instituição (que possuísse em sua estrutura o campo geográfico), que logicamente, vencesse o processo licitatório, à realizar o levantamento que ora foi-lhes apresentado. Mas isso não ocorreu, porque, talvez, a geografia serve antes de mais nada, para desvendar máscaras sociais. E se continuar assim, é melhor criar uma geografia pedagógica e fechar o curso científico. Bastando compilar o que as ciências realizam (Biologia, Geologia, Históricas e outras) e trabalhar somente com métodos de transmissão do conhecimento.

Ao se prestar a atenção nos levantamentos realizados pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP-2002), que se encontra na página:

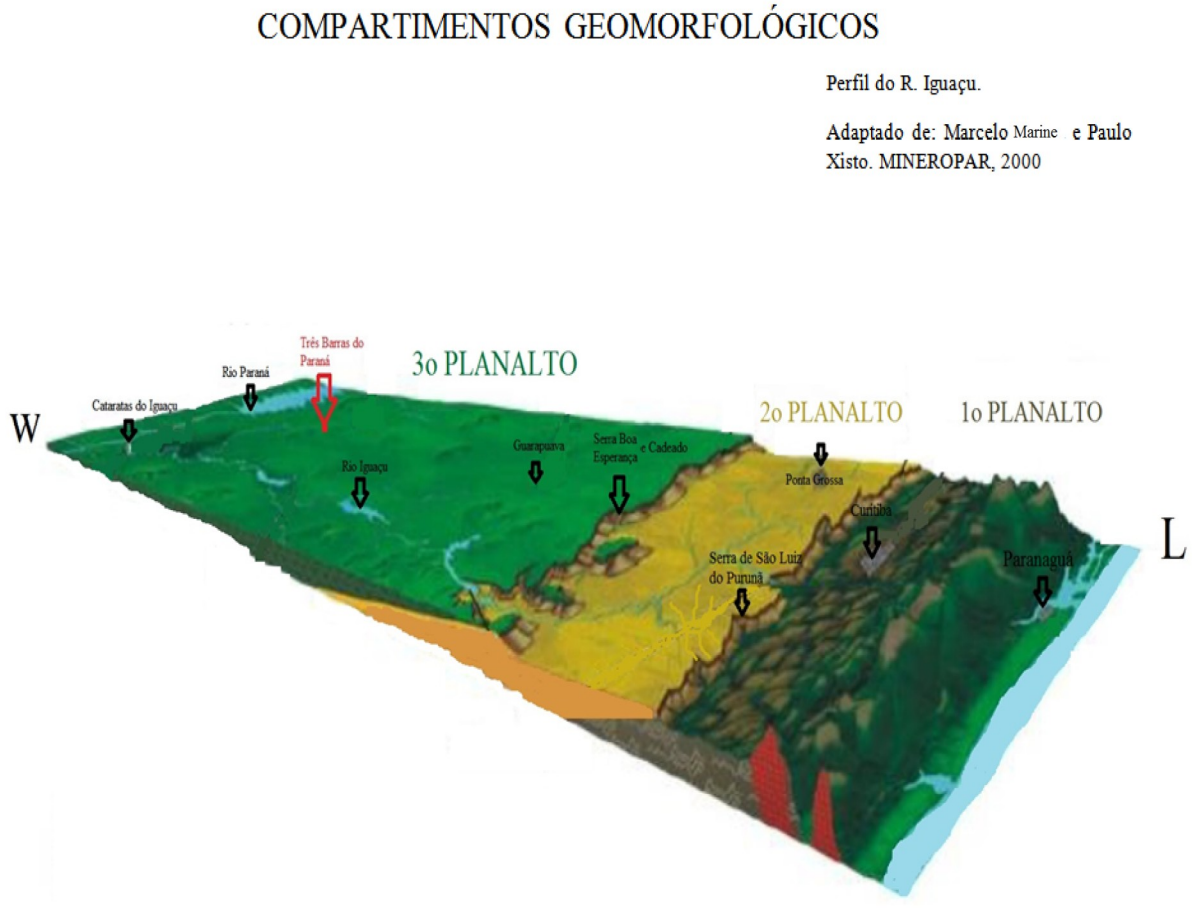
http://observatorio.wwf.org.br/site_media/upload/gestao/planoManejo/PM_PE_RioGuarani.pdfe ,

e compará-los com os livros "Três Barras do Paraná" (2000 e 2016), perceberá uma semelhança intensa entre um e outro. Pois se visualiza a implementação do "Diagnóstico Interativo", in: J.C.V. & ALMEIDA, C. D. de. "Proposta Metodológica para Elaboração de Diagnósticos Municipais". Rev. Paran. Geogr. N. 5, Curitiba, 2000 p. 49-54. Além do fato, deste último ("livro Três Barras"), associado aos trabalhos (NITSCHE, 1999; 2000 e 2016) terem sidos realizados somente dentro do âmbito das geografias (Curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)). Porém, com bagagem básica da área de Arqueologia, ministrada pelo Prof. Dr. Igor Chmyz – Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Saindo destas análises, regressar-se-á ao assunto de construção territorial, embasando-se no Município de três Barras do Paraná. Que conforme visto, tem seus limites estabelecidos nas seguintes coordenadas geográficas: 25º 30´ e 25º 15´ de latitude sul. E 53º 00´ e 53º 15´ de longitude oeste, pertencendo a microrregião de Cascavel (MRG-23), com área de 507.431 Km^2.

A importância de revelarmos a localização, os aspectos geomorfológicos, geológicos e climáticos da região, implica em conhecermos quais os elementos responsáveis por existir determinados tipos de solos, de vegetação, vales, morros e rios. Além de serem, estes, o principal foco para tomadas de decisões que são responsáveis pelo povoamento, atuações políticas e econômicas locais, tendo ainda, as influências para a base de concretização da formação cultural do Município. Porque todos os imigrantes e os próprios brasileiros que mantinham convívio com a região, tiveram que se adaptar ao tipo de relevo, condições climáticas, tipo de solos e a hidrografia deste local.

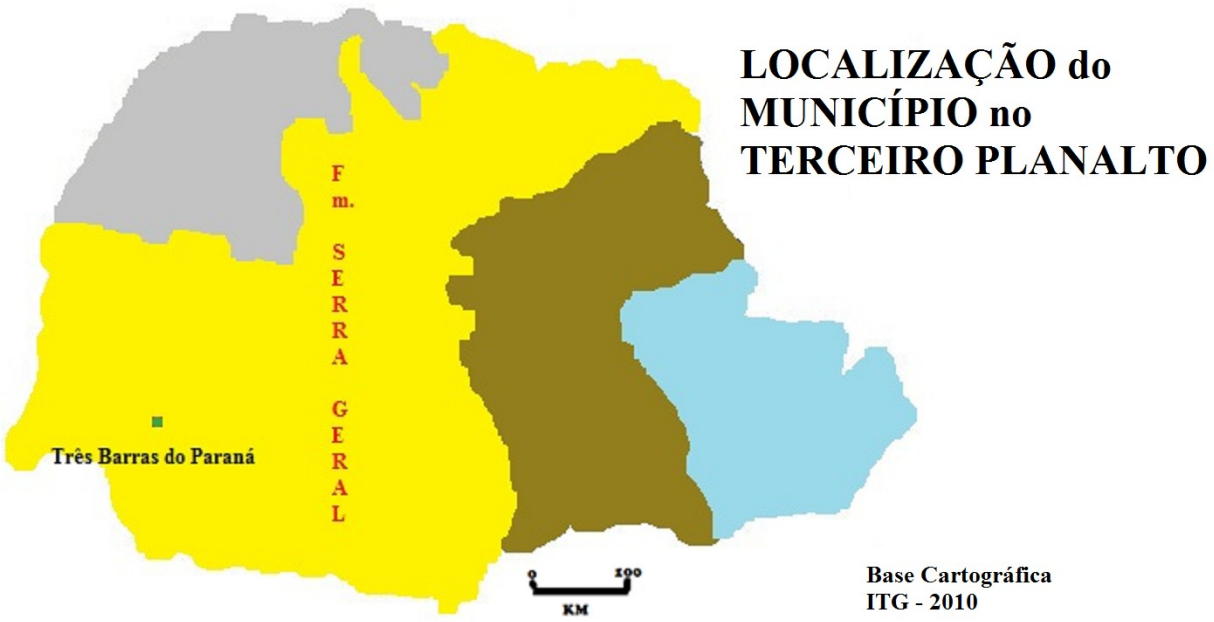
É importante entender que todos os aspectos físicos estão diretamente ligados e interligados com os aspectos humanos e que não devemos ver distinção entre eles. Separei, aqui, a localização e os aspectos geográficos físicos, para que o leitor possa ter a ideia de onde e de como é Três Barras do Paraná, que foi fundada no Terceiro Planalto Paranaense, também conhecido como Planalto Guarapuava, geologicamente conhecido como Formação Serra Geral, com as seguintes características geológicas e geomorfológicas:



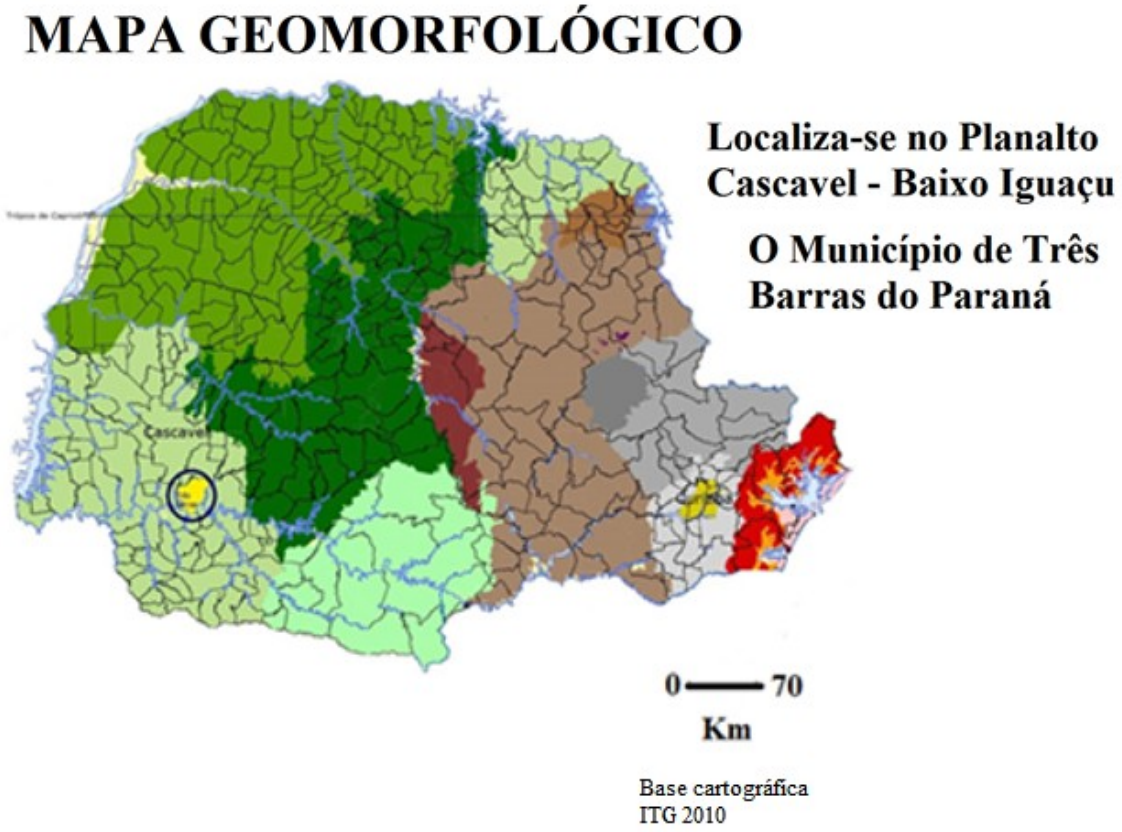
Compartimento Geomorfológico.

Fonte: MINEROPAR, 2000

Tendo ainda dois mapas, de localização no compartimento geológico e geomorfológico, in: NITSCHE (seg. p.16):

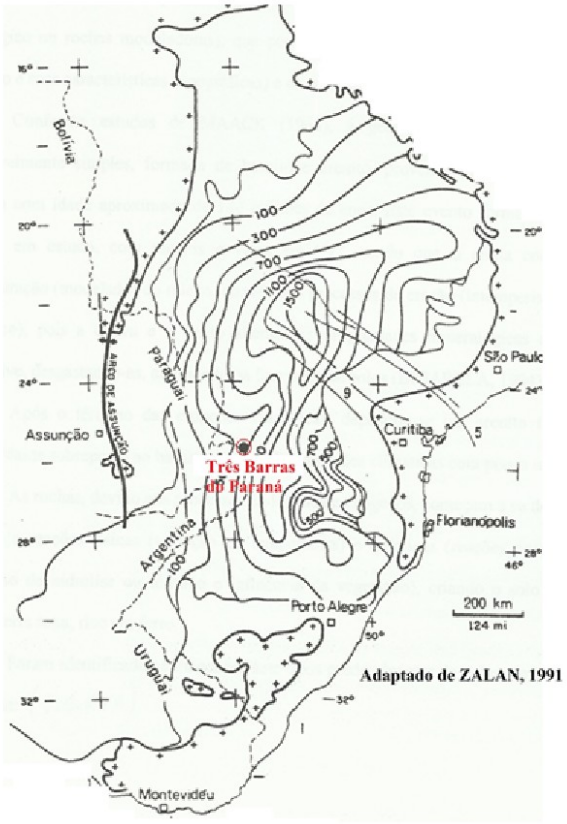


Mapa de localização - compartimento geológico. Fonte: Elaboração própria do autor.



Nesta mesma fonte, é atribuída a altitude do Município, utilizando-se de mapa de isópacas das rochas eruptivas, in: NITSCHE (seg. 15):

ISÓPACAS DAS ROCHAS ERUPTIVAS BÁSICAS FORMAÇÃO SERRA GERAL



Mapa de isópacas. Fonte: In: NITSCHE (2016. P.15).

Ao observar o mapa de isópacas, pode-se concluir que a topografia demonstra altitudes elevadas a leste de 1.250m e declinação para 300m nas margens do Rio Paraná. Significando que Três Barras do Paraná está comprimido em uma micro bacia, com altitude de 562m.

Conforme os primeiros estudos da Bacia, MAACK (1968), a geologia do terceiro planalto é razoavelmente simples, formada por basalto e arenito, provenientes do vulcanismo de Trapp/fissura/rift e de condições climáticas áridas, com idade aproximada de 140.000.000 (cento e quarenta milhões de anos).

Rift – Fonte: Internet, 2016

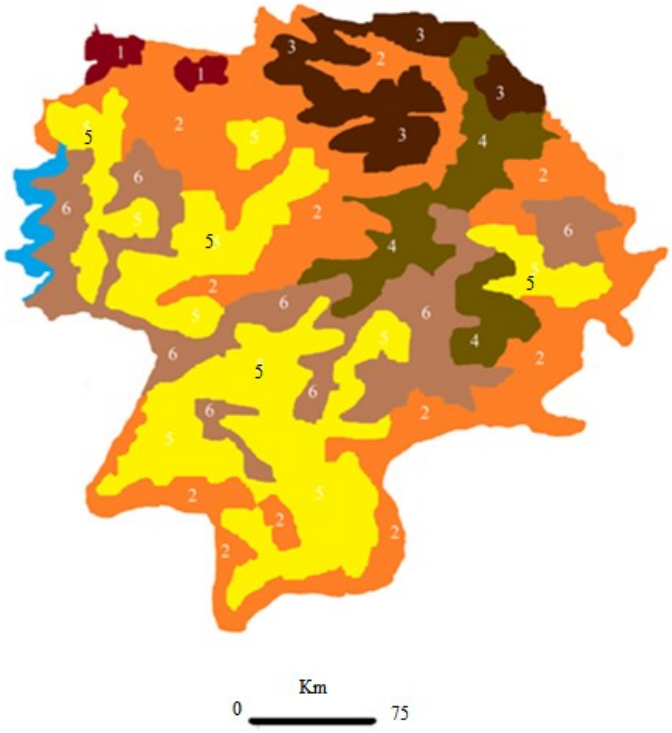
Derramamento de magma. Fonte: Internet, 2016

Após o término das erupções, que são responsáveis pelo embasamento basáltico (rochas magmáticas básicas – basalto), depositou-se um arenito fino eólico, concordante sobreposto ao basalto, indicando clima com pouca umidade e processo de desertificação árida. Tais eventos formaram as rochas sedimentares areníticas (arenito).

Alguns milhões de anos depois, graças a contribuição do clima, que, devido a chuva e o vento, que são responsáveis pelos processos de erosão (intemperismo físico e químico) que

auxiliam na formação dos solos e no modelado do relevo BIGARELLA (1994). Com este processo, surge na região os tipos de solos, sendo o mais expressivo: terra-roxa estruturada ou nitossolo, que é rico em ferro (mineral responsável pela coloração avermelhada deste tipo de solo). Seguidos de solos argilosos e solos denominados de latossolo roxo disfórmico, conforme trabalho de campo (1998) e interpretações de dados do mapa pedológico EMATER (1976), In: NITSCHE (2016), que foi usado como suporte às interpretações das observações em campo. Tende-se que abrir uma ressalva aqui: as cores na referência ora citada NITSCHE (2016) não correspondem com as cores da monografia NITSCHE (1999), que segue a nomenclatura e suas respectivas cores da base EMATER (1976), que se estabelece no. Logo; a coloração desta carta, é alusiva ao uso didático social geral, apenas para designar as ocorrências. Conforme pode-se observar:

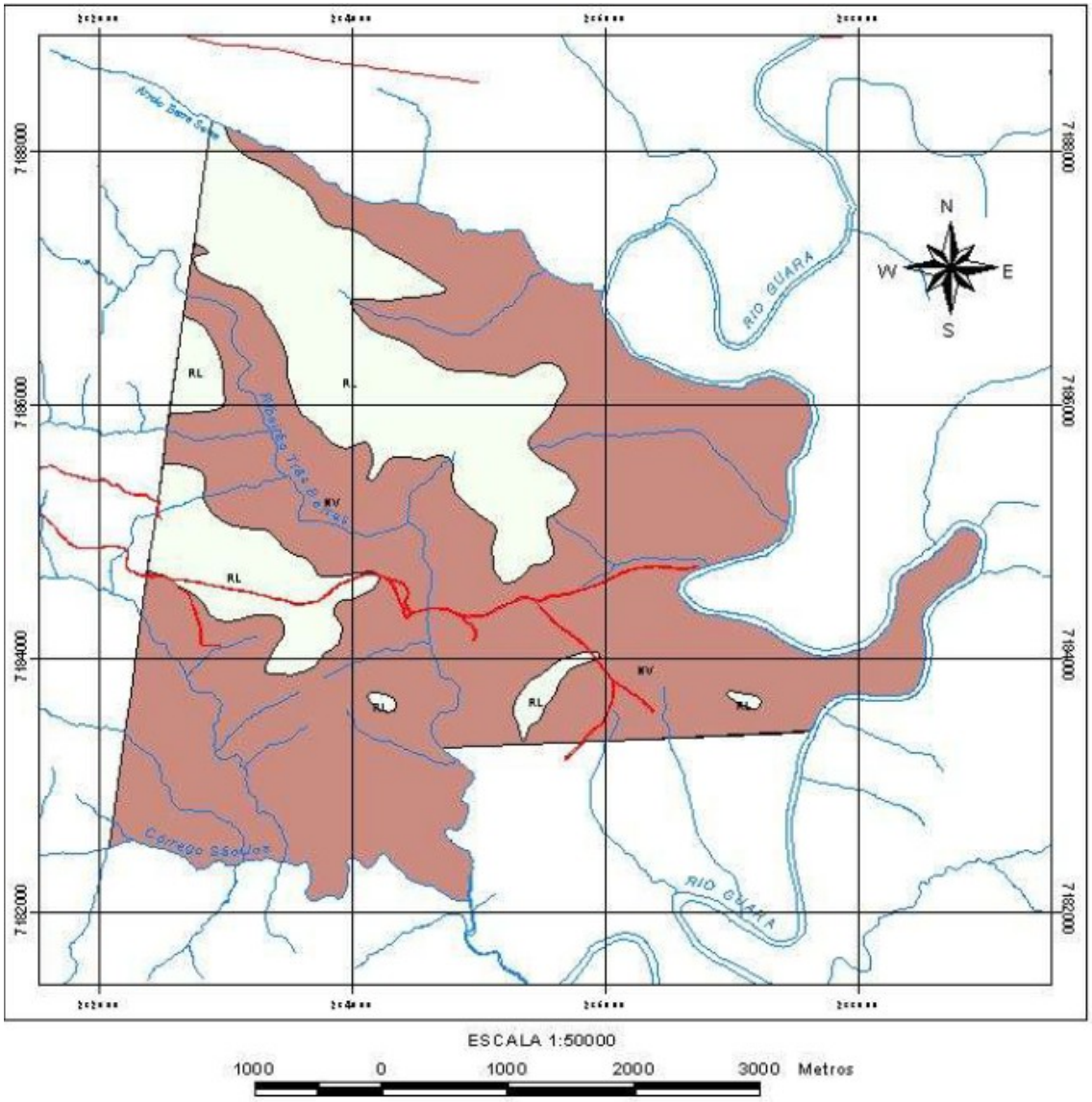
MAPA PEDOLÓGICO MUNICIPAL



1- Latossolo roxo distrófico – textura argilosa
2- Associação de solos litólicos eutróficos
3- Terra roxa estruturada – textura argilosa
4- Associação terra roxa estruturada eutrófica
5- Associação solos litólicos eutróficos –textura argilosa pedregosa
6- Terra roxa estruturada eutrófica

Neste momento, deve-se comparar a carta pedológica do Parque Guarani PARANÁ-IAP (2002), com a carta pedológica anteriormente demonstrada in: NITSCHE (2016 p.18), para que se possa constatar as mudanças das denominações e nomenclatura dos tipos de solos:

CARTA PEDOLÓGICA DO PARQUE GUARANI



LEGENDA:

Estradas

Rios

RL - Associação NEOSSOLOS LITÓLICOS Eutróficos típicos, A chernozêmico, proeminente e moderado, textura argilosa e média, relevo ondulado a forte ondulado + NITOSSOLOS VERMELHOS Eutroférricos latossólicos e típicos, A proeminente e moderado, textura argilosa, relevo suave ondulado a ondulado, ambos fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, substrato rochas eruptivas básicas.

NV - NITOSSOLOS VERMELHOS Eutroférricos latossólicos e típicos, com inclusão de NITOSSOLOS VERMELHOS Distroférricos latossólicos, ambos A proeminente e moderado, textura argilosa, fase Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, substrato rochas básicas.

Carta pedológica do Parque Guarani. Fonte: PARANÁ-IAP (2000)

As classes de solos evidenciadas no Parque, são demonstradas em forma de tabelas, apresenta conforme se segue PARANÁ-IAP (seg. p.93):

SÍMBOLO	CLASSE DE SOLO
RLe1	NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico, A chernozêmico, textura argilosa, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo ondulado a forte ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.
RLe2	NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico, A chernozêmico, textura média, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo ondulado a forte ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.
RLe3	NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico, A moderado, textura argilosa, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo ondulado a forte ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.
RLe4	NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico, A proeminente, textura argilosa, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo ondulado a forte ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.
NVdf1	NITOSSOLO VERMELHO Distroférrico latossólico, A moderado, textura argilosa, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo suave ondulado a ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.
NVdf2	NITOSSOLO VERMELHO Distroférrico latossólico, A proeminente, textura argilosa, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo suave ondulado a ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.
Nvef1	NITOSSOLO VERMELHO Eutroférrico latossólico, A moderado, textura argilosa, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo suave ondulado a ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.
Nvef2	NITOSSOLO VERMELHO Eutroférrico típico, A proeminente, textura argilosa, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo suave ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.
Nvef3	NITOSSOLO VERMELHO Eutroférrico típico, A moderado, textura argilosa, fase Floresta Estacional Semidecidual, com influência de Floresta Ombrófila Mista, relevo suave ondulado a ondulado, substrato rochas eruptivas básicas.

Ao observarmos a carta pedológica, mencionada recentemente, concluímos que está embasada na nova nomenclatura de 2006, determinada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Sendo que os registros de solos do Município de Três Barras do Paraná, não foram atualizados, porque se deve manter a classificação de base da carta EMATER (1976). Não alterando as análises estabelecidas em 1999, para fins de comparação e comprovação do que foi feito. Ou, seja: Se está correto ou não e se há divergências no que foi feito, com estudos recentes.

A importância de se preocupar com os solos, recai no estabelecimento de determinadas concentrações de: pedreiras, vegetais e animas. Sendo também útil como matéria-prima aos preceitos econômicos, como por exemplo, pedreira:

Pedreira e ao fundo solo Nitossolo. Foto: do autor, 1996.

Solo argiloso, foto: do autor, 1997.

Os rios da região sofrem influências do clima e são condicionados pela litologia, conforme demonstrado nas fotografias que se sucedem:

Cascata (altura 6 metros). Trecho rejuvenescido do R. Guarani. Foto: do autor, 1997.

Trecho sinuoso – Rio Tormenta. Foto: do autor, 1997.

Rio Adelaide – trecho sinuoso. Foto: do autor, 1997.

Ponte sobre o Rio Adelaide, com relevo modificado artificialmente por inundação ou transgressão fluvial da cota altimétrica 326. Foto: do autor, 1999.

Cotovelo – Rio Adelaide. Faixa de mata ciliar muito estreita e impactada por atividade agrícola. Foto: do autor, 1997.

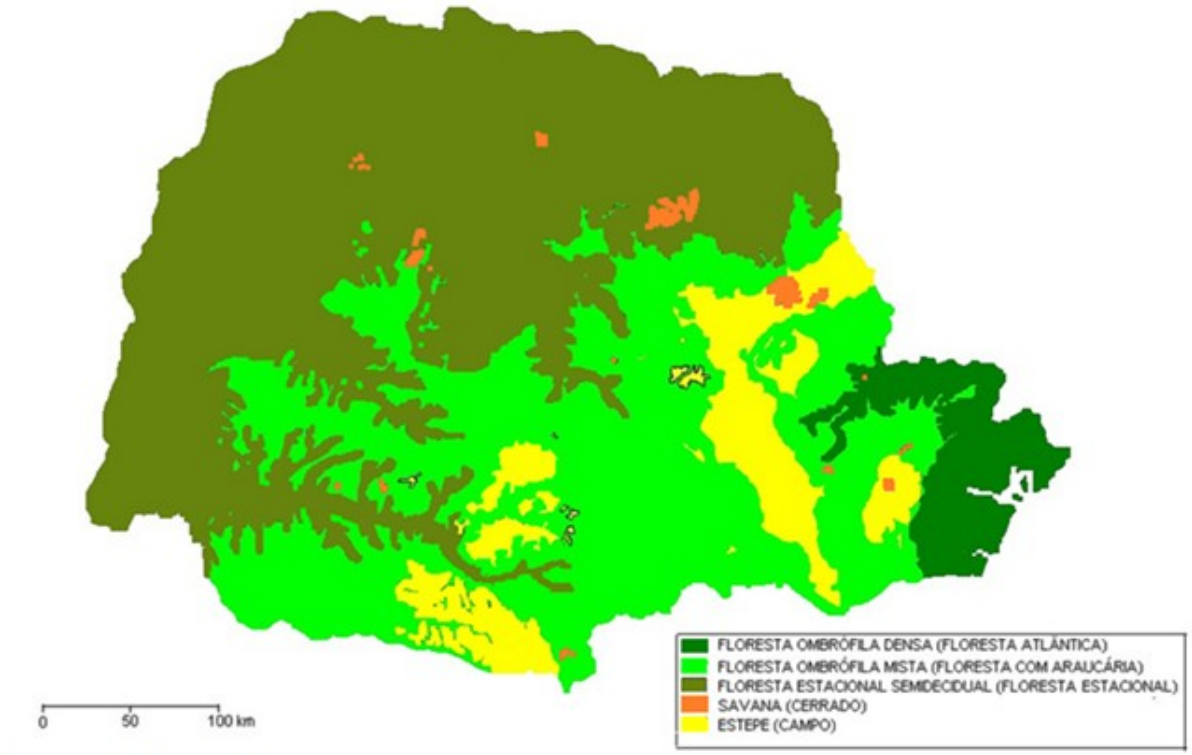
Conforme podemos observar, o clima contribui para a formação de solos, características hidrológicas, fitogeográficas e auxilia no modelado de relevo, além de influenciar nas atividades agropecuárias e no modo de vida das pessoas.

A vegetação é responsável pelo equilíbrio ecológico da região e ainda contribui para a proteção do solo.

Pode-se afirmar que a fitogeografia local tem suas origens ao final da última glaciação pleistocênica, há 10.000 anos, quando surge a mata de ***Araucarie*** e ***Palmaceas*** (MAACK, 1968), que passa a ser denominada de "Floresta Ombrófila Mista", caracterizada pela presença da espécie *Araucária angustifólia* BIGARELLA (1994).

Deve-se ressaltar, que as matas de *Araucária* não existem mais na área do município, devido a exploração madeireira. Porém, ainda existem pequenas manchas na área do terceiro planalto.

MAPA FITOGEOGRÁFICO DO PARANÁ



Base cartográfica ITG 2010

O sistema fitogeográfico municipal é composto das seguintes formações vegetais:

Floresta Estacional Semidecidual: Encontrada abaixo da cota altimétrica de 450m, sendo esta, a mais comum na região. A vegetação é caracterizada por árvores que perdem suas folhas no inverno ou em períodos de seca.

Área preparada para plantio, preservando uma faixa da Floresta Estacional Semidecidual. Ao fundo dique basáltico. Foto do auto, 1998

Associação Floresta Estacional Semidecidual, matas de galeria e campos limpos. Foto do autor, 1998

No Município, a Floresta Estacional Semidecidual é composta pelos exemplares mais comuns que são: palmito, peroba, alecrim, arariba, pau-marfim, contendo ainda: bromélias e orquídeas.

Savana gramíneo lenhosa ou Campos sujos: Constituem e formam as matas de galeria e capão. Principais representantes: vassourinha, carqueja, caraguatá e carrapichinho.

Savana gramíneo lenhosa. Foto do autor, 1998

Várzea: São campinas cultivadas, localizam-se em terrenos baixos e planos, margeando os rios.

Várzea – Rio Tormenta. Ao fundo, associação Mata de Várzea e Floresta Estacional Semidecidual. Foto do autor: 1998

Neste momento, entendemos que os solos, a vegetação, a característica hidrográfica e o tipo climático da região foram produzidos por processos geossistêmicos, que resultaram na formação paisagística da área em estudo, que por sua vez, conformata os ambientes, que são responsáveis pela origem e manutenção dos ecossistemas e biomas.

Com as características geográficas do Município e da região, foi possível aprender que todas as coisas estão interligadas e que os fatores geo-ambientais e/ou geossistêmicos são responsáveis pela construção e/ou destruição, modelagem e remodelagem das feições de relevo, tipo climático, tipos de solos, vegetação, caracterização dos rios e por fim, as especificações dos ecossistemas.

Nos ecossistemas, todos os ambientes estão interligados e interferem, bem como, sofrem interferências nas e das ações e relações humanas, havendo um complexo sistema de integração, inter-relação e relação entre a sociedade/sociedade e a natureza. Tais conjuntos e os entrelaçamentos destes, originam sistemas e desencadeiam os processos de criação do território local, municipal, estadual, federal, formando em suas esferas micro territórios e/ou, território dentro de um território já existente ou pré-estabelecido. Que por sua vez, são construídos por aspectos culturais (religião, expressão artística, maneira de se vestir, moda, ordens doutrinárias, ordens anarquistas, e vários outros componentes e aspectos que formam e representam a cultura), econômicos e políticos. E estes, são responsáveis pelo desencadeamento de novos ambientes, graças a modificações na paisagem, que podem ser benéficas ou não ao planeta, seres vivos e aos próprios seres humanos.

As modificações paisagísticas ocorrem, tanto nas esferas urbanas (cidades, vilas, e outros), rurais (porção do espaço terrestre utilizado para habitação, atividades agropecuárias, exploratórias e agroindustriais) e naturais não antropofizada (até o momento de intervenção humana).

PARELLADA (2013), retrata a alteração paisagística em seu artigo:

ARQUEOLOGIA DO VALE DO RIO PIQUIRI, PARANÁ: PAISAGENS, MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES

Claudia Inês Parellada
Museu Paranaense, Dra.

Resumo
O vale do rio Piquiri corta o centro-oeste do Paraná e foi ocupada, segundo os dados já conhecidos, a partir de dez mil anos atrás por diferentes populações, abrangendo caçadores-coletores, ceramistas e agricultores, conquistadores e colonizadores europeus, entre outros. Pesquisas desenvolvidas de 2008 a 2012 identificaram paisagens transformadas, e os artefatos encontrados, as imagens e a tradição oral documentada somam-se para ampliar a compreensão da arqueologia da região.

Palavras-chave: Arqueologia do Paraná, Rio Piquiri, Arqueologia da Paisagem

Ao se entender a importância dos relatos até o momento descritos, pode-se adentrar nas questões históricas do Município. Iniciando, assim, o novo capítulo, este denominado de...

HISTÓRIA DE TRÊS BARRAS DO PARANÁ

Pode-se dividir o acompanhamento da evolução humana em duas partes, sendo a primeira fase denominada de pré-história, que registra os acontecimentos sociais e individuais de nossos antepassados, sendo estes identificados por vestígios de antigas civilizações, ou locais abandonados, representados e conhecidos como sítios arqueológicos.

Os sítios arqueológicos trazem muita informação sobre a vida das pessoas que viviam entre 3.000 e 11.000 anos, relatando ainda, as características ambientais, geográficas, sociais e culturais naquele tempo.

Graças ao trabalho de campo (1997), foi possível encontrar artefatos indígenas, próximo ao Rio Iguaçu, localidade de Barra Bonita – Sítio do Ambrósio e pôde-se registrar pontas de projéteis e lâmina de machado. Estes foram talhados com técnica padronizada, que os arqueólogos denominam de tradição (modo como estas peças foram manufaturadas), sendo estas pertencentes a tradição **UMBU** (pré-cerâmica). A principal característica desta tradição, evidencia-se pela presença de pontas de flechas e uma indústria lítica com lascas retocadas (preparação de uma borda ou modificação das formas das lascas, sendo feita mais de uma vez).

O lascamento por pressão foi amplamente utilizado na confecção de tais artefatos, podendo inferir que estes achados pertençam a fase **BITURUNA**, classificado pelo autor, embasado nos estudos de Igor CHMYZ (1968). Deve-se ressaltar, que nos trabalhos de PARELLADA (1999), a fase Bituruna é considerada como tradição. Logo, está em desuso o termo/denominação fase.

Sendo assim, recorre-se aos trabalhos de PARELLADA (2013), que em seu artigo registra: (...) A tradição Bituruna é representada por sítios com grandes pontas de projéteis pedunculadas e foliáceas, além de grande variedade de raspadores, elaborados sobre lascas, micro lascas e lâminas, geralmente a metade em silexito.

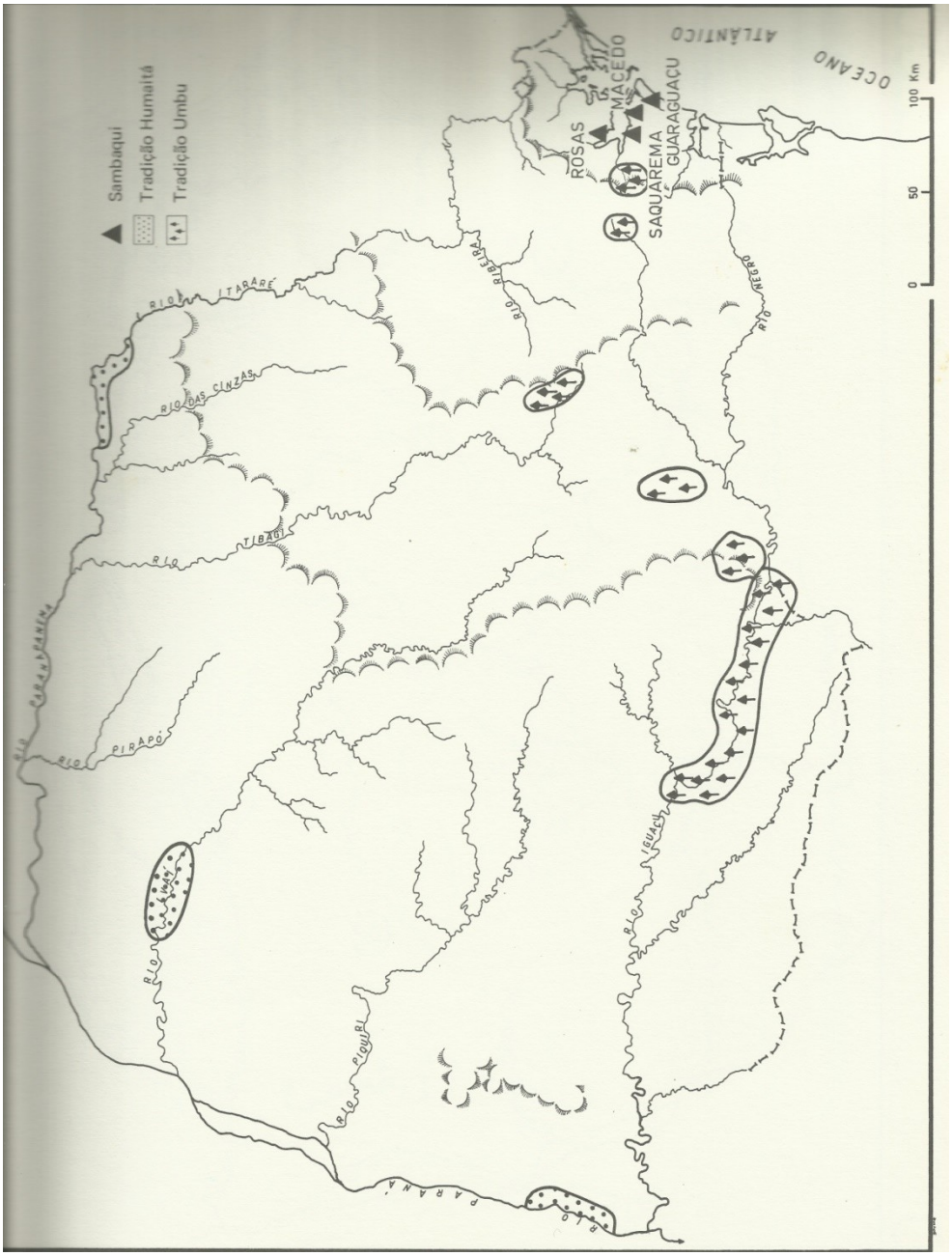
(...) A Tradição Umbu compreende os sítios pré-cerâmicos caracterizados, principalmente, pela grande presença de pontas de projéteis (KERN, 1981; SCHMITZ, 1984). A ocupação destas populações foi tanto em abrigos, sempre que os mesmos estivessem naturalmente disponíveis, como a céu aberto. Existem sítios multifuncionais com reocupação relativamente frequente, sendo alguns, somente estações de caça SCHMITZ, (1991). Geralmente estão localizados próximos a arroios, rios, banhados ou lagoas. No Paraná ocorrem também nos vales dos altos rios Iguaçu, Tibagi, Ivaí, Ribeira, e litoral.

Os artefatos líticos típicos seriam pontas de projétil pedunculadas, triangulares, foliáceas, de formas e dimensões variadas, lascas, raspadores, furadores e percutores, aparecendo ainda talhadores, buris, grandes bifaces, lâminas polidas de machado, polidores e picões SCHMITZ, (1984).

Trata-se de uma indústria sobre lascas, onde a matéria-prima mais utilizada é o riolito, seguido pelo silexito, basalto, arenito silicificado e quartzo cristal. As pontas de projéteis evidenciam retoques por pressão, sendo que estes retoques também aparecem em raspadores e facas. Ainda ocorrem furadores, bifaces, talhadores e plainas, além de grande quantidade de microlascas (...).

Embasado nestas informações, caracteriza-se, estes achados, como sendo Tradição Umbu.

Não foi possível datar estas peças, pois foram encontradas espalhadas sobre o solo e não havia marcadores confiáveis (vegetais, pólen, carvão, ou qualquer outro material para tal intenção). Porém, CARDOSO & WESTPHALEN (1986), registram a Tradição Umbu em 2.500 e inferindo até 7.500 anos, embasados nas pesquisas de Igor CHMYZ (1976) :



LOCALIZAÇÃO DOS ACHADOS

Base cartográfica ITG - 2010

0 647

Escala em Quilometros

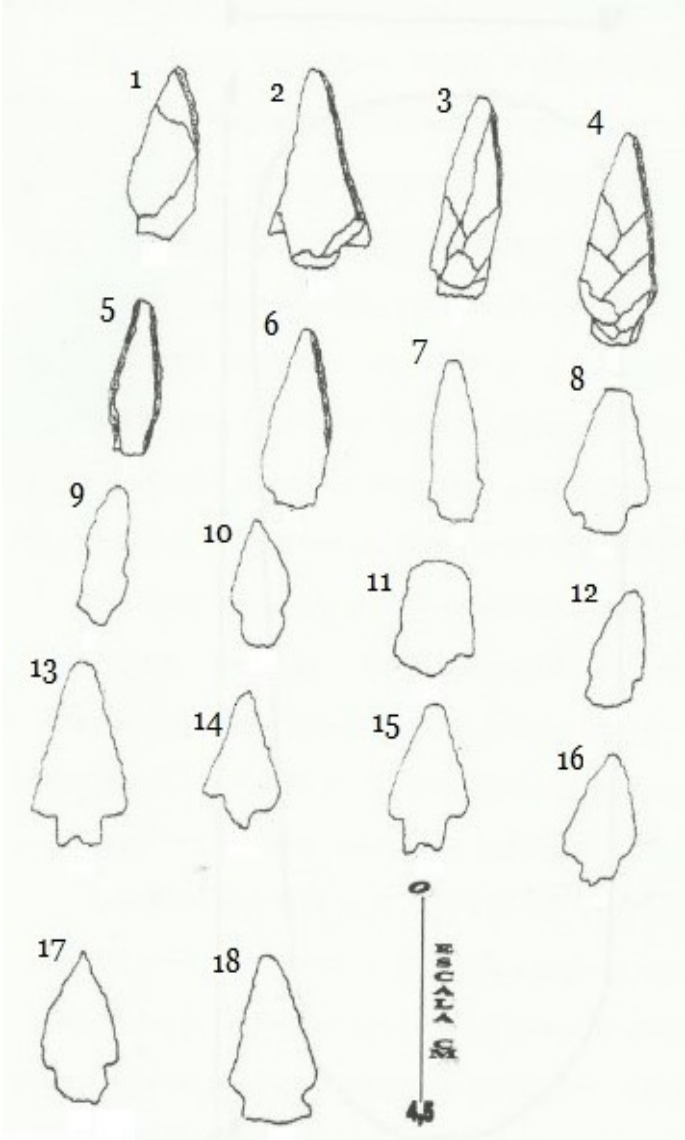
Localização dos achados: Base cartográfica ITG-2010, confecção Valéria e Denise Nitsche

As pontas de projéteis e a lâmina polida de machado, possuem as seguintes características:

Artefatos indígenas. Foto do autor, 1997.

INDÚSTRIA LÍTICA – TRADIÇÃO UMBU

CLASSIFICAÇÃO E DESENHO DO AUTOR

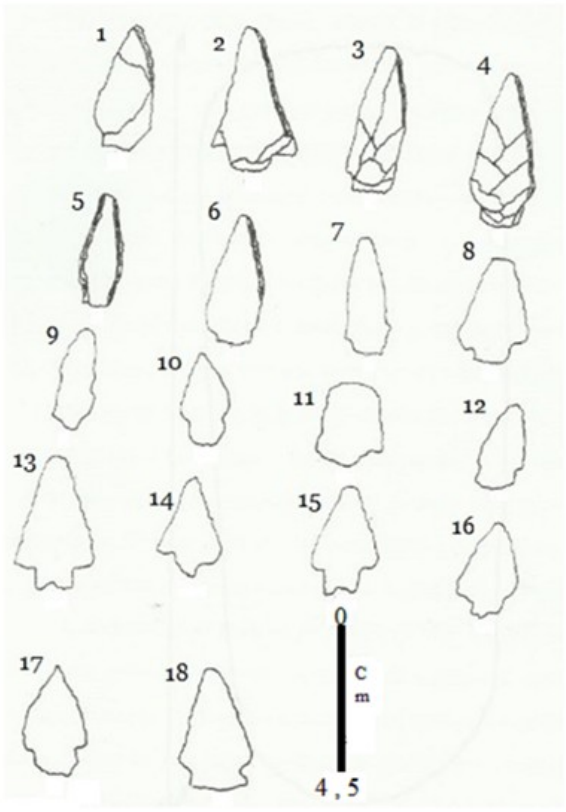


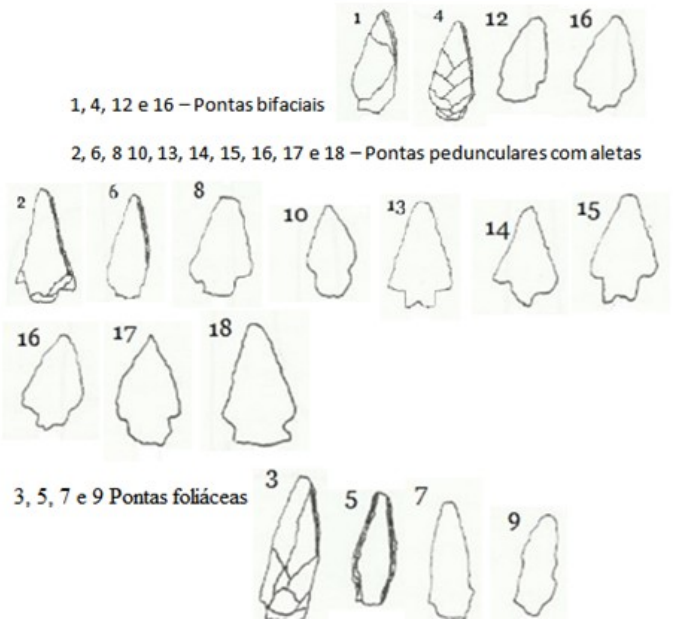
Características das pontas de flechas. (1,4,12 e 16 pontas bifaciais – 2,6,8,10,13,14,15,16,17 e 18 pedunculares com aletas – 3,5,7 e 9 pontas foliáceas). OBS: Não segue a ordem da fotografia. A escala é definida pelo corte vertical da maior ponta/projétil. As pontas de n. 2 e 13 são confeccionadas em basalto, sendo que a 2 possui base de quartzo leitoso. As pontas 7, 10 e 16 são de quartzo cristal-branco. As demais, são trabalhadas em quartzo leitoso.

PONTAS DE PROJÉTEIS

As pontas de n. 2 (base de quartzo cristal) e 13 são confeccionadas em basalto, as pontas 7, 10 e 16 são de quartzo cristal-branco. As demais, são trabalhadas em quartzo leitoso.

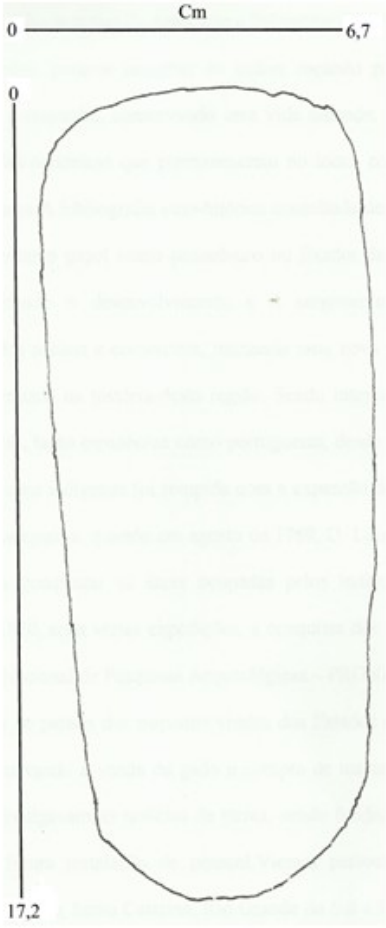
INDÚSTRIA LÍTICA – TRADIÇÃO UMBU (classificação e desenho do autor)





Desenho – características e perfil das pontas de projéteis.

LÂMINA DE MACHADO – FORJADO EM ARENITO



Desenho/perfil e foto da lâmina de machado.

Estes artefatos por si só, não possibilitam caracterizar ou definir a que povo pertenceu.

Os indígenas pertencentes a esta tradição eram coletores e caçadores, caracterizados devido ao seu modo de vida e suas relações com a natureza.

Os pré-ceramistas associados a Tradição Umbu utilizavam-se de três tipos de habitação: a céu aberto; em abrigos-sob-rocha; e nos dois últimos milênios, aterros artificiais em áreas alagadiças NOELLI (1999 – 2000).

É importante mencionar que este material descrito caracteriza um ponto de caça (local de espera – tocaia), devido a falta de fogueira, aterro artificial, rocha matriz/fábrica e vestígios que indicassem acampamento ou qualquer feição/característica de estadia prolongada.

A bibliografia etno-histórica consultada demonstra que o Rio Iguaçu desempenhou importante função como passadouro ou fixador de grupos humanos, facilitando o desenvolvimento e o surgimento de núcleos habitacionais, com atividades sociais que envolviam o comércio, relações artísticas, linguagem, modo de cultivo da terra, domesticação de animais,

construções de habitação e várias outras influências e interferências culturais, que relatam as aventuras humanas após o advento da escrita. Iniciando assim, a segunda fase denominada de história.

A região de Três Barras do Paraná foi intensamente percorrida por expedições exploratórias, tanto espanholas como portuguesas, desde meado do Século XVII. Graças a este fato, a hegemonia dos grupos indígenas foi interrompida com a expansão do povoamento em direção do campos de Guarapuava, quando D. Luiz Antônio Botelho Mourão, foi enviado para conquistar as áreas ocupadas pelos nativos da terra (indígenas), encerrando sua campanha em 1774. Sendo que em 1820, após várias expedições, a conquista dos campos gerais era uma realidade (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, 1970).

Conforme pesquisa de campo, a região foi ponto de parada dos tropeiros originários dos Estados: Rio Grande do Sul e Santa Catarina, objetivando a venda de gado e mercadorias trazidas da Argentina. Esses tropeiros, divulgavam as notícias de terras, consequentemente, fundava-se vilarejos. E foi assim, que a porção do espaço terrestre, onde se encontra Três Barras do Paraná (atualmente), foi ocupada por pessoas vindas de outros Estados, tais como: Espírito Santo, Bahia, São Paulo e Mato Grosso.

É importante observar que a ocupação de uma porção do Planeta Terra, não significa a criação de espaço. Logo; a sociedade não criou este espaço. O que ocorre após o estabelecimento de um aglomerado de pessoas em uma determinada área, é a constituição e a formação territorial, que se dá, através das características culturais, políticas, econômicas e religiosas de cada povo e/ou indivíduo controlador, que por sua vez, será defendida por seus donos e/ou moradores, pelos governos internos (donos dos territórios da porção territorial que determina os limites do país), conforme se poderá acompanhar no decorrer desta história:

Embasando-se nos estudos de FERREIRA (1996) e CARDOSO & WESTPHALEN (1986, p.62 e 63), em nosso Estado, ocorreram várias intervenções políticas para elaboração e estabelecimento de concessões de terras. Porém, as que conotam maior importância para a história de fundação do Município de Três Barras do Paraná, se estabelecem nos períodos de:

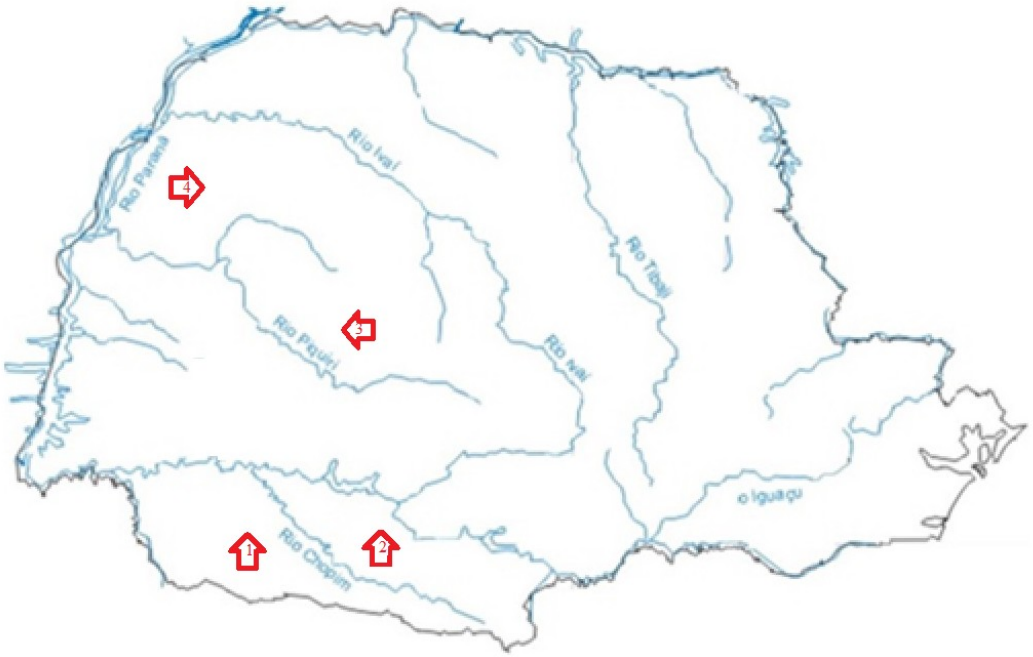
Entre 1900 a 1920, houve concessão de terras, realizadas na conjuntura da Primeira República, pelo Governo do Estado do Paraná, a partir da lei de terras de 1892. As leis estaduais n. 1.147/12 e n. 1642/16 possibilitaram a concessão de áreas de 50.000 hectares para o estabelecimento de colônias nacionais e estrangeiras, promovendo mudanças latifundiárias em todo o Estado e entrou em vigor as seguintes concessões:

- Manuel José da Costa Lisboa, sendo procurador de: Domingos Barthe, para compra de 50.000 hectares de terras destinados a acomodação de imigrantes e para fins industriais em Guarapuava, no ano de 1901.
- Lei Estadual n. 610/05, estabelece concessão de terras devolutas para a venda ao Sr. Jorge Schimelpfeng, para colonização e fundação de uma povoação ligada por estrada ao Rio Paraná.
- Para Nuñez y Gibaja; concessão de 50.000 hectares, em 1905.
- Concessão de 1907, para Companhia Madeireiras del Alto Paraná, 251.000 hectares.
- Concessão de 1918, à Miguel Matte 50.000 hectares.
- Concessão de 1920, estabelece 50.000 hectares à Julio Allica.

No período de 1920 a 1924, O Estado do Paraná realiza concessões de terras com valores abaixo do mercado, iniciando o povoamento do norte paranaense, tendo como seus povoadores: paulistas, mineiros e nordestinos, além de imigrantes japoneses.

Em 1924, durante o período revolucionário, revela-se a miséria e exploração existente no sudoeste e oeste do Paraná, graças a passagem da coluna Prestes, que registrou as atividades das companhias que extraíam erva-mate e madeira de forma depredatória. CARDOSO & WESTPHALEN (1986, p.64)

Neste mesmo período, ocorre a corrente povoadora vinda do sul do País, formada por agricultores de origem alemã e italiana, que adentraram na região por Pato Branco (1), infletindo depois pelos vales dos rios Chopim (2), Piquiri (3) e Paraná (4).



0 — 647

Escala em Quilometros

Getúlio Vargas, pelo Decreto Lei Federal n. 5.812, de 13 de setembro de 1943, cria o Território Federal do Iguaçu que engloba a área de Catanduvas, sendo esta unidade federada. Deve-se ressaltar que o Estado do Paraná perdeu quarenta e sete mil quilômetros quadrados de seu território (47.000 Km^2). Sendo que em 18 de setembro de 1946, durante o governo do General Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Território do Iguaçu é extinto, voltando a ser território paranaense, iniciando assim, a colonização definitiva do oeste. (PMTBPr, 1995).

Conforme pesquisa de campo (entrevista com os moradores mais antigos) e pesquisa bibliográfica (FERREIRA, 1996), (PMTBPr, 1995) a história de Três Barras do Paraná, está intimamente ligada a Catanduvas (Pr), sendo seus pioneiros as famílias Lacerda, Krammer, Pureza e Rodrigues da Cunha.

Três Barras do Paraná ainda não existia, a área era conhecida como Encruzo, sendo que em 1966, tornou-se distrito administrativo de Catanduvas. Que ao se decretar a Lei Estadual nº 7305, em 13 de maio de 1980, sancionada pelo governador Ney Braga, passa a ser considerada município e desmembrada do Município de Catanduvas, reconhecida oficialmente em 01 de fevereiro de 1983. Passando a ser reconhecida/instalação oficial como Município de Três Barras do Paraná. Por este motivo, este Município possui duas datas de fundação.

Porém, deve-se ressaltar que em 1930, Tiburcio da Silva e seu filho Valdivino da Silva, encontraram três nascentes, localizada na Vila Alta, próxima a pedreira e a ponte na entrada da cidade, vindo de Curitiba. Sendo que uma destas nascentes, não existe mais, devido a construção da Rua Mato Grosso, formando um canal fluvial de segunda ordem. Este fato, fez com que Tiburcio batizasse o local como Três Barras. Mas tal nomeação, pode ter outro motivo, de ser natural de Três Barras – Santa Catarina. (Fonte: Pesquisa de campo – saturação reincidente).

Este personagem histórico, ainda construiu um cemitério próximo ao encontro das sangas, onde sepultou amigos e parentes, além de crianças que não resistiram as doenças, que hoje consideramos insignificantes, como: diarreia, gripe, varíola e sarampo.

Atualmente (2000), existem três distritos administrativos, sendo: Distrito de St´Izidoro, criado pela Lei Municipal 038/77 de 06 de dezembro de 1977, até este momento, era considerado Distrito de Catanduvas. Distrito de Alto Alegre, criado pela Lei Municipal 060/84, de 05 de outubro de 1984. E o Distrito de Barra Bonita, constituído pela Lei Municipal 065/84, de 09 de outubro de 1984.

Conforme documentação e entrevistas com antigos moradores, pode-se afirmar que os primeiros moradores teriam sido: Doralino Pedroso, Pedro Silvério, João Ramos, João Lautério e Eugênio Santana. Sendo que todos moravam próximos as nascentes, pontuando o Rio Três Barras como o principal foco colonizador da região e/ou se preferir, do território tri-barrense.

As condições precárias das vias de acesso, falta de estradas pavimentadas, enfim, a falta de infraestrutura, dificultava a permanência das pessoas no local.

O Rio Iguaçu, sempre foi um obstáculo, tendo como meio de travessia uma balsa de madeira, movida por remos de quatro metros, meio precário de transporte, que ocasionou vários naufrágios, como no ano de 1960, relatado pelo Sr. Eugênio Santana, que estava abordo da balsa, com mais quatro pessoas e dois cavalos. Sendo que o mesmo, salvou um garoto de 12 anos e perdeu um cavalo, todos os mantimentos e os remédios. Ainda, embasado em entrevistas locais, foi possível descobrir a ocorrência de mais um naufrágio, este no dia 19 de setembro de 1973.

Balsa de remo usada no Rio Iguaçu. Fonte: Internet, 2010

Com estes relatos, torna-se possível observar a precariedade dos transportes e suas implicações ao se efetuar transações comerciais e fluxos de mobilidade social. As estradas eram inadequadas e ineficientes, impedindo o desenvolvimento econômico desta região, bem como, do Estado em si.

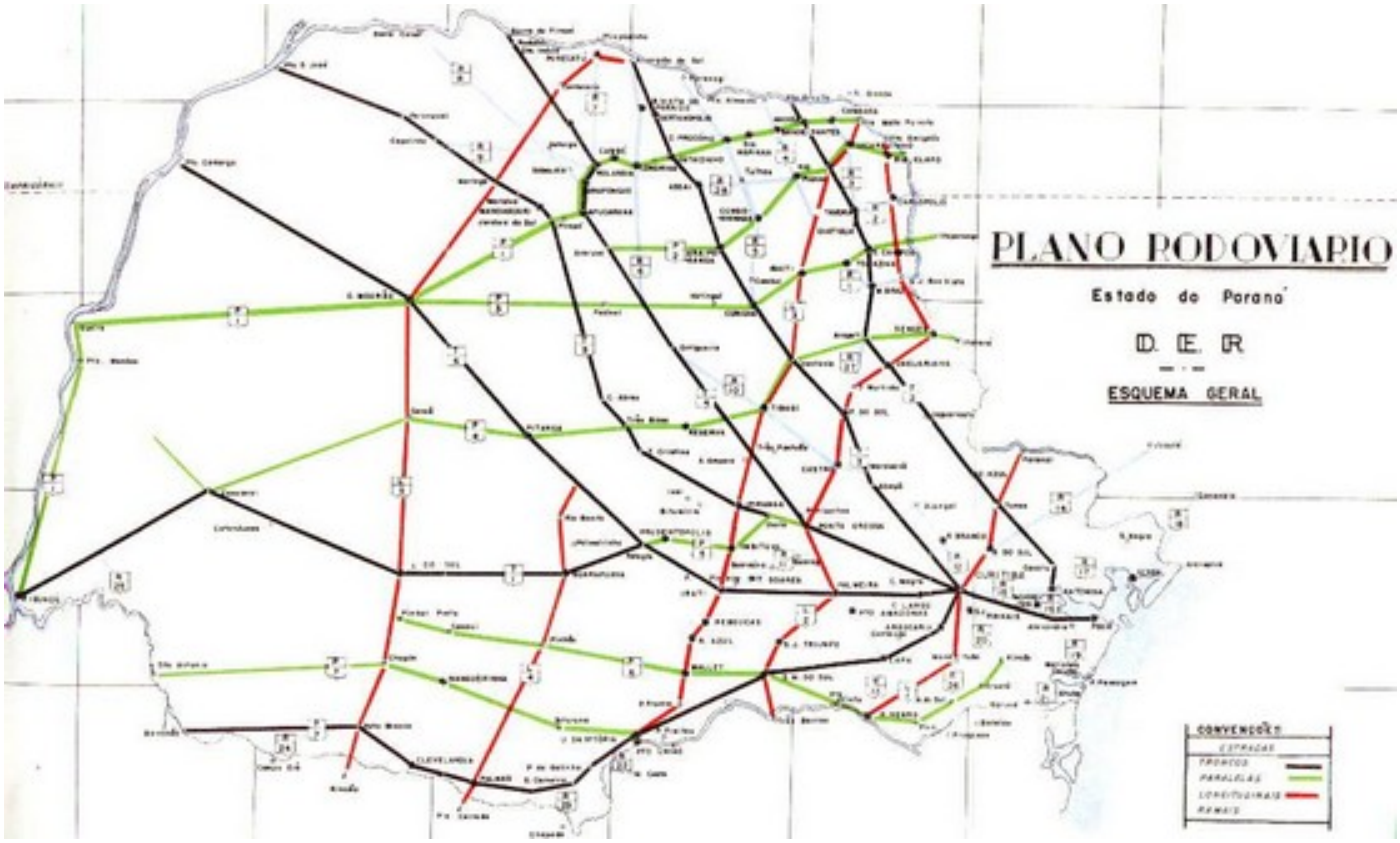
Ao tomar conhecimento deste fato, reúne-se na sala das sessões do Edifício Garcês, no 5º andar, na cidade de Curitiba, em 02 de março de 1951, o Conselho Rodoviário, com a presença dos conselheiros: Felizardo G. Costa, Alberto P. Miranda, Eunilo Corrêia, Pedro Viriato parigot de Souza e Luiz Carlos Tourinho, com a finalidade de solucionar e analisar as etapas do Plano Quinquenal e Planos de obras para 1951. Através do Decreto Lei n. 2188 o Plano Rodoviário do Estado do Paraná é elaborado pelo Departamento de Estradas e Rodagem (DER) e aprovado pelo Conselho rodoviário, em resolução de 05 de julho de 1951, inicia-se a construção das vias de acesso TOURINHO (1976, p.327), denominadas ou classificadas como:

Troncos: do litoral para o interior ——————

Paralelas: do leste para oeste ——————

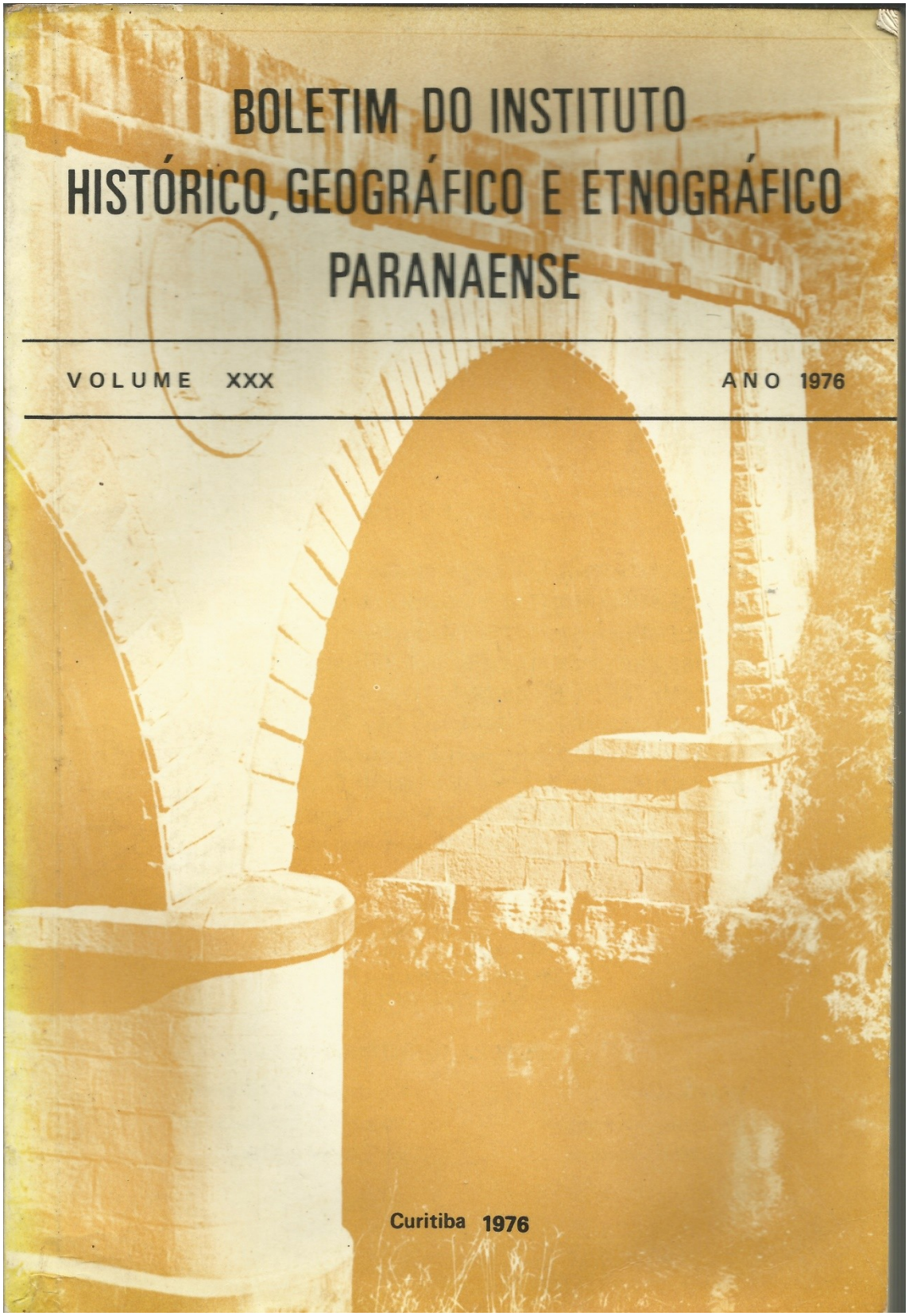
Longitudinais: norte para sul ——————

Ramais: ponto inicial da rodovia principal ——————



Plano Rodoviário de 1951. Fonte: DER. In:
TOURINHO, p.356

Este plano foi elaborado apoiando-se em dois sistemas: 1) Rígido ou indeformável e 2) Variável ou adaptável, conforme é esclarecido pelo próprio Sr. TOURINHO (1976, p.346 a 355) – (apresentado aqui como memorial e preservação do documento histórico):



BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE

VOLUME XXX ANO 1976

Curitiba 1976

ÍNDICE

NOSSA CAPA — Um Século da Ponte Sobre o Rio dos Papagaios 03
(Luiz Carlos Pereira Tourinho)

Apontamentos Históricos de União da Vitória..... 09
(José Júlio Cleto da Silva)

A Escolha do Melhor Caminho para o Oeste..... 229
(Osvaldo Pilotto)

As Condições do Setor Agrário Exportador do Paraná na Década de 1930..... 241
(Profª Marisa Correia de Oliveira)

Pesquisas Arqueológicas no Estado do Paraná — Ano de 1957 — Síntese..... 253
(Waldomiro Bley Júnior)

Crônica Social do Século Passado..... 269
(Dezenove de Dezembro)

As Três Figuras mais Discutidas da História do Brasil..... 273
(Davi Carneiro)

Relatório do Estado Sanitário da Província no Ano de 1879.... 309
(Dr. Leocádio José Correia)

Um Quarto de Século do Plano Rodoviário do Paraná (1961-1976)..... 327
(Luiz Carlos Pereira Tourinho)

Registro Bibliográfico..... 357
(Edilberto Trevisan)

comunicação, não só da capital com o interior, mas também do Estado com o restante do país.

As primeiras seriam resolvidas com um sistema de radiais, que partindo de Curitiba alcançassem os pontos extremos do Estado: as barrancas dos rios Paraná, Paranapanema e Barracão, sobre o divisor Iguaçú-Uruguai. Aliás, a situação em que se encontra Curitiba, à entrada das melhores gargantas de comunicação com o litoral, vem facilitar a solução, confundindo num só sistema os troncos de exportação com as radiais de penetração do sertão. Seriam, ao outro lado, rodovias de grande importância militar, cuja construção tem interessado o Exército, de longo tempo.

As segundas, ligações entre o norte e o sul do país através do nosso território, poderão ser feitas através de longitudinais que, ao mesmo tempo, servirão à penetração e ao já falado intercâmbio com São Paulo.

O PLANO RODOVIÁRIO

1 — Do exposto na MEMÓRIA JUSTIFICATIVA conclue-se que o PLANO RODOVIÁRIO deverá prever a existência das seguintes linhas de comunicações:

a) — que facilitem o escoamento da produção pelos portos de Paranaguá e Antonina;
b) — que permitam melhor intercâmbio entre São Paulo e Paraná;
c) — que estabeleçam a ligação do norte com o sul do país através do nosso território;
d) — que auxiliem a penetração no sertão.

Para preencher tais finalidades, estabelecemos:

1º — **LINHAS TRONCOS** — de preferência montadas sobre os grandes divisores e orientadas no sentido do litoral, destinadas ao escoamento da produção pelos nossos principais portos;

2º — **LINHAS PARALELAS** — acompanhando aproximadamente a orientação dos paralelos e em condições de facilitar o intercâmbio com São Paulo e a penetração no nosso território;

3º — **LINHAS LONGITUDINAIS** — acompanhando aproximadamente a orientação dos meridianos, em condições de estabelecer a ligação norte-sul do país, facilitar o intercâmbio com São Paulo e a penetração do interior.

Um sistema assim montado preenche as condições que estipulamos na Memória justificativa, não somente quanto aos objetivos a atingir, mas também no que toca à clareza, à simplicidade e à exiquibilidade do Plano. Sob outro aspecto, entretanto,

torna-se um sistema rígido, indeformável, e, por conseguinte, não satisfaz à condição de flexibilidade, que julgamos indispensável. Para satisfazer a mais essa condição, sem a qual o Plano não estará em condições de resistir aos ataques do tempo, às injunções de ordem política a que todos os governos ficam sujeitos, ou aos imprevistos, mormente numa terra onde as cidades costumam brotar da noite para o dia, é aconselhável sobrepor ao sistema rígido de TRONCOS, PARALELAS e LONGITUDINAIS, um sistema variável, ou melhor, adaptável. Daí elaborarmos o PLANO RODOVIÁRIO apoiado sobre dois sistemas.

1º – SISTEMA RÍGIDO OU INDEFORMÁVEL – compreendendo os TRONCOS, as PARALELAS e as LONGITUDINAIS;

2º – SISTEMA VARIÁVEL OU ADAPTÁVEL – compreendendo os RAMAIS – rodovias que se situam entre pontos importantes de outras rodovias do sistema rígido ou que apenas têm origem numa rodovia sem atingir outra e cujo número vai sendo aumentado de acôrdo com as necessidades econômicas, políticas e administrativas de várias regiões do Estado.

2 – Na elaboração do presente PLANO FORAM AINDA LEVADAS EM CONTA AS SEGUINTES CONSIDERAÇÕES:

1ª – O entrosamento com as linhas do PLANO RODOVIÁRIO NACIONAL, que cruzam o território paranaense, a saber: BR-2, BR-14, BR-35, BR-75 e BR-59.

2ª – As ligações inter-estaduais já estipuladas em planos anteriores, assim discriminadas:

Como São Paulo:
a) Porecatú-Pirapósinho.
b) Cambará-Salto Grande.
c) Bocaiuva do Sul-Juquiá.
d) Cacatú-Cananéa.

Com Santa Catarina:
a) Passo da Galinha-Matos Costa.
b) General Carneiro-Chapada.
c) Palmas-Ponte Serrada.
d) Pato Branco-Rincão.
e) P-7-Campo Erê.

3ª – Aproveitar, na medida do possível, as estradas já existentes, em construção e em estudos.

4ª – Designar cada rodovia por uma sequência de pontos nos seguintes sentidos:

a) – TRONCOS – do mar para o interior.
b) – PARALELAS – do leste para oeste.
c) – LONGITUDINAIS – do norte para o sul.
d) – RAMAIS – ponto inicial na rodovia principal.

5ª – Codificá-las como se segue:

a) – TRONCOS – T.
b) – PARALELAS – P.
c) – LONGITUDINAIS – L.
d) – RAMAIS – R.

A numeração das rodovias será feita em algarismos arábicos (T-1, T-2. . .etc.), da seguinte forma:

a) – TRONCOS – sentido contrário aos ponteiros do relógio, tendo como origem a primeira rodovia tronco de leste, exceção feita da T-1, designação dada à Paranaguá-Fóz do Iguaçú, espinha dorsal do sistema paranaense;
b) – PARALELAS – do norte para o sul;
c) – LONGITUDINAIS – de leste para oeste;
d) – RAMAIS – à proporção que forem sendo necessários.

A cada trecho, entre dois pontos importantes de cada rodovia, corresponderá uma letra minúscula do alfabeto, por exemplo:
T-1a – Tronco um, Trecho Paranaguá–Curitiba.
T-1b – Tronco um, Trecho Curitiba–Campo Largo, etc.

As condições técnicas de cada rodovia terão as seguintes identificações:
E – Classe especial.
1 – 1ª classe.
2 – 2ª classe.
3 – 3ª – classe.

Por exemplo:

P-3e2 – Paralela três, trecho Curiúva-Natinguí, 2ª classe, etc.

6ª – Os pontos de passagem principais indicados para todas as rodovias deste PLANO, ainda não construidas, não visam fixar, desde já, os traçados no sentido técnico, dessas estradas, mas apenas constituir indicações gerais de largas faixas diretrizes de linhas troncos. Os estudos a serem procedidos oportunamente, fixarão em definitivo, os verdadeiros traçados das linhas do presente PLANO.

– II –

1 – O sistema de TRONCOS compreende SETE GRANDES RODOVIAS, a saber:

T-1 – Paranaguá-Fóz do Iguaçú.
T-2 – Antonina-Pôrto Bráulio.
T-3 – Curitiba-Alvorada do Sul.
T-4 – Curitiba-Barra do Pirapó.
T-5 – Uvaia-Pôrto São José.

T-6 – Relógio-Pôrto Camargo.
T-7 – Curitiba-Pato Branco.

T-1 = BR-35 – É a espinha dorsal do sistema rodoviário paranaense e justa aspiração do nosso povo desde os tempos do segundo reinado. Faz parte do PLANO RODOVIÁRIO NACIONAL com a designação de TRANSVERSAL DO PARANÁ. Muito conhecida também por "ESTRADA DO PARALELO", porque os seus pontos principais de passagem estão situados aproximadamente à mesma latitude, como se verifica do quadro abaixo:

Localidade	Latitude	Altitude
Paranaguá	25° 31' 18"	5 m.
Curitiba	25° 25' 04"	908 m.
Campo Largo	25° 25' 25"	955 m.
Palmeira	25° 25' 44"	864 m.
Iratí	25° 27' 45"	812 m.
Relógio	25° 27' 20"	730 m.
Guarapuava	25° 23' 36"	1095 m.
Laranjeiras		
Foz do Iguaçu	25° 33' 00"	80 m.

Partindo da velha cidade de Paranaguá, que hoje vai se remoçando com o vulto da exportação de café, percorre a planicie litorânea até o Anhaia, em altitude que varia de 5 a 10 metros acima do nível do mar; no Anhaia começa praticamente a galgar a muralha da Serra do Mar até alcançar a garganta do Itupava, a 900 metros de altitude, atingindo Curitiba, sobre o planalto, no quilômetro 100. Este trecho (T-1aE) tem condições técnicas especiais, devendo a porção que atravessa a Serra do Mar ser construida com duas pistas independentes. A construção está sendo financiada pelo Governo do Paraná, de acôrdo com a Lei 105.

Os trechos Curitiba-Campo Largo-Palmeira (T-1b1 e T-1c1), no momento pèrmitem o tráfego em boas condições, não obstante serem rodovias antigas, construidas ainda no império, parte da chamada "ESTRADA DE MATO GROSSO". Tão logo seja possivel, o Departamento voltará suas vistas para os trechos em questão, melhorando-os ou fazendo traçado inteiramente novo, afim de colocá-los em condições de 1ª classe.

O trecho Palmeira-Irati (T-1d1) foi construido pelo Estado em condições de 1ª classe e de Irati a Relógio (E-1e1), a construção vai bem adiantada, sendo também financiada pelo Estado. De Relógio a Fóz do Iguaçú a construção está a cargo do C.E.R.-1, estando os trabalhos bem adiantados. Temos fundadas esperanças de que até Dezembro de 1953, em que o Paraná comemora o primeiro centenário de vida emancipada, estejam concluídos os 859 quilômetros da grande rodovia TRANSVERSAL DO PARANÁ.

Serra da Esperança entre Relógio e Pitanga.

T-7 — Está praticamente permitido trânsito de Curitiba a Pato Branco, ou seja 481 quilômetros. Entre Curitiba e União da Vitória faltam apenas as pontes sobre os rios Iguaçu (em construção), Potinga e Claro (postas em concorrência). Este trecho foi construido pelo Estado, em condições de 1ª classe, reduzindo o percurso entre a capital e aquela cidade, de 311 para 226 quilometros, ou seja 85 quilômetros! De União da Vitória para oeste, exceção do trecho até Gal. Carneiro, a rodovia foi construida pelo Exército, entre 1926 e 1928, satisfazendo plenamente as necessidades da região. Ficará faltando, para conclusão desse grande tronco, a construção da variante do Passo da Galinha, e o último trecho, entre Pato Branco e Barracão. É, além de tudo, uma estrada de grande valor militar, visto que percorre a linha seca que divide as águas do Iguaçu e Uruguai, até a fronteira argentina.

2 — O sistema de PARALELAS compreende SETE GRANDES RODOVIAS, a saber:

P-1 — Melo Peixoto-Foz do Iguaçu
P-2 — Rio Itararé-Araruva
P-3 — Rio Itararé-Campo Mourão
P-4 — Itararé-Porto Mendes
P-5 — Ponta Grossa-Relógio.
P-6 — Rincão-Pinhal Preto.
P-7 — União da Vitória-Santo Antonio.

No ESMQUEMA DE PARALELAS verifica-se perfeitamente a função da P-1, P-2, P-3 e P-4, que é a de facilitar o intercâmbio com São Paulo. Elas percorrem a região produtora de cereais, madeira e a P-4 serve à fábrica de papel de Monte Alegre. A P-6 visa a levantar uma região de colonização antiga, mas em decadência, por falta de vias de transporte — vale do Rio Negro — e estende-se até a futurosa região situada ao sul de Guarapuava, servindo a Pinhão, Candoí e Pinhal Preto. A P-7, finalmente, tem por objetivo o desenvolvimento econômico do vale do Iguaçu.

Passaremos, em seguida, à descrição sumária das linhas PARALELAS.

P-1 = BR-75 — Faz parte do PLANO RODOVIÁRIO NACIONAL. Entretanto, dada a necessidade absoluta de sua construção, não foi possível, ao Estado, aguardar verbas federais para atacar tão importante via de comunicação. Entre Cambé e Londrina o movimento de veículos em épocas normais é de 1 500 em 24 horas, subindo para 3 000 em época de safra do café! Cidades novas surgem à margem da rodovia, como por encanto; cafezais estendem-se a perder de vista e, nos intervalos dos cafeeiros, milho e feijão. Dentro de cinco anos será a mais importante zona agrícola brasileira, maior produtora de café do mundo e também a que mais contribuirá para entrada de cambiais no Brasil! É justo, portanto, que o governo federal dedique mais atenção a essa grande rodovia, auxiliando os empreendimentos do Estado. (figs. 14 e 15)

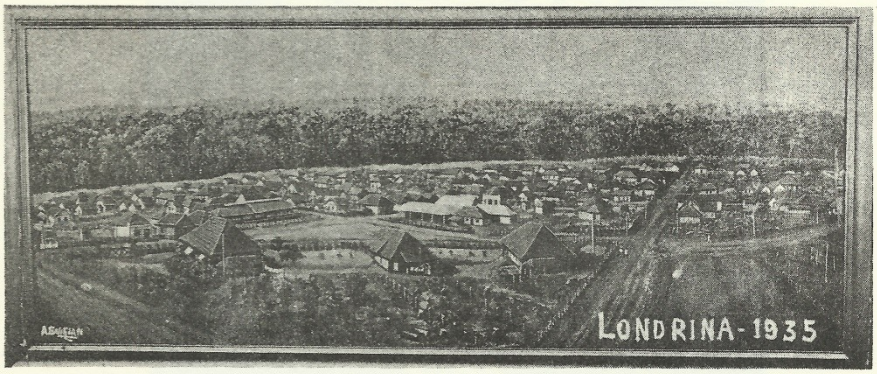


Fig. 14

Fig. 15

Não obstante o seu traçado ser obrigado a transpor vários afluentes do Paranapanema, o traçado é excelente, pois o terreno é apenas ondulado. Além disso, a construção é facilitada dada a espessa camada de terra arável que atinge quase sempre 11 metros de profundidade!

A situação atual é a seguinte:

a) atacada de Melo Peixoto a Jataizinho;

b) permitindo tráfego de Jataizinho a Apucarana, necessitando, entretanto, de melhoramentos;

c) estado precário entre Apucarana e Jandaia do Sul;

d) virgem entre Jandaia do Sul e Foz do Iguaçu;

P-2 — Tem seu ponto inicial no rio Itararé, onde estabelecerá ligação com Piraju, no Estado de São Paulo. Servirá a Ribeirão Claro, Santo Antônio da Platina, Ribeirão do Pinhal, Congonhinhas, Araiporanga e Araruva, esta sobre a T-4. Cruza uma região riquíssima, que produz café, algodão e cereais.

P-3 — Como a P-2, parte dum ponto do rio Itararé, onde será feita a ligação com Itaporanga, no Estado de São Paulo. Servirá, depois, Siqueira Campos, Tomazina, Ibaiti, Curiúva, Natingui, Faxinal e Campo Mourão, onde encontra a P-1, a T-6 e a L-5. Serve à zona carbonífera de Pinhalão.

P-4 — Parte de Itararé, cidade paulista, e vai até Porto Mendes, no Rio Paraná, numa extensão de 664 quilômetros. O trecho Itararé-Ventania está sendo construído pelo D.E.R. com verba federal e tem por objetivo o escoamento do papel da grande fábrica de Monte Alegre. De Ventania, onde cruza com a T-3, segue por Tibagi, Reserva, Três Bicos, Pitanga, Cancã, Cascavel e Porto Mendes, cruzando grande extensão do vale do Piquiri, cuja riqueza está atraindo os colonos de origem alemã e italiana, que em outros tempos se estabeleceram apenas na localidade de Toledo, é de 200 famílias mensais. Esta rodovia tem um trecho em comum com a L-3, entre Ventania e Tibagi.

P-5 — Trecho da rodovia federal construída pelo Exército C.E.R.-1, entre Ponta Grossa e Foz do Iguaçu, antiga Transversal do Paraná. Com o deslocamento dessa transversal para Irati, restou isolado um pequeno trecho entre Ponta Grossa e Relógio, passando por Imbituva e Prudentópolis. Está concluída, tem condições de primeira classe e revestimento de macadame hidráulico.

P-6 — Rodovia de penetração que poderá ser construída em condições de terceira classe. Parte de Rincão, na R-20, passa por Aruatã, Agudos do Sul, Pien, Rio Negro, Antônio Olinto, São Mateus, Mallet, Pinhão, Candoí e Pinhal Preto. Servirá uma zona antiga de colonização um tanto decadente por falta de comunicações, que é o vale do Rio Negro, e outra em franco desenvolvimento, a de Candoí e Pinhão, no município de Guarapuava, onde o Governo está localizando um grande núcleo de colonização alemã.

P-7 – Rodovia de penetração em condições técnicas de terceira classe, destinada a servir à rica região do vale do Iguaçu. Ponto inicial em União da Vitória, servindo Bituruna, Mangueirinha, Chopim e Santo Antônio, na fronteira com a Argentina.

3 – O sistema de LONGITUDINAIS compreende CINCO GRANDES RODOVIAS, a saber:

L-1 – Paranaí – Rio Negro
L-2 – Porto Emigdão – Três Barras
L-3 – Melo Peixoto – União da Vitória
L-4 – T-6 a Ponta Cerrada
L-5 – Alvorada do Sul – Rincão

No ESQUEMA DAS LONGITUDINAIS, verifica-se bem a importância dessas rodovias, quatro das quais vencem o nosso território de norte ao sul, estabelecendo ligação eficiente também entre o norte e o sul do Brasil. Além disso, a L-2, L-3 e L-5 facilitam o intercâmbio do nosso interior com São Paulo.

Passaremos em seguida à descrição sumária das rodovias LONGITUDINAIS:

L-1 = BR-2 – É a rodovia federal "Getúlio Vargas", constante do PLANO RODOVIÁRIO NACIONAL, ligando Belém a Porto Alegre. Está concluída em território paranaense, com exceção de algumas obras de arte entre Mandirituba e Rio Negro.

L-2 – Extensa rodovia com 441 quilômetros que parte de Porto Emigdão, na margem sul do Paranapanema, e atinge Três Barras, na margem sul do Rio Negro, em território catarinense. Entre Sengés e Porto Emigdão, as estradas são municipais e tudo está por fazer. Entre Ponta Grossa e Sengés está sendo construída uma estrada de primeira classe. Entre Ponta Grossa e Palmeira, apesar de antiga, a rodovia existente está em magníficas condições, exigindo apenas variantes de pequeno vulto. De Palmeira a Três Barras as existentes são precárias e há necessidade de novos estudos.

L-3 = BR-14 – É a grande rodovia TRANSBRASILIANA, do PLANO RODOVIÁRIO NACIONAL. O seu traçado ainda não foi definitivamente fixado, eis porque o D.E.R. sugeriu ao D.N.E.R. a seguinte diretriz: Melo Peixoto – Jacarezinho – Santo Antônio da Platinaa – Ibaiti – Ventania – Tibagi – Ipiranga – Imbituva – Irati – Rebouças – Rio Azul – Mallet – Paulo Frontin e União da Vitória. Servirá com esta diretriz a zona carbonífera ao norte e a zona produtora de batata, entre Irati e União da Vitória, ao sul. É uma rodovia de grande interesse econômico para o Paraná.

L-4 – Parte da T-6 e serve Rio Bonito, Guarapuava, Pinhão e Palmas, dirigindo-se para Ponta Cerrada, no Estado de Santa Catarina.

L-5 — Grande rodovia destinada a cruzar todo o território paranaense, de norte a sul, numa extensão de 498 quilômetros. Parte de Alvorada do Sul e serve a Porecatu, Centenário, Maringá e Campo Mourão, região cafeeira. De Campo Mourão continua para o sul, servindo Cancã, Laranjeiras do Sul, Pinhal Preto, Chopim, Pato Branco e dirige-se para Rincão, no Estado de Santa Catarina. Neste segundo trecho, de Campo Mourão para o sul, cruza os riquíssimos vales do Piquiri e do Iguaçu, região dos pinheirais e criação de porcos. Pato Branco, sobre a T-7, é hoje o centro de uma região de colonização que se dedica à cultura de trigo.

4 — O sistema de RAMAIS, como procuramos justificar anteriormente, constitui a parte maleável do atual PLANO e, por isso mesmo, o seu número é variável, crescendo com as necessidades econômicas, administrativas e políticas do Estado. Tem ele a grande vantagem de facilitar a ação dos governantes no que diz respeito às injunções de ordem política, algumas vezes tão fortes que fazem desviar troncos de importância vital, como aconteceu à atual T-4, que, desviada por Tibagi, aumentava de 27 quilômetros o caminho da exportação. Para o momento, projetamos vinte e oito ramais, cuja descrição passamos a fazer.

R-1 — Ligando Tomazina (P-3) a Wenceslau Braz (T-2), São José da Boa Vista na L-2, e rio Itararé.

R-2 — Ligando Joaquim Távora (T-2) a Carlópolis (l-2), a Passo dos Leites, no rio Itararé, com ligação para Fartura, no Estado de São Paulo.

R-3 — Ligando Joaquim Távora (T-2) a Jacarezinho (L-3), a Cambará (P-1), estendendo-se até Salto Grande, no Estado de São Paulo.

R-4 — Ligando um ponto da L-3 a Ribeirão do Pinhal (P-2), a Bandeirantes (P-1) e Porto Almeida, sobre o rio Paranapanema.

R-5 — Ligando Curiúva (T-3) a Cambuí, Congonhinhas (P-2), Cornélio Procópio (P-1) a Paranagi, próximo às barrancas do Paranapanema.

R-6 — Ligando um ponto da T-4 a Londrina (P-1), Bela Vista do Paraíso e Alvorada do Sul (T-3 e L-5). Visa a facilitar o escoamento da safra de café dessa região pela T-4.

R-7 — Liga Rolândia (P-1) a Porecatu (L-5) e Pirapozinho, esta no Estado de São Paulo.

R-8 — Liga Arapongas (P-1) a Sabáudia e Astorga, prolongando-se até a barra do rio Caiuá.

R-9 – Liga Rolândia (P-1) a Capelinha (T-5) com o objetivo de encurtar o caminho de Londrina a Porto São José.

R-10 – Estabelece a ligação entre T-4 e T-3, por Ortigueira, Tibagi e Castro.

R-11 – Estabelece uma ligação entre a L-3 e L-2. É uma rodovia já existente, porém em péssimas condições técnicas. Parte de Irati e passa em Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Guaraúna, Guaragi e L-2.

R-12 – É uma ligação muito necessária em vista da instalação da grande indústria de cimento que está se processando na vila de Rio Branco do Sul.

R-13 – Liga Palmeira (P-1) a Rio Negro (P-6) (L-1), passando por Porto Amazonas e Lapa (T-7).

R-14 – Ramal que tem por finalidade ligar Bocaiúva do Sul (L-1) a Juquiá, no Estado de São Paulo.

R-15 – Estrada da Graciosa, a mais antiga do Estado e que vem prestando serviços há quase oitenta anos. Liga Curitiba a Antonina. Deve ser considerada um monumento histórico do Paraná (Figs. 32 e 33).

R-16 – Ligará um ponto da T-1, a auto-estrada Curitiba-Paranaguá, a Morretes e Antonina (R-15).

R-17 – Ligará Ararapira, cidade de São Paulo, a Cacatu (T-1), atravessando as ricas terras de Serra Negra, próprias para a cultura do café.

R-18 – Ligará um ponto da R-17 a Cananéia, no Estado de São Paulo.

R-19 – Liga Alexandra (T-1) a Caiubá e Porto da Passagem.

R-20 = BR-59 – Estrada federal que liga Curitiba a Joinville (Fig. 34).

R-22 – Ligação entre Passo da Galinha (T-7) com a estação ferroviária de Matos Costa, em Santa Catarina.

R-23 – Ligação entre General Carneiro (T-7) e Chapada, em Santa Catarina.

R-25 – Ligação entre Barracão (T-7), Santo Antônio (P-7) e um ponto conveniente da T-1. Sem esta rodovia, madeireiros residentes em Barracão e Santo Antônio são obrigados a despachar a madeira em portos fluviais argentinos.

Outro fato relevante para se preservar a memória deste artigo, é que, raríssimos são os pesquisadores que sabem de sua existência.

Após a conclusão das obras, a travessia do Rio Iguaçu passou a ser motorizada, porém ainda continua sendo de madeira a balsa, que interliga a PR-473 na divisa de Quedas do Iguaçu com Cruzeiro do Iguaçu/Dois Vizinhos.

Balsa de madeira – com rebocador. Foto do autor, 1996

Após a construção da hidrelétrica de Salto Caxias, a região recebeu uma nova balsa, mais segura e moderna.

Nova Balsa – rebocador. Foto do autor, 1999

A primeira estrada construída na região é a que liga Três Barras do Paraná à Santa Cruz, sendo que Sr. Eugênio Santana e seu pai trabalharam juntos nesta obra (relato do próprio morador). É importante mencionar que antes, o transporte era realizado com cavalos, carro de boi e charretes. Após a construção, os veículos de pequeno porte e caminhões já podiam trafegar livremente.

Graças ao desenvolvimento rodoviário e aos aspectos fitogeográficos da região, iniciou-se as instalações das serrarias, sendo a primeira conhecida como Carvalho, depois surgiu a Pena Verde, Itaguaçu e a Zórtea Brancher (com matriz em Capinzal – SC), recebendo posteriormente o nome de Serraria Procopiack.

É neste ponto que começam os descasos sociais, tanto para os governos, bem como para as empresas e a população em geral (grileiros, posseiros e proprietários de direito).

Para entendermos melhor, as linhas que se sucedem irão se entregar totalmente a esta questão.

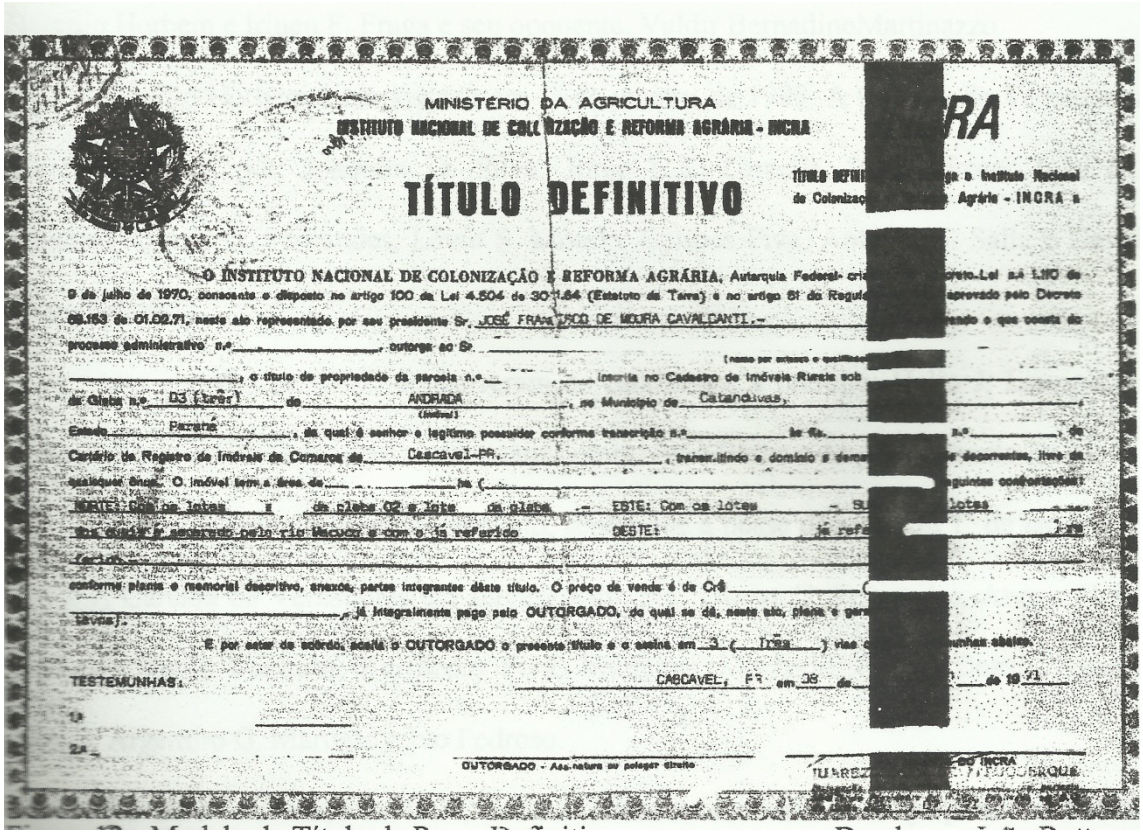
Com as estradas abertas, e uma região com aspectos ambientais geográficos propícios ao desenvolvimento agropecuário e agroindustrial, vieram pessoas de todas as partes do Brasil e imigrantes de várias etnias, sendo as mais representativas: italiana, alemã, polonesa, austríaca e japonesa.

Os descendentes de italianos são formadores de costumes e tradições que refletem na agricultura, nas construções, nos esportes e na música. São os principais responsáveis pelo processo inicial e estabelecimento permanente de colonização, vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os descendentes de alemães, oriundos dos mesmos Estados anteriormente citados, iniciaram a ocupação em 1942 até meados de 1949. Seus conhecimentos nos deram a tecnologia de plantio voltada a floricultura e horticultura, ampliando a produção e expandindo as atividades econômicas da região.

Os japoneses e poloneses, nos anos de 1953 a 1970 aperfeiçoaram as técnicas de trabalho no campo agro-hortalíceo, sendo implementado, pelos descendentes de japoneses a cultura do bicho-da-seda.

No decorrer de sua história, o Município foi construído com muito labor e marcado por momentos de lutas sangrentas, como o ocorrido em 1964, quando eclodiu a revolta pela tomada e conquista da posse de terra, envolvendo jagunços, posseiros e pessoas já estabelecidas regularmente. Sendo que em 1965, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), solucionou o problema concedendo títulos de posse definitiva.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA

TÍTULO DEFINITIVO

O INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA, Autarquia Federal- cri... Decreto-Lei nº 1.110 de 9 de julho de 1970, consoante o disposto no artigo 100 da Lei 4.504 de 30.11.64 (Estatuto da Terra) e no artigo 81 do Regul... aprovado pelo Decreto 68.153 de 01.02.71, neste ato representado por seu presidente Sr. JOSÉ FRANCISCO DE MOURA CAVALCANTI,... o que consta do processo administrativo nº ..., outorga ao Sr. ...

..., o título de propriedade da parcela n.º ... inscrita no Cadastro de Imóveis Rurais sob ... do Lote nº 03 (três) do ANDRADA (imóvel), no Município de Catanduvas, Estado ... Paraná, do qual é senhor e legítimo possuidor conforme transcrição nº ... no fls. ... nº ..., do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Cascavel-PR, transmitindo o domínio e demais ... desonerados, livre de quaisquer ônus. O imóvel tem a área de ... ha (...) e as seguintes confrontações: NORTE: Com os lotes ... da gleba 02 e lote ... da gleba ... - LESTE: Com os lotes ... - SUL: Com os lotes ... - OESTE: ... conforme planta e memorial descritivo, anexos, partes integrantes deste título. O preço da venda é de Cr$ ... (...), já integralmente pago pelo OUTORGADO, do qual se dá, neste ato, plena e geral ... (...). E por estar de acordo, aceita o OUTORGADO o presente título e o assina em 3 (três) vias ... finalidades citadas.

TESTEMUNHAS:

1)

2)

CASCAVEL, PR em 08 de ... de 19...

OUTORGADO - Assinatura ou polegar direito

... do INCRA

Título de posse definitiva. Doado por: João Rotta

Para que se possa compreender os conflitos e revoltas ocorridos dentro do Município, tem de se realizar um retrospecto histórico analítico, sendo assim desenvolvido:

Nos trabalhos desenvolvidos NITSHE (1999, 2000 e 2016), observa-se a recusa em descrever os eventos históricos dos conflitos e revoltas que envolviam populares que ainda hoje vivem na região. Porém, não há como deixar de se manter tal conduta, se quisermos ter um documento útil ao respeito histórico deste Município e ao nosso País. Sendo assim, se inserirá os resultados ocultados NITSCHE (1999), associados aos levantamentos históricos de outros autores, para que se possa valorizar à memória daqueles que lutaram por seus territórios, por suas famílias e por seus direitos. Levando-nos à uma jornada épica, ao que concerne aos munícipes e aos leitores, a constatação de que a sociedade ainda permanece em suas cavernas, contemplando uma bandeira sem a cor vermelha, representando a ausência de sangue derramado de nossos.

(OBS): O autor não é socialista/comunista! E muito menos adepto de partidos políticos, sejam eles quais forem. E o pior...é ser obrigado ao voto! Mas é um direito...dizem os "amantes das sombras"! Um direito que se não for respeitado, seu salário é suspenso/cancelado, não há como realizar financiamentos e outras. E se alguém tem a noção de que: se um pesquisador não se atém ao político, não é um cientista social. Defender bandeiras e políticos/politicagem, não é de alçada de um pesquisador. A pesquisa tem de levar informação etérea, tanto para a população em geral, bem como a sociedade científica, sem influenciá-las por convicções pessoais partidárias ou religiosas. Além do mais, a ciência social recai na área das ciências humanas! Não sendo esta, de cunho geográfico.

A cor vermelha é o sangue, mais nada. Não tem conotação política, não se estabelece com partidos e muito menos com politicagem. É só para expressar o que é dito nas escolas. E o que aprendemos no âmbito de 1970 aos dias atuais. Mais uma virtual venda psíquica. As sombras! E não deve ter a cor vermelha na bandeira! Simplesmente porque a deixaria opaca e sem vida. Mas a verdade deveria ser dita: Os territórios, bem como a Nação, são criados e defendidos(a), à custo de sangue, conforme evidenciar-se-á no decorrer dessa história, em andamento:

Mayara da Fontoura das Chagas (2005), será nosso aporte inicial aos trâmites históricos e à "narrativa de colonos e posseiros da revolta de Três Barras do Paraná (1964 – 2014)", sendo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como as memórias sobre a revolta de Três Barras do Paraná são narradas, explicitando como os sujeitos – que participaram da revolta ou que tomaram conhecimento desta pelas narrativas de terceiros – interpretam e atribuem significados a esse conflito social pela posse da terra.

Para alcançar tal objetivo, buscamos identificar sujeitos que participaram do conflito e outros que o conheceram por meio de narrativas, entrevistando-os sobre suas experiências de vida e entendimentos sobre a revolta de Três Barras. Além disso, nos propomos a compreender os significados atribuídos a este conflito e, perceber nas fontes selecionadas, bem como nas narrativas orais e no livro sobre Três Barras do Paraná e o processo "Três Barras", as diferentes versões que são apresentadas desse momento histórico.

Para pensarmos o problema de pesquisa proposto, adotamos como recorte temporal o período de 1964 a 2014, do momento em que se desenvolveu o conflito até a atualidade. Esse recorte, até 2014, se deve a compreensão de que a (re)elaboração da memória se dá no presente. Ainda assim, remeteremos a períodos anteriores ao ano de 1964, devido à necessidade de compreendermos o processo de ocupação e colonização do estado e também algumas questões políticas, que fomentaram um ambiente propício para o desenrolar de conflitos agrários no estado do Paraná e no âmbito de Brasil.

A revolta de Três Barras ocorreu entre os dias 6 e 8 de agosto do ano de 1964, no distrito de Três Barras, em Catanduvas, região oeste do estado do Paraná – atualmente onde se localiza o município de Três Barras do Paraná. Esta revolta foi um conflito armado que envolveu colonos, posseiros, grileiros, companhias imobiliárias e a polícia. Os colonos e posseiros possuíam apenas o direito de posse, adquiridos de terceiros, sem o título legal das terras. Já os grileiros e também as companhias imobiliárias se diziam donos destas mesmas terras.

este o título de sua dissertação de mestrado, que nos revelará alguns fatos importantes desse período.

Vamos dar um salto histórico, caros leitores, para que se possa compreender o ambiente social (que inclui: político, religioso e econômico) que nosso País estava passando. Recortando assim, algumas das narrativas históricas mais expressiva à este contexto. Voltando às pesquisas de: Chagas, logo após.

A POSSANÇA DO POSSESSOR

Os recortes históricos que melhor representam as realidades vividas antes do XX e perduram aos dias atuais, são representadas neste momento. Pois; são fatos e atos importantíssimos à compreensão do que é o Brasil. Além de entender como funciona a criação, constituição e fundação de vilarejos, vilas e cidades. Para que possamos trilhar nesta vereda, regressaremos ao momento conhecido como “Guerra de Canudos”.

CANUDOS

(...)

"Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam ruidosamente cinco mil soldados (CUNHA, 2003, p. 756)." (...)

Mapa – Canudos e sua área de influência. Fonte: (domínio publico) http://odia-a-historia.blogspot.com.br/2016/04/guerra-dos-canudos.html

De forma bem simples e em visão dissociativa neutra...tudo aconteceu porque um líder religioso, conhecido como Antônio Conselheiro, defendia o fim da cobrança de impostos. Sendo ainda, como a história o intitula, fanático religioso, que se afirmava enviado de Deus. Logo; em sua percepção, a união de casais no civil não era sagrado. Tinha a convicção de que lutava contra as diferenças e as injustiças sociais. Além de ser um fervoroso ofensor do regime

republicano, que acabara de se instalar. Sendo que em sua comunidade habitavam mais de 20.000 (vinte mil) congregados. (continua na página 104).

Vasculhando a internet, encontra-se esta imagem de *Antônio* Vicente Mendes Maciel, vulgo “O peregrino”. Mais conhecido por Antônio conselheiro:

Imagem de O Peregrino. Fonte: (domínio público): https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Conselheiro#/media/File:Antonio_Conselheiro_(P%C3%A1tria_Brazileira).jpg

A Colônia de Conselheiro, pode ser visualizada na imagem seguinte, advinda da internet (domínio público):

REPRODUÇÃO MEMORIAL ANTONIO CONSELHEIRO

Povoada em 1893, a primeira Canudos se tornaria palco de batalhas três anos depois. Antônio Conselheiro lideraria a resistência contra as tropas do Exército. Após cinco investidas, Belo Monte acabou destruído em 1897.

Imagem do assentamento de Belo Monte (Fazenda Vaza-Barris). Fonte: (domínio público) http://retironoticias.com.br/com-a-estiagem-cidade-de-canudos-volta-a-aparecer-apos-17-anos/

Imagem de Arraial dos Canudos (domínio público). Fonte: infográficos.estadao.com.br

Além dos interesses de Antônio, o governo da Bahia-BA, que tinha sua economia voltada principalmente ao latifúndio (RIBEIRO, 1995), que requisitavam as áreas (os latifundiários) para ampliação das atividades, mas que ao mesmo tempo, mascara a preocupação ideológica que o governo teia. E se lembrares do que foi escrito na página 33 (Mao Tsé Tung), saberão do que exatamente se trata. Este evento ocorreu em novembro de 1896 e após um ano, no dia 5 de outubro, encerrou-se CUNHA (1975).

Estes simplórios desejos, tanto do governo, igrejas, comerciantes, latifundiários e uma parcela da população local, quanto de Antônio Conselheiro, vai gerar uma luta sangrenta, uma

(...)

"*(...) tudo aquilo que está fora da escrita, da história e do espaço da civilização: terra de ninguém, lugar da inversão de valores, da barbárie e da incultura. São territórios misteriosos, fora da história e da geografia, que não foram mapeados de forma sistemática. São regiões à margem da empresa escritural e discursiva*"[751].

(...).

In: (ARAÚJO SÁ, 2006; p.356)

disputa por territórios e territoriedades.

Canudos foi inspirada em um vegetal/planta endêmica, conhecida por ("canudo-de-pito"), logo renomeada para Arraial de Belo Monte, por Conselheiro. Embasado nos dados da Prefeitura Municipal de canudos-BA, 2009, quando "O Peregrino" foi buscar material que havia comprado, na cidade de Juazeiro, Como a madeira não foi entregue, os conselheiristas foram reivindicar a madeira, nesse tempo, foram atacados por um batalhão da polícia na localidade de Uauá. Originando assim, à "Guerra de Canudos". Informação embasada (PDMSC, seg.14), sendo que a planta nativa é denominada assim como transcrito.

Em sua página 15, encontramos a seguinte observação (PDMSC, seg.15):

(...) "Após três grandes batalhas, em 05 de outubro de 1897, Canudos foi totalmente destruída, restando apenas um pequeno grupo. Depois de uma década estes remanescentes reconstruíram a segunda Canudos, tendo a frente às famílias Ciriáco, Guerra, Régis, Pedrão e Canário.

Na década de 40 do século XX, o então presidente da República, Getúlio Vargas, em visita à região, em contato com a população local, recebe uma reivindicação do senhor Isaías Canário para a construção de uma barragem represando o rio Vaza Barris. O pedido foi atendido, e em 1951 foram iniciados os estudos de sondagem para a construção da barragem. O lugar escolhido foi no mesmo local do acontecimento histórico da guerra, dando a entender que o intuito do governo era apagar qualquer vestígio que lembrasse o acontecimento." (...).

Observem a frase em vermelho. Agora, reflitam. Isso é algo que se escreva em um trabalho de desenvolvimento ambiental?

É estranho um relatório oficial afirmar tal conjectura. Nesse sentido, é que se faz a neutralidade científica. Com certeza quem os realizou, tinham formação sociológica embasada em teorias socialistas, Marx, por exemplo.

Como é possível um cientista/pesquisador se enraizar tanto em convicções pessoais e ao mesmo tempo em associativas comuns, sendo influenciado pelo pensamento teórico.

A teoria serve para nos mostrar como algo funciona, dentro da realidade mais próxima do momento histórico. Servindo esta, como base para os desenvolvimentos científicos/pesquisas, corroborando ou refutando esta. É para ser analisada e utilizada sem o envolvimento pessoal.

Porque, ao expor suas idéias sem base comprobatória histórica ou empírica, pode colocar em risco a aprovação do projeto, ou este, pode ser visto/interpretado com rigor técnico. Acarretando no descarte.

Faz-se necessário averiguar os dois lados envolvidos. Porém, em um planejamento ambiental, os fatos históricos devem se preservar dentro do racional e não do emocional. Pois, se assim for, não haverá base de sustentação, empobrecendo, não apenas o trabalho, mas a história. Fazendo-se uma ressalva: Não apenas os fatos históricos!

Aos céticos diga-se:

Você está em sua moradia, há um terreno imenso, abandonado bem ao lado. Todos os dias sua pessoa se levanta, pega uma xícara de café e abre a janela. Lá está, um maravilhoso baldio com lixo, ratos passeando e mato alto.

Alguns dias se passam e é a mesma rotina, até que, abre a janela e se depara com quatro pessoas limpando o terreno. Logo, sua alegria é despontada e diz: Finalmente vieram limpar essa porcaria! Então sai para o trabalho, depois que pagou o imposto de renda, os documentos do veículo, enfim, todas as taxas e impostos que se é obrigado à pagar.

No dia seguinte, ao puxar a cortina, tem uma casa construída. Mas então sua perspicácia se volta ao poste de iluminação pública e vê que seu vizinho está com uma conexão irregular (rabicho) e a água na piscina está transbordando. Sendo que não há higrômetro. Mas de onde vem a água? Esta é sua indagação.

Três anos se passaram, seu vizinho, todos os finais de semana faz churrasco e festas, possui uma televisão enorme no quintal, todos os dias lava o carro. Mas todas as ligações são clandestinas (energia elétrica e água).

Em um determinado dia seu filho fica doente, tem que passar por procedimento médico, que o plano de saúde não cobre e que, pelo Sistema Único de Saúde, poderá esperar até oito anos. Além de já tê-lo encaminhado à uma centena de curandeiros e religiões, inclusive a do seu vizinho.

Sua saída é vender o carro e hipotecar a casa.

No mês seguinte, sua “luz” e sua água são cortadas.

E seu vizinho está lá...fazendo festas todos os dias, enchendo a piscina e vendo a televisão. E para piorar o quadro, ainda constrói uma igreja, que também não paga impostos.

E agora...o que fazer?

Como pessoa, pode-se ir ao vizinho e confrontá-lo, acionar o sistema de segurança pública e denunciá-lo aos órgãos públicos (água e esgoto/iluminação pública).

Mas como pesquisador; as atitudes elegidas constituem em ações e reações confrontantes com ideais de pensamento de contrassenso, que reflete os interesses individuais e ao mesmo tempo coletivo, porque nem todos são obrigados a agir como sua pessoa e/ou respeitar as leis de imposição de impostos e taxas, bem como não estão presos aos sistemas doutrinários erigidos no âmago dos poderes políticos, econômicos, religiosos e culturais éticos. Simplesmente, porque as leis existem, mas quem irá decidir se elas devem ou não serem respeitadas, será o indivíduo, bem como o grupo de pessoas que são contra estas.

É nesse momento que propicia um estudo destas questões identificadas no momento em que seu vizinho está evangelizando, realizando os churrascos e esbanjando água na piscina. Mas não é a Geografia que irá se preocupar com as questões de cunho social ('chamar a policia" e analisar o confronto de convívio de vizinhanças/ comportamento social).

O Geógrafo irá analisar os impactos desta disputa social (relação sociedade com a natureza), onde com certeza, haverá o processo de saturação do solo e consequentemente microfissuras, devido ao escoamento e/ou transbordamento do canal/fonte artificial (piscina - torneira/mangueira). Tentando sanar ou diluir os impactos causados com sugestões de manutenção e desenvolvimento socioambiental, para que não aconteça essa situação corriqueiramente no ambiente de convivência de vizinhos.

Ou dizer as agencias espaciais para enviarem seus lixos tecnológicos (satélites e detritos de artefatos aeroespacial) em direção ao sol, ao invés de usar os oceanos como lixões. E analisar quais as consequências destas duas atitudes e/ou opções.

Em um projeto de desenvolvimento, seja ele: ambiental, cultural, regional, enfim, os vários tipos destinados ao melhoramento econômico, social e de cunho a preservar a natureza de um determinado território, não deve conter interpretações pessoais, ou imposição de valores políticos, acadêmicos e toda a espécie de fervor emocional e interpretativo teórico. Este tipo de conduta obscurece o foco para o objetivo.

Mais um tópico deve ser mencionado, aproveitando este momento.

Este que vos relata, observa o ambiental como uma relação sociedade e a natureza. Logo; fazem partes deste, todos os processos construtivos sociais, associados aos processos construtivos ambientais e suas inter-relações.

Sendo assim, no Planejamento Ambiental não se pode desvincular uma unidade ambiental sequer. Pois; tende-se levar em conta a cultura local, a cultura regional, os processos econômicos, a religiosidade local e regional, as expressões artísticas e todos os modeladores e definidores de cultura, além do básico social. E de todos os outros fatores que formam e que se desenvolvem naquele ponto onde será feito ou pretendido à se fazer algo. Todos estes, associados e interligados com os ambientes naturais.

Mas realizar este levantamento, sem jamais ultrapassar o ponto de pesquisa de outras áreas. Porque todas estarão envolvidas no processo de planejamento (grupo de pesquisa interdisciplinar para desenvolvimento e implementação dos resultados no/do planejamento ambiental).

Então...logo aparece o teórico não prático e exclama: É impossível realizar tal coisa!

A possibilidade de realmente fazer algo assim, se concentra na união dos profissionais geógrafos. Somente assim, a geografia irá se estabelecer no mercado de trabalho. Pois todos os

levantamentos e as equipes para implementar o planejamento ambiental, terá de passar pela e de ter a Geografia (estar no grupo/equipe de planejamento).

Mas o preço à pagar está no descarte do espaço e a fixação da geografia no âmbito geocientífico. As questões sociais puras, não nos pertence.

Retomando o texto e o assunto...

Ao se observar as características locais, por coincidência ou propositalmente, vê-se que o local mais apropriado para tal obra, se estabelece exatamente naquele lócus...Belo Monte/Canudos.

Retomando ao PDMSC(Seg. p.18), saber-se-á onde se localiza a área foco deste projeto:

(...) "Canudos compõe a microrregião de Euclides da Cunha e está inserido no Território Sertão do São Francisco, possuindo uma superfície de 2.984,88 km2." (...).

Ainda, dentro desta página nos embasamos para saber de sua localização: coordenadas geográficas: Latitude 09º 53' Sul e Longitude 39º 01' Oeste com altitude de 402 m.

A caracterização do clima é fornecida na folha 20, sendo descrita como: Árido e semiárido.

(...) "inserida no polígono das secas, apresentando um clima árido e semi-árido, com temperatura média anual de 23,9ºC.

O açude Cocorobó é importante porque foi implantado no centro fisiográfico do semiárido baiano onde a pluviosidade anual é uma das mais baixas do Nordeste e do Brasil, média de 454 mm/ano, já se podendo configurar como região semidesértica. Aí se observam os maiores índices de aridez do polígono da seca, mais baixa pluviosidade e mais elevada insolação. No Estado da Bahia, corresponde a uma faixa geográfica que vai do Município de Casa Nova prosseguindo paralelamente ao Rio São Francisco até as proximidades do Município de Paulo Afonso, cobrindo uma superfície da ordem de 80 mil km2, tendo o seu coração fisiográfico no Município de Canudos, já na vertente do Rio Vaza Barris.

Exatamente aí, nesta região de forte aridez, foi construído o açude Cocorobó, por muito tempo considerado o maior do Estado da Bahia, tanto em volume (245 milhões de m3), como em espelho d'água, tendo sua bacia hidráulica 4.510 ha de área." (...).

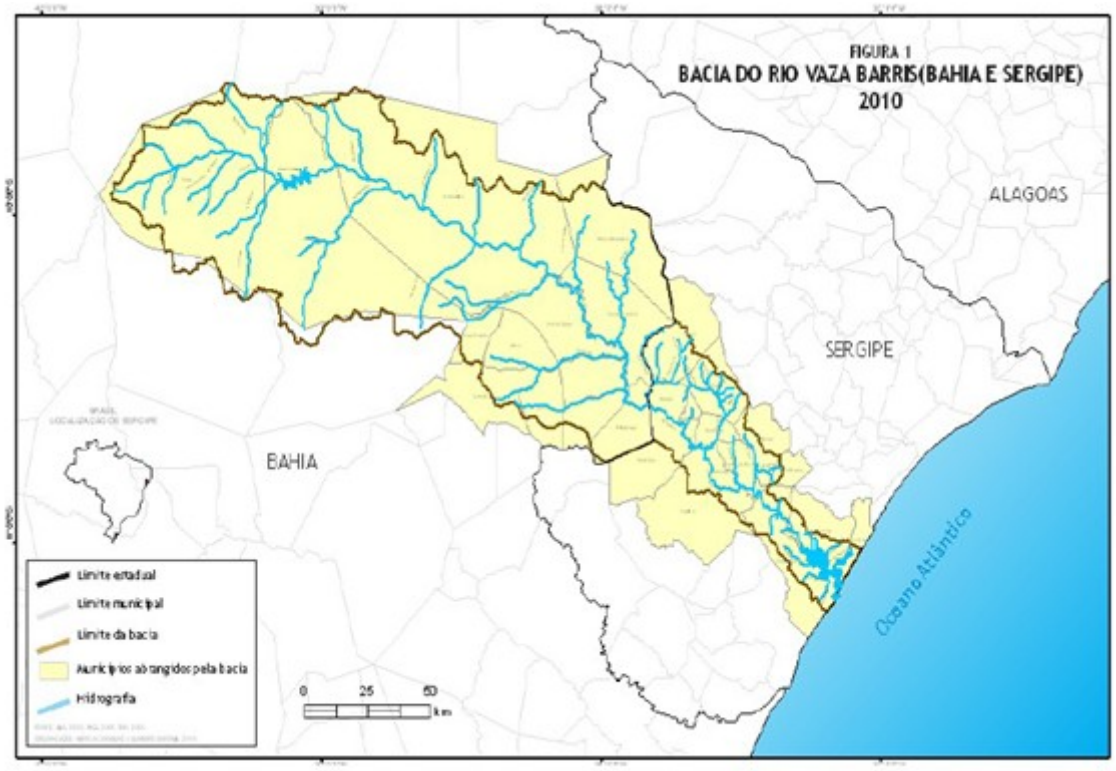
Vejamos o açude, para ter noção de sua proporção e como ficou Belo Monte após a inundação:

Açude do Cocorobó

Imagem do Açude. Fonte: In (PMC-BA, p.21)

Esta área não foi feita para afogar a história. Simplesmente a Geografia indicou o melhor ponto para a modificação ambiental, este sendo de intensa necessidade de umidade e preservação, basta observar a configuração da Bacia Vaza-Barris (mapa a seguir). Propiciando ainda, melhorias que irão mitigar os problemas sociais, ocasionados pela seca.

MAPA DA BACIA VAZA-BARRIS



Bacia hidrográfica Rio Vaza-Barris. Fonte: CARVALHO E SOUTO (2011, p.3)

Para enriquecer este tema, abordar-se-á as interpretações do Ministério de Minas - Energia - PRODEEM – Programa de Desenvolvimento Energético dos Estados e Municípios, associado ao Serviço Geológico do Brasil – CPRM, que nos revela:

(...)

"O município está inserido no "Polígono das Secas", apresentando um clima do tipo megatérmico semi-árido e árido, com temperatura média anual de 23.9ºC, precipitação pluviométrica média anual de 454 mm e período chuvoso de fevereiro a abril. O relevo, esculpido em rochas sedimentares da bacia do Tucano, metassedimentares do grupo Vaza-Barris e em terrenos ígneos metamórficos do embasamento cristalino, corresponde a chapadas do Raso da Catarina, tabuleiros, pediplano, encostas, vales, morros e serras cortados por sistema de drenagem que integra a rede hidrográfica do rio Vaza-Barris e irrigado pelo açude Cocorobó. Solos dos tipos neossolo álico, eutrófico e distrófico, cambissolo eutrófico, luvissolo e planossolo solódico eutrófico, sustentam a vegetação nativa caracterizada por caatinga arbórea aberta e densa sem palmeiras, caatinga arbórea densa com palmeiras, contato cerrado – caatinga e pastagem natural. Parte da vegetação nativa foi substituída por pastagem plantada e lavouras.

(...).

A geologia é descrita e detalhada, tendo como produto final o esboço geológico, como apresentado:

ESBOÇO GEOLÓGICO

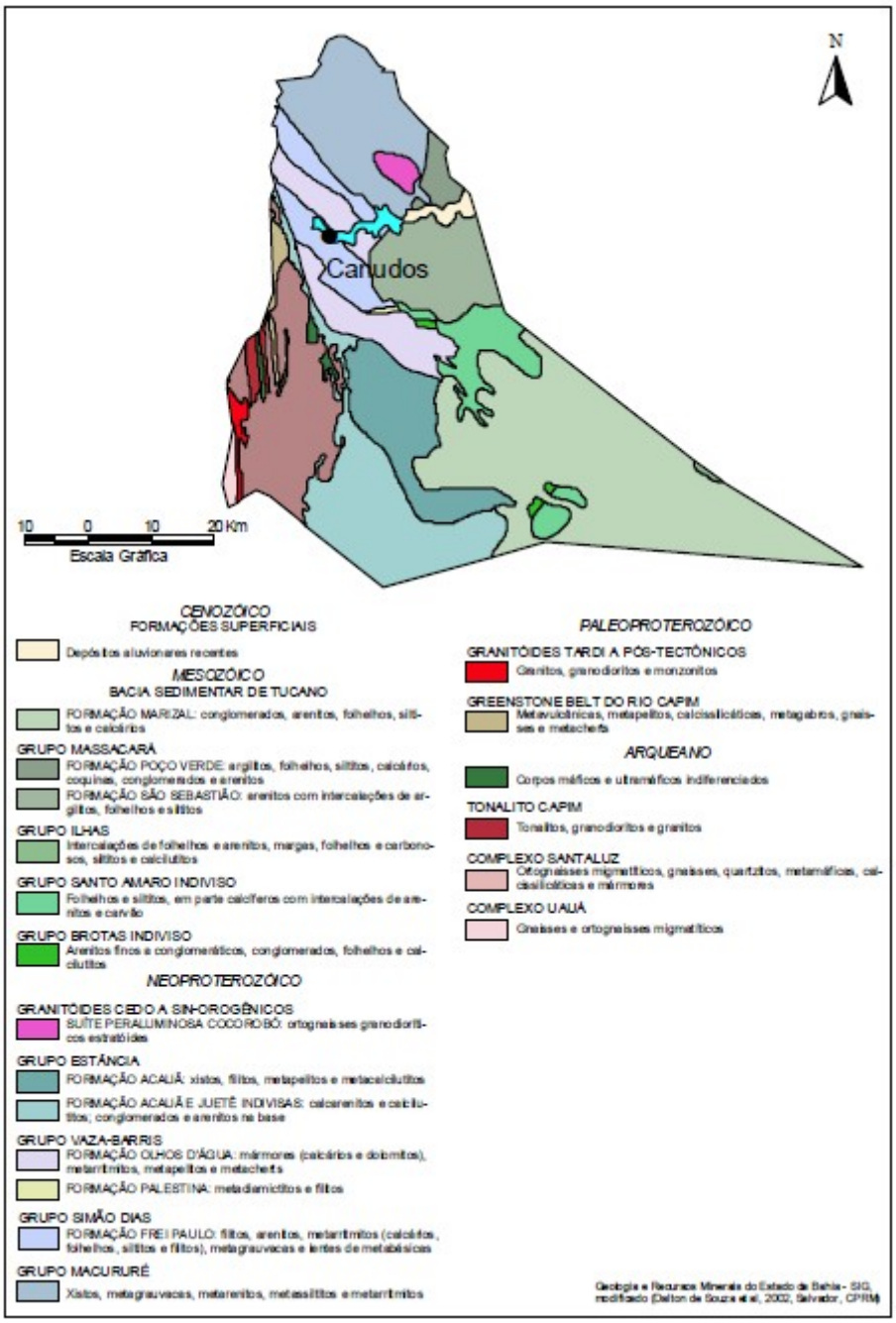
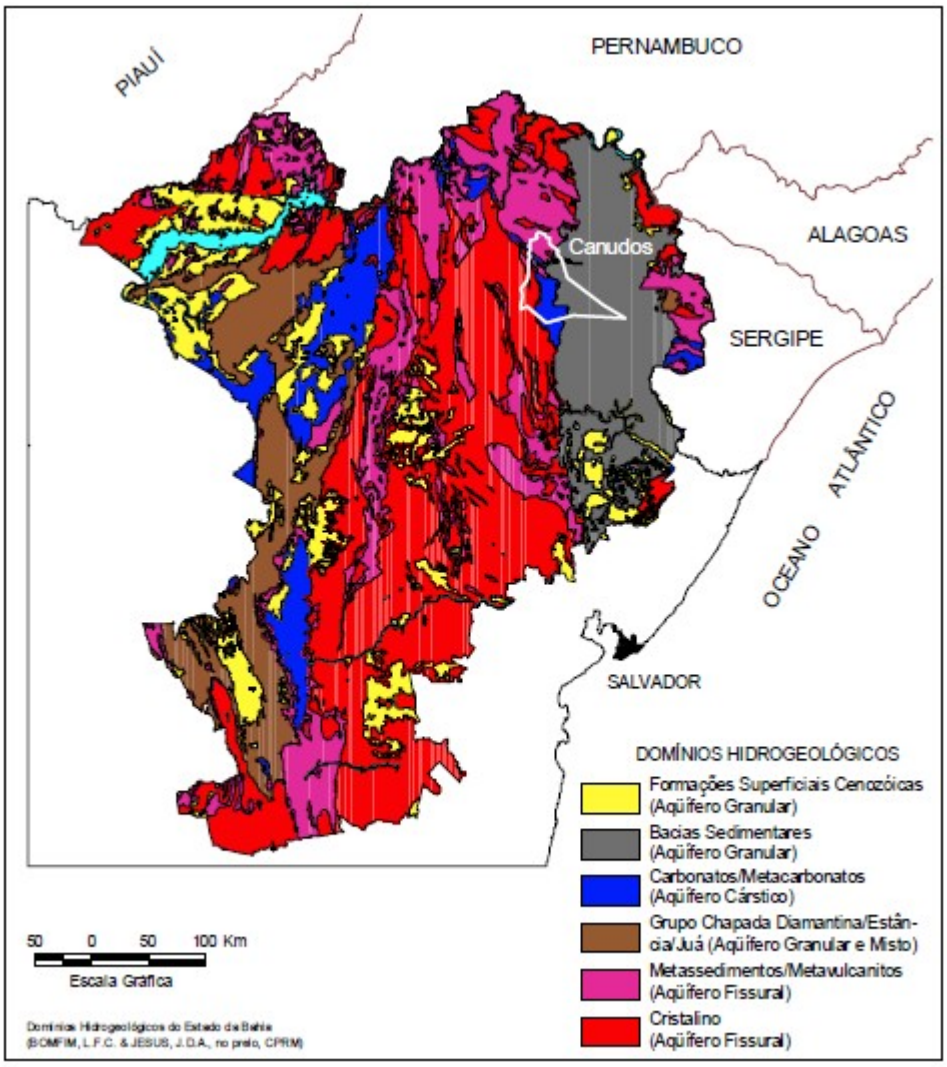


Imagem: Geologia. Fonte: Geologia e Recursos Minerais do Estado da Bahia - SIG, modificado (Dalton de Souza et al, 2002, Salvador, CPRM)

A função desta pesquisa, é o levantamento dos recursos de fontes aquíferas, tento como base o mapa de domínio hidrológico. A seguir:

MAPA DOMÍNIO HIDROLÓGICO



Mapa descrição dos aquíferos. Fonte: Domínios Hidrogeológicos do Estado da Bahia (BOMFIM, L.F.C. & JESUS, J.D.A., no prelo, CPRM)

As futuras mudanças climáticas, poderão afetar os níveis e os fluxos das águas subterrâneas, pois, a tendência é que se eleve, causando o solapamento, consequentemente, o surgimento de ravinas, boçorocas e até mesmo, furnas, devido as rochas dúcteis e/ou fraturadas/sensíveis.

A geomorfologia pode ser resumida da seguinte maneira (LAGE, 1996):

Creuza Santos Lage, em suas pesquisas, conseguiu resumir as complexas feições, que dão vida ao relevo nordestino, sendo estas representadas nesta tabela (modificada do texto – inserção da última linha):

Síntese da Geomorfologia Nordestina

Períodos e Épocas Geológicas	Ciclo	Fase	Eventos Geomorfológicos	Sistemas Geomorfológico		Movimentos Tectônicos e Eustáticos	Formas de Relevo
				Clima Dominante	Processos		
Holoceno	Atual	Terraço inferior	Forma atual do litoral do litoral nordestino: retomada de erosão sobre as planícies costeiras e fluviais	Atual: quente e úmido no litoral e árido a semi-árido no Sertão	Ações marinhas e eólicas sobre o litoral, escoamento superficial a fluvial, balanços morfogênese/pedogênese ligado as variações climáticas	Movimentos eustáticos transgressões	Dunas – recifes, terraços marinhos e fluviais de 2 a 3 m, depressão e lagunas: pedimentos no Sertão
Wurm-Wisconsin Riss-Illi	Ciclo Polifásico Paraguaçu	Terraço médio Terraço inferior	Formação das planícies costeiras, aprofundamento da drenagem sobre os Tabuleiros	Semi-árido a úmido	Retomada da erosão, pedimentação e erosão regressiva com aluvionamentos progressivos.	Variações glácio-eustáticas do nível geral de base Neotectônica	Dunas brancas, dissecação fluvial, terraços costeiros e fluviais em torno de 6 a 8 m: pedimentos
Pleistoceno Médio e inferior	Superfície Sertaneja e dos Tabuleiros		Pediplanação generalizada com recuo dos escarpamentos, exumação das superfícies antigas	Semi-árido	Escoamento superficial à torrencial em leitos temporários remanejando os materiaisde alteração	Flexura continental	Planícies de erosão degradadas, pedimento regional, superfície exumada
Plioceno Superior e inferior Mioceno Glicoceno Albiano	Superfície Sul-Americana	Superfície da Borborema Superfície Cariris Velhos	Inversão da topografia Dissecação das zonas aplainadas anteriores Superfície de aplainamento generalizado	Quente e úmido	Dissecação fluvial Período de resistasia Período de biostasia	Arqueamento Epeirogênese	Peneplano dissecado em altitudes de 200 a 900 m. Formação de um peneplano generalizado extenso
Cretáceo Superior, Médio, Inferior Jurássico	Superfície Gondwana	Superfície Pós-Gondwana	Topografia regional fossilizada por sedimentos. Uniformização da topografia, discordância regional	Úmido	Escoamento fluvial e sedimentação em depressões. Sedimentação limínica com fases em deltas e fases fluviais	Reativação tectônica. Início da fase rift Subsidência	Relevo em reativação Peneplano

Cadernos de Geociências, nº 5, 1996
www.cadernosdegeociencias.igeo.ufba.br

Geomorfologia nordestina. Fonte: (LAGE, 1996. p. 5 e 6)

Conforme observado, a importância de se arquitetar e construir este reservatório, está em modificar o ambiente, tentando estabelecer uma nova tipagem climática. Ao se realizar tal feito, as mudanças ambientais, proporcionarão o surgimento de novas espécies de vegetais, animais, e de mudanças geomorfológicas, que ao passar de muito tempo, irão contribuir para novos tipos de solos. Mas poderão gerar em curto prazo problemas com relação aos processos de intemperismo. Podendo acelerar o processo de assoreamento dos canais hidrográficos mais sensíveis. Alterando, inclusive, as características físico/químicas das águas dos rios e dos aquíferos. E como mencionado anteriormente: podendo propiciar aparecimento de sulcos à furnas. Outro possível problema, é extinguir as espécies daquela região, devido a mudança de climática. Que provavelmente se reestabelecerá ou constatar-se-á no tipo climático Af.

Este é o melhor exemplo, até agora exposto, para a comprovação de que: criamos, construímos, modificamos e desenvolvemos ambientes. Em um território já estabelecido ou que irá se estabelecer graças as mudanças ambientais. Defendida nos trabalhos NITSCHE (1999, 2001, 2016 e 2016).

Na história brasileira, não é o primeiro registro de fanáticos religiosos desenvolvendo vilarejos com leis, regras, religião e seitas, inclusive, desenvolvendo seu próprio sistema econômico interno. Há resguardado um conto histórico, que contribui com o tema, que ora analisamos. Sendo este registrado assim:

A REVOLTA DOS MUCKS

"A REVOLTA DOS MUCKS" (falso santo), ocorrido em 1874, no Estado do Rio Grande do Sul, na localidade de Sapiranga (alemã), aos pés do Morro Ferrabraz, logo após a "Guerra do Paraguai". O líder religioso...não, era a líder: Jacobina Mentz Maurer, considerada e se autodenominava como encarnação de Cristo, que iria fundar a Cidade de Deus. Embasado em WEBER (1999).

Foto: Jacobiba Mentz Maurer. In:
(domínio público),
http://livraria.senado.leg.br/edicoes-do-senado-federal/os-muckers-episodio-historico-ocorrido-nas-colonias-alem-s-do-rio-grande-do-sul.html

O Morro Ferrabraz, localiza-se no Município de Sapiranga, criado pela Lei Municipal 1.400 de 1997, que na época de Jacobina, era território do Município de São Leopoldo. Possui área de 1.987 hectares, estabelecidos nas coordenadas geográficas: 29° 38' 16" S, 51° 0' 25" W. Sendo atualmente Núcleo – "Reserva da Biosfera da Mata Atlântica dos Contrafortes do Ferrabraz", tombada em 21 de junho de 1992. In: BACKES (2012 p.93 - PESQUISAS, BOTANICA No 63:225-355 São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2012).

MOLZ (2012, p.10), identifica o tipo climático como: Cfa, embasado em MORENO (1961), sendo que a precipitação media anual em Sapiranga é de 1.750 mm.

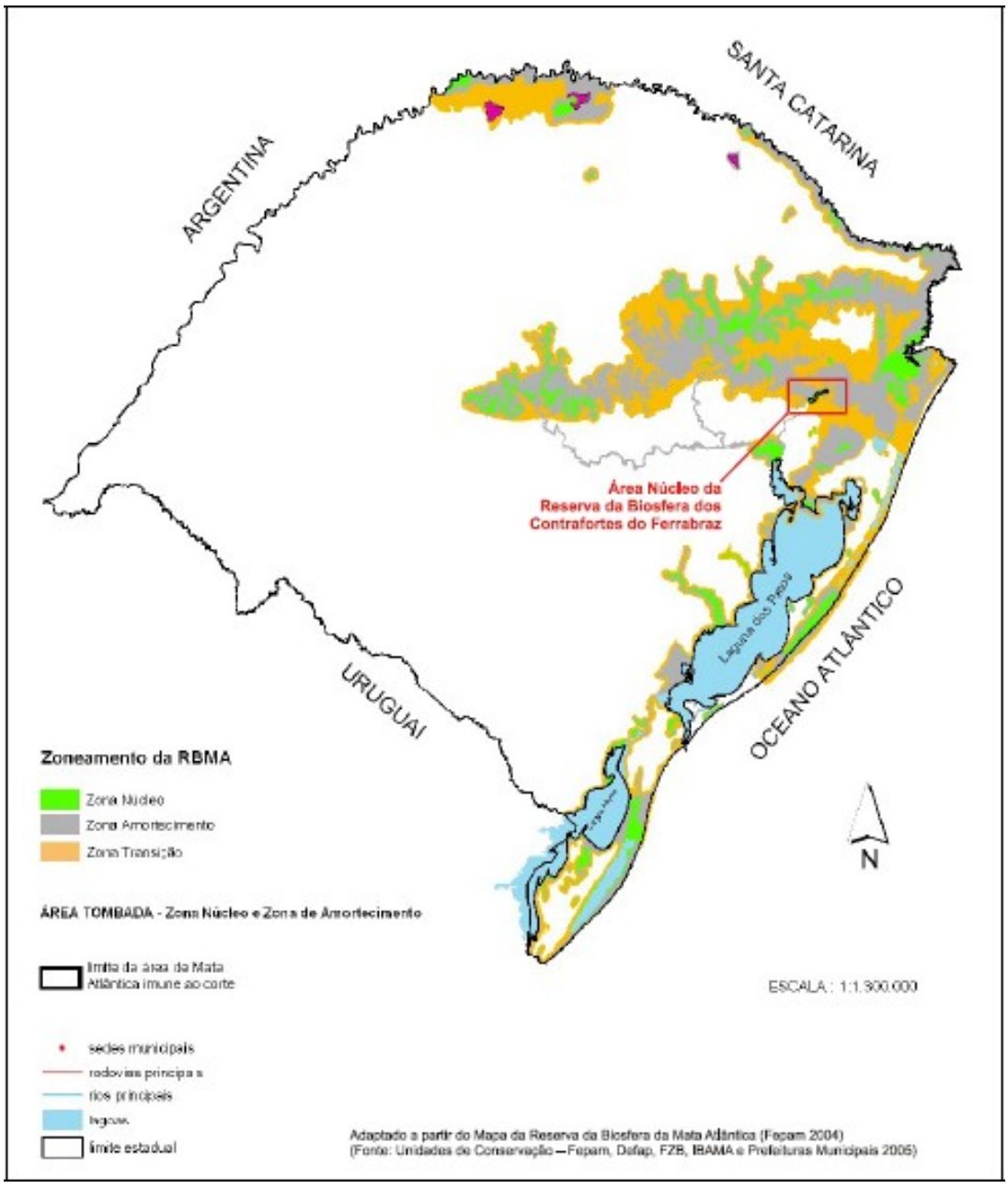
Geologicamente a região esta inserida na Bacia do Paraná, na Área Núcleo representada pelas Formações Botucatu, sendo o embasamento, constituída por arenitos de granulação fina a media, de coloração vermelha, rósea ou amarelo-clara, bem selecionados, que se limitam até 200m de altitude. Após esta cota altimétrica, passa a vigorar a Formação Serra Geral. A mesma formação que embasa o Município de Três Barras do Paraná. O conjunto de litologias da Formação Serra Geral é composto por espessos e extensos derrames de lavas, bem como diques e soleiras, com pequenos e eventuais corpos de rochas sedimentares associados. Tais afirmações são embasadas em MOLZ, (2012, p.10), NORTHFLEET, MEDEIROS E MULHMANN (1969).

MOLZ (seg. p.11), (...) "A região se enquadra no Domínio Morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares, representado por um único subdomínio de mesmo nome. Na região da área de estudo a presença de litologias com diferentes resistencias gerou uma escarpa no contato da fase sedimentar da bacia com as rochas efusivas, conhecida, regionalmente, como Serra Geral. A fase sedimentar, constituída por uma formação gonduânica e modelada por processos erosivos, situa-se no ponto de contato onde a depressão periférica e interrompida pelo avanco da escarpa da Serra Geral (Herrmann & Rosa 1990). A Área Nucleo insere-se nas regioes fisiograficas da Depressao Central Gaucha, sem grandes variacoes altimetricas, e da Encosta Inferior do Nordeste (Fortes 1956) esta representada por terminais escarpados, festonados e profundamente dissecados pela erosaopluvial. Esses terminais, dos quais o Morro Ferrabraz e o Morro da Cruz sao exemplosclassicos, representam testemunhos do recuo da linha de escarpa e apresentam-se comoesporoes interfluviais alongados e irregulares que se interdigitam com a porcao leste da Depressao Central (Herrmann & Rosa 1990)." (...).

Conforme STUMPF e KOLLING (2008, p.318);

(...) "Os remanescentes florestais ainda existentes na área apresentam-se muito alterados e sao em sua grande maioria formações secundarias onde sao frequentes cortes de especies de valor madeireiro. Entre as especies que se destacam podem ser lembradas *Cordia trichotoma* (louropardo), *Apuleia leiocarpa* (Vogel) J. F. Machr. (grapia), *Jacaranda micranta* Cham. (caroba), *Aspidosperma olivaceum* Mull. Arg. (peroba), *Myrocarpus frondosus* Allemao (cabreuva), *Cupania vernalis* Cambess. (camboata vermelho); nas partes mais elevadas ocorre *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze (araucaria) e *Dicksonia sellowiana* (Presl.) Hook. (xaxim), entre muitas outras. A fauna e igualmente muito diversificada inclusive com varias espécies ameacadas de extincao (Stumpf & Kolling 2008, Nucleo Socio Ambiental Aaraca-piranga s/d)". (...).
Para melhor visualização da área em questão, observe os mapas e as imagens que se seguem:

MAPA - "RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA DOS CONTRAFORTES DO FERRABRAZ"



Localização dos Municípios de Araricá, Igrejinha, Nova Hartz, Santa Maria do Herval e Sapiranga, RS, com a área de estudo em vermelho. In: MOLZ (2007p.7)

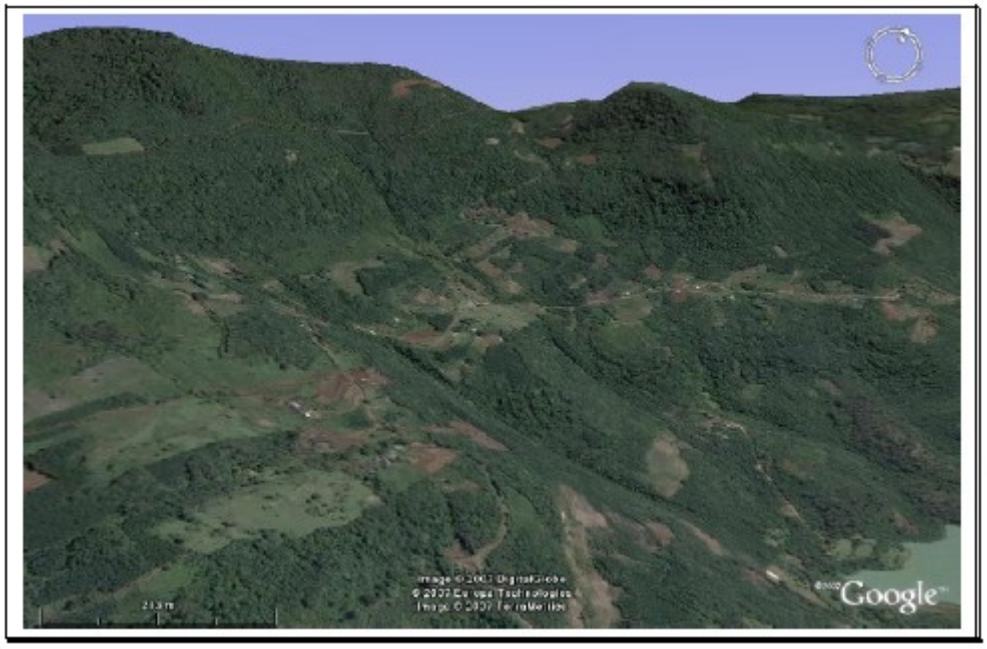


Imagem - Sapiranga e Nova Hartz com altitudes entre 79 e 760 m. In: MOLZ (2007, p.8)

Imagem: Características do relevo – Colônia de Jacobina. Fonte: (domínio público) http://www.historiabrasileira.com/brasil-imperio/revolta-dos-muckers/

A Colônia onde ocorreu esta trágica história brasileira, é resultado de área concedida ao Barão do Jacuí, pelo Imperador Dom Pedro II, terras limítrofes de São Leopoldo e Taquara entraram numa proposta de colonização planejada. A área é divida em linhas, ligando pontos de

referência geográfica, chamadas travessões, subdivididos em 48 hectares e aí fixadas as primeiras famílias de colonizadores, sendo as famílias de origem germânica, que se instalaram na encosta do Morro Ferrabraz. Informações colhidas na literatura CABRAL (2010).

Foto: Colônia Jacobina. Fonte: In:
(domínio público),
http://www.historiabrasileira.com/brasil-imperio/revolta-dos-muckers/

Era de se esperar que Canudos enfrentasse os mesmos problemas. Porém; em Canudos não havia o preconceito étnico. Embasado nos estudos de WEBER (1999).

Cada canto de nosso País, e garanto, que o mesmo acontece em todo o globo, haverá centenas de milhares de: Canudo, Ferrabraz, Contestado e Três Barras do Paraná.

Atente-se ao Estado do Paraná, local que, dando sequência ao tratado dos conflitos na região do Contestado, que terá suas particularidades, assim como os demais apresentados, mas

que se resume ao mesmo dilema: Politica e politicagem, Capital, Força de Trabalho, Religião e Cultura.

Deve-se explicar melhor o contexto de cultura: Nesse sentido exposto no texto ora lido. Se refere às culturas criadas por estes grupos (os povos envolvidos e o governo). Ambos possuem cultura, mas com expressões e particulados que se divergem da cultura oficial e até mesmo da popular nacional ou regional e local, caracterizando concentrações culturais desagregadas, que originam foco nuclear cultural social. E nunca confundir cultura com saberes adquiridos no âmbito escolar.

Porque um indivíduo sem estudo pode desenvolver uma comunidade com suas próprias expressões artísticas, religiosas, econômicas, enfim, todos os atributos necessários para se caracterizar a cultura. Os indígenas não tinham escolas quando os jesuítas aqui chegaram. Mas tinham as suas culturas! Que por sinal, nós ("civilizados") às corrompemos e praticamente a aniquilamos.

Outro retrato historiográfico, é uma revolta popular e ao mesmo tempo, uma luta entre jurisdição estadual, onde se digladiam o Estado do Paraná e o Estado de Santa Catarina, contemplando-nos o seguinte cenário:

CONTESTADO

É importante lembrar, que esta área (Contestado), possui marcos de confronto, além de somente focos de revolta. Pois esta questão se revela desde 1914 apresentada por Rogério Rosa Rodrigues, in: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.4, out.-dez., p.1301-1317. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138068011

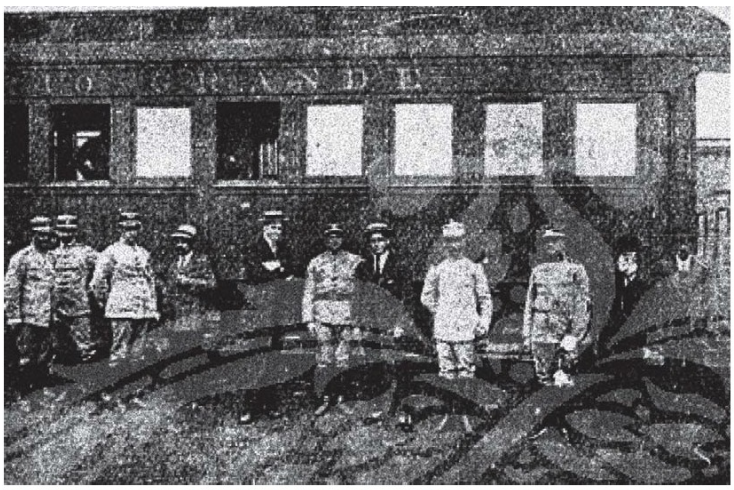


Figura 9: "Fon-Fon! No Contestado. O Sr. General Setembrino visita Três Barras no Paraná, zona conflagrada pelos fanáticos" (Fon-Fon..., 13 fev. 1915, p.48)

Notícia da Revista "Fon-Fon". Fonte:
RODRIGUES (2012 p.14)

A mesma fotografia pode ser vista sem as alegorias/adornos, no trabalho de Rafael Ginane Bezerra (2009):

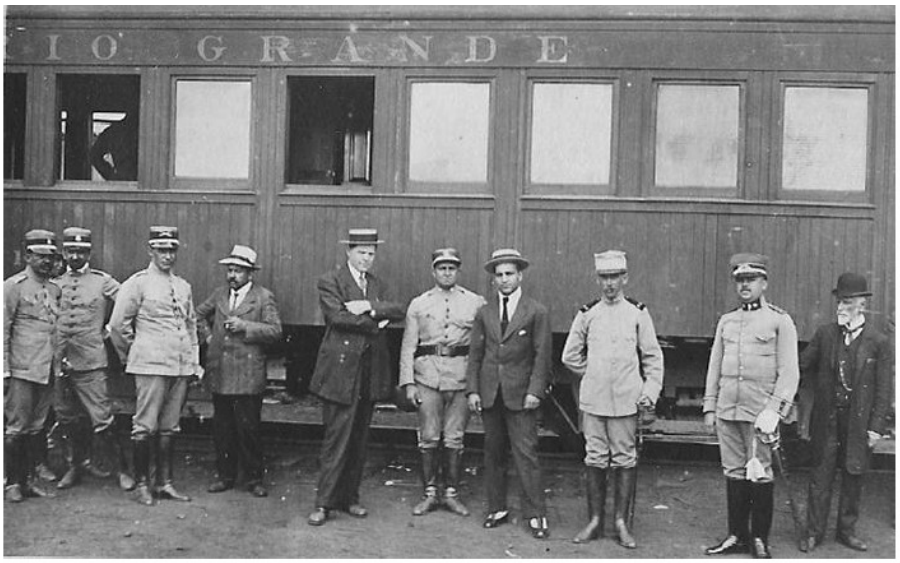


Figura 57 - *General Fernando Setembrino de Carvalho em passagem por Três Barras, 1914.* **Fonte: Acervo da família de Claro Jansson – Itararé, imagem digitalizada por Jandira Jansson**

Foto – desembarque do Gen. Setembrino, in:
(BEZERRA, 2009, p.148)

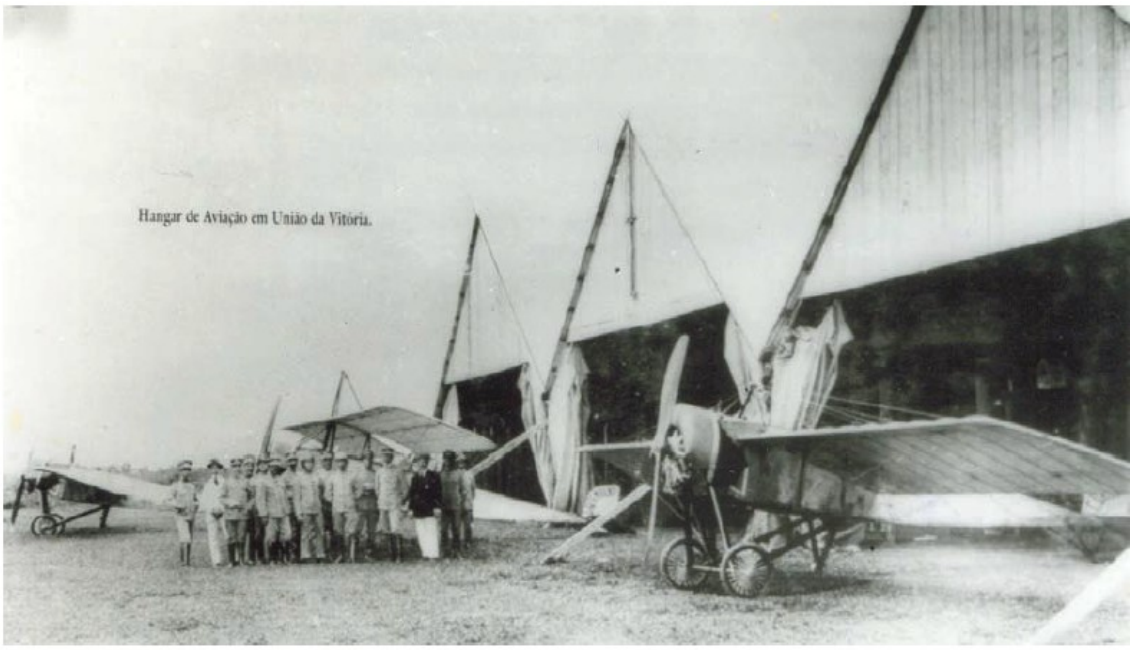
Um fato marcante neste momento histórico, deleita-se na Força Aérea Brasileira, que também foi designada à região, conforme desvelado por VALENTINI (2009, p.232):

(...)

Foi no dia 30 de setembro de 1914 que desceram em Porto União o Tenente Ricardo João Kirk e Ernesto Darioli, experientes pilotos, instrutores de vôo do Aero clube Brasileiro para prestarem serviços às Forças Federais contra os sertanejos. Dos quatro aeroplanos que chegaram, três puderam ser utilizados, pois um ficou inutilizado por ter queimado na viagem. "Kirk e Dariolli voaram sobre Porto União e arredores, fazendo experiências nos seus aparelhos" (SILVA, 1933. p. 121).

Em 25 de fevereiro de 1915, outro aeroplano ficou inutilizável, pois o Tenente Kirk, ao aterrissar, sofreu um acidente, porém conseguiu escapar com vida. O aeroplano "Pára-Soldado" sofreu avarias e ficou "fora de combate". Restaram os dois "Morane-Saunier" Guarany e Yguassu. Este último foi o do vôo da morte do Tenente Kirk em 1º de março de 1915.

(...)



Fonte: Foto de Claro Gustavo Jansson. Acervo de Joeli Laba

Hangar. Fonte: VALENTINI (2009, p.232)

Recuaremos um pouco no artigo de RODRIGUES (2012 p.3), onde há uma passagem, mencionando as reinvindicações da população.

(...)

“**A fotografia de guerra e o Exército**

Desde a chegada das tropas federais no cenário de guerra, em setembro de 1914, a imprensa brasileira denunciava a possibilidade de se repetir no sul do Brasil o que ocorrera em Canudos. A relação efetuada destacava o despreparo do Exército, a ignorância da população rural e a necessidade de medidas urgentes para pôr fim ao movimento rebelde. A intervenção federal no Contestado se deu pela solicitação formal dos presidentes de governo dos estados contendores. O fato denuncia o poder da resistência e das reivindicações dos fiéis de João Maria, bem como a incapacidade das forças militares dos estados em reprimir o movimento sertanejo. Os rebeldes lutavam pelo direito de compartilhar suas crenças religiosas, mas também contra o desmando dos coronéis locais e contra os interesses capitalistas da Brazil Railway Company e a empresa por ela subsidiada, Lumber and Colonization Company. A primeira (Railway) ficou responsável pela construção da estrada de ferro que promoveu a ligação entre São Paulo e Rio Grande do Sul, a segunda pela colonização das terras e exploração da madeira na região (Monteiro, 1974; Diacon, 1991).” (...):

Figura 7: “Aspecto da ponte provisória da Estrada de Ferro São Francisco, incendiada pelos rebeldes do Contestado, vendo-se ao fundo elementos da Companhia de Engenharia do Segundo Batalhão fazendo o reconhecimento da área” (Álbum..., imagem 49, 1914-1915)

Construção da Estrada de F São Francisco.
Fonte: RODRIGUES (2012 p.4)

Para se ambientar neste contexto histórico, deve-se entender, que no Brasil estão ocorrendo focos de revoltas e lutas internas, devido a implantação de projetos de desenvolvimentos econômico nacional, porém, foi aberto o mercado às corporações estrangeiras. Devendo-se ater, que nesse período o mundo estava em guerra (1ª Guerra Mundial).

As revoltas se iniciam por volta de 1906 e se estendem até 1916, conforme informes de VALENTINI (2009), que esclarece seu trabalho:

(...) "

Esta tese analisa a atuação da *Brazil Railway Company, holding* criada por Percival Farquhar em 1906 nos Estados Unidos e que atuou na Região do Contestado nos ramos ferroviário, madeireiro e colonizador. Através da subsidiária *Southern Brazil Lumber & Colonization Company,* a *Brazil Railway* instalou um grande complexo madeireiro extrativo exportador e promoveu a colonização de terras concedidas ou compradas, estabelecendo imigrantes e colonos nas áreas desmatadas.

Durante o período de 1906 a 1916, a Região do Contestado passou por um processo de profundas transformações, que provocaram mudanças econômicas, sociais, culturais, políticas e ambientais. Estas mudanças foram fatores decisivos na deflagração da luta armada desencadeada em 1912, que se estendeu até 1916 e foi denominada de Guerra do Contestado.

A eclosão da Guerra do Contestado é abordada no contexto das transformações ocorridas com a inauguração da ferrovia São Paulo-Rio Grande, que cortou verticalmente a Região do Contestado em 1910, o início das atividades madeireiras e colonizadoras da *Southern Brazil Lumber & Colonization Company* em 1911 e a conseqüente ocupação das terras para projetos de colonização.

Os antigos moradores da Região do Contestado, muitos dos quais posseiros que ocupavam as terras devolutas que foram concedidas a *Brazil Railway Company*, revoltaram-se e destruíram estações ferroviárias, queimaram a madeireira da *Lumber* de Calmon e atacaram os colonos instalados pela Companhia no Rio das Antas. A Guerra do Contestado deixou um saldo de, aproximadamente, 8.000 mortos, a grande maioria, sertanejos pobres que viviam na Região do Contestado.

Este estudo foi elaborado a partir de uma pesquisa documental fundamentada nos arquivos públicos e particulares, nas bibliografias sobre o tema e, também, através da história oral, a partir de entrevistas realizadas com antigos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber & Colonization Company* e seus descendentes.

(...) In:

VALENTINI , Delmir José. **Atividades da *Brazil Railway Company* no Sul do Brasil**: a instalação da *Lumber* e a Guerra na Região do Contestado (1906-1916). Porto Alegre: PUCRS, 2009. 301 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2009. p.8

(...).

Seguindo com as análises de VALENTINI (seg. p.29), nos é dado uma importante informação, que se expressa no seguinte texto:

(...)

Para estudar a História da *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, é necessário situar o ambiente onde ela se instalou e contextualizar a sua edificação e atuação até o início da segunda metade do século XX. As características do ambiente, aqui descrito como Sertão Sul-brasileiro, estão fundamentadas em estudos feitos por especialistas da área, que destacaram a Região do Contestado, em seus aspectos naturais e em sua biodiversidade. Também é necessário caracterizar a floresta das araucárias, a histórica ocupação humana, a abertura das trilhas e das veredas primitivas, as disputas pelo domínio deste território, a chegada da ferrovia colonizadora, o início da exploração comercial da madeira e a instalação da *Lumber*. O estudo destes eventos servirá, desta maneira, para o entendimento do processo de mudanças e de transformações que ocorreram na Região do Contestado, especialmente, nas primeiras décadas do século XX.

(...)

Ao se deparar com este texto, pode-se de imediato, perceber que não há a constituição territorial Estadual ou Municipal (em maiúsculo para ressaltar), porém, as áreas pertencem à Nação brasileira, é um Território Nacional.

A maioria dos habitantes desta área em litígio, eram oriundos do Estado do Rio Grande do Sul (RS-Brasil), conforme esclarece VALENTINI (seg. p.37):

(...) “

As origens dos moradores que estão no Contestado e que são alcançados pela ferrovia também são explicadas como refugiados farroupilhas (1835-1945) e federalistas (1892-1894), ligados a pequenas lavouras de milho, abóbora e moranga. Criavam porco solto engordado com pinhão e frutos silvestres, colhiam erva-mate e, segundo Walter Fernando Piazza, não tiveram professores, padres e nem médicos, o que fará deste “caboclo, matuto, fanático, a grande vítima, pois a Nação Brasileira e os Estados de Santa Catarina e do Paraná até então não solucionaram suas necessidades sociais” (PIAZZA, 1982, p. 76).

(...).

Um verdadeiro caos político , social e econômico se instala nesta região, abandonada pelas aferições de cunho nacional e estadual. As terras tinham demarcações ambíguas e sem muito esclarecimento de suas delimitações. Conforme retrata VALENTINI (seg. p.53):

(...)

Em 29 de agosto de 1853, Curitiba, que era a quinta comarca de São Paulo, foi elevada à categoria de Província e recebeu a fastidiosa questão lindeira que continuaria com as disputas e com as contestações; a situação, por seu turno, piorou quando a área disputada foi ampliada, pois, além dos Campos de Palmas, o Rio Negro também entrou nas pretensões do Paraná. Em síntese, foram anos seguidos de discussões e de tentativas de se firmar jurisdição sobre as terras. Assim, uma província alegava a posse e a outra alegava o direito àquelas. Mesmo com a Proclamação da República e a com a transformação das Províncias em Estados, nada estava definido.

Em 1904, a questão foi levada ao Supremo Tribunal Federal que concedeu ganho de causa a Santa Catarina; o Paraná, por sua vez, recorreu da decisão. Em 1910, pela terceira vez, o Supremo Tribunal Federal confirmou em definitivo a sentença em favor de Santa Catarina. Para Cabral: "a decisão da alta Corte Judiciária era criticada abertamente pela imprensa paranaense na insinuação de desrespeito às suas determinações" (CABRAL, 1960, p. 58).

(...).

Essa sentença favorável ao Estado de Santa Catarina, provocou um ambiente psíquico negativo aos habitantes, tanto catarinenses, quanto, paranaenses. Porque no meio desta discussão toda, haviam pessoas que pertenciam, tanto ao lado do Paraná, quanto de Santa Catarina. Tendo, estes, que se adaptarem ao novo território.

Mas a situação ainda era fervorosa, até que se estabelece a paz em 20 de outubro de 1916, nas evidências de VALENTINI (seg. p.53):

(...)

Foi somente em 1916 que um acordo colocou um ponto final nas disputas. O Presidente da República, Wenceslau Brás, depois de várias tentativas frustradas, conseguiu encerrar o agitado litígio. No dia 20 de outubro de 1916, foi solenemente assinado um tratado pelos governadores Filipe Schimidt, de Santa Catarina, e Afonso Camargo, do Paraná. Os limites, no território contestado, ficaram assim definidos:

> [...] O Rio Negro, desde suas cabeceiras até a sua foz no Rio Iguaçu, e por este até a ponte da estrada de Ferro S. Paulo - Rio Grande; pelos eixos desta ponte e da mesma Estrada de ferro até a sua intercepção com o eixo da estrada de rodagem que atualmente liga a cidade de Porto União da Vitória à cidade de Palmas; pelo eixo da referida estrada de rodagem até o seu encontro com o Rio Jangada; por este acima até a sua intercepção com a linha divisória das águas dos Rios Iguaçu e Uruguai, e por esta linha divisória das ditas águas na direção geral de Oeste até encontrar a linha que liga as cabeceiras dos Rios Santo Antônio e Peperi-Guaçu, na fronteira Argentina (PIAZZA, 1983, p. 597).

(...).

Uma paz conquistada ao custo de vidas, de sonhos, sem perspectiva...mas pelo menos um recomeço.

VALENTINI (seg. p.54 e 55) descobre em sua bibliografia consultada o seguinte relato:

(...)

O acordo assinado em 20 de outubro de 1916 marcou, oficialmente, o fim do litígio histórico e das contendas pela Região do Contestado. Além da exaltação dos ânimos envolvendo as disputas políticas e jurídicas da Região, outros fatores são fundamentais à compreensão do contexto histórico que envolveu a população sertaneja da Região do Contestado.

De acordo com Cabral, o acordo foi acatado com constrangimento pelas populações dos dois Estados. Escreve o historiador que "(...) quando o acordo foi assinado, (...) sobre os escombros dos redutos ainda pairava o fumo dos incêndios. E, no fundo dos vales, à beira dos caminhos, na sombra das florestas, cruzes recentes diziam que a terra disputada ainda não consumira os corpos dos que haviam caído na luta" (CABRAL, 1960, p. 66). Didaticamente, a data da assinatura do acordo é destacada, também, como o fim da Guerra do Contestado.

Foi somente depois do acerto de limites entre Santa Catarina e Paraná, através do acordo de 20 de outubro de 1916, que ambos os Estados passaram a firmar jurisdição, situação que coube para cada um dos litigantes. Através da Lei n. 1.147, de 25 de agosto de 1917, foram criados os Municípios de Mafra, Cruzeiro (hoje Joaçaba), Porto União e Chapecó. O registro da visita do Presidente do Estado de Santa Catarina à região de tantas disputas somente ocorreu em 1929 quando Adolpho Konder empreendeu uma verdadeira aventura pelo ainda desconhecido Oeste Catarinense, registrada por Carlos H. P. Corrêa nestes termos: "somente em 1929, treze anos depois, portanto, da 'catarinensização' oficial da região do Contestado até a fronteira com a Argentina, (...) começava o processo de integração do Oeste às demais regiões de Santa Catarina". Ocasião em que o Presidente do Estado catarinense também teve um encontro com Getúlio Vargas, futuro Presidente brasileiro (CORRÊA, 1997, p. 179–193).

(...).

Fonte: Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado – Caçador, Santa Catarina

Assinatura do acordo. Fonte: in: VALENTINI, (2009, p.54)

Assim, alguns municípios que pertenciam ao Estado do Paraná (Pr), passaram a pertencer ao território do Estado de Santa Catarina (SC).

Até este momento, notamos que a década de 1910, foi um momento de grandes infortúnios, marcado por guerra, revoltas, insatisfação popular e a falta de planejamento territorial, em todas as suas atribuições e características. Tal fato, além dos que já foram transcritos, se reflete, também nos trabalhos de TOMPOROSKI (2013), Tomporoski, Alexandre Assis O polvo e seus tentáculos: A Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940. [tese] / Alexandre Assis Tomporoski ; orientador, Paulo Pinheiro Machado – Florianópolis, SC, 2013. Que se estabelece entre o período de 1910 a 1940, enfocando a empresa Southern Brazil Lumber and Colonization Company. Mais um profícuo manuscrito para enriquecer a compreensão deste período histórico, conforme se inicia:

(...)

A década de 1910 foi marcada – no plano internacional – pela deflagração da Primeira Guerra Mundial, a eclosão de uma revolução socialista e a instauração do fordismo – o qual transformaria definitivamente o modo da sociedade humana produzir bens de consumo. No âmbito nacional, a década foi caracterizada por uma série de lutas sociais ocorridas por todo o país, tais quais a Revolta da Chibata (1910), o movimento sertanejo do Contestado (1912-1916) e a ampla mobilização operária entre 1917 e 1919. Entretanto, do ponto de vista político, vigorava o pacto instituído em 1898 – pelo então presidente da república, Campos Salles – denominado política dos governadores, ou política do café com leite – gradativamente interpretado pelos historiadores como instável e marcado por uma relação frágil entre Minas Gerais e São Paulo – que objetivava, principalmente, um acordo básico entre a união e os estados. Além disso, intentava reduzir o impacto dos conflitos entre as oligarquias, confinando-os aos seus próprios estados. Dessa forma, os conflitos regionais não gerariam instabilidade política no plano nacional.

(...). In: TOMPOROSKI (2013, p.25)

As complementações importantes aqui, fazem referencia ao fordismo, processo de produção em massa – linha de montagem sequencial.

O autor desta tese, realiza um processo sequencial histórico, abordando as principais características pertinentes a cada período, como se pode observar TOMPOROSKI (seg. p.26):

A década de 1920 caracterizou-se por intensas transformações. Após uma década de otimismo e crescimento econômico, a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, demonstrou – de forma ainda mais clara – os problemas que o sistema capitalista poderia gerar. No Brasil, onde também as mudanças transcorriam rapidamente, uma série de eventos alterou de forma expressiva a sociedade brasileira. Apenas no ano de 1922, a título de exemplo, foi realizada a Semana de Arte Moderna, ocorreu a fundação do Partido Comunista e desenvolveu-se o movimento tenentista, indicadores de que profundas transformações iriam ocorrer, as quais questionariam os padrões políticos e culturais da Primeira República. No campo econômico, a década de 1920 foi marcada por um maior desenvolvimento das atividades industriais, indício do processo de complexificação da economia brasileira. As mudanças econômicas incorreram na ampliação dos setores urbanos, com o incremento das camadas médias e da classe trabalhadora, além da diversificação de interesses entre as próprias elites econômicas.[2] A atuação conjunta desses elementos de transformação seria um importante estímulo a alterações no panorama político em vigência, atingindo a própria estrutura das oligarquias da Primeira República.

A política dos governadores representou a sustentação dos grupos dominantes nos estados por parte do governo federal. Em contrapartida, os governadores apoiavam a política do Presidente da República, votando com o governo no Congresso. O mesmo tipo de acordo era reproduzido entre os governadores e as lideranças locais, os coronéis, que exerciam controle sobre determinada região, através de sua força armada pessoal, seu prestígio social e, em menor importância, do controle do eleitorado rural.

No início da década de 1920, o coronelismo começou a apresentar sinais de enfraquecimento em decorrência dos graves conflitos que emergiam no interior das oligarquias – aonde podemos alocar os enfrentamentos ocorridos na região do planalto contestado, onde estava estabelecida a *Lumber Company*.

A década de 1930 foi marcada pela crise econômica iniciada com o *crack* da Bolsa de Nova York, no ano de 1929. Esse fato, associado às transformações anteriormente citadas, resultaram – em âmbito nacional – numa drástica ruptura em consequência do movimento político-militar do ano de 1930, e da ascensão de Getúlio Vargas ao poder, onde permaneceria pelos quinze anos subsequentes, naquela que ficou conhecida como 'A Era Vargas'.

(...).

No final desta década retratada, eclodiu a "Segunda Grande Guerra Mundial", que traz consequências econômicas negativas ao nosso País, sendo necessária a tomada de decisão para o estabelecimento e ao mesmo tempo, o fortalecimento econômico de nossa Nação. O problema é que a solução encontrada, beneficiou pouquíssimas pessoas.

Para corroborar com o que foi dito, transcrever-se-á a narrativa de TOMPOROSKI (seg. p.27):

(...)

No ano de 1939, eclodiu a Segunda Guerra Mundial, ocasionando profundas transformações em todos os países, e, no Brasil, motivou o governo a nacionalizar uma série de companhias estrangeiras, entre elas a *Lumber Company*.

Estas transformações também se manifestaram na região do planalto contestado, especialmente a partir do advento da *Lumber*. As relações sociais, econômicas, políticas e laborais foram profundamente alteradas, e, além disso, sua atuação também resultou em ingente transformação do meio, em função da devastação ambiental perpetrada pela empresa.

Anteriormente ao advento da *Lumber Company*, a maioria das cidades do planalto catarinense originou-se de um processo histórico que teve sua gênese com o 'Caminho de Tropas', o qual ligava o planalto, as províncias platinas, o antigo distrito das Missões e a campanha gaúcha aos campos de Curitiba e à cidade de Sorocaba, ponto de chegada do gado e das tropas oriundas do extremo sul. A passagem das tropas resultou na formação de muitas fazendas de invernada e criação, locais utilizados para descanso e engorda dos animais, após longos trechos percorridos: "a Vila de Lages era um ponto de pouso das tropas que demandavam a província de São Paulo; isto também concorreu para a formação das vilas de Curitibanos e Campos Novos".[4] O comércio trazido a reboque pelo Caminho de Tropas foi considerado pelas províncias como tributável, fato que gerou conflitos relacionados à colocação de barreiras fiscais que pretendiam tributar os produtos comercializados pelos tropeiros, como, a título de exemplo, a erva mate.

Esse processo também ocorreu na área localizada ao norte do planalto, na região de Canoinhas e Três Barras. Ali, além do tropeiro paranaense ou sul-rio-grandense, havia grande número de imigrantes – principalmente poloneses, alemães e ucranianos[5] – que adentraram na região já a partir da década de 1890 e dedicaram-se ao trabalho agrícola em pequenas propriedades ou atividades comerciais e outras ocupações nas áreas urbanas.[6]

Os imigrantes que adentraram na região pelo estado do Paraná, desembarcavam em Paranaguá e Antonina e, em seguida, eram conduzidos até Curitiba, de onde partiam para as colônias a que estavam destinados. Nestas colônias, reorganizavam sua vida social e religiosa, construindo igrejas, sociedades recreativas e escolas.[7]

É preciso considerar que toda aquela região estava sob litígio, envolvida na disputa de fronteiras entre os estados do Paraná e Santa Catarina, a chamada *Questão de Limites*.[8] Com a inserção da *Lumber Company* na região de Três Barras, vastas áreas desmatadas foram loteadas e vendidas pela empresa a colonos do leste europeu, ali estabelecidos por ação do estado do Paraná com o intuito de povoar o território contestado e obter controle efetivo sobre a região. Esse processo elevou acentuadamente o fluxo de imigrantes em toda aquela área.[9] A imigração polonesa para o estado do Paraná foi marcada por dois grandes picos: o primeiro, ocorrido no período entre 1890 e 1896, quando adentraram no estado cerca de vinte e oito mil imigrantes, e o segundo ocorrido no período entre 1907 e 1914, com a chegada de outros vinte e sete mil poloneses. Os alemães também foram assentados na região durante a segunda metade do século XIX, e desenvolveram atividades ligadas à criação e lavoura.

(...).

Com a inclusão deste texto esclarecedor do momento vivido pelo País e os estados em desavença, ainda nos revela os povos imigrantes que se estabeleceram nestas áreas. Conformatando nosso mapa mental, para os fluxos migratórios e imigratório dentro da área estuda. Ao passo, que mais adiante em sua tese, faz alusão ao manuscrito anteriormente inserido VALENTINI (2009), explicando as linhas de pesquisa e qual a principal diferença entre elas, conforme nos é mostrado TOMPOROSKI (seg. p.40):

(...)

A tese de doutoramento do professor Delmir José Valentini, preocupou-se em analisar a atuação da *Brazil Railway Company*, a holding da *Lumber Company* – entre os anos de 1906 e 1916 – e a contribuição da sua atuação para a deflagração do movimento sertanejo do Contestado, propiciando grandes avanços para a compreensão das transformações impingidas por ação do capital estrangeiro na região do Contestado.[29]

A presente pesquisa, intentando reconstruir redes e relações sociais, seguiu três personagens que ajudaram a compor o quadro em que operam as transformações – e as resistências – promovidas pela *Lumber Company*.

O primeiro desses indivíduos é Theófilo Becker, cuja trajetória inicia-se dentro do grande processo de imigração europeia para o Brasil. Seu tio paterno adquiriu um lote de terras na colônia São Lourenço[30], em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 22 de setembro de 1872. Presumivelmente, a família de Theófilo migrou do Rio Grande do Sul em direção ao Paraná, nos últimos anos do século XIX. Houve significativas formações de migrantes provenientes daquele estado, inclusive para a região do Irani e dos Campos de Palmas. [31]

Theófilo Becker nasceu em Rio Negro, estado do Paraná, no ano de 1881. Podemos localizá-lo com certa facilidade a partir do ano de 1917, no distrito de Três Barras, recém transferido para o controle do estado de Santa Catarina. A essa altura, Theófilo já ocupava o cargo de subdelegado de polícia daquela localidade. Tinha um filho de 11 anos de idade – José Becker, nome dado em homenagem ao avô paterno.[32]

Ao exercer suas atribuições como autoridade policial, sempre que possível, beneficiava a *Lumber Company*, promovendo, juntamente com a companhia, a instituição de uma nova disciplina naquela localidade; repri-

mindo trabalhadores da empresa e a população em geral; fornecendo proteção e favorecendo-a na condução dos inquéritos decorrentes por acidentes de trabalho ocorridos na *Lumber,* após a instauração da nova legislação trabalhista.

No início de outubro de 1920, Theófilo foi exonerado do seu cargo. Ele foi imediatamente contratado como chefe do corpo de segurança da *Lumber*, e passou a impor resistência à atuação do novo subdelegado, conflito que teve um desfecho surpreendente.

Sua esposa, Dalila, faleceu.

Ele casou-se novamente em 21 de março de 1924, com Alzira, que lhe daria duas filhas, Mafalda, nascida em 05 de dezembro de 1927 e Esmeralda, nascida em 09 de março de 1929. As duas só conviveram com o pai enquanto bebês.

No mês de julho de 1918, Theófilo comprou um "terreno de caíva, cultura, pastagens e banhados, com a área de 195 alqueires (...) situado no lugar denominado Papuan, nesta Comarca". O terreno foi avaliado em 47:190$000 (quarenta e sete contos, cento e noventa mil réis). Foi adquirido pelo então subdelegado um ano após a primeira greve deflagrada pelos trabalhadores da *Lumber* e um ano antes da segunda – em um período de grande agitação do operariado – ambas violentamente reprimidas com auxílio da polícia.

(...)

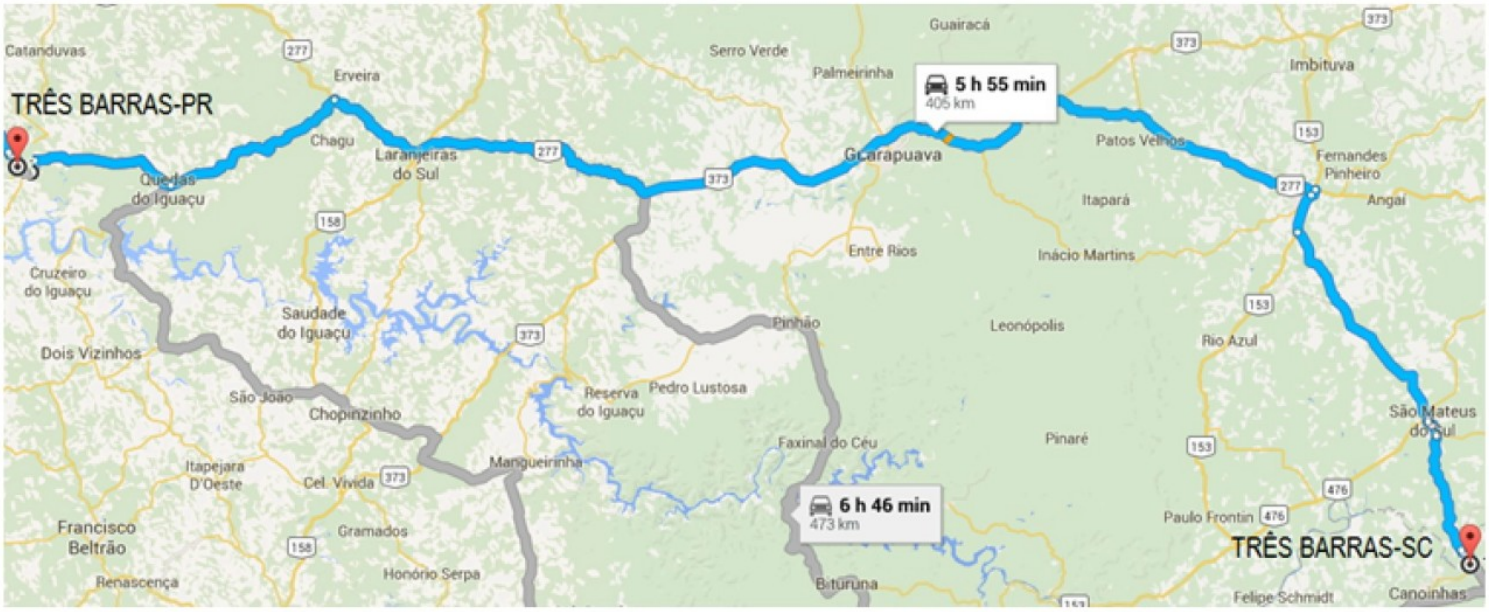
O Distrito de Três Barras referido no texto, é o que se estabelece atualmente no Estado de Santa Catarina, não sendo a Três Barras do Paraná, conforme se observa:

TRÊS BARRAS-PR

TRÊS BARRAS-SC

Mapa de localização. Fonte: (domínio público): https://www.google.com.br/maps/@-25.7261602,-51.7185042,9.5z

MAPA DE DISTÂNCIA



405 KM

Mapa de distância. Fonte: (domínio público): https://www.google.com.br/maps/dir/Tr%C3%AAs+Barras+do+Paran%C3%A1,+PR/Tr%C3%AAs+Barras,+SC/@-25.9481711,-52.2882579,9z/data=!3m1!4b1!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x94f1b03908507839:0xf3b3687bad8a3376!2m2!1d-53.1843089!2d-25.4217883!1m5!1m1!1s0x94e7731b9be3845f:0x28f94683da8675e7!2m2!1d-50.3120667!2d-26.124115!3e0

Logo após encontrar o seu primeiro personagem, o discursista, relata o uso da força policial pública, sendo utilizada por interesses particulares. Ou seja: o subdelegado, ao auferir de seu cargo trabalhava para a Empresa Lumber Company, tendo seus proventos pagos pelo povo brasileiro e pela empresa, conforme relatos do autor desta tese. Mas logo foi exonerado e absorvido pela empresa, vendendo sua força de trabalho.

Há de se lembrar, sem estabelecer vínculo com o subdelegado, que a força auxiliar (polícia) existe para manter a órdem e a paz local, ou seja: sua função é promover o controle de massa, proteger o patrimônio público e privado, atender aos chamados de emergência e socorro. A melhor forma de visualizar este fato, é comparar no momento atual, as ocorrências de bloqueio de estradas de rodagem, geralmente feitas por massa revoltosa.

Quando ocorre tal fato, a polícia é chamada para, em primeiro lugar: manter a órdem e o controle de massa, tentando estabelecer a paz. Segundo: desbloquear a via, para que o ambiente de revolta não se inflame ao ponto do descontrole massivo.

Continuando com as análises, TOMPOROSKI, nos diz (seg. p.41 e 42):

(...)

Outro indivíduo cuja trajetória vincula-se com a história da própria *Lumber* é o "baiano", Oswaldo Rodrigues de Oliveira. Ele nasceu na cidade de Entre Rios, estado da Bahia, em 06 de maio de 1888. Em 1911, formou-se em medicina e no ano seguinte chegou a Santa Catarina para trabalhar como médico da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e, em seguida, na *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Transferiu residência para Três Barras em janeiro de 1913, contratado pela *Lumber* para a função de médico e ocupando a chefa dos serviços sanitários.[33] Foi delegado da higiene em Canoinhas e intendente de Três Barras no período do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina, em 1916. Em 1917, quando Três Barras consistia em distrito do município de Canoinhas, Oswaldo de Oliveira foi nomeado como primeiro intendente de Três Barras. Filiado ao Partido Republicano Catarinense, foi deputado estadual entre os anos de 1919 a 1921 e no período entre 1925 a 1927. Foi reeleito em 1926, concomitantemente para prefeito municipal de Canoinhas e deputado estadual, assumindo, a pedido do governador Adolfo Konder, a prefeitura de

Canoinhas, para o mandato de 1926 a 1930, quando foi deposto pelo movimento político militar. Após o ano de 1945, filiou-se ao Partido Social Democrático. [34] Eleito vereador em 02 de dezembro de 1947, tomou posse no dia 20 do mesmo mês para exercer o mandato de 1947 a 1951, como representante de Três Barras. Nesta legislatura foi, por duas vezes, eleito presidente da câmara municipal, e, durante o segundo mandato de presidente, no ano de 1949, ocorreu o falecimento do prefeito municipal, Otávio Tabalipa, tendo então reassumido o executivo como prefeito municipal até 31 de janeiro de 1951, vindo a falecer no ano seguinte, em 05 de setembro de 1952, vítima de colapso cardíaco.[35]

Por fim, o indivíduo que maior resistência impôs à *Lumber Company*, especialmente nos anos iniciais de suas atividades, Dídio Augusto.

Nascido no dia 22 de abril de 1883, na cidade paranaense da Lapa, onde conheceu o professor João Cândido, o qual havia sido médico do General Carneiro no cerco àquela cidade, durante a Guerra Federalista. O médico lhe empresta livros, estimulando o jovem aos estudos de Filosofia e História.

Em julho de 1904, ajuda a fundar um grupo dramático, no qual escrevia dramas e comédias, levados à cena com Dídio, quase sempre, atuando no papel de galã. Também declamava extensos monólogos. No ano seguinte, aos 22 anos de idade, casou-se com Maria Joana Linhares, de 16 anos, com quem teve treze filhos.

Desde cedo, exerceu a função de rábula (advogado não formado), e, na falta de autoridades titulares, ocupou diversos cargos, tal qual promotor público adjunto, em diversas comarcas.

No mês de setembro de 1908, Dídio Augusto tornou-se secretário da Sociedade Escolar, fundada em Canoinhas poucos meses antes,[37] além de professor da escola mantida pela mesma entidade. Em fevereiro de 1909, assumiu o cargo de diretor da instituição, a qual funcionava no “edifício

mais importante da Freguesia", reservava 20% das vagas a alunos pobres e, naquele momento, contava com 36 alunos.[38] Entre os sócios da instituição, figuravam os nomes de Francisco Ferreira de Albuquerque – Coronel, chefe político de Curitibanos e um dos fomentadores da transformação de Canoinhas em município, o que viria a se concretizar no ano de 1911 – e Roberto Ehlke, grande proprietário da região de Canoinhas e que viria se converter num dos principais expoentes da política daquela localidade após sua emancipação, em 1911. Podemos afirmar que Dídio possuía livre trânsito entre importantes chefes políticos da região do planalto contestado.

Dídio sempre publicou textos em diversos jornais de Santa Catarina e Paraná. Era um colaborador recorrente do jornal O Trabalho, de propriedade do Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, publicado no município de Curitibanos (então sede do distrito de Canoinhas). No dia 13 de maio de 1909, o jornal trouxe um texto de Dídio, que refletia acerca dos resultados da Lei Áurea, a qual havia sido assinada quase vinte anos antes. Destacou a dicotomia da lei que libertara os escravos, porém lhes privara das condições fundamentais para uma inserção digna na sociedade.

Além de defender a ideia de que os ex-escravos deveriam ter sido indenizados após a libertação, Dídio demonstra admiração pela insatisfação e luta dos cativos em prol de sua liberdade.

Dídio augusto, era um fervoroso paranaense, ao que se refere à questão do tratado de delimitação estabelecido. Mas não fica claro do porquê. Devido ao fato, deste ter sido o primeiro Prefeito de Três Barras-SC, quando ainda morava em Rio Negro-Pr.

Talvez, a resposta seja desvelada nas páginas sucedentes. TOMPOROSKI, (seg. p.43):

(...)

O fato de ocupar cargos, nomeado como substituto, permitiu-lhe acumular farta experiência no que tange a política e a administração dos muitos municípios por onde transitou no planalto contestado. Nos primeiros anos da década de 1910, Dídio fixou residência no município paranaense de Rio Negro, do qual Três Barras fora desmembrada em 1ª de abril de 1913. Em Rio Negro, no ano de 1914, foi eleito o primeiro prefeito do município de Três Barras, sendo reeleito para o cargo, que ocupou até 1917[40], quando aquele município paranaense passou ao controle de Santa Catarina, como resultado da assinatura do Acordo de Limites entre os dois estados.

Dídio Augusto militou contra o acordo e tentou incitar outros prefeitos do estado paranaense a reagirem. O movimento era liderado no Rio pelo paranaense Alencar Guimarães e, em 1917, Dídio telegafou ao então senador Ruy Barbosa, afirmando que a população do município que ele governava – Três Barras – não havia sido consultada acerca do Acordo.

No ano de 1918, Dídio fundou o jornal operário "A Liberdade", em Três Barras. Sua fundação ocorreu poucos meses após sua saída da chefia política do município de Três Barras, bem como após a deflagração de uma greve pelos trabalhadores da *Lumber* naquela localidade, em meio à mobilização contra o Acordo de Limites.

A partir do ano de 1919, passou a publicar textos criticando de forma veemente a companhia de origem norte-americana. A campanha denunciava abusos praticados pelos mandatários da empresa, mas, também, as facilidades propiciadas pelos poderes públicos, que – como resultado de um "delírio protetório"[41] – lhe forneciam todas as condições para exercer o controle e influência sobre amplas áreas dos estados do Paraná e Santa Catarina. A publicação de um de seus textos mais incisivos ocorreu no Natal de 1919, quando o setor madeireiro sofria com o monopólio praticado pela *Lumber* e pela estrada de ferro, deixando as serrarias nacionais desprovidas de vagões para distribuição de sua produção. Dídio afirmava que a situação fora agravada pela complacência das autoridades, que estavam seduzidas "sorrindo babosos ao lourejar do dólar".[42] Ainda segundo ele, "O 'sindicato dos gringos' subvenciona autoridades que abandonaram a consciência de seu dever para protegê-los nos seus banditismos *a far west*".[43] Outro aspecto referenciado pelo texto foi o baixo preço pago pela madeira

comprada dos proprietários locais. Ademais as denúncias de facilitações disponibilizadas pelas autoridades locais em prol da companhia e da violência empregada pela mesma para obtenção do controle sobre a região, Dídio fez referência ao fato da empresa ter ludibriado proprietários de áreas de mata, os quais venderam as madeiras a baixos preços. Nesse período, Dídio litigava contra a companhia – como teremos oportunidade de examinar no capítulo 3 – pois a mesma se negara a cumprir cláusulas do contrato estabelecido com seu cliente, o fazendeiro Francisco dos Santos Sobrinho. Além disso, Dídio discursou aos operários da *Lumber* em greve. Essas razões motivaram sua prisão – por determinação dos diretores da companhia – em Três Barras e seu envio à prisão de São Francisco do Sul, onde permaneceu preso por quatro dias; razões que resultaram no sequestro do fazendeiro sob ordens da *Lumber*, como nos velhos filmes de faroeste.

O discurso do autor, além das críticas diretas, deixa transparecer um viés ecológico, – algo surpreendente, pois nesse período as questões ambientais não resistiam ao discurso de progresso e desenvolvimento – uma preocupação com o processo industrial da *Lumber*, a qual, além da devastação das florestas, também realizava incêndios, o que, segundo Dídio, resultaria no desaparecimento das nascentes de água.[44]

Esse combate feroz à *Lumber*, além de motivações pessoais, era deflagrado em virtude de verdadeira preocupação com a violência, tirania, devastação e exploração impingida pela *Lumber* e que estava causando profundas transformações na região do planalto contestado.

O início do mês de fevereiro de 1921 foi marcado pelo surgimento de um novo "ajuntamento fanático", desta vez no município de Cruzeiro (atual Joaçaba). [46] As cicatrizes do movimento de 1912 – 1916 ainda se faziam presentes, e as reuniões de sertanejos eram comuns.

(...)

Ao se estabelecer a compreensão das ideologias que delineavam os envolvidos (União, Estados, grileiros e posseiros/população), neste recorte histórico, pode-se correlaciona-las com os eventos oriundos das revoltas em Três Barras do Paraná. Pois o plano conjuntural ideológico, permanece o mesmo até os dias atuais. "Mais do mesmo" (Renato Russo-Legião Urbana).

O mais impressionante de toda essa história, está na irrelevância dos confrontos internos, para os interesses das empresas internacionais. Para estas, a única preocupação era de extrair o máximo de recursos em menos tempo, com ou sem "guerra". E realmente foram elas que ganharam alguma coisa com tudo isso!

Os Estados de Santa Catarina e o Paraná, ganharam apenas questões de jurisprudência, que dado ao tempo, não receberam dividendos, tributos ou taxas. Perderam centenas de hectares de florestas e territórios.

REVOLTA EM TRÊS BARRAS DO PARANÁ

E irá continuar assim, se os detentores de títulos acadêmicos, quando exercerem os cargos públicos de governo, não aplicarem as inércias teóricas e se lançarem ao prático ideal de mudar as coisas, fazendo-as para todos e não só para si ou para o Capital...O mundo pode ser um lugar bom de se morar. Mas não pensem que ter boa vontade e fazer algo para todos, vai mudar o mundo. Simplesmente porque é impossível atender à todos. Cada indivíduo quer algo diferente de outro, pois suas necessidades são formuladas, tanto no meio psíquico, quanto no ambiente físico.

O mundo perfeito, somente seria construído se a humanidade abrisse mão de todos os sistemas econômicos e se unissem para desenvolver equipamentos que pudessem gerar novas máquinas e estas trabalharem para atender todas as demandas das produções (de todas as espécies) mundiais. Onde sustentariam a população mundial.

E não haveria mais a força de trabalho remunerada, mas a união de forças e o entrelaçamento destas, com os demais indivíduos do mundo. Cada um, desenvolvendo trabalhos técnicos e manuais, em turnos rotacional de atividades diversas. Um mutirão mundial para construir as casas, as indústrias, as estruturas de base e assim por diante. Sendo que cada país, passaria a borracha em suas linhas territoriais, deixando de ser unidade, para se transformar em comunidade de apoio ou unidade matriz de matéria-prima. Que no caso, todos se caracterizariam assim.

Imaginem, caros leitores, todas as fábricas do mundo sendo usadas para a produção de materiais pertinentes à sobrevivência e o aconchego pessoal e social, com seres humanos trabalhando em conjunto, apenas duas horas por dia e tendo que voltar àquele local de trabalho, somente no ano seguinte. Porque o número populacional assim permite. Logo; esse indivíduo sai daquela fábrica e vai na escola, ensinar os alunos. Depois exercerá a função de minerador ou fabricante de cerveja e por fim, termina seu turno de trabalho. Não tem remuneração e muito menos um sistema central de comando ou políticas de controle. Porque para se alcançar tal plenitude evolutiva, a humanidade teria de se metamorfosear em *"homo sapiens-sapiens habilis sensus speciosa cultrum".*

Caro leitor...Acha isso possível? Se, nem, os que deveriam ter visão avançada do mundo e das sociedades, não conseguem se unir para desenvolver pesquisas. E elevam valores em documentos que, muitas vezes, nem se quer são merecidos, como aos atribuídos à doutorados plagiados e/ou projetos desenvolvidos por outrem. A cúpula pensante, talvez seja a mais ignorante! Falam do Capital e do sistema, mas fazem parte deste e são remunerados por ele. Criticam-no tanto, mas fazem de tudo para vender sua matéria-prima: a força mental e de seus produtos. Candidatam-se a cargos públicos e discursam, mas na hora de votar ganhos salariais para a classe política...é o mais correto. Depois criticam o sistema e se utilizam de Canudos (duplo sentido).

Canudo não significa absolutamente nada!

Quem são as pessoas que modificam mundo atualmente? São doutores? Não...

Quem fundou a Microsoft não é doutor!

Jobs, também não era doutor, assim como muitos inventores e amantes do conhecimento e da sabedoria não o eram também.

O mais importante não é o que a pessoa possui como representação intelectual (canudos e títulos), mas o que ela pode oferecer ou contribuir ao mundo e a sociedade com seu intelecto. Muitos entendem que ter um doutorado é a plenitude de uma vida acadêmica. Sendo que a maioria dos acadêmicos desejam um título desse, não para desenvolver algo à humanidade ou para a melhoria de seu próprio bem estar, mas para se aparecer perante ela. E assim, não importa como conseguir este título (plágios e manipulação, enfim, o meio mais fácil e menos trabalhoso).

E aqueles que não possuem um título de doutorado (na atualidade) deve ser ignorado. Assim como Michael Faraday, que se não fosse por Maxwell desenvolver os cálculos, suas descobertas ficariam esquecidas. Porque a classe pensante "doutorática" da época não aceitavam pesquisas sem respaldo matemático. E que esses, também, não foram capazes de elaborar, ou de, pelo menos, analisar se as descobertas de Faraday era possível (campo experimental magnético).

Porém; nos tempos atuais, muitos "profissionais" realizam pesquisas e projetos embasados em trabalhos daqueles que não possuem grau de superior categoria e nem se quer são referenciados.

Com o respeito mútuo, e não visando papel/documento, toda a humanidade pode ter seu próprio meio de transporte, suas moradas, e outros. Basta se unirem para desenvolver as máquinas e os robôs, para fabricar os veículos, o material necessário às matrizes e o resto. Com relação aos transportes, não serão automóveis, ou transportes coletivos. Porque alcançaríamos um patamar de desenvolvimento científico propício ao tele transporte individual.

Mas a natureza humana não permite se desenvolver a tal nível intelectual, ao ponto de formar e construir a sociedade perfeita (sem comando, sem disciplina, sem salários), tudo isso embasado apenas no bom senso e no respeito. Pois; o respeito gera amor próprio e ao próximo e estes desenvolvem o senso prático de união social, respeitando a natureza, a si mesmo e a sociedade como um todo.

Se seres divinos não foram capazes de estabelecer tal conduta, imaginem os da raça humana!

O lugar mais perfeito já descrito ou reverenciado na história humana e conceituado de formas variantes em todas as culturas antigas e contemporâneas, também sofreu transgressões das leis sociais e doutrinárias, que se expressam nas palavras do Apóstolo João, apocalipse 12.7, in: Bíblia Sagrada (p. 1567), que retrata uma batalha no céu.

Após este bombardeamento cogitabundo, finalmente se reestabelecerá o assunto: Confrontos no Município de Três Barras do Paraná, conforme reinicia-se:

CHAGAS (2015, p.15), insere em seu trabalho mapas demarcando o território do Município de Catanduvas e sua divisão territorial distrital de Três Barras do Paraná. Conforme pode ser analisado:

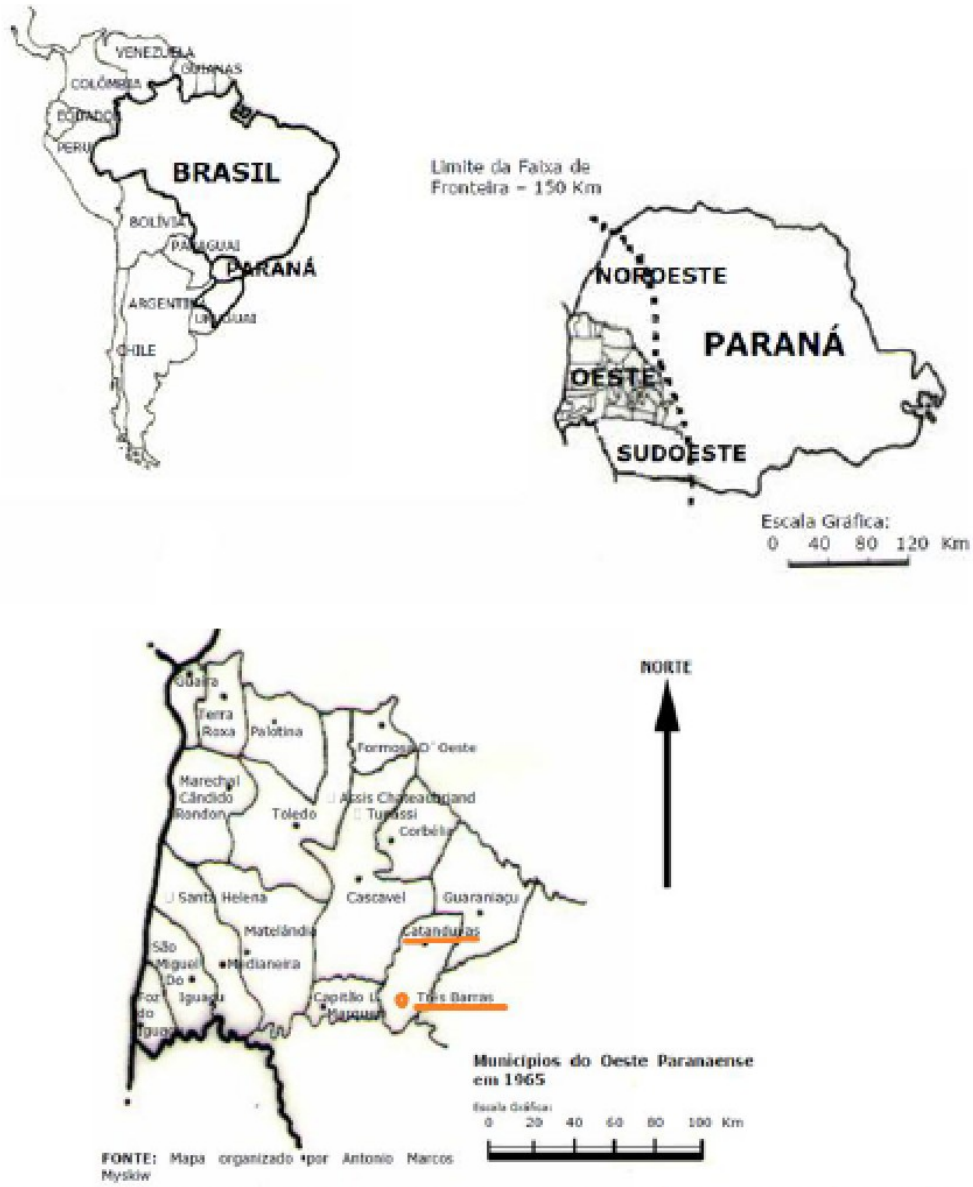


Figura I: Mapa organizado por Antonio Marcos Myskiw, em destaque a região oeste do Paraná e a divisão territorial por municípios no ano de 1965.[2]

[1] Informações retiradas do site: < http://www.cantuquiriguacu.com.br/tresbarras.php>.
[2]Retirado de: MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, posseiros e grileiros: conflitos de terra no Oeste paranaense (1960/66)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói/RJ: 2002.

Mapa distrital. Fonte: CHAGAS (2015, p.15)

Outro importantíssimo mapa, que além de ilustrar as áreas, ainda nos esclarece onde estão os focos revoltosos em 1948 a 1964. Sendo este conformatado em sua página 56. Porém, este que vos escreve, adaptou-o e assim o expressa:

FONTE: Mapa organizado por Antonio Marcos Myskiw, a partir de informações encontradas nas fontes documentais.

Figura III: Localização de alguns dos conflitos por terra no Paraná nas décadas de 1950/1960. [124]

Mapa focos de revolta (adaptado).
Fonte: CHAGAS (2015, p.56)

A autora em sua página 57 e 58, nos revela como se caracterizava a economia e quais foram os grupos de pessoas que se interessavam pelo Sudoeste do Estado do Paraná.

(...)

Na região Sudoeste do Estado Iria Zanoni Gomes, em seu livro *1957 a revolta dos posseiros*, destacou que "o Sudoeste do Paraná é uma região que foi de fato ocupada a partir da década de 40, dentro do processo de expansão da fronteira agrícola e a partir do deslocamento de colonos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina". Dentro desse contexto histórico é que a autora analisou "a organização e resistência dos colonos como resultado de um aprendizado adquirido no próprio processo de luta pela terra"[128].

Gomes apresenta os colonos e as companhias de terras como os dois agentes sociais desse conflito, destacando que os colonos que vieram para a região Sudoeste do estado do Paraná buscavam terras para se estabelecerem e trabalharem e tinham por objetivo "a propriedade, a mercadoria e o dinheiro", ou seja, condições para manter o modo de vida de pequeno produtor familiar. Gomes enfatiza que no Sudoeste paranaense, como em outras regiões do Estado, "o latifúndio se apresenta posterior à estruturação da economia com base na pequena produção familiar e vai lutar com ela pelo domínio das terras"[129]. Segundo Gomes:

> O direito à terra é contestado de forma violenta, arbitrária e ilegal pelas companhias imobiliárias que se estabelecem na região. Esse fato intensifica a luta pela terra, fazendo eclodir um movimento de resistência dos colonos, conhecido como a Revolta de 57. Esse movimento foi fundamental para a consolidação da pequena propriedade no Sudoeste do Paraná, o que intensificou uma ocupação democrática da terra, à medida que o latifúndio foi vencido.[130]

Gomes destaca que a organização não se iniciou em 1957, no auge do processo de violência, mas já em 1951, quando a primeira companhia imobiliária – CITLA – instalou-se na região e iniciou suas atividades. Para a autora foi a partir desse momento, da instalação da companhia imobiliária, que os moradores da região estabeleceram as primeiras articulações para defender suas posses, "penso que aí está contido o embrião de organização que se transforma na ação coletiva de tomada das cidades, em outubro de 1957"[131].

(...).

Com a primeira Companhia Imobiliária Instalada, na região Sudoeste, desenvolve-se um ambiente de aflição e tensão entre os colonos e posseiros, ao respeito da titulação/documentos de propriedade.

À partir deste episódio, ficou à cargo do Grupo Executivo para Terras do Sudoeste do Paraná – GETSOP, criada em 1962, pelo Presidente João Goulart, o cadastramento, que por ser demasiado longo o processo de registro, algumas pessoas ficaram sem registrar as terras que ocupavam. Conforme se pode acompanhar nos relatos de CHAGAS (seg. p.59). (...)

Gomes nos apresenta as principais motivações que levaram à revolta de 1957, destacando o apoio governamental cedido às companhias que atuavam na região Sudoeste do Paraná e a forma como essas coagiam os colonos e posseiros a assinarem termos de compromisso de compra ou ainda a saírem das terras que ocupavam, por meio de espancamentos, saques e mortes. Esse contexto de apoio governamental às companhias, de coerção e violência às populações estabelecidas na região, além da incerteza quanto à posse das terras por tais companhias fomentaram o conflito, o qual mais tarde implicou na titulação das terras aos colonos e posseiros, ação esta realizada pelo Grupo Executivo para Terras do Sudoeste do Paraná – GETSOP, porém tal titulação não se deu de maneira imediata ao término do conflito. As terras da gleba Missões e parte da gleba Chopim foram desapropriadas pelo Decreto nº 50.379 em 27 de março de 1961 no governo de Jânio Quadros e, posteriormente, após sua renúncia o vice-presidente João Goulart deu continuidade às atividades criando o GETSOP, o qual iniciou suas atividades a partir de 1962, solucionando problemas de desapropriação e titulando as áreas de terras a colonos e posseiros.

(...)

A autora acredita que a união das pessoas, que tem o mesmo interesse em terras e posses, é o principal fator para o início das ações coletivas para a tomada das cidades.

Há vários outros fatores para tomada das cidades, e o mais importante foi esclarecido: a união de pessoas com interesses comuns em um objeto/foco específico. No Rio de janeiro, por exemplo, muitas áreas habitacionais foram tomadas pelo tráfico de drogas. Grupos de pessoas interessadas em comercializar drogas ilícitas, invadiram os complexos de moradias, literalmente, tomando conta destes. Mas o termo utilizado aqui, “tomada de cidade”, não se adequa ao tratado. Pois a tomada de cidade se estabelece em um nível mais abrangente, onde necessariamente, tem de ter envolvimento dos poderes políticos: nacionais, estaduais, municipais, associados à interesses econômicos e estratégicos de ambos os participantes que desejam conquistar uma ou mais cidades. No intuito de defesa, enriquecimento da nação/país e/ou declaração proclamada de conquista e afirmação de jurisdição nacional (uti possidetis), em uma área dentro do continente ou em outro (Antártica). O exemplo que mais se ajusta, seria: (Hitler) invasão alemã às cidades de seu interesse.

No caso das revoltas descritas até o momento, por: defesa, ocupação, terrádego e estabelecimento de terras e moradias. Em uma pequena porção de um estado, no caso, o Estado do Paraná. Este, se forja nos processos de usucapto, fruição e. Ou seja: lutas por terréu ou terriola. As cidades construídas, por este tipo de manifestação popular, ocorre simplesmente porque não havia uma política de desenvolvimento (Nacional, Estadual e Municipal). Deixando isolada àquela região onde assentamentos são fundados. Como é o caso de Canudos e Três Barras do Paraná. Um grupo social isolado, irá desenvolver suas próprias crenças, enfim, sua própria cultura, seus sistemas de desenvolvimento econômico e projetos (ordenados e também desordenados) de expansão territorial. Porque as famílias se multiplicam e refugiados, bem como grupamento de excluídos se instalam no vilarejo. Consequentemente, uma cidadela, com mais de 20.000 habitantes. Considerando o número de moradores, Belo-Monte, na verdade, poderia ser considerado Município (nos dias de hoje). Se houvesse votantes.

Aproximando-nos da história de Três Barras do Paraná, há uma contextual explicação em sua página 61, que nos remete:

Dessa forma, entre os conflitos citados – a revolta de Três Barras, a revolta dos colonos, a revolta de Porecatu e a de Trombas e Formoso – percebemos algumas particularidades, as quais estão associadas diretamente aos contextos político e social que estavam em voga no período das décadas de 1950 e 1960, porém anterior a estes a revolta do Contestado também já se fazia perceber como um movimento que teve como principal motivação a posse da terra e garantia dos meios de vida, por aqueles que estavam sofrendo um processo de expropriação.

Martins (1981) salienta que:

> Embora tais movimentos não apresentem unidade na forma de sua expressão, de sua organização, de seus objetivos, eles apresentam uma certa unidade quanto à causa. De fato, o que em todos eles estava em jogo não era propriamente a propriedade da terra e sim a renda capitalista da terra [...]. A valorização é concretamente o aparecimento da renda territorial onde ela não existia. [...] Os grileiros buscavam basicamente a obtenção de títulos de terras do governo que podiam ser hipotecados no banco do próprio governo e transformados em capital para aplicação em outros negócios. [...] o que levou o conflito aos posseiros foi a tentativa de extração de uma dupla ou até tripla renda da terra. O camponês era obrigado a pagar mais de uma vez pela mesma terra a cada companhia que se apresentasse munida de um título de propriedade, sob pena de expulsão.[138]

Continuando em suas explanações, a autora, menciona que MARTINS (1981), observa que: todos esses conflitos e a atuação das imobiliárias ocorrem devido a construção das estradas e das ferrovias. Valorizando as terras e a região em si.

Nesse momento, fica claro como ocorrem os ambientes (psíquico) costumaz das pelejas "glebais"

Em seu trabalho, Chagas, caracteriza posseiros e colonos (Seg. p.63 e 64), à saber:

(...)

No que diz respeito à noção de posseiro partimos da compreensão de que trata-se do sujeito que se encontra na posse, que ocupa um trecho de terra, mesmo não sendo portador de um título legal de propriedade, porém essa noção também não se resume a essa caracterização voltada a propriedade da terra, a questão legal. Dessa forma o posseiro é aquele sujeito que se estabeleceu em uma determinada localidade, podendo ter ou não comprado o direito de posse de outros, sendo que estes podem ser pequenos ou grandes e manterem seus modos de vida como colonos ou mesmo caboclos[141].

Pensando em tais aspectos optamos por utilizar ambas as noções ao longo do trabalho, apresentando-as como *colonos* e *posseiros,* pois percebemos por meio da análise das fontes adotadas que os sujeitos que estiveram envolvidos na revolta de Três Barras e narram sobre ela se apresentam em grande maioria como colonos, devido a seus modos de vida, porém quando estes são interrogados e também nas falas das testemunhas de acusação estes são apresentados como posseiros, sendo que este termo como é apresentado está estritamente ligado a terra e constitui-se como um discurso de deslegitimação e desqualificação de tais sujeitos e dos seus atos para manter suas posses e seus meios de vida. Dessa forma, a opção por apresentar as duas noções, ao longo do texto, faz-se no sentido de compreendermos, dentro do contexto da revolta de Três Barras, ambas como complementares e, se optássemos por uma destas noções estaríamos limitando o modo, principalmente, como os sujeitos que participaram da revolta se percebem.

A revolta de Três Barras se deu quando os colonos e posseiros sublevaram-se e prenderam alguns profissionais do Departamento de Geografia, Terras e Colonização – DGTC – que realizavam a medição das terras na região. As terras que estavam sendo medidas diziam respeito à colônia Timburi, que fora titulada à empresa Bellé & Simioni, em 1959, pelo governo estadual. No interior dessa colônia estava situada a localidade de Três Barras. Os profissionais que foram presos – topógrafos, agrimensores e picadeiros de mato – haviam sido contratados pela empresa com o objetivo de medir e demarcar as terras, além de realizarem acertos com os colonos e posseiros que estivessem ocupando alguma área da colônia[142]. Além dos profissionais, foram presos também colonos e posseiros considerados pelos demais como grileiros.

As ações dos colonos e posseiros se deram com a intenção de obter a intervenção do exército – batalhão localizado em Francisco Beltrão/PR –, para que o mesmo mediasse as cobranças realizadas e, principalmente, coibisse os atos de violência que estavam acontecendo. Após a ocorrência de três mortes, a polícia de Cascavel/PR interviu prendendo 33 colonos e posseiros e instaurou o Auto de Ação Criminal 147/64[143] para apurar os responsáveis pelas mortes e pela revolta.

(...).

Nesse tempo, a mídia expõe os acontecimentos, como a reportagem impressa:

AGRONOMO RELATA ATROCIDADES COMETI
PELOS JAGUNÇOS EM TRÊS BARR

Jagunços Mataram na Hora Marca
Usando Tôda Espécie de Barbarism

(1ª de uma série de reportagens dos enviados especiais Mauro Ticianelli e Waldir Silva).

Porque morreu

Autêntica vigarice

Carta-despedida

Manchete do dia 07 de agosto de 1964. Fonte: Biblioteca Pública do Paraná

Reportagem de Ticianelli e Silva-1964. Fonte: Biblioteca Pública do Paraná. (In: boneco da monografia (NITSCHE, 1999, p.33) que não foi inserido, por ser ilegível).

Não há a possibilidade da leitura, porque a reprografia foi realizada por funcionário da Biblioteca, não sendo possível retirar este documento. Porém; pode ser útil ao contexto histórico e a preservação da história documental. Ou seja: Existe um artigo em um jornal, que retrata os conflitos e o depoimento do agrônomo agredido em Três Barras do Paraná. E este, está em Curitiba-PR. Deve-se lembrar que: nesta reportagem encontra-se os nomes dos revoltosos, bem como, reconhecido mandante.

A revolta ocorrida no Município, diferencia da estabelecida em Ferrabraz-RS, onde as forças nacionais atuaram para intervir e desapropriar a comunidade de Jacobina. Porque, na verdade, se transformou em uma guerra civil.

Mas o Exército atuou de forma conciliadora em Três Barras do Paraná. Mas as forças auxiliares, agiram de maneira mais ríspida e de forma a empregar ação repressora. Como relata Myskiw, na página 65 e 66 de Chagas:

(...)

Myskiw, pode ser advinda das experiências compartilhadas da Revolta dos Colonos que ocorreu em outubro de 1957 na região Sudoeste do Paraná. Este destacamento do Exército se fazia presente na região por meio da Colônia Agrícola Nacional General Osório – CANGO, que em um primeiro momento foi instituída da região sob a égide da ocupação e colonização desta. Criada em 12 de maio de 1943 pelo decreto nº 12.417, a CANGO teve suas ações praticamente paralisadas quando da instalação da Clevelândia Industrial e Territorial Limitada – CITLA na região em 1951, a qual passou a contestar na justiça a posse das terras pertencentes a Colônia, além de outros atos violentos e ilegais praticados pela companhia com a intenção de obter tais terras. Dessa forma, o batalhão do Exército localizado em Francisco Beltrão/PR, atuou no sentido de esclarecer aos colonos e posseiros a situação em que encontravam tais terras, ou seja, de salientar que a posse da CITLA estava sendo contestada em juízo. E mais tarde, quando da revolta em 1957, também esteve presente como mediador do conflito, não atuando diretamente, mas se fazendo presente em favor dos colonos e posseiros envolvidos, sendo que ficou o destacamento do exército responsável pelo encaminhamento dos dirigentes e jagunços das companhias que haviam sido presos no momento da revolta[146].

Martins salienta que:

> [...] poucos sabem e se dão conta de que o campesinato brasileiro é a única classe social que, desde a proclamação da república, tem uma reiterada experiência direta de confronto militar com o Exército: em Canudos, no Contestado, e, de um outro modo, em Trombas e Formoso; ou então, uma experiência de intervenção direta do Exército: na insurreição do Sudoeste do Paraná, no Nordeste, e mais recentemente nos conflitos camponeses do Araguaia-Tocantins. Nas disputas entre as classes dominantes e os trabalhadores urbanos, a interferência do Estado se dá por outros meios. Quando os conflitos se exacerbam, a intervenção tem geralmente cabido à polícia política ou à polícia militar.[147]

A partir de tais apontamentos podemos pensar a hipótese de que a intervenção por meio do exército dava-se apenas quando a ordem governamental do país era questionada, como no Contestado, quando os sertanejos foram acusados de monarquistas. Nesse sentido, para os conflitos em que a ordem política não era discutida a interferência se dava pela polícia política ou mesmo a polícia militar.

Assim, é pensando todo contexto histórico e as noções apresentadas que nos propomos analisar como se deu a revolta de Três Barras, o processo que envolveu este conflito, os sujeitos que dele participaram, as experiências que estes vivenciaram e as (re)criações de memórias sobre a revolta. Isto feito por meio de narrativas orais e de depoimentos/narrativas presentes no Auto de Ação Criminal 147/64 – processo "Três Barras".

(...).

In: CHAGAS (2005, p. 65 e 66).

Ao entender as atuações do Exército e da polícia, adentrar-se-á no registro histórico que CHAGAS (seg. p.85) deixa para nós:

Foto - Grupo de revoltosos. Fonte: CHAGAS (2015, p.85)

Conforme os inquéritos, recuperados por MYSKIW (2002) E CHAGAS (2015, p.84), os mandantes destes ataques, são:

(...)

Uma dessas fotografias é apresentada com a legenda: "grupo de revoltosos", na qual são destacados, no verso e a caneta, os cinco posseiros e colonos entendidos como os responsáveis pela revolta. São eles: 1. Pedro Lopes Santana – chefete; 2. João Arruda (carcereiro) – chefete; 3. Laureano José de Souza (chaveiro) – chefete; 4 Rodolfo Farias (olho de vidro) – chefete; 5. Lourival Alves Martins – chefete[181].

.

(...). In: CHAGAS (2015, p.84)

Mayara da Fontoura Chagas, questiona as fotografias, tentando descobrir quem foi o autor. E quais as intensões do mesmo.

(...)

Esse registro fotográfico, dos sujeitos envolvidos na revolta e das armas apreendidas (armas de fogo e armas brancas), foi utilizado de forma a ilustrar o que foi apresentado pelo Coronel Lapa em seu relatório policial. Além disso, não sabemos se quem tirou as fotos tinha apenas a intenção de registrar pelo viés policial ou se tinha outros interesses como, por exemplo, o jornalístico.

(...).

O procedimento policial, já naquela época, se estabelece até os dias atuais, para a efetiva condução aos atributos policiais e jurídicos. Logo, quando uma unidade policial apreende armas, munições e os envolvidos, tende-se a reportar com fotografias como prova criminal. Tal afirmação, recai na ausência de reportagens com estas fotografias e que, as fotos possuem o carimbo do Tribunal de Justiça. E além disso, as mesmas foram conseguidas por Myskyw, de posse da cópia da ocorrência.

Em sua página 87, nos diz:

(...)

O inquérito policial segue apresentando Termos de Interrogatório e Qualificação, Autos de Declarações, e Assentadas; além de exames cadavéricos, relações de armas apreendidas e dos suspeitos detidos, imagens e relatórios, sendo que estes embasaram a denúncia realizada pelo Promotor Público João Batista Kobber, a qual foi aceita em vinte de agosto de 1964, pelo então Juiz de Paz em exercício Eli do Espírito Santo, que expediu mandados de prisão preventiva para os quarenta e três acusados.

Assim, conclui-se que, de maneira geral, o inquérito policial foi instaurado e conduzido no sentido de elucidar os fatos e não a intencionalidade do conflito agrário, sendo que ganhou destaque a investigação sobre a participação de Walter Alberto Pécoits como mentor da revolta de Três Barras.

(...).

A questão da terra não é de alçada da polícia, cabe ao poderes de instância maior, que se configuram: nacionais, estaduais, municipais. A força policial tem a função de manter a órdem pública e estabelecer a paz, bem como atender ocorrências de emergência e socorro. No âmbito local.

Ao se estabelecer as áreas de ocupação, definir as posses e restaurar a paz e a ordem no Município, a economia pôde ser retomada intensamente, com a produção de feijão, leite, soja,

milho, frango, suíno, peixe e hortifrútis, abrindo as portas ao cooperativismo, indústrias e vários ramos de atividades comerciais.

Os dados mais recentes da área em estudos são datados em 2006, sendo os mais confiáveis - FONTE: IBGE - Censo Agropecuário, 2006, que nos informa:

ATIVIDADES ECONÔMICAS ESTABELECIMENTOS ÁREA (ha) em 2006	CONDIÇÃO DO PRODUTOR ESTABELECIMENTOS ÁREA (ha)
	Proprietário 1.306 37.997
	Assentado sem titulação definitiva 5 37
Lavoura temporária 703 13.766	
	Arrendatário 69 989
Horticultura e floricultura 16, 244	
	Parceiro 17 307
Pecuária e criação de outros animais 763 26.032	
	Ocupante 68 842
Produção florestal de florestas plantadas 5,79	
	Produtor sem área 26

Conforme informação do Ministério do Trabalho Estadual (MTE) de dezembro de 2012, as atividades econômicas possuem os seguintes dados:

Indústria da madeira e do mobiliário	4	17
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	1	2
Indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos	3	59
Indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico	3	322
Construção civil	6	14
Comércio varejista	93	257
Comércio atacadista	5	32
Instituições de crédito, seguro e de capitalização	4	29
Administradoras de imóveis,valores mobil.,serv.técn.profis.,aux.ativ.econ.	4	10
Transporte e comunicações	25	64
Serviços de alojamento,alim.,reparo,manut.,radiodifusão e televisão	11	29
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	6	4
Ensino	2	3
Administração pública direta e indireta	2	410
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extração vegetal e pesca	33	112
TOTAL	206	1.379

Sendo que a produção é representada pelo relatório de produção agrícola municipal – IBGE, 2006, conforme se apresenta:

PRODUTOS	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)	VALOR (R$1000,00)
Feijão	2.000	3.209	1.605	4.205
Fumo (em folha)	458	1040	2.271	5.096
Laranja	80	600	7.500	384
Limão	1	15	15.000	9
Maçã	1	10	10.000	12
Mandioca	550	13.200	24.000	3.630
Manga	2	38	19.000	38
Maracujá	1	10	10.000	26
Melancia	8	232	29.000	208
Melão	3	60	20.000	129
Milho	5.700	24.360	4.274	8.766
Pêssego	3	24	8.000	36
Soja	15.230	57753	3.792	42.159
Tangerina	1	29	29.000	21
Tomate	2	70	35.000	84
Trigo	1.400	2.520	1.800	1.159
Uva	7	56	8.000	128

A produção pecuária e de aves nos é informado pela mesma fonte:

Rebanho de bovinos	52.973
Galináceos (galinhas, galos, frangos(as) e pintos)	1.416.325
Rebanho de ovinos	2.000
Rebanho de suínos	58.835
Rebanho de caprinos	1.500
Codornas	532
Rebanho de ovinos tosquiados	720
Rebanho de vacas ordenhadas	17.264

A produção pecuária é demonstrada pelo levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia - IBGE, 2006, sendo representado assim:

Lã	2	1.380	kg
Leite	25.621	35.098	mil litros
Mel de abelha	59	9.009	kg
Ovos de codorna	9	9	mil dúzias
Ovos de galinha	1.375	1.250	mil dúzias

A população cresceu com relação aos dados obtidos na obra Três Barras do Paraná (2000), que em 1996 era de 8.712 habitantes. Conforme dados do IBGE, 2010, a população é de 11.824 habitantes. Tendo 75 habitantes a mais que no ano de 1989, cujo total era de: 11.749.

POPULAÇÃO RURAL E URBANA - TRÊS BARRAS DO PARANÁ-1983\9 e 1996

ANO	POP. URBANA MASCULINA	POP. URBANA FEMININA	TOTAL POP. URBANA	POP. RURAL MASCULINA	POP. RURAL FEMININA	TOTAL POP. RURAL
1983	1.913	1.900	3.813	7.652	7.145	14.797
1984	1.926	1.923	3.849	7.354	6.886	14.240
1985	1.942	1.943	3.885	7.067	6.635	13.702
1986	1.955	1.965	3.920	6.794	6.392	13.186
1987	1.970	1.987	3.957	6.529	6.159	12.688
1988	1.984	2.010	3.994	6.278	5.931	12.209
1989	1.997	2.033	4.030	6.033	5.716	11.749
1996	2.130	2.215	4.345	4.514	4.198	8.712

Tabela populacional (In: NITSCHE - Três Barras do Paraná (2000))

Este crescimento se deve as atividades: industriais, comerciais e a expansão da mão de obra durante a construção de Salto Caxias. Que ao se encerrarem, deixou uma massa de pessoas, composta por: desempregados, empregados informais e formais, desencaixados de todo o processo de mercado e social, que se estabeleceram em áreas vizinhas e no próprio Município. Destes, surgirão: Favelas – pelos desencaixados e novos comércios - pelos que saíram das obras da represa, com algum ganho maior, ou que, continuam desenvolvendo trabalhos para a Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL) ou as empresas filiadas, tendo capital suficiente para gerir novos empreendimentos no Município.

A população possui uma força de trabalho jovem, conforme se observa nos dados etários:

FAIXA ETÁRIA (anos)	MASCULINA	FEMININA	TOTAL
Menores de 1 ano	82	71	153
De 1 a 4	374	374	748
De 5 a 9	567	532	1.099
De 10 a 14	684	627	1.311
De 15 a 19	597	539	1.136
De 20 a 24	463	445	908
De 25 a 29	427	412	839
De 30 a 34	400	392	792
De 35 a 39	425	417	842
De 40 a 44	406	398	804
De 45 a 49	339	340	679
De 50 a 54	294	289	583
De 55 a 59	245	269	514
De 60 a 64	216	219	435
De 65 a 69	170	148	318
De 70 a 74	112	103	215
De 75 a 79	73	75	148
De 80 anos e mais	58	66	124
Idade ignorada	5	3	8
TOTAL	5.937	5.719	11.718

Os aprofundamentos teóricos com análises sociais, dentro destas últimas informações populacionais, cabe aos sociólogos desenvolverem.

A Geografia irá se preocupar com os impactos que estes dados podem ou geram no âmbito das relações que se mantém entre a natureza e a sociedade.

Acesso ao livro “Três Barras do Paraná” (2000):

http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/tresbarras.pdf

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar todos os aspectos aqui demonstrados, fica evidente que a formação territorial ao longo de sua historicidade, é estabelecida pela manobra política de desenvolvimento, que compactuará com instituições e empresas que exerçam e que possam realizar tal função. Estes fatores, associado à atuação da população no contexto desta manobra, mais a reivindicação de determinados grupos e até mesmo individual, criarão e desenvolver os territórios. E não o espaço. Pois; todos estes processos, ocorrem em uma parcela do Planeta Terra. Podendo ser comprovado o fato de que: desenvolvemos e criamos territórios em um espaço já existente.

Sendo que este território é ocupado e conservado pelas atividades humanas, em todos os seus aspectos de: defesa, aprimoramento e intervenções individuais e sociais, políticas, econômicas e religiosas. Sendo que estas atividades modificam a paisagem, perfazendo uma nova paisagem e assim, sucessivamente, criando, destruindo e desenvolvendo novos ambientes, propícios ou não a vida dos seres e humanos. Estabelecendo desta forma, a relação sociedade/sociedade com a natureza.

Sendo que o espaço morfodinâmico, é responsável pela formação de morfoestruturas, morfoesculturas, e dos complexos sistemas que irão fornecer os ambientes para a criação dos sistemas climáticos e ambientes naturais, além de todos os processos naturais físicos que se estabelecem no planeta. E que a sociedade humana não pode reproduzir na proporção, planetária.

Todo o processo de construção territorial, é de cunho social, não devendo ser aprofundado nos trâmites geográficos. Porque a Geografia se correlaciona e se estabelece no âmbito geocientífico e não pertence à alçada sociológica.

A geografia se enfocou tanto nas questões de cunho exclusivo sociológico, que se esqueceu que era Geografia.

Os aspectos sociológicos vivenciados ou fenômenos de ocorrência novas, dentro do âmbito científico, deve ser descrito e informado a ocorrência, porém; deixar à área pertinente, pesquisar o que é de seu foco.

E o geógrafo que ainda tem a convicção que geografia é sociologia, o melhor a fazer é se estabelecer no campo social, criando dentro das ciências sociais/humanísticas uma nova ramificação como sociogeografia, mas não denominá-la de Geografia (seja humana ou social).

O espaço, conforme é focado, desde 1960, e até antes, nada mais é que o território, uma linha imaginária onde ocorre todos os fenômenos abraçados pelos defensores dele. Porém é abstrato, concretizado nas lutas e formações de cidades e estruturas., E que, jamais pode ser comparado ao espaço planetário. Porque este a sociedade não constrói. O espaço já existe e nós não o criamos, não o arranjamos.

O pesquisador que está desenvolvendo um planejamento ambiental ou mapeando de áreas de risco (para assentamentos, por exemplo); não está organizando o espaço. Organiza as coisas (ambientes artificiais), e as pessoas no espaço. E pode organizar os territórios: mudando de nome um Município, inundando uma área, transferindo pessoas de um local para outro, mas o espaço ele não move/arranja. Apenas se locomove nele.

Logo; o que se faz é estabelecer um arranjo territorial (nesse momento atual), onde os pensadores da atualidade veem a geografia assim. Mas quem implementará este, serão as instâncias superiores (governos). Que, excluindo os corruptos, possivelmente se concretize. Inserindo os corruptos...Não haverá a possibilidade.

Lembrem-se que o autor, deste, tem esta visão: O que o geógrafo faz: é se utilizar de ferramentas materiais e metodológica para desenvolver análises e resolver questões das relações já mencionadas, fornecendo bases para o planejamento ambiental, que irá ser utilizado (pelo governo competente) à ordenação territorial. Protegendo assim, os ecossistemas e biomas, não apenas para salvar o Planeta, mas para nos salvar.

Tenho certeza que neste momento, deve haver alguém pensando:

"Tá…mas o que muda isso? Tanto faz se é espaço ou se é território!

Não!

Isso…muda tudo na Geografia!

A primeira coisa que se extingue são estes tipos de pensamentos:

(1) As palavras de uma aluna (do ensino fundamental) da cidade de Rio Claro no Estado de São Paulo, *"Geografia é aquela matéria que só mostra coisas de ricos e pobres"* (frase descrita na Revista Galileu, nº 134, ano 12. p. 86-87. Ed. Globo. São Paulo, 2002), demonstra bem esta sobreposição dos enfoques sociais e o desencaixe geográfico.

(2) "Aqui é aqui ou aqui é São Paulo" (in: NITSCHE,1999), que demonstra a incapacidade dos professores transmitirem aos alunos o/do que realmente deveriam aprender nas salas de aulas.

(3) Vamos criar/desenvolver Geografia Regional (in: NITSCHE, (p. 52) 2016)

Quando se retira de foco o Espaço (seja espaço sem definição (Moreira) ou seja definido por Santos, Moreira e Lacoste – Espaço Geográfico), o objeto de estudo da Geografia não é o Território. É a Relação Sociedade/sociedade e a Natureza (relações ambientais sociais humanas e suas associações interligadas aos ambientes naturais físicos e suas integrações com os fenômenos naturais do espaço morfodinâmico onde o ser humano está e de suas leis). Sendo estas o processo precursor e percutor das criações, alterações, destruições e de desenvolvimentos dos ambientes. Estes, ocorridos dentro de um território criado pela sociedade ou em uma área sem interesse territorial oficial, mas de interesse pessoal e/ou de grupos sociais. Estes, se estabelecerão no local e defenderão seus recentes

territórios. Desenvolvendo, desta maneira, o processo de territoriedade, dentro da visão de Milton Santos.

O *Homo-sapiens-sapiens* não constrói estruturas morfodinâmicas, ou seja: o ser humano não forja ou cria planetas ou espaço cósmico. Talvez daqui a 1000 anos o homem possa criar o projeto Gênesis (Jornada nas Estrelas II e III), porém necessita de uma matriz ou um espaço pré-estabelecido (planetas ou grandes corpos celestes), que se caracterizam como estruturas morfodinâmicas para atingir tal propósito. Criando posteriormente um ambiente.

Posso citar como exemplo, em nossa atualidade, a criação de ilhas artificiais com o objetivo de expansão territorial para empreendimentos imobiliários, como se evidencia atualmente na cidade de Dubai. A configuração geográfica de Dubai limita seu desenvolvimento, pois sua costa possui apenas 59,5 km e os condomínios e hotéis dominam a costa do Golfo Pérsico de Dubai. Por este motivo, em 1993 iniciou-se a primeira construção da ilha artificial de Dubai, onde o famoso hotel Burj Al Arab foi construído. Sendo este referência para um projeto de cunho "mega-ambiental-artificial", que se caracteriza como a criação de ilhas artificiais.

Observe que tal operação exige recursos naturais, tais como rochas, areia, água potável e alimentos para os trabalhadores/empregados. Além de outras fontes de materiais e energia.

Espero que tenha sido possível transmitir a ideia de que precisamos definir uma Geografia, pois os moldes atuais nos direcionam a uma vertiginosa percepção da realidade não existente. Logo; se esclarece do porque das frases no início deste livro, que retrata justamente a caverna prisão da convicção dos geógrafos sociais, que acreditam estarem realizando Geografia. Com exceção da frase de Hitler, que possui dois significados: 1- como as demais - virtual realidade. 2. O preconceito, inveja e o ódio que a sociedade e/ou o indivíduo tem, ou possui, à um elemento ou sujeito qualquer. - Pirômaco para as revoltas.

A Geografia é (na visão deste que vos redige):

Geociência - que trata das relações ambientais sociais humanas e suas associações interligadas aos ambientes naturais físicos e suas integrações com os fenômenos naturais do espaço morfodinâmico onde o ser humano está e de suas leis.

Sendo que o espaço é conceituado e definido por NITSCHE (2001) como:

Espaço: é a estrutura morfodinâmica que sustenta as paisagens e os ambientes. E só existem dois espaços concretos (não virtuais/idealizados) que são: O Espaço Cósmico e o Espaço Planetário/morfodinâmico.

O mais importante no momento (para a Geografia), é o espaço terrestre. Pois, é aqui no Planeta Terra que a sociedade humana estabelece suas relações, compactuando, correlacionando, impactando de maneira positiva e ao mesmo tempo negativa, integra-se e interage com a natureza (seja ela pura ou artificial), pois o ser humano estabelece relações com a natureza pura e com a sua própria natureza. E são estas relações que os geógrafos estudam ou devem se preocupar.

É importante observar que a presença humana não está consolidada neste Planeta e sim, em qualquer corpo celeste onde o homem possa viver/sobreviver. Todos os resultados sociais e tudo o que os geógrafos estabelecem, definem e conotam que é produto da sociedade...o espaço geográfico, por incrível que pareça, não se dá ou se forma neste. Logo; não somos (a sociedade) criadores de nossos espaços. Mas de nossos TERRITÓRIOS!

A sociedade cria, forma e estabelece territórios, graças aos processos, que, até o presente momento é definido como espaço geográfico.

Dessa forma dita, a determinação, definição e atributos que dão vida aos manuscritos e a dinâmica de trabalhos, hipóteses e teorias que são formuladas dentro da visão de espaço geográfico, deveriam se estabelecer dentro da visão formadora de territórios.

Um grupo linguístico não cria espaço, mas estabelece um território, que pode ser micro, meso, ou macro. Ou seja: dentro do território brasileiro (macro), encontramos vários territórios distintos, cada um com, o que hoje se aceita como fundamentos, embasamentos e contextos que definem espaço geográfico. Logo, o espaço geográfico é o território em si, criado pela relação sociedade/sociedade e a natureza, que vai gerar o processo de estruturação, construção e arquitetura cultural, política e econômica de um país, estados, municípios, bairros e guetos.

E as questões territoriais exclusivamente de relevância social (relação sociedade/sociedade ou sociedade x sociedade e estes associados ao indivíduo), não se preza ao território da Geografia. Conforme este manuscrito “Os sociólogos não descrevem a Terra”, tentou demonstrar.

A sociedade cria seus próprios territórios e não seus próprios espaços. O espaço já existe! É a superfície do planeta habitado por nós, que no momento atual (Século XXI), se estabelece no Planeta Terra somente.

BIBLIOGRAFIA de Os sociólogos não descrevem a Terra.

ABDAL, A. **Sobre Regiões e Desenvolvimento: Os Processos de Desenvolvimento Regional Brasileiro no Período de 1999 a 2010**, Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, USP, São Paulo 2015.

ARAÚJO, O. dos Santos, **Controle da Atividade Policial**, Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, São Paulo, 2005.

BACKES, A. – **Áreas Protegidas no Estado do Rio Grande do Sul: O Esforço para a Conservação**, Pesquisas Botanica No 63:225-355 Sao Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2012, p.93

BEZERRA, R. G. **Guardados de um Artesão de Imagens: Estudo da Trajetória de Claro Jansson e de suas Crônicas Visuais Durante as Primeiras Décadas do Século XX**, Tese (Doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2009.

BÍBLIA SAGRADA – **Apocalipse** (12.7 p. 1566), Ed. Ave Maria – Ltda. C.P. 615, São Paulo – Brasil.

BIGARELLA, J. J. **Esboço das Relações Entre Relevo Topográfico e a Estrutura Geológica do Estado do Paraná**, Logos, 2(5): 16-28, Curitiba, 1947.

_____, **Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais**, UFSC, Florianópolis, 1994, 425 pp.

BÚRIGO, F. L. e DA SILVA , J. C., **A metodologia e a epistemologia na sociologia de Durkheim e de Max Weber.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 128-148.
www.emtese.ufsc.br

CAMPANELLA, T., **A Cidade do Sol**, file:///C|/site/LivrosGrátis/a_cidade_do_sol.htm (1 of 48) [03/05/2001 12:37:57].

_____, **A Cidade do Sol,** versão PDF, file:///C|/site/LivrosGrátis/a_cidade_do_sol.htm (1 of 48) [03/05/2001 12:37:57].

CAMPOS, J. E. G.; DARDENNE, M. A. 1997. **Estratigrafia e sedimentação da bacia Sanfranciscana**: Uma revisão. *Revista Brasileira de Geociências*. V. 27. Brasília: Instituto de Geociências, Universidade de Brasilia, p. 269 – 282.

CHAGAS, M. F. das, **Narrativas de Colonos e Posseiros na Luta pela Terra: a (re)criação da Memória da Revolta de três Barras do Paraná, 1964-2014**, Dissertação (Mestre em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, , *campus de* Marechal Cândido Rondon, – UNIOESTE, 2015.

CHILDE, G. **A evolução cultural do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. A edição original, *Man Makes Himself*, é de 1936.

CHMYZ, I. **Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu**. In: PRONAPA 4, Res. Prelim., 4oano, 1968/ 69, Museu Emílio Goeldi, Belém. 1971.

CHMYZ, I. In: COPEL/INTERTECHNE-LEMEENGEVIX-ESTEIO. **Estudo de impacto ambiental da Usina Hidrelétrica Salto Caxias/PR**, 4. Curitiba. 1993.

_____ **Arqueologia e História da Vila Espanhola de Ciudad Real do Guairá**, Cadernos de Arqueologia, 1: 7-103, Paranaguá, 1976.

_____, **Subsídios para o estudo arqueológico do Vale do Rio Iguaçu**, Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 1: 31-52, Curitiba, 1968.

CARDOSO, J. A. & WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas Histórico do Paraná,** 2ª ed., Livrarias Chain, Curitiba , 1986.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sete Olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução: Guy Reynaud. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CARVALHO, M. E. e SOUTO, P. H. **Da colonização ao século XXI: fragmentos geográficos da paisagem na bacia Sergipana do Rio Vaza Barris.** Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n.2, maio./ago. 2011.

CROUZET, Maurice (org.) **O Oriente e a Grécia Antiga**. Tradução de Pedro M. Campos. (Coleção História Geral das Civilizações). Rio Janeiro: ED. Bertrand Brasil SA, 1993.

CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo**. São Paulo/Brasília: Cultrix/MEC, 1975, edição de Olímpio de Souza Andrade.

DER**. Mapa Rodoviário do Paraná**, 1951.

EMATER, **Mapa de Solos–Mapa Pedológico de Três Barras do Paraná**, 1976.

FANTINEL C. A**. Estudo de saneamento básico em ocupações desordenadas no município de Araricá/RS e proposições para melhoria da qualidade ambiental**, Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Qualidade Ambiental, do Centro Universitário Feevalepara, para obtenção do Título de Mestre em Qualidade Ambiental, Novo Hamburgo 2010.

FERREIRA, J. C. V., **O Paraná e seus Municípios**, Memória Brasileira, Maringá, 1996.

FERREIRA, Olavo Leonel. **Mesopotâmia: o amanhecer da civilização**, São Paulo: Ed. Moderna, 3ª edição, 1993.

FÚLFARO, **Reavaliação dos dados geológicos da Bacia do Paraná**, Boletim Interno da Petrobrás, 12 (3), 291-346, set/1969, Rio de Janeiro.

GUERRA, J. T., **Gemorfologia, uma atualização de bases e conceitos**, 2ª ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 1995.

_____, **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**, Bertrand, Rio de Janeiro, 1997.

GIANNOTTI, J. A. (sel. Texto) **Comte, Auguste, 1798-1857**; trad. de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo : Abril Cultural, 1978.

GOMES Iria Zanoni. **A Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná em 1957**. 3 ed. Curitiba, PR: Criar Edições Ltda., 2005.

HITLER, Adolf **Minha Luta (Mein Kampf)**. Tradução Jaime de Carvalho. Hugin Editores, 1998. https://ia800707.us.archive.org/0/items/meinkampf_minha_luta/por.pdf,

IBGE, **Senso Demográfico de 2012**, no site do IBGE, 04 de dezembro 2012.

IPARDES, **Mapa do Estado do Paraná-Municípios**, Curitiba, 1997.

IAP, **Plano de Manejo do Parque Estadual do Rio Guarani**, Curitiba, 2002.

JAPIASSÚ, H. e D. MARCONDES, **Dicionário Básico de Filosofia,** 3ª ed. Revis. e ampl. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001 p.93,94 (in: http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf)

JORNAL Cascavél, **Jagunços Mataram na Hora Marcada, Usando Toda a Espécie de Barbarismo**, Manchete do dia 07 de agosto de 1964. Cascavel-Pr.

JORNAL Cascavél, **Agronomo Relata Atrocidades Cometidas pelos Jagunços em Três Barras do Paraná**, Manchete do dia 08 de agosto de 1964. Cascavel-Pr.

LACOSTE, Yves. **A Geografia serve, isto em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Papirus, 2001.

LAGE, C. S. **Evolução Geomorfológica do Curso Superior do Vaza-Barris.** Cadernos de Geociências, nº 5, 1996 www.cadernosdegeociencias.igeo.ufba.br

LAUTERT, L. F. de Carli, **Análise Morfodinâmica e das Águas nas Bacias Costeiras dos rios Nhundiaquara e Marumbi, no litoral do Paraná**, Tese (Doutorado em Geografia Física), USP, São Paulo, 2010

LÉVÊQUE, Pierre. **As Primeiras Civilizações**, Vol. II: Mesopotâmia e hititas. Tradução de Antonio José P. Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições 70, 1987.

LOPES, Sérgio. **O Território do Iguaçu no Contexto da "Marcha Para Oeste**". Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2002.

LOSEE, J**. Introdução Histórica a Filosofia da Ciência**. In: O Homem e a Ciência (trad. Borisa Cimbleiris). Ed. Itatiaia São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

MAACK, Reinhard, **Geografia Física do Estado do Paraná**, Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1968.

MINEROPAR, **Atlas Geológico do Estado do Paraná**, em Cd, MINEROPAR, Curitiba, 2001.

MME-PRODEEM, **Projeto de Cadastro de Fonte de Abastecimento por Água Subterrânea – Diagnóstico do Município de Canudos – BA,** Salvador, 2005.

MOLZ, M. **Relatório de Diagnóstico da Vegetação: Composição, estrutura, caracterização das florestas e levantamento de áreas prioritárias a conservação**, Projeto PDA 192-MA: Estudo para Criação de Unidade de Conservação na Área Núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica dos Contrafortes do Ferrabraz — Bacias do Sinos e Caí, São Leopoldo, 2007.

MOREIRA, R. **"A Geografia serve para desvendar Máscaras Sociais"** In: (arq-pdf., http://geografialinks.com/site/wp-content/uploads/2008/06/moreira-ruy_a-geografia-serve-para-desvendar-mascaras-sociais.pdf, (domínio público, 2016.)

MYSKIW, Antônio Marcos. **Colonos, Posseiros e Grileiros**: Conflitos de Terra no Oeste Paranaense (1961/66). Niterói, RJ: Editora da UFF/UNIOESTE, 2002.

NITSCHE, J.C.V., **Três Barras do Paraná.** Monografia para a obtenção do título de Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

_____ & ALMEIDA, C. D. de. **Proposta Metodológica para Elaboração de Diagnósticos Municipais.** Rev. Paran. Geogr. N. 5, Curitiba, 2000 p. 49-54.

-------- **Três Barras do Paraná**, Ed. Letra das Artes. Curitiba – Pr, 2001. http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/tresbarras.pdf

_____ **Espaço...Realmente é o Objeto de Estudo da Geografia?**. Rev. Publicatio - UEPG – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 7 (1), 33-41, 2001.

_____ **Desenvolvimento Sustentável e Influências Sócios- Econômicas Geradas no Município de Três Barras do Paraná, devido a Construção de Salto Caxias**. Revista Paranaense de Geografia, Paraná- Brasil, v.7, p.07-16,2001.

_____**Três Barras do Paraná,** edição independente / J.C.V. Nitsche – 1ª ed. – Curitiba; 2016.

_____. **Máscaras geográficas**: ed. Independente / J.C.V Nitsche; 1ª ed. – Curitiba, 2016.

_____ **Contra o espaço geográfico**. ed. Independente / J.C.V Nitsche; 1ª ed. – Curitiba, 2016.

NOELLI, Francisco Silva. **A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas** 1872-2000. Revista da USP. Nº 44, p. 218-269, dez./fev. 1999-2000.

NORTHFLEET, A. A. , MEDEIROS, R. A. e MULHMANN, H., "**Reavaliação dos dados geológicos da Bacia do Paraná**," 1969. Bol. Tec. PETROBRÁS. 12 (3): 291 a 346.

PAPPAS, Nickolas. **A República de Platão**, (trad.) Abílio Queiroz. Lisboa: Edições 70, 1996.

PARELLADA, Claudia Inês. **Arqueologia do Vale Rio Piquiri, Paraná: Paisagens, Memórias e Transformações**. Revista Memorare v. 1, n. 1, 2013.In:www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/issue/view/125.

_____**Programa de salvamento arqueológico da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias, Rio Iguaçu, Paraná**. In: GIA/21, Foz do Iguaçu, Paraná. 17 a 22 de out. de 1999.

PLATÃO., **Diálogos / Platão** ; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. — 5. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores)

PMTBPr, **Relatório de Micro-Bacias**. Curitiba, 1995.

POPP, J. H., **Geologia Geral**, 5ª ed., Livros Técnicos Científicos, Rio de Janeiro, 1995.

RAISZ, Erwin. **Cartografia Geral**. Rio de Janeiro: Científica, 1969

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Imagens cruzadas**: **Exército e sertão na Primeira República.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.4, out.-dez., p.1301-1317. http:// www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138068011

SÁ A, A. F. **Filigranas da Memória: Histórias e Memória nas comemorações de Canudos, 1993-1997**, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de Doutor em História. Brasília, 2006.

STUMPF e KOLLING **Área espacial de interesse Histórico e Turístico do Morro Ferrabraz.** Nucleo Socio Ambiental Aaraca-piranga - s/d, rev. Pesquisa Botânica n. 63, 2012, p.318.

TOMPOROSKI, A. A., **O Polvo e seus Tentáculos**, **A Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as Transformações Impingidas ao Planalto Contestado, 1910-1940**, Tese para obtenção do título de Doutor em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

TOURINHO, Luiz Carlos Pereira. **Um Quarto de Século do Plano Rodoviário do Paraná**. Boletim do Instituto Histórico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, Vol. XXX, ano 1976.

TUNG, Mao Tsé. **"O livro Vermelho"** (texto intg.) Tradução de (?). São Paulo: Martin Claret 1ª ed, ,1998.

TZU, S. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Record, 2006.
http://unes.br/Biblioteca/Arquivos/A_Arte_da_Guerra_L&PM.pdf

VALENTINI, D. J., **Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil, 1906-1916**, Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre 2009.

VORPAGEL, Edvino Knäsel. **A Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná** em 1957. Maringá, PR: 2007.

WEBER, C. A. B. **Sombras do Ferrabraz: História(s) das História(a).** Dissertação para obtenção do título de MESTRE em História do Brasil. Florianópolis, 26 de fevereiro de 1999.

SIGLAS:

COPEL – Companhia de Energia Elétrica do Paraná
CPRM – *Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais* - Serviço Geológico do Brasil
DER/PR – Departamento de Estrada e Rodagem do Paraná
MME - Ministério de Minas e Energia
PDMSC - Plano de Desenvolvimento Municipal Sustentável de Canudos
PMCBA – Prefeitura Municipal de Canudos – Bahia
PMTB – Prefeitura de Três Barras do Paraná
PRODEEM – Programa de Desenvolvimento Energético dos Estados e Municípios
SGMTM - Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral
SPDE - Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Energético

SUPORTE BIBLIOGRÁFICO

AB'SABER, A. N., **A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras**, Geomorfologia, 41, Instituto de Geografia, USP, São Paulo, pp.1-39, 1973.

-----, **Problemática da desertificação e savanização no Brasil Intertropical**, Geomorfologia, 53, Instituto de Geografia, USP, São Paulo, 1977.

BERTALANFFY, L., **Teoria Geral dos Sistemas, Vozes, Petrópolis**, 351 p., 1973.

BERTRAND, G. Paysage et Geographie Physique Globale: esquisse méthodologique. evue Geógraphique dês Pyrenées et du Sud-Quest 39(3). Toulouse, 1973. p. 249-272.

BURNS, E. M., **História da civilização ocidental**, **do homem das cavernas até a bomba atômica** – Vol. 1 (trad.) Lourival Gomes Machado e Lourdes Santos Machado, 2ª ed. 5ª impressão, Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. Ed. Globo, 1976.

CASTRO, I. et alli (orgs) – "**Geografia: conceitos e temas**", Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995.

CHRISTOFOLETTI, A. - **"As Características da Nova Geografia"** In CHRISTOFOLETTI, A. (org.) – "Perspectiva da Geografia", 2ª edição. São Paulo: DIFEL, 1985.

FERIGOLO, J. "**As Teorias Evolutivas e Popper**", uma avaliação Crítica. In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Geologia, Rio de Janeiro, pp. 478-88. RJ, 1984.

FEYERABEND, P. "Adeus à Razão". In: Mestres da Modernidade. Ed. Cultrix. São Paulo, 1987.

_____. "*Contra o Método"*. In: **Mestres da Modernidade**. Ed. Cutrix. São Paulo, 1975.

GODOY, P. R. T de (org), **Historia do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**, Ed. Cultura Acadêmica, UNESP, São Paulo, 2010.

HARTSHORNE, R. "Propósitos e Natureza da Geografia". Ed. HUCITEC- EDUSP, São Paulo, 1979.

KATUTA, A. M. **A(s) natureza(s) da e na Cartografia**. In.: SEEMAN, J. (org.). A Aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a Cartografia Humana. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2005.

KUHNEN, S. **"Os Pré-Socráticos"**. Tradução de: José Cavalcante de Souza, Arma Lia Amaral de Almeida Prado, Ísis Lana Borges, Maria Conceição Martins Cavalcante, Remberto Francisco Kuhnen, Rubens Rodrigues Torres Filho, Carlos Ribeiro de Moura, Ernildo Stein, Arnildo Devegili, Paulo Frederico Flor, Wilson Regis. Const. José Américo Motta Pessanha. São ngus: Editora Nova Cultural Ltda , 1ª ed, p.301.

MAIRE, Gaston. **Platão**. Tradução de Rui Pacheco. Liboa: Edições 70, 1998.

MELLO JR., J. L. **Geologia e hidrologia do noroeste da Bahia. Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico**, Departamento Nacional da Produção Mineral, Rio de Janeiro, n. 90, p. 1-105, 1938.

MORAES, A. C. R., **Bases da formação territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no longo século XVI, Hucitec, São Paulo, 2000.

_____, **A Gênese da Geografia Moderna**, Hucitec/Annablume, São Paulo, 2002.

_____, **Geografia: pequena história crítica**, Annablume, São Paulo, 2003.

_____, **Geografia histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia**, nnablume, São Paulo. 2011.

NITSCHE, J. C.V., **As histórias de avós** : ed. independente / J. C. V. Nitsche ; 1ª ed. – Curitiba, 2016.

ODUM, E.P. **"Ecologia" Ed. Guanabara Koogan**. Rio de Janeiro, RJ. 1988. Título original: "Basic Ecology". Tradução de Christopher J. Tribe.

OLIVEIRA-FILHO, A. e FONTES, M.A.L. **Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forests in southeastern Brazil, and the influence of climate**. Biotropica, 32: 793-810. 2000.

PDMSC, **Plano de Desenvolvimento Municipal Sustentável de Canudos**, Canudos, 2009.

PLATÃO, Versão eletrônica do livro **"Apologia de Sócrates"** Autor: Platão Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: http://br.egroups.com/group/acropolis.

QUINTANEIRO, T; OLIVEIRA, M. L. de, **Um Toque de Clássicos**, 2ª ed. revis. ampl. 1ª reimp., Ed. UFMG, Belo-Horizonte, 2003.

SANTOS, M. **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1965.

_____ **Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados**. Barcelona: Oikos-Tau S.A. Ediciones, 1973.

_____. **Sociedade e espaco: a formacão social como teoria e como método**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99.

_____. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978.

_____. **O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo**. SP: Hucitec, 1978.

_____. **Pobreza urbana**. São Paulo/Recife: Hucitec/UFPE/CNPV, 1978.

_____**. Economia espacial: críticas e alternativas**. SP: Hucitec, 1979.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979 (Coleção Ciências Sociais).

_____ **A urbanização desigual**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____ **Manual de Geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____ **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____ **Ensaios sobre a urbanização latino-americana**. SP: Hucitec, 1982.

_____ **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____ **O meio técnico-científico e a redefinição da urbanização brasileira**. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq, 1986 (datilografado).

_____ **Aspectos geográficos do Período Técnico-Científico no estado de São Paulo**. Projeto de pesquisa apresentado à Fapesp, maio 1986.

_____ **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

_____ **Metamorfoses do espaço habitado**. Paulo: Hucitec, 1988.

_____ **O Período Técnico-Científico e os estudos geográficos: problemas da urbanização brasileira**. Projeto de pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mar. 1989 (datilografado).

_____ **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Nobel/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

_____ **A urbanização brasileira. São Paulo**: Hucitec, 1993.

_____ **Por uma economia política da cidade**. SP: Hucitec /Educ, 1994.

_____ **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.(org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

SOTCHAVA, V. **O Estudo dos Geossistemas. Método em Questão n. 16** (tradução) IGEOG-USP. São Paulo, 1977.

TROPPMAIR, H. **Metodologia Simples para Pesquisar o Meio Ambiente**. UNESP, Rio Claro – SP, 1988.

VELOSO, Henrique P. **Os grandes clímaces do Brasil**. Mem. Inst. Oswaldo Cruz vol.62. Rio de Janeiro, 1964.

XAVIER, Dennis Garcia e CORNELLI, Gabriele. **A República de Platão: outros olhares**. São Paulo, Loyola, 201.

SITES VISITADOS

https://www.youtube.com/watch?v=KnSvUJP0tr4

http://livraria.senado.leg.br/edicoes-do-senado-federal/os-muckers-episodio-historico-ocorrido-nas-colonias-alem-s-do-rio-grande-do-sul.html

https://www.geografiamazucheli.blogspot.com%2F2013%2F11%2Fvulcanismo.html&psig=AFQjCNG_0XEIroxxVkiAwcKzm1JG1Zw0aw&ust=1465053217165139

http://www.guiaparanasudoeste.com.br/noticias/Noticia.aspx?id=36749

https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Conselheiro#/media/File:Antonio_Conselheiro_(P%C3%A1tria_Brazileira).jpg

https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjtttrc19jNAhVDfZAKHRGSD4IQjB0IBg&url=http%3A%2F%2Finfograficos.estadao.com.br%2Fespeciais%2Feuclides%2Fcapitulo-4.php&psig=AFQjCNFux9p8jEtJUksYIZAnV3q_LOkFYg&ust=1467683085790291

Credo! Exclamou Olímpia.

– Não consigo acreditar que somos herdeiros, mesmo que distante, de uma humanidade assim!

– Calma Olímpia…tudo isso já passou!

– Ainda bem Jandira!

– Homero, como estamos falando sobre guerras e tudo mais, pode me dizer algo sobre a destruição deste planeta?

– Claro Jandira! Foi destruído pelo mesmo motivo das várias guerras e conflitos. Observe que você está mostrando coisas que ocorreram muito antes de Jesus Cristo nascer.

E pelo visto…Nada mudou! Continuaram com suas rivalidades improdutivas até o fim, exterminado outras espécies e seus reinos (monera, protista, plantae, fungi e animália).

Tudo começou nos moldes anteriormente descrito, porém, a tecnologia propiciava o modo de consumo (a economia global) denominado de capitalismo, onde quanto mais se consumia, mais glamour tinha! Aqueles povos adoravam mostrar suas riquezas, uma pessoa queria ter de tudo um pouco e muito mais. Não bastava ter um avião, teria que ser uma frota. Um carro pequeno…nem pensar! Tinha que custar mais de um milhão de uma moeda chamada euros (duas vezes mais cara que o dólar americano). Havia aparelhos chamados de celulares, que eram trocados a cada semana porque já estavam fora de moda ou porque inseriram uma tecla a mais. Além disso, entre 1999 a 2012 tudo o que passava na televisão eram programas religiosos, conhecidos como "indústria da fé". As instituições religiosas detinham grandes somas de dinheiro, favorecendo seus adeptos e principalmente seus fundadores e os chamados obreiros. Sempre surgindo novos templos de várias correntes religiosas. Isso gerou intrigas e começou as "guerras santas" do Século XXI. Juntamente a isso, ocorria a "guerra das camisas", pois os times de futebol, também eram patrocinados por instituições religiosas e as torcidas sempre lutavam entre si. As organizações do poder público, destinadas a manter a ordem não conseguiam mais estabelecer a manutenção da mesma. Pois aliado a todas estas questões, ainda havia o tráfico de drogas e de pessoas (mulheres, crianças e homossexuais), além do tráfico de órgão humano. Deve-se perceber que todas as esferas do círculo de poder estão contaminadas por pessoas corruptas e de moral questionável, pois o dinheiro falava mais alto e dominava tudo.

Cada vez mais o ser humano desenvolvia armamentos, veículos, celulares e vários outros equipamentos voltados para a ciência e tecnologia, que propiciavam as mais variadas formas de aplicação. O ouro já estava escasso, diamante era fabricado de forma artificial, pois a última pedra encontrada foi em 2099. O Vaticano optou em

derreter o trono papal para usá-lo como lastro econômico, pois não havia mais como adquirir alimentos.

Graças a ganância e ao consumo, as terras começaram a ficar improdutivas, os pastos, devido ao processo de desertificação, este desenvolvido devido as bi-culturas (somente dois tipos de plantação em plantio de rotação bienal), já não serviam mais ao seu propósito, com isto, o gado pereceu. Navios vindos de toda a parte do mundo abasteciam-se (clandestinamente) de água dos rios da Amazônia, pois era o único local com água potável. Isso gerou a "Guerra Mundial da Água, onde o Brasil e os países aliados venceram, mas se obrigaram a vender 70% deste produto para todos os países. Um acordo que o presidente da época e os que detinham o poder assinaram, pois, ganharam, uma boa quantidade de dinheiro cada um deles. Logo após as pessoas começaram a traficar água e alimentos.

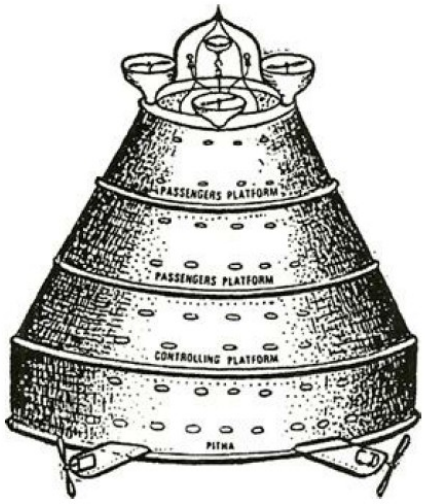
A economia mundial estava gerando cada vez mais uma proporção aritmética de resíduos tóxicos e sólidos descartáveis, além de outros subprodutos inúteis. Os eventos citados deram origem a "Guerra do Lixo", pois não havia lugar destinado ao lixo produzido. Porque até mesmo as indústrias de reciclagem geravam resíduos não aproveitáveis. E todo o resíduo gerado por todos os países eram descartados nos oceanos. Logo, alguns países começaram a lançar lixo nas águas territoriais de outros. Iniciando assim, a última guerra mundial, que durou aproximadamente quarenta e cinco anos.

– Mas como estamos aqui hoje vovô?

– Ah Olímpia…foi graças aos cientistas que desenvolviam pesquisas na Lua, que desenvolveram os abrigos lunares. Criaram máquinas embasados em textos antigos védicos, como descrito em: **A Incrível Tecnologia dos Antigos** de David Hatcher Childress. Tradução Marcello Borges. Editora Aleph (2005, p.216).

Quase todo hindu e budista - centenas de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo - já ouviu falar das antigas máquinas voadoras denominadas no Ramayana e em outros textos como vimanas. Os vimanas ainda são mencionados na literatura indiana e em notícias da imprensa. Um artigo intitulado "Caminho de voo", escrito pelo jornalista indiano Mukul Sharma, foi publicado no importante jornal The Times of India em 8 de abril de 1999, mencionando vimanas e combates aéreos do passado: Segundo algumas interpretações de textos antigos, o futuro da índia parece ter existido em seu passado remoto. Veja o caso do Yantra Sarvasva, que teria sido escrito pelo sábio Maharshi Bhardwaj. Consiste em quarenta seções, uma das quais, o Vaimanika Prakarana, trata de aeronáutica, tem oito capítulos, cem tópicos e quinhentos sutras. Nele, Bhardwaj descreve os vimanas, ou veículos aéreos, que se dividem em três categorias: (1) aqueles que viajam localmente; (2) aqueles que viajam de um país para outro; e (3) aqueles que viajam entre planetas.

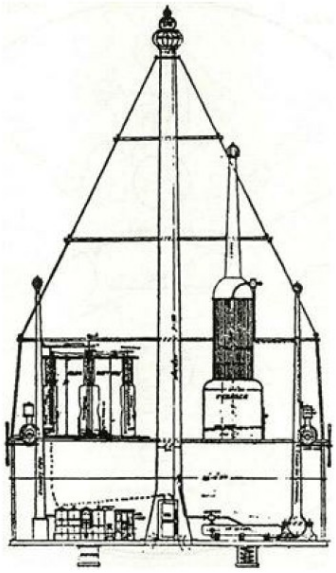
Que em sua página 148 e 150, descreve:



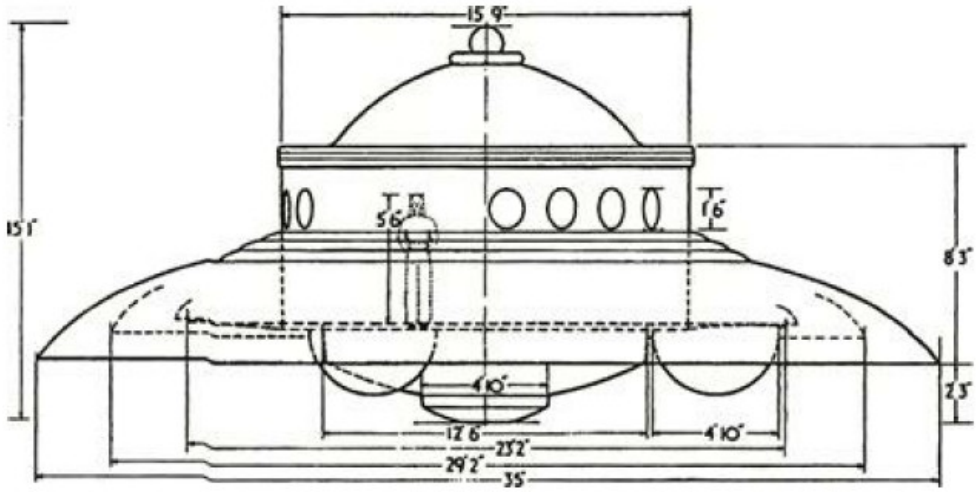
Segundo os textos dos vimanas, eram quatro os seus tipos. 1. O rukma vimana, um disco ou nave circular. 2. O sundara vimana, também circular e pontiagudo como um foguete. 3. O shakuna vimana, nave com asas e torre central. 4. O tripura vimana, nave tubular, em forma de charuto.

RUKMAVIMANA

Plan of Top Floor



VERTICAL SECTION



Diagramas do livro de William Clendenon MERCURY: ufo messenqer of the gods.

(Internet-2016)

Estes pesquisadores permaneceram nas instalações durante todo o período de conflitos. Das pequenas e rudimentares salas de pesquisas, construíram uma cidade chamada Fênix-Luna, povoada por pessoas de espírito construtivo. Claro que ainda existiam pessoas que seguiam os mesmos preceitos dos habitantes da Terra. Mas logo foram enviados de volta pelos próprios moradores de Fênix-Luna. Enquanto se matavam na crosta terrestre, os habitantes da Lua evoluíam cada vez mais. E observavam atentamente tudo o que se passava no Planeta que não tinham mais vontade de pisar. Claro que não foi tão simples assim, pois no início eles dependiam de muitas coisas da Terra. E muitos países tentaram invadir a cidade e dominar o satélite natural.

– Homero…Quem eram os habitantes da Lua?

– Jandira, a Lua era povoada por pessoas oriundas de todas as partes da Terra, parentes e amigos dos cientistas e técnicos que trabalhavam na cidade. As tarefas eram divididas e todos contribuíam com os afazeres. Não havia um poder central, mas o Conselho Supremo era responsável pelas decisões que envolviam justiça e ordem. O interessante é que todos os habitantes votavam, caracterizando o veredicto final.

Nesse tempo, os lunares adquiriam tecnologia suficiente para as primeiras etapas de colonização em Marte, instalando uma base em meados de 3.173. Após trinta anos, o derretimento do gelo interno foi dissolvido, corroborando para a formação da atmosfera propícia ao acúmulo de gases indispensáveis aos organismos. E o ciclo foi muito parecido com o desenvolvimento da Terra. Logo, começamos a plantar e a inserir lagos e mares. Até a conclusão de tudo o que existe em Marte hoje. Ou seja: Criamos um ambiente muito parecido com o Planeta Terra. Porém, os gases atmosféricos de Marte, não nos permite viver sem a redoma de vidro. O mesmo acontece em Titã, a lua de Saturno. Vai levar mais um tempo para podermos nos livrar completamente deste fardo. Mas é um pequeno esforço, comparado ao que nossos ancestrais fizeram.

– Tenho orgulho de ser Marciano Titânico!
– Nisso…Todos nós concordamos!
– Vamos brindar na sala de comemoração?
– Brindaremos a quê Valquíria. Por descobrirmos como Deus criou tudo?
– Ao que somos Sr. Homero…ao que somos!

Uma obra de Deus!

Luna e Pólux…terminaram de ler?
Sim mãe…e meu chip já se carregou, a Srª. pode conectá-lo ao meu implante?
Claro, filha!
Venham jantar, que amanhã teremos que arrumar a torre de comunicação com a Terra. Na verdade, vamos instalar uma nova antena.
Bons sonhos!
Hey…pai. Quem diria que realmente iríamos habitar na Lua!
Pois é Pólux…bem, estamos aqui!

EMBASAMENTO DO PENSAMENTO

ARISTÓTELES, 384-322 a.C. Tópicos ; Dos argumentos sofísticos / Aristóteles ; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.A. Pickard. — São Paulo : Nova Cultural, 1987.

ANDRADE, M. Correia de. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução a analise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. História militar. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

BARROSO, Gustavo. História militar do Brasil. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.

BASSIN, Mark (1984). Friedrich Ratzel's travels in the United States: a study in the genesis of his Antropogeography. History of Geography Newsletter, vol. 4, p. 11-22.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.786, de 8 de fevereiro de 1999. Dispõe sobre o Ensino no Exército. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, nº 27-E. Brasília, 1999.

AB'SABER, A. N., A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras, Geomorfologia, 41, Instituto de Geografia, USP, São Paulo, pp.1-39, 1973.

-----, Problemática da desertificação e savanização no Brasil Intertropical, Geomorfologia, 53, Instituto de Geografia, USP, São Paulo, 1977.

AUGÉ M. "Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade". Campinas, Ed. Papirus, 1994. BARSA. Enciclopédia Ed. Barsa Planeta, São Paulo, 2000.

BRAIDWOOD, P. "Filosofia da Ciência em Evidência". Ed. Companhia Editora Nacional, 1907. São Paulo-SP.

BERTALANFFY, L., Teoria Geral dos Sistemas, Vozes, Petrópolis, 351 p., 1973.

BERTRAND, G., Paysage et Geographie Globale: esquisse méthodologique, Revue Geographique des Pyrenées et du Sud-Quest, 39 (3), Toulose, pp. 249-272, 1968.

BIGARELLA, J. J. Esboço das Relações Entre Relevo Topográfico e a Estrutura Geológica do Estado do Paraná, Logos, 2(5): 16-28, Curitiba, 1947.

BORGSTROM, G. Uma análise da situação do alimento no mundo e estimativas para o aumento de sua produção. Collier-Macmillan, Canadá Ltd, p.368, 1969.

BOWER, John. Para entender as Religiões. São Paulo. Ática 1997.

CAPOBIANCO, J.P.R. *et al* Biodiversidade na Amazônia Brasileira. Instituto Socioambiental. São Paulo, 540p.

CIOLA, Cerli Freire. O estudo da possibilidade de aproveitamento do lixo no bairro Jardim Floresta no município de Francisco Beltrão/PR. Monografia, UNICENTRO, 1994.

COLETA Seletiva de Lixo: experiências brasileiras. Org. Emílio M. Eigenheer. Rio de Janeiro: ISER, 1993.

DOUGLAS,J.S. Hidroponia, cultura sem terra. São Paulo. Nobel, 141 p. 1985.

ENCICLOPÉDIA Universal Brasileira. São Paulo. Difusão Cultural do Livro Ltda., 1980.

FERIGOLO, Jorge. Conhecimento, dialética, analogia e identidade na biologia de Aristóteles. Tese de doutorado – São Leopoldo, 2012.

FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes. "A sociedade do lixo: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental". Prefácio: Osvaldo Seva Filho. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

HARVEY, David – "A condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural" , 3ª edição. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.
IANNI, O. – "Estado e capitalismo". Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
INGALLS, Daniel H. H., Cynics and Pãsupatas: The seeking of Dishonor in: Harvard Theological Review, Cambridge, Cambridge Harvard University Press, 1962, volume LV.
MACALESTER, A. Lee, História Geológica da Terra, Edgard Blücher, São Paulo, 1994.
MAYR, E. "Populações, espécies e evolução". Editora da Universidade de São Paulo, Série 3a. (Ciências Puras), Vol. 5. p.485. São Paulo, 1977.
LIBAUT, C. O. André. Geocartografia. Cia Editora Nacional e Editora USP, São Paulo – SP. 1975.
NITSCHE, J.C.V. Espaço…Realmente é o Objeto de Estudo da Geografia?". Rev. Publicatio - UEPG – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 7 (1), 33-41, 2001.
NITSCHE, J.C.V. Contra o Espaço Geográfico. 1ª ed. Edição do autor, Curitiba, 2016.
ODUM, E.P. "Ecologia" Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, RJ. 1988. Título original: "Basic Ecology". Tradução de Christopher J. Tribe.
POPP, J. H., Geologia Geral, 5ª ed., Livros Técnicos Científicos, Rio de Janeiro, 1995.
CAPEL, Horacio Sáez. Filosofia y ciência en la geografia contemporânea: una introduccion a la geografia. 3. ed. Barcelona: Barcanova, 1988, c1981.
CLAUSEWITZ, Carl.Von. Da Guerra. (Trad. para o inglês Michael Howard e Peter Paret; Trad. do inglês para o português CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle). Ensaios Introdutórios por Peter Paret, Michael Howard e Bernard Brodie. Editores: Michael Howard e Peter Paret, 1984.
CLAUSEWITZ, Carl Von. Clausewitz: trechos de sua obra. Seleção e introdução de Roger Ashley Leonard. Rio de Janeiro: Bibliex, 1988.
COMANDO DO EXÉRCITO. Comandante do Exército. Portaria nº 549, de 6 de outubro de 2000. Aprova o Regulamento de Preceitos Comuns aos Estabelecimentos de Ensino do Exército (R-126). Boletim do Exército nº 42. Brasília, 2000.
CROUZET, Maurice (org.) O Oriente e a Grécia Antiga. Tradução de Pedro M. Campos. (Coleção História Geral das Civilizações). Rio Janeiro: ED. Bertrand Brasil SA, 1993.
DE ANGELIS**,** Pedro. Colección de Obras y Documentos Relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Províncias del Rio de la Plata. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1970, 8 v.
DI PAOLO, Pasquale. Cabanagem: a revolução popular da Amazônia. 3 ed. Belém: Editora CEJUP, 1990.
GOMES, Paulo C. da C. Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
JOMINI, Antoine Henri. A arte da guerra. Rio de Janeiro: Bibliex, 1949.
LA BLACHE, P. Princípios de geografia humana. Lisboa: Cosmos, 1954.
_____. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1982. p. 37-47.
LACOSTE, Y. A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 4. ed. Campinas: Papirus, 1997.
LANNING, Michael Lee. Chefes, líderes e pensadores militares. Rio de Janeiro: Bibliex, 1999.
PROUS, A., Arqueologia Brasileira, UNB, Brasília, 1991.

RAISZ, Erwin, Cartografia Geral. Ed. Científica. Rio de Janeiro – RJ. 1969.
ROSS, Jurandyr L. Sanches (org.). Geografia do Brasil. Edusp, São Paulo, 1996.
SCARLATO, Francisco Capuano. *Do nicho ao lixo: ambiente, sociedade e educação.* (Série Meio Ambiente) São Paulo: Atual, 1992.
SINGER P., O Capitalismo, sua evolução, sua lógica e sua dinâmica, Moderna, São Paulo, 1996.
TAKEUCHI, H.; UYEDA, S.; KANAMORI, H. A Terra, um planeta em debate: Introdução a deriva continental. Edart/Edusp. São Paulo. 1974
WEINER, J. Planeta Terra. São Paulo. Martins Fontes, 1986.